

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS E DAS TÉCNICAS E EPISTEMOLOGIA

NICOLAU JOSÉ MALUF JR.

**FÍSICA E SUBJETIVIDADE:  
A ORGONOMIA DE W. REICH E A FUSÃO  
COM O OBJETO NA COMPLEMENTAÇÃO DA  
OBJETIVIDADE CIENTÍFICA COMO MÉTODO E REFERENCIAL**

Rio de Janeiro

2014

NICOLAU JOSÉ MALUF JR

**FÍSICA E SUBJETIVIDADE:  
A ORGONOMIA DE W. REICH E A FUSÃO  
COM O OBJETO NA COMPLEMENTAÇÃO DA  
OBJETIVIDADE CIENTÍFICA COMO MÉTODO E REFERENCIAL**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia.

Orientador: Prof. Ricardo Silva Kubrusly, Dr.

Rio de Janeiro

2014

M236f Maluf Jr., Nicolau José.

Física e subjetividade: a orgonomia de W. Reich e a fusão com o objeto na complementação da objetividade científica como método e referencial / Nicolau José maluf Jr. - 2014

XXX f. : il.

Tese (Doutorado em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza, Programa de Pós Graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia, 2014.

Orientador: Ricardo Silva Kubrusly

1. Epistemologia. 2. Orgonomia. 3. Subjetividade. 4. Física I. Kubrusly, Ricardo Silva (Orient.). II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia. III. Título.

CDD: 121

NICOLAU JOSÉ MALUF JR

**FÍSICA E SUBJETIVIDADE:  
A ORGONOMIA DE W. REICH E A FUSÃO  
COM O OBJETO NA COMPLEMENTAÇÃO DA  
OBJETIVIDADE CIENTÍFICA COMO MÉTODO E REFERENCIAL**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia.

Aprovada em 30 de maio de 2014

---

Prof. Ricardo Silva Kubrusly, Dr. – HCTE/ UFRJ

---

Prof. Carlos Benevenuto Guisard Koeller Dr. – HCTE/UFRJ

---

Prof. Sergio Exel Gonçalves, Dr. – HCTE/ UFRJ

---

Prof. Marcus Vinícius de Araújo Câmara, Dr. – IP/UFRJ

---

Prof. Eduardo José Aguilar Alonso, Dr. - ICT/UNIFAL

## RESUMO

MALUF JR, Nicolau José. **Física e subjetividade: A orgonomia de W. Reich e a fusão com o objeto na complementação da objetividade científica como método e referencial.** Rio de Janeiro, 2014. Tese (doutorado em história das ciências e das técnicas e Epistemologia) – Programa de História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2014

Neste estudo, a possibilidade de Conhecer através da fusão com o objeto é examinada, em contraste com a objetividade científica como método e referencial. Isso é feito utilizando-se como base a Orgonomia de Wilhelm Reich, e cobrindo o território da Física e da Psicanálise, entre outros. O que os estudos e pesquisas apresentados ao longo deste estudo demonstram e permitem teorizar, quando vistos no seu conjunto, é a existência de um fator subjacente atuando como ligação ou continuidade entre diferentes tipos de fenômenos e também entre humanos e humanos, e humanos e aparatos. Esse fator é relacional, e não-local. Em diferentes momentos no texto, temas como Mecânica Quântica, Psicanálise e a Interação entre consciência e aparatos eletrônicos foram apresentados. Além da Orgonomia, destaque foi dado à parceria entre C.G.Jung e W. Pauli, na conjugação entre Psicologia Profunda e Física. Ainda como parte deste estudo, a experiência do autor com uma arte marcial, Aikido, sintetiza a proposta de que conhecer não é apenas conceituar. Como produto dessa abordagem, em decorrência do referencial orgonômico, a subjetividade é alçada a um patamar diferenciado no referente ao Conhecer. O esboço de uma proposta epistemológica, Terceiro Momento, é apresentada justificando um novo estatuto para a subjetividade, também redefinida.

Palavras chave: Orgone, Inconsciente, Mecânica Quântica, Epistemologia, não-localidade.

### ABSTRACT

MALUF JR, Nicolau José. **Física e subjetividade: A orgonomia de W. Reich e a fusão com o objeto na complementação da objetividade científica como método e referencial.** Rio de Janeiro, 2014. Tese (doutorado em história das ciências e das técnicas e Epistemologia) – Programa de História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2014

In this study, the possibility of Knowing by merging with the object is examined, in contrast with the scientific objectivity as a method and referential. That is done using as base the Orgonomy of Wilhelm Reich, and covering the territory of physics and Psychoanalysis, among others. What the studies and researches presented throughout this study demonstrate and allow theorize, when viewed as a whole, is the existence of an underlying factor acting as a liaison or continuity between different types of phenomena and also between humans and humans, and humans and apparatuses. This factor is relational, and non-local. At different times in the text, themes such as quantum mechanics, psychoanalysis and the interaction between conscience and electronic apparatuses were presented. In addition to Orgonomy, emphasis was given to the partnership between C.G.Jung and w. Pauli, in their work combining depth psychology and physics. As part of this study, the author's experience with a martial art, Aikido, synthesizes the proposal that to Know it's not only to conceptualize. As a product of this approach, and due to the Orgonomic referential, subjectivity is raised to a different level regarding the Knowlegde. The outline of an epistemological proposal, Third Time, is presented justifying a new statute for the subjectivity, also reset.

Key words: Orgone, Unconscious, Quantum Mecanics, Epistemology, non-locality.

## **DEDICATÓRIA**

Aos que foram meus mestres, mesmo sem sabe-lo, em todas as etapas da minha vida, com muita gratidão.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao meu orientador, Prof. Ricardo Silva Kubrusly, a quem devo imensamente e de muitas maneiras diferentes a oportunidade de realização e finalização desta tese.

Aos professores do HCTE pelo reconhecimento acadêmico e conhecimento oferecido.

Ao meu amigo e parceiro Henrique, que transforma permanentemente o lugar comum da amizade em presença viva.

À minha mulher, Fernanda, pela ajuda, estímulo e compreensão.

Aos meus filhos, pelos dias subtraídos.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |     |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Figura 1 – Figura retirada de MOCKROS, B. J. Teorema de Bell e paradoxo. In.: Revista Brasileira de Ensino de Física. v. 19, nº 1, março 1997, p. 12. ....                                                                                                                                                                       | 75  |
| Figura 2 – Diagrama funcional do Gerador de Eventos Aleatórios. ....                                                                                                                                                                                                                                                             | 78  |
| Figura 3 – Um slide de uma conferência do PEAR. ....                                                                                                                                                                                                                                                                             | 79  |
| Figura 4 – Cumulative total deviation of results for 247 formal hypothesis tests. The dotted smooth curves show the 5% and 0.1% significance criteria. A truly random trace would fluctuate around a level trend at zero on the ordinate. Originalmente publicado no artigo “The Emotional Nature of Global Consciousness”. .... | 85  |
| Figura 5 –Figura retirada do livro Análise do caráter (REICH, 1993, p. 323). ....                                                                                                                                                                                                                                                | 114 |
| Figura 6 – Representação gráfica do esquema PFC (Princípio Funcional Comum), com o PFC A1e suas variações complementares A2 e A3. ....                                                                                                                                                                                           | 117 |
| Figura 7 –Figura retirada do livro Análise do Caráter (REICH, 1993, p. 155). ....                                                                                                                                                                                                                                                | 122 |

*Over her, praiseworthy Odysseus, great glory of the Greeks!*

*Anchor your ship so that you can hear our voices*

*For no one has ever steered his black ship past us*

*Without rearing the honey- toned voices issuing from our lips*

*He who experiences the rapture of our song live us Knowing  
even more than he did before he came*

*For we know everything that the Greeks and Trojans*

*Suffered – it was the god's will- in broad troy*

*We know everything that happens on the much nourishing earth*

## SUMÁRIO

|                                                                                          |           |
|------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>1 INTRODUÇÃO</b>                                                                      | <b>13</b> |
| <b>2 FÍSICA E PSICOLOGIA</b>                                                             |           |
| 2.1 O INCONSCIENTE E A CIÊNCIA: A-CIENTIFICIDADE?                                        | 19        |
| 2.2 FREUD E O CONCEITO DE PULSÃO                                                         |           |
| 2.2.1 <b>Energia, trabalho e valor</b>                                                   | 22        |
| 2.3 A OBJETIVAÇÃO DA SUBJETIVIDADE                                                       | 26        |
| 2.4 W.PAULI E JUNG : PSICOLOGIA PROFUNDA E FÍSICA                                        | 28        |
| 2.4.1 <b>A alquimia e conhecimento: “<i>Aurum nostrum non est aurum vulgi</i>”</b>       | 33        |
| 2.4.2 <b>Psicanálise e alquimia</b>                                                      | 34        |
| 2.4.3 <b>Psicologia e imaginação</b>                                                     | 36        |
| 2.5 PSICOLOGIA ANALÍTICA E FÍSICA QUÂNTICA                                               | 38        |
| <b>3 REICH E A ORGONOMIA</b>                                                             | <b>41</b> |
| 3.1 O EIXO ENERGÉTICO: DA PSICANÁLISE À BIOLOGIA                                         | 42        |
| 3.1.1 <b>Física e biologia do orgone: histórico resumido</b>                             | 44        |
| 3.1.1 <b>Energia vital e biogênese</b>                                                   | 47        |
| 3.2 BASTIAN, POUCHET E REICH: BIOGÊNESE E ABIOTOGÊNESE.                                  | 49        |
| 3.2.1 <b>Huxley, Bastian e Pasteur: O debate britânico.</b>                              | 51        |
| 3.3 DA BIOLOGIA AO ORGONE                                                                | 56        |
| 3.3.1 <b>Forma e função</b>                                                              | 59        |
| 3.4 O FUNCIONALISMO ORGONÔMICO                                                           | 61        |
| <b>4 TEOREMA DE BELL E TEORIA DEBROGLIE/BOHM (TDBB):<br/>IMPLICAÇÕES EPISTEMOLÓGICAS</b> |           |
| 4.1 PEQUENA DIGRESSÃO À GUIA DE INTRODUÇÃO                                               | 66        |
| 4.2 DEBROGLIE, INTERPRETAÇÃO DE COPENHAGUE E EPR                                         | 68        |

|                                                                                        |     |
|----------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| 4.3A MECÂNICA DE BOHM (MB)                                                             | 73  |
| <b>5 CONSCIÊNCIA, INTENCIONALIDADE E COMPUTAÇÃO</b>                                    |     |
| 5.1 LABORATÓRIO <i>PEAR</i> E A INTENCIONALIDADE NA RELAÇÃO<br>HOMEM-MÁQUINA           | 77  |
| 5.2 A ORDENAÇÃO DE EVENTOS RANDÔMICOS PELA EXPRESSÃO<br>EMOCIONAL                      | 83  |
| 5.3 O CONCEITO DE <i>SINCRONICIDADE</i> COMO UMA FORMA<br>PECULIAR DE CAUSALIDADE      | 86  |
| <b>6 FÍSICA E PSICOLOGIA II</b>                                                        |     |
| 6.1 CONSCIÊNCIA DE SI E O CORPO                                                        | 96  |
| 6.2 CONTRIBUIÇÕES DOS PENSAMENTOS FREUDIANO E<br>REICHIANO À EPISTEMOLOGIA E ONTOLOGIA | 107 |
| 6.3 FREUD, A PERCEPÇÃO E O CONHECIMENTO                                                | 115 |
| 6.4 REICH E A SENSÇÃO COMO EXPRESSÃO MOTORA E<br>PAR FUNCIONAL                         | 117 |
| 6.5 CORPO <i>REPRESENTADO</i> : A SUBLIMAÇÃO FREUDIANA<br>COMO PARÂMETRO CRISTÃO       | 119 |
| 6.6 PSICANÁLISE DE <i>CAMPO</i> : CASOS CLÍNICOS E EVIDÊNCIAS                          | 125 |
| 6.7 PSICANÁLISE SOMÁTICA ORGONÔMICA                                                    | 133 |
| <b>7 W. REICH E A DINÂMICA FUSÃO/DIFERENCIAÇÃO</b>                                     |     |
| 7.1 ENERGETICISMO E FUNCIONALISMO ORGONÔMICO,<br>NÃO MATERIALISMO DIALÉTICO            | 138 |
| 7.2A CRÍTICA AO REFERENCIAL MATERIALISTA-DIALÉTICO                                     | 141 |
| 7.3 HEGEL E A SUPERAÇÃO DA IMPOSSIBILIDADE                                             |     |

|                                                                 |     |
|-----------------------------------------------------------------|-----|
| SUJEITO/OBJETO                                                  | 148 |
| 7.4 CONHECER NÃO É APENAS CONCEPTUALIZAR                        | 150 |
| 7.5 ANSIEDADE ORGÁSTICA E O ÓDIO Á VERDADE E<br>AO CONHECIMENTO | 154 |
| 7.6 ULISSES, A SEREIA E O ABISMO: O CAIR E CONHECER             |     |
| <b>8 EINSTEIN E REICH : A CIÊNCIA E O FATOR HUMANO</b>          |     |
| 8.1 O SILÊNCIO DE EINSTEIN                                      | 166 |
| 8.2O FATOR VELIKOVSKY                                           | 169 |
| 8.3 DEMASIADAMENTE HUMANO                                       | 171 |
| <b>9 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>                                   | 174 |
| <b>10 REFERÊNCIAS</b>                                           | 179 |

## 1 INTRODUÇÃO

Lógica intrínseca, lógica extrínseca:  
Eu Gulliver e o sonho somático  
(Maluf Jr, 2014)

Deitado, tronco e pernas sentindo intensamente o contato com a areia, vejo meu corpo. Vejo e me vejo e, ao mesmo tempo, sou parte da cena. Uma luz chapada incide sobre toda a paisagem. Estou deitado de costas no exato limite em que o mar se espraia sobre a areia. Pequenas ondas, ritmadas, batem e deslizam suavemente para cima e para baixo, posso senti-las movendo-se ao longo do meu corpo de Gulliver. De alguma forma, sou como um gigante, pois as ondas que alcançam a praia e o meu corpo são estranhamente longas, baixas e a intervalos curtos. Há uma sensação de profundo relaxamento e presença.

O mar me alcança todas as noites.

Tempos depois, ao ingressar no primeiro ano da escola, em uma conversa com outros meninos, venho a saber que isso que acontece todas as noites é um sonho, isso é sonhar. Mais surpreso ainda, espanta-me saber que sonhar não é necessariamente sonhar o mar e suas ondas, tão rotineira é a minha experiência de sonhar o mar. Muitos anos adiante, ao me aprofundar nos trabalhos de W. Reich, dou-me conta de que as ondas, e seu ritmo, eram a representação das *correntes vegetativas*, que davam literalidade aos meus sonhos. Minha experiência pode testemunhar, portanto, a formulação reichiana de que os primeiros traços mnésicos, os primeiros traços do que se pode chamar memória, são registros dessas “correntes”.

Essa lembrança sólida foi, muitas vezes, o porto seguro, o local de apoio para muitos esforços de entendimento e localização teórica dos fenômenos e das experiências – muitas vezes exóticos e insólitos – na clínica da vida emocional.

Importante ainda é que esse registro poderia ser facilmente interpretado, num viés psicanalítico clássico, como um episódio de enurese noturna e suas implicações na rota do desenvolvimento psicosexual. Entretanto, longe de ser fonte de angústia, esse registro remete a sensações positivas, tais como segurança, integridade e presença. E este é um exemplo de como um determinado acontecimento e seu entendimento podem mudar por completo sua assinatura quando eventualmente realocados em outro referencial teórico e experiencial.

Eu sou um clínico da vida emocional, um “psicanalista”, no senso comum do termo. As aspas se referem ao fato de, nessa Psicanálise, o psíquico, a dimensão do mental, ser referente ao organismo como um todo e, mais ainda: esse organismo e seu psiquismo como

existindo no mundo e sendo do mundo, sendo formado e atravessado, essencialmente, pelos mesmos processos que se apresentam na realidade em geral. Não há, nesse referencial, a presença insidiosa e tendenciosa que leva a crer na existência – de forma absoluta – de um *Eu* aqui e um mundo “lá fora”. Assim, o referencial teórico e epistemológico que norteia meu trabalho e também este estudo é o da *Physis*, no sentido pré-socrático do termo, um olhar sobre tudo o que existe.

Entendo também que minhas escolhas teóricas, as ideias e as teorias com as quais me identifiquei, guardam uma relação com minhas experiências e outras vicissitudes da vida, de uma forma que, se não pode ser mapeada, pode ser identificada em seus momentos mais centrais. Algumas dessas experiências foram fundamentais para a visão de mundo e posteriores teorizações, como nos meus sonhos com o mar ou, como prefiro traduzir, com meu sonhar o mar – as *correntes vegetativas*.

Duas outras vivências serão mencionadas neste estudo: 1- A prática de uma arte marcial e suas repercussões na minha pessoa e na minha maneira de viver meu corpo e de perceber o mundo, portanto, o que é um dado importante no referente às questões do corpo, do soma, em relação à definição e à validação do que é *conhecimento*; 2- Uma experiência com o LSD, que, apesar de ter sido única, deu-se em circunstâncias tão especiais que reorganizou meu modo de estar no mundo. São vivências contrastantes, uma que durou anos de prática, e outra, uma ocasião única, isolada. Não há nessa menção nenhuma apologia ao consumo de drogas ou algo semelhante como método de produção de estados diferenciados de consciência mais “verdadeiros” ou essenciais. Esse acontecimento só será apresentado no texto devido às implicações para o tema proposto e à questão do conhecimento.

Olhando para trás, a sequência temporal desses acontecimentos parece ter uma lógica própria, assim como os seus desdobramentos parecem conter uma somatória que dificilmente seria alcançada de outra maneira. Se essa lógica é extrínseca ou intrínseca, isto é, se é minha subjetividade que formula essa lógica, ou se ela existe na sequência mesma de eventos, fica em questão. Nesse sentido, minha conclusão se assemelha à de Reich, quando do desenvolvimento de suas pesquisas, em especial do método de pesquisa que veio a ser chamado *pensamento funcional*. Ao longo do desenvolvimento de suas ideias e de suas pesquisas, Reich menciona a impressão de estar seguindo uma lógica que lhe parecia intrínseca ao que fazia, sendo esse fazer parte do deslindamento mesmo que realizava. Esse “psiquismo processual” encontra algum paralelo nas teorias junguianas, em especial nas elaborações feitas por W. Pauli em parceria com Jung, e denota semelhança com a filosofia da Cultura como apresentada por L.S.C. Sampaio (SAMPAIO 2002).

Enfim, pretendo desenvolver uma apresentação não só de ideias e teorias que possam ter relevância epistemológica, como também apresentar (parcialmente) minha biografia experiencial, para que essas ideias e essas teorias sejam relacionadas.

Isso não significa, no entanto, que eu defenderei qualquer ponto de vista relativista ou uma epistemologia de *primeira pessoa*, em que qualquer conhecimento só seria conhecimento de fato para este, ou somente este, que *conhece*. Ao contrário, aceito a premissa reichiana de que a inclusão do observador (e de suas sensações) no campo do que se tenta observar e conhecer é um modo de ação mais efetivo (no sentido de conhecer) do que o *setting* tradicional em que se busca objetivação e controle da situação experimental somente. De fato, tal método também permite acesso parcialmente<sup>1</sup> objetivável àquilo que, em geral, é tido como *experiência de primeira pessoa*, no caso, estados mentais, emocionais e psíquicos de outra pessoa que não nós mesmos, o que apresenta uma questão no mínimo inusitada e polêmica ao campo da filosofia da mente e correlatos. A partir dessa premissa, a irreducibilidade epistemológica e experiencial da (auto)consciência sofre modificações.

Este estudo não tem um cerne único, central. Em realidade, pretendo uma apresentação em que vários temas e teorizações ocupem um lugar central a cada vez, no momento mesmo em que o foco se radica sobre cada um deles. Cada tema, por sua vez, espraia-se sobre os outros, cada tema se apoia em ideias e teorizações contidas em outros temas, de forma a apresentar uma sustentação em rede que deixa antever, ao final, a noção de denominadores comuns percorrendo ou fundamentando cada um desses temas e ideias.

A pergunta, ou a questão, que alinhava esses temas é a seguinte: pode o estudo, a pesquisa em Psicologia – por *Psicologia* quero dizer, basicamente, todo e qualquer estudo sobre os processos mentais referentes à produção e à existência da assim chamada subjetividade, em especial a Psicanálise –, levar a um questionamento ou a uma modificação dos modelos de entendimento, compreensão e manejo da realidade, tais como tradicionalmente formulados pela Física de uma forma geral?

Importante salientar, embora de forma sintética, que uso *Psicanálise*, e não psicanálises, no plural, de forma proposital. Embora historicamente, pós Freud, o conceito de Inconsciente tenha sofrido modificações (kleinianos, winnicotianos, lacanianos), com encaminhamentos e conotações próprias dos trabalhos de cada autor, encontra-se um elemento comum a todos eles: o esvaziamento total ou parcial da dimensão econômica (energética e afetiva) presente na conceituação freudiana sobre o aparelho psíquico e suas

---

<sup>1</sup> Muitas vezes, o parcial surge como *total*, como será apresentado no capítulo *Psicanálise de campo*.

características, dando ensejo, assim, a uma noção de Inconsciente e de psiquismo cartesianamente *cérebro-cêntrica*, e o homem que surge dessas premissas, por sua vez, sendo *fora do mundo*, somente acessível por hermenêuticas. Assim, o ponto de partida, a referência à *Psicanálise*, é a postulação freudiana a uma *força* (no sentido clássico da Física) atuante no aparelho psíquico, referente aos conceitos de pulsão e libido. É essa força que é posteriormente examinada por Reich no sentido da verificação de sua natureza enquanto mero construto ou existência física de fato. Esse exame traz, como consequência, a produção de um corpo teórico e experimental que, numa trajetória epistemológica única, transcorre da Psicanálise à Física. A questão por mim formulada, na verdade, é uma retomada da questão já examinada e respondida positivamente por Wilhelm Reich, o autor que adotei como mais fundamental, tanto na vida profissional (clínica), quanto no fornecimento de um referencial epistemológico. Como suas proposições praticamente não obtiveram repercussão positiva, no mundo acadêmico – embora surpreendentemente permaneçam vivas, na forma de livros e artigos carregados de críticas preconceituosas, mas não de replicação experimental –, retomo suas ideias básicas agregando-lhes observações advindas de produções técnicas e teóricas mais recentes, que fornecem um substrato para a formulação de pontes e extrapolações entre estas e o pensamento reichiano, além de, neste estudo, utilizar minhas próprias experiências para associar conteúdo a essas questões.

Desde o começo do século XX, com o surgimento da Mecânica Quântica (MQ), teorizações sobre o imbricamento inexorável entre a dimensão física e mental (o papel do observador) foram feitas quase à exaustão. Digno de nota é o fato de que um cientista de primeira linha no mundo acadêmico, W. Pauli (prêmio Nobel no ano de 1945 em Física), ter dedicado quase 20 anos a uma intensa parceria com um psicanalista, Carl Jung, examinando o tema do Inconsciente e sua imbricação, como dito antes, com os conteúdos da Física, levando a um horizonte de indagações em que temas como complementaridade, formas diferenciadas de *causalidade* etc., surgem de forma exemplar. Também é necessário mencionar, em comparação, e contrastando com a longa duração dessa parceria, a melancólica experiência de um outro psicanalista e cientista, W. Reich, dessa vez com Einstein, relação esta que lança uma sombra na biografia humanista e acadêmica do segundo. Em função deste estudo, uma apresentação será feita acerca dessas duas situações distintas, assim como das ideias e das teorias envolvidas.

Devido ao desenvolvimento da eletrônica e das ciências computacionais, a partir da segunda metade do século XX, novos instrumentos foram acrescentados ao rol dos instrumentos de pesquisa. Com isso, modelos computacionais forneceram dados que

corroboram a aplicabilidade de matematizações, cuja dimensão sistêmica, global, parece ser o denominador comum a muitas ordens de fenômenos, no tocante tanto às ciências naturais, como às sociais e humanas. Essas teorizações apresentam uma faceta curiosa que torna quase indistinta a barreira (conceitual) que distingue muitas ordens de fenômenos. Esse viés, já apresentado em minha dissertação de Mestrado, será novamente retomado aqui de forma complementar.

O desenvolvimento e a popularização dos computadores, por sua vez, trouxe como consequência a possibilidade (algumas vezes inesperada, como será apresentado) de se indagar sobre a inter-relação homem-máquina, no referente ao fenômeno da consciência, e também de se investigar uma possível ação, ou propriedade do fenômeno mental, de abrangência universal ou não local. Cabe lembrar que a utilização dos computadores e dos *softwares* permite quantificações e avaliações estatísticas, o que revela o caráter científico de tais investigações.

A não localidade, na MQ, conceito que ganhou evidência científica a partir dos anos 60 do século XX, é polêmica quanto à interpretação do fenômeno, mas não quanto aos resultados obtidos. Embora pertencente ao universo dos eventos subatômicos, mensurações realizadas explicitam sua ação mesmo no domínio do macro e, teoricamente, pelo menos, não há limites claros para seu campo de ação, em termos de extensão. Obviamente, e levando em conta o viés apresentado neste texto até agora, cabe a indagação sobre a existência ou não de uma interface entre os domínios mentais e físicos no tocante à não localidade. Ainda que seja prática usual a menção à MQ em textos esotéricos, e mesmo na assim chamada *interpretação de Copenhagen*, em que a consciência (ou o observador ou o instrumento de mensuração) tem papel central na determinação de propriedades da partícula, o fenômeno do *enredamento* (*entanglement*) é, sem sombra de dúvida, um dos mais intrigantes, além de lançar controvérsia sobre o conceito de identidade, no sentido atomista. Especulações à parte, o fato do enredamento, e o fato do mesmo se dar em dimensões do macro, é utilizado como indício ou hipótese de trabalho (além das teorizações reichianas) e como parâmetro para o exame de vivências clínicas – clínica psicanalítica – em que a comunicação parece ocorrer numa condição dialógica somente definida de forma suficiente como sendo de *campo*. É minha opinião que existe já um número suficiente de evidências que apontam nessa direção. Mais uma vez, estas serão apresentadas ao longo deste estudo.

Os trabalhos de W. Reich geraram um inusitado e único viés epistemológico, para o qual as dimensões dos fenômenos de diferentes disciplinas (*diferentes*, aqui, utilizado de forma didática) são permeadas por *regras* centrais, extensíveis a todos os fenômenos, viés

assim denominado *princípio funcional comum*. Como extrapolações de conceitos aplicáveis e diferentes domínios, as observações e as pesquisas que deram origem a esse viés tiveram início em situações de clínica psicanalítica que desembocaram na consideração do corpo, do *corporal*, em sentido literal, como participante importante naquilo que tradicionalmente é considerado como da ordem do psiquismo, do mental, revelando uma dimensão unitária (mas não monista nem paralelista) que engloba “corpo e mente” (necessariamente colocados entre aspas em função do sentido de ambos os termos ter se modificado ao longo dos trabalhos de Reich).

Não é por acaso, portanto, a menção feita no início deste texto ao meu *sonhar o mar*, cuja relevância é a experiência somática descrita. Por sua vez, a epígrafe utilizada também tem sua relevância: o acesso à experiência somática e emocional do tipo *involuntária* se tornou problemática para a gigantesca maioria dos animais humanos, e entendo que a esse entrave há menção – de forma simbólica – no texto de Homero. Pretendo também explorar, neste trabalho, a relevância não só das experiências somáticas para um Conhecer (como substantivo), mas também como essa possibilidade de conhecimento é potencializada ou restringida dependendo desses mesmos fatores experienciais, enquanto atividade somática e experiência emocional envolvida. Dentre essas experiências, uma em especial merece extrema atenção: o medo de morrer *psiquicamente* ou de enlouquecer. O animal humano parece ser o único a temer dois tipos de morte, aquela que advém de uma ameaça a sua integridade física, e aquela que ameaça o seu sentido de *Eu*, como perder o controle ou enlouquecer. Como mencionado de forma extensa em minha dissertação de Mestrado, essa possibilidade, quando se apresenta a alguém, é frequentemente acompanhada de uma forte sensação de queda, que só é entendida dentro de um parâmetro fisiológico e psicanalítico reichiano. Entendo ser essa possibilidade, a da perda do sentido do *Eu* e da razão, a mencionada simbolicamente no texto de Homero, e não por acaso, quando Ulisses se encontra na situação de um *conhecer*, embora todos os outros que tentaram fazê-lo, tenham morrido. Este é o convite da sereia, saber tudo – “Over here, Odysseus [...] anchor your ship so that you can hear our voices [...] we know everything that happens on the much nourishing earth” – e este é o perigo da fusão com o objeto. Mas Ulisses sobreviveu. E sua sobrevivência é o que norteia, de modo simbólico, a possibilidade da superação das limitações da *objetividade*, em toda a extensão e com todas as implicações desse conceito, como forma de produção de conhecimento.

## 2 FÍSICA E PSICOLOGIA

### 2.1 O INCONSCIENTE E A CIÊNCIA: A-CIENTIFICIDADE?

A impossibilidade do conhecimento objetivo é argumentada no livro de Joel- Dor, *A a-cientificidade da Psicanálise* (1993), que conclui que, dado o fato de o sujeito humano ser cindido pelo recalçamento primário, toda e qualquer cognição seria *recoberta*. Todo conhecimento ou toda percepção ocorreriam na presença de uma subjetividade acachapante, invariavelmente. Isolado e aprisionado na mesma, impedido de um conhecer de fato, o ser humano, como na referência kantiana, só teria acesso à dimensão fenomênica das coisas, nunca da *coisa em si*. A influência do pensamento kantiano em Freud já foi avaliada antes no mesmo Freud que utilizou um modelo hidráulico para, a princípio, comentar a circulação de energia, familiarizado com a física do seu tempo, ao postular num segundo momento o princípio da pulsão de morte – *Thanatos* –, inspirado na termodinâmica e no conceito de entropia. A publicação *a posteriori* do texto freudiano, *O projeto para uma Psicologia científica*, anos após a sua produção, deixa claro um cuidado seu quanto à não redução dos postulados psicanalíticos à Medicina e à Biologia, mas não uma antipatia ou rejeição ideológica quanto aos conteúdos científicos *per se*.

Sandor Ferenczi, um psicanalista dos primeiros momentos do movimento psicanalítico, no artigo *Interpretação psicanalítica dos sonhos*, comenta:

Estamos familiarizados, sem dúvida, com a ideia de que os processos físicos não conhecem o acaso; as observações psicanalíticas indicam um determinismo igualmente rigoroso ao nível das atividade mentais, mesmo daquelas que parecem autônomas [...] a partir do momento em que a direção consciente soltou as rédeas, entram em jogo **as forças** condutoras da atividade inconsciente [...]. (FERENCZI, 1991, p. 60, grifo meu)

Ferenczi toma como literalidade tanto a ideia de uma causalidade sempre atuante, como também a ação de forças – não uma figura de linguagem. Presente no funcionamento psíquico está a possibilidade de uma objetivação.

*Realidade psíquica, qualia, experiência de primeira pessoa*, será mesmo verdade que a subjetividade é de uma ordem absoluta do privado? Será mesmo somente acessível, enquanto veracidade de conteúdos, àquele que a vivencia?

Estes não são temas ímpares, isolados, a a-cientificidade da Psicanálise e o caráter exclusivamente privado da subjetividade. Se for possível demonstrar que a subjetividade não implica necessariamente a impossibilidade do acesso à *coisa em si* (restando, claro, a demonstração da existência da mesma *coisa em si*), então, o recalçamento primário não resultaria numa situação de isolamento e alienação, como na imagem de um sistema fechado. Parte desse processo de averiguação dar-se-ia, por consequência, na avaliação de se a

subjetividade, em termos de sua descrição e definição de propriedades, engloba ou não, essencialmente, fatores objetivos. Fatores objetivos, por sua vez, seriam aqueles elementos componentes da situação experiencial do sujeito que vivencia um psiquismo e poderiam ser objetivamente detectados, mensurados e registrados. A atividade elétrica, em certos centros cerebrais, acompanhando o estado de vigília e (ou) a vivência de estados mentais definidos, atividade esta registrada por aparelhos, pode ser um exemplo da verificação empírica da relação entre certos estados mentais e certos estados do cérebro, embora, claro, isso não signifique a aceitação da ideia de que os mesmos estados mentais possam ser reduzidos aos estados do cérebro passíveis de registro.

É bom salientar, de novo, por razões de clareza, o seguinte apontamento: definir e postular uma propriedade mensurável, passível de ser apontada como existente em todos os casos, ou seja, uma generalização, cuja natureza objetivável remeta a um ingresso possível do fenômeno do *psiquismo* ao campo do científico, não significa reduzir o psiquismo ao mesmo, como numa ótica fisicalista ou biologicista.

Embora seja primária a noção de que uma correlação de eventos não define por si só uma relação de causa e efeito, o fato da correlação permite a verificação da existência ou não de um elo, uma lógica, um vínculo explorável entre esses eventos. Mais ainda, se tenho uma situação complexa em que vários eventos parecem se relacionar de forma intrínseca e coerente, de acordo com uma lógica ou teoria, mais evidências tenho da veracidade ou suficiência dessa teoria. Justamente por me identificar com o pensamento reichiano, recuso o falso dilema entre ciências naturais e humanas, segundo o qual a natureza é *a priori* definida como cindida e esquematizada.

A história da teoria reichiana comporta, num lugar central, a localização do evento, o qual inaugura a lógica que viria a ser a do *pensamento funcional*: a dialética ou a dialógica (empregando termos de uso comum) como propriedade da natureza dos fenômenos em geral. Esse evento se deu na comprovação inicial, em termos de clínica psicanalítica, da existência da identidade complementar entre psiquismo e soma. A partir de então, alguns termos, como *personalidade*, passaram a indicar algo mais do que um modo de ser no mundo, um modo de ser e perceber as coisas, significando também uma determinada organização somática (postura, tônus muscular, arranjos viscerais etc.) e, também, emoções, sensações e sentimentos deixam de ser pertencentes exclusivamente ao território da subjetividade e passam a se correlacionar com fluxos objetivos de excitação corporal, mensuráveis eletricamente. Damásio (1998), um pesquisador contemporâneo e neurocientista, fala em *paisagem corporal* para sublinhar como o somático participa necessariamente da experiência

da emoção.

Certamente, quando da relação soma-psique em termos de fatores objetivos, generalizáveis e mensuráveis, refiro-me a fatores nucleares, essenciais da vivência da subjetividade, não à totalidade da mesma ou a algo como acessar conteúdos ideativos na sua especificidade. A questão do *problema de primeira pessoa* fica, isso sim, relativizada pela possibilidade de um observador externo poder reconhecer, por meio de sinais fisiológicos, o *pano de fundo* da subjetividade vivida por outro alguém. Se determinadas ideias ou experiências evocam um colorido emocional, qualificando, dessa forma, o que está sendo vivido, isto pode ser identificado e definido. De forma correlata, pode-se saber *a priori* que determinadas personalidades (ou estruturas de caráter, numa linguagem reichiana) terão mais simpatia ou afinidade com certas ideias ou visões de mundo, dado o fato do seu arranjo estrutural. Por exemplo: se alguém está ansioso em função de uma atividade social que lhe seja particularmente difícil ou mesmo ansioso dado a fatores internos, esse alguém necessariamente adota um funcionamento corporal (ritmo respiratório, *tonus* muscular etc.) que é próprio da condição do estar ansioso – ainda que o sujeito esteja não consciente do fato de estar ansioso –, e isso é detectável. Mais ainda, esse arranjo corporal será inevitável na condição mencionada. Ninguém fica fisicamente *relaxado* e, ao mesmo tempo, subjetivamente ansioso. Um exemplo do segundo tipo mencionado, a relação entre certas estruturas de caráter e simpatia ou antipatia por um viés filosófico, ideológico ou de atitude diante da vida, pode ser encontrado na aceitação mais favorável de tipos *obsessivo-compulsivos* por parte de empresas que buscam otimização na execução de tarefas burocráticas. Reich costumava apresentar essa questão ao afirmar que conteúdos filosóficos e ideias científicas deveriam ser avaliadas não somente pelo seu aparente valor intrínseco, mas também pela consideração da personalidade de quem as propõe.

O comentário de Ferenczi (1991, p. 60) sobre determinismo e *forças* que ativam processos no inconsciente, assim como a natureza da antítese complementar soma-psique, postulada por Reich, torna necessário explicitar a forma como, na metapsicologia freudiana, deu-se a formulação de um conceito energético fundamental para essa metapsicologia como parte da descrição do aparelho psíquico. Acompanhar como Reich, ao examinar se tal conceito, como dito antes, remetia a algo de natureza física de fato, também é uma forma de retomar a questão da a-cientificidade ou não da Psicanálise. Como apresentado antes, na medida em que for possível objetivar algo desse funcionamento, teremos não uma redução ao fisicalismo, mas uma abertura de um canal de comunicação entre os conteúdos hermenêuticos da Psicanálise e outras formas de conhecimento situadas fora da esfera das ciências humanas.

Isto, por si só, poderia levar à superação do *esgotamento conceitual* que sofre a mesma Psicanálise, como também, como é minha tese, ao processamento de modos de investigação e de olhar sobre os fenômenos, os quais poderiam expandir radicalmente as possibilidades das ciências ditas naturais.

## 2.2 FREUD E O CONCEITO DE PULSÃO

Gostaria, por fim, de me deter por um momento na hipótese de trabalho que utilizei nesta exposição das neuroses de defesa. Refiro-me ao conceito de que, nas funções mentais, deve-se distinguir algo – uma carga de afeto ou soma de excitação – que possui todas as características de uma quantidade (embora não tenhamos meios de medi-la) passível de aumento, diminuição, deslocamento e descarga, e que se espalha sobre os traços mnêmicos das representações como uma carga elétrica espalhada pela superfície de um corpo. (FREUD)

“*Que possui todas as características de uma quantidade* Se é verdade que o inconsciente tem importância fundamental no modelo psicanalítico, também é fato que este é um modelo dinâmico, já que, nessa teoria, há uma imbricação entre esse conceito e outros, como, sobretudo, os de pulsão, sexualidade, aparelho psíquico, conflito, recalçamento e defesa. Impossível a menção a qualquer um desses conceitos sem a inclusão, implícita ou explícita, dos outros, visto que são, na metapsicologia, mutuamente apoiados. Para ficar mais clara a questão da *energia* em Freud e também sua dimensão dialógica, entende-se a soma de excitação, carga e descarga, um *motor* para o psiquismo, o fator pulsional. Esse fator é concebido como uma forma específica de energia, a *libido*, e a natureza da pulsão, embora tendo bases somáticas, seria algo que estaria na interface entre o somático e o psíquico, numa expressão dualista bem ao modo de Freud. A pulsão, cujo objetivo seria o de suprimir o estado de tensão do organismo, fazendo isso por meio de um objeto, originar-se-ia das excitações corporais. O pulsional se diferenciaria do instintual por não ter metas (ou *objetos*) hereditariamente determinadas, como aconteceria com outros animais, sendo que, nos humanos, essa meta seria contingente, definida ao longo de períodos específicos de desenvolvimento da personalidade. Nessa teoria, o fato de alguém ser, por nascimento, do sexo masculino ou feminino teria, em si mesmo, importância secundária para a definição da chamada identidade sexual. A noção popular da função da sexualidade está bastante distante da concepção e do papel e função da mesma no desenvolvimento do psiquismo e no entendimento do postulado por Freud acerca dos distúrbios e das disfunções da vida emocional, das neuroses e das psicoses. Existiria sempre uma relação causal entre a sexualidade e as neuroses, que poderiam ter causas contemporâneas (*neuroses atuais*, numa

primeira postulação de Freudou infantis.

As *neuroses atuais* se caracterizariam basicamente por sintomas físicos (embora isso não queira dizer que sempre se trata desse tipo de neurose quando há a presença de alterações somáticas) devidos a desordens da vida sexual atual, a *libido* convertendo-se, por isso, em angústia. Nelas, não se encontraria um núcleo simbólico que pudesse ser interpretado numa análise. As do segundo tipo (*psiconeuroses*) revelariam essencialmente um conflito: impulsos e desejos que, em momento anterior, quando da infância, fizeram parte do repertório de possibilidades de satisfação sexual, agora no adulto, são tidos como inaceitáveis pelo ego do sujeito, quando, então, surge a neurose ou a psicose. A disfunção emocional se constituiria, desse modo, a partir da acabo de mecanismos de defesa que produziriam um *split*, uma separação entre afetos e conteúdos ideativos, recalcando e tornando inconscientes, a depender da estrutura de personalidade, os elementos do primeiro ou do segundo tipo. O impulso assim dominado, sem acesso direto à satisfação, produziria secundariamente, então, fenômenos como sintomas físicos ou emocionais, idiossincrasias e traços de caráter, formas alternativas e aceitáveis de satisfação, aos olhos do senso moral do sujeito.

A postulação desses dois tipos de neurose ilustra, de modo definitivo, algo desde o início presente na própria definição de pulsão, a saber: a descrição de uma natureza dialógica, somática, quantitativa e energética de um lado, tendo *representantes psíquicos*, como definiu Freud. Assim, mesclam-se nessas duas condições tanto a questão da carga e da descarga, como mencionado no início deste texto, quanto a questão da acessibilidade à consciência, de um determinado conteúdo ideativo (MALUF, 2005, p. 12).

### 2.2.1 Energia, trabalho e valor

Como pode se concluir do texto supramencionado, Freud se utiliza do conceito de energia, que é claramente similar ao da Física Clássica, não cabendo até então nenhuma ilação sobre qualquer energia psíquica ou algo que o valha. Na Física, o conceito de energia vem claramente vinculado ao de força, e esta, ao deslocamento de massa. No entanto, basta qualquer consulta a um texto contemporâneo ou não, de algum autor pertencente ao campo da Psicanálise, quando este menciona ou examina o referencial econômico-energético da metapsicologia, para lá encontrar referência à libido como energia psíquica.

De fato, em função do texto *Projeto para uma psicologia científica* ((1895-1950), no qual Freud propõe um modelo que veio a ser tomado posteriormente como neurologia embrionária, e também em função da menção a “[...] uma carga de afeto ou soma de excitação [...] que se espalha sobre os traços mnêmicos das representações [...]”, há uma

tendência a equacionar o conceito de libido como algo dando-se no cérebro (já que o termo *representações* faz naturalmente pensar no mesmo como *local* em que tais representações residiriam). Tomando-se em perspectiva essa questão, o curioso (mas não surpreendente) em tal entendimento é como o *sexual* e o *libidinal* em Freud acabam sutilmente caricaturados, ao longo dos anos, pelos comentadores da teoria freudiana, como algo que sai da esfera do *corporal* para se abrigar na esfera do *mental*, porém, agora, um mental que tem características de *espiritual*, ainda mais quando é possível se debruçar sobre o conceito de *sublimação*, dentro da metapsicologia, e ver como tal conceito, que inicialmente foi formulado para explicar os destinos possíveis da *pulsão*, acaba utilizado pelos herdeiros de Freud (e em parte por ele mesmo, em época posterior de seus trabalhos) para indicar um destino *superior* e *melhor* para o sexual, que não a própria descarga, ou, em termos mais próprios, a realização mesma do desejo.<sup>2</sup>

Entretanto, comecei esse longo raciocínio para criticar o equacionamento entre cérebro e mente, equacionamento dado como óbvio em tempos de neurociências e, também, de viés materialista-mecanicista-atomista, como base fundamental da metafísica subjacente vigente. Por metafísica, faço referência a um modo de pensar dominante, presente de forma silenciosa, não obstante poderosamente atuante, visível somente quando se emprega um olhar epistemológico sobre a cultura e sobre os modos de pensar vigentes. Objeto de minha dissertação de Mestrado, esse equacionamento entre cérebro e mente foi longamente criticado e analisado.

O viés energético, sua literalidade e sua relevância, fica evidenciado no texto reichiano:

[...] Con anterioridad, el hecho de que el hombre moderno tenga un complejo de Edipo se consideraba explicación suficiente de su enfermedad neurótica. Hoy en día esta tesis, aunque no abandonada, posee una importancia sólo relativa: el conflicto hijo-padres adquiere caracteres patógenos sólo como resultado de una economía sexual perturbada en el niño; en esta forma, condiciona la posterior incapacidad de regular la economía libidinal y extrae su energía precisamente de lo que contribuyó a esa condición, a saber, de la estasis de la energía sexual genital.- Comprendido esto, el acento se desplazó desde el contenido experimental hacia la economía de la energía vegetativa [...] (REICH, 2005, p. 251)

Por esses comentários, fica evidente que Reich, ainda psicanalista *freudiano*, vislumbrou que o caminho da análise compreendia mais do que tornar consciente o inconsciente recalcado, *relembrar*, perlaboração etc., e tanto outros termos que remetem a uma dimensão psicológica. A análise compreendia também, e de certa forma prioritariamente,

---

<sup>2</sup> O conceito de sublimação, passível de existir numa condição não neurótica, é polêmico, porque muitas vezes confundido com o de formação reativa, em teorizações sobre a clínica das neuroses. A sublimação será examinada adiante neste trabalho.

o entendimento da economia sexual do paciente da análise. Além de essa economia sexual remeter ao *econômico* energético, fica claro, no texto e nas elaborações reichianas, que a economia da energia *vegetativa* não é algo da ordem do neuronal. As quantidades envolvidas eram de outra escala de grandeza, a *estase* – um acúmulo decorrente da existência do conflito neurótico, cuja natureza era somática – e o funcionamento neurótico, nesse entendimento, era definido não somente pela noção de ideias e representações recalçadas ou não, mas também o próprio recalçamento era relativo a um quantitativo que, por estar presente, aciona e atualiza conteúdos ideativos.

A natureza não meramente *neuronal* presente nessa descrição, no sentido das *quantidades* envolvidas, e o envolvimento do somático se cristalizam no lugar que o orgasmo encontra nessa compreensão. Longe de ser unicamente um acontecimento fisiológico, a noção de capacidade orgástica revela uma lógica que integra o psicológico, o fisiológico, o biológico e o energético.

[...] El orgasmo no es un fenómeno psíquico. Por el contrario, es un fenómeno que se produce sólo por la reducción de toda la actividad psíquica a la función vegetativa básica, es decir, precisamente por la eliminación de la actividad psíquica. No obstante ello, es el problema crucial de la economía psíquica. Incluirlo en la psicología no sólo permitió una comprensión concreta del factor cuantitativo en el funcionamiento psíquico y el establecimiento de la vinculación entre el funcionamiento psíquico y el vegetativo; más aún, condujo necesariamente a importantes cambios en el concepto psicoanalítico del proceso neurótico [...]  
(REICH, 2005, p.252)

Creio ser importante retomar, de tempos em tempos, o objetivo presente no texto aqui apresentado: trata-se de demonstrar que o fenômeno mental examinado pela ótica da vida emocional revela uma natureza dialógica, longe de ser somente pensamentos e representações. Essa dimensão dialógica inclui uma faceta quantitativa, somática e energética, e pretendo demonstrar que o somático e o mental existem numa inter-relação que, quando considerada, declara propriedades importantes tanto de um quanto de outro, os quais são acessíveis somente nessa perspectiva. Continua em primeiro plano a ideia de que o exame dos fenômenos mentais, nessa ótica, encaminha-se para os deslindamentos de propriedades da realidade em geral. Nesse caminho, o inconsciente freudiano, que na ótica reichiana se estende ao corporal, e o corpo compreendido, como não apenas maquinaria biológica, remetem a um campo conceitual que modifica não somente a visão do que é *mental*, mas também o que se acostumou definir como *realidade material*, já que se vislumbra uma *continuidade* entre os fenômenos, fenômenos aparentemente diversos, e essa continuidade é vista como via de acesso.

### 2.3 A OBJETIVAÇÃO DA SUBJETIVIDADE

As reações neurovegetativas encontradas na clínica, a partir da utilização da técnica de análise do caráter, e o relato de pacientes sobre a existência de uma sensação, como a de *correntes*, antecipando ou acompanhando as experiências emocionais e levando posteriormente ao reflexo orgástico, levaram Reich a pensar na existência de uma *bioeletricidade* e a tentar detectá-la e mensurá-la. Apresento agora, de forma esquemática, a realização da experiência e, em continuidade, os desenvolvimentos gerados por ela: é um experimento bioelétrico que mede em milivolts e registra, num oscilógrafo, a reação fisiológica a determinados estímulos e a sua percepção. Seus resultados definem duas direções básicas das excitações corporais que acompanham a vivência das três emoções básicas – prazer, medo e raiva: centro-periferia, no caso do prazer e da raiva; periferia-centro, no caso do medo. Somente a experiência de prazer é acompanhada do registro, no oscilógrafo, de uma elevação da linha no gráfico. Com isso, uma dinâmica pulsatória, expansão-contração, é formulada.

Esse experimento foi formulado de tal forma que, com o sujeito do experimento em outra sala, um analista dos gráficos, os quais registravam as reações em *Mv.*, podia dizer, sem nem mesmo ter contato visual com o sujeito, se este estava experimentando uma ou outra de tais reações básicas. Os estímulos fornecidos, por sua vez, variavam de porções de açúcar que eram colocadas sobre a língua, leves toques como carícias em várias partes do corpo, pressão forte em outras, etc. De modo invariável, quando subjetivamente o sujeito experienciava prazer, a curva do gráfico era aumentada, assim como o seu inverso se dava. Não ocorria o caso de haver experiência de algo sem o concomitante registro no gráfico, e vice-versa.

Reich (BOADELLA, 1985, p.138) foi cuidadoso no sentido de se precaver que os registros não fossem influenciados por causas mecânicas ou outras que pudessem trazer influências sobre a aparelhagem e viciar os resultados. Publicou, de forma esmerada, ao longo de 50 páginas e 32 fotografias dos gráficos, os resultados de um experimento que durou cerca de dois anos. Willy Brandt, chanceler alemão, foi à época um dos voluntários para essa pesquisa

Esses resultados têm importância fundamental nas várias decorrências teóricas que se seguiram a ele, mesmo quando a ideia de *bioeletricidade* muda para *orgone*. Na primeira de todas, Reich confirma a antítese prazer sexual-angústia e, ao contrário de Freud, entende que há não *conversão* de libido em angústia, mas sim a angústia (ou o prazer) como ocorrendo concomitante a um eixo da direção da excitação no corpo, centro-periferia, como prazer, e periferia-centro, como angústia. Essa direção, por sua vez, fazia sentido dentro da concepção

da fórmula tensão carga e da dinâmica expansão-contração.

No entanto, devo, neste momento do texto, ocupar-me em sublinhar a importância do que ocorre, com esse experimento, com a compreensão do que é a *substância* do mental, que deixa de ser *res cogitans* apenas, ao se revelar que qualidades subjetivas experienciadas correspondem a caminhos e percursos de uma excitação corporal<sup>3</sup> e a um acontecimento em que esse organismo que vivencia se dilata ou se encolhe. Não se trata apenas da descrição de uma formulação psicofísica, a dimensão unitária é o foco, e é essa dimensão unitária que muda a *substância* do que é definido como sendo a natureza do *mental*. Não é difícil conceber o que se passa quando alguém soluciona um problema ou entende que o que sente é uma ideia rara, definitiva, um *Eureka*, que, nas ilustrações e nas histórias em quadrinhos, aparece como um balão onde há uma lâmpada acesa, a *euforia* da descoberta análoga a uma lâmpada que acende. Esse acender, a *iluminação* desenhada, parece refletir uma espécie de intuição popular daquilo que acontece, em termos da súbita expansão do organismo que acompanha a experiência do prazer da descoberta (em termos subjetivos) e, mais ainda, dos processos energéticos subjacentes. Mais à frente, terei a oportunidade de me estender o necessário sobre isso.

Ao deixar de ser meramente *res cogitans*, na perspectiva da lógica que torna o psiquismo intrinsecamente vinculado ao fisiológico, e estes a processos energéticos com propriedades essenciais, ingressamos, de forma determinada, no domínio da objetivação da subjetividade, em que o importante é o acesso a novas compreensões, e não a redução a um ou a outro domínio. De novo, não se trata de afirmar um paralelismo psicofísico, embora a linguagem empregada para definir e explicitar esse mental não apenas psicológico faça pensar nesse paralelismo. Mas essa é uma limitação da linguagem, e não do fenômeno em questão. O que merece destaque é o funcionamento unitário que engloba as vertentes complementares. Assim, a objetivação mencionada decorre não exatamente da ideia de possibilidade de *mensuração* de acordo com um método qualquer, esta existe de fato, embora não seja o elemento mais significativo. O relevante, com efeito, é como a “abstração” (aqui, entre aspas) de uma qualidade unitária que engloba diferentes domínios permite não somente uma síntese interessante, mas também o contato, a extrapolação para outros domínios de fenômenos e de conhecimento.

---

<sup>3</sup> Reich parece se associar a W. James na localização de uma explicação corpórea para a emoção. “[...] Quando percebemos algo excitante, seguem-se imediatamente mudanças corporais, nosso sentimento das mesmas mudanças é a emoção”. Isso contrasta enormemente com Wittgenstein: “[...] sente-se tanta tristeza no corpo quanto se sente o enxergar [...]”, Para ele, as emoções se davam na mente (SHUSTERMAN, p. 103).

[...] Na terapia orgônica, o nosso trabalho se concentra no profundamente biológico, o sistema plasmático, ou, como nos expressamos tecnicamente, o “núcleo” biológico do organismo. Este, como é evidente, é um passo decisivo, porque ele significa que deixamos a esfera da psicologia e da “psicologia profunda” igualmente, e entramos no domínio do funcionamento proto-plasmático, indo mesmo além da fisiologia dos nervos e dos músculos. Estes passos devem ser levados extremamente a sério; eles tem consequências práticas e teóricas de longuíssimo alcance, porque produzem uma mudança fundamental na nossa prática biopsiquiátrica. Nós não trabalhamos mais meramente sobre conflitos isolados e defesas específicas, mas no organismo **vivo** ele mesmo. Enquanto nós aprendemos gradualmente a compreender e influenciar o organismo vivo, o puramente psicológico, e o puramente fisiológico são automaticamente incluídos no nosso trabalho. A especialização esquemática já não é mais possível.” (REICH, (REICH, 1979, p. 139)

O profundamente biológico se encontra no funcionamento plasmático. Paradoxalmente, é nesse profundamente biológico que se encontra a chave que permite vincular o vivo e o psíquico a outras esferas da existência como as presentes no mundo inorgânico, por exemplo. O *lá dentro* remete não a um isolamento, e sim a conexões significativas. Não seria demasiado dizer que se encontram aí os algoritmos do existente.

### 2.3 W. PAULI E JUNG: PSICOLOGIA PROFUNDA E FÍSICA

Até agora, algumas ideias básicas foram apresentadas nessa tese: 1- *Psiquismo* envolve corporeidade, é mais do que simplesmente pensamentos e representações. 2- Essa corporeidade surgiu do exame dos conceitos de *pulsão e libido*, enquanto *força* de fato. 3- O fenômeno mental tem uma propriedade objetivável, e isso não somente porque envolve o somático, mas também por apresentar regras e dinâmicas de funcionamento que são extensíveis a outros fenômenos.

Da mesma forma que dados apreendidos em laboratórios (de Física) levam a interpretações e ao delineamento de uma visão de mundo, também na Psicanálise pareceu forçoso um quadro de referências em que certos princípios básicos seriam atuantes. Na metapsicologia freudiana, como mencionado antes, surge, num segundo momento da teoria, a postulação de dois princípios – como forças ou tendências – atuantes: *Eros e Thánatos*, agregação e desagregação. Todo o funcionamento psíquico, em última instância, estaria subordinado a eles, em especial a *Thánatos*, como dito antes, em função dos postulados da Física. O que ganha destaque aqui é o recurso de buscar apoio em conceitos pertencentes, em última instância, à Física no sentido de serem “primeiros”, e não a correção ou não de uma postulação como a de *Thánatos*.

Pelo que foi mencionado, Reich, de forma semelhante, lançou-se em busca do mais profundo e, com isso, tanto como Freud e Jung, rompeu limites e barreiras conceituais do próprio domínio em que se situava o *logos* de suas teorias. A Física, de uma forma ou de

outra, sempre foi o contraponto das teorizações sobre o psiquismo e uma espécie de interface entre os fundamentos da psique e da física, o resultado encontrado. Ficará para mais adiante uma explanação suficiente das teses reichianas e, nesse momento, apresentarei os trabalhos em conjunto de Jung e W. Pauli, Nobel de Física, sobre o tema da Física e Psicanálise. Novamente, o exame desses trabalhos e teorizações é relevante sob o prisma da possibilidade de uma fusão com o objeto, enquanto proposta epistemológica, pois, na medida em que o psiquismo (enquanto noção) surge modificado em sua *natureza* de fenômeno de primeira pessoa unicamente, revelando uma dimensão dialógica e física, material, este se torna acessível de uma forma inusitada. O mesmo se pode dizer, em contrapartida, da natureza dos fenômenos não mentais.

*Arquétipos e Inconsciente coletivo* são termos associados ao nome de Jung. Se, de um lado, seus trabalhos em Psicanálise guardam a conotação de misticismo e esoterismo, sua longa associação com W. Pauli fez surgir uma rica coletânea de textos e teorizações sobre as interconexões entre Física e Psicanálise. Não é meu propósito um exame completo e suficiente de suas teorias, pois pretendo apenas sintetizar, neste texto, os elementos de sua teoria (e dos trabalhos de Pauli em conjunto) que me interessam coletar no referente ao tema *física-psicanálise*, e isso em função de minha tese.

Distanciando-se de Freud, que viu na sexualidade (libido) o elemento central do psiquismo, Jung passou a postular uma “energia psíquica” que poderia investir complexos e arquétipos, estes, por sua vez, entendidos como representações, imagens de temas básicos da história da humanidade contidos e presentes nas motivações psicológicas. Essas temáticas teriam existência independente da experiência pessoal de cada indivíduo, como se fossem herdadas psiquicamente. É marcante a diferença de *Inconsciente* em Jung visto como profundamente arraigado na espécie, e em Freud, como se contivesse representações dependentes das vicissitudes da vida de cada um<sup>4</sup>. O percurso clínico de Jung contempla o tratamento de muitos psicóticos e como tais imagens e arquétipos ganharam destaque. Como exemplifica João Bezinelli:

Desde 1901 encontrava-se internado no Hospital Psiquiátrico Emile Schwyzer o paciente que ficou conhecido como “o homem do falo solar”. Jung, desde o início, interessou-se por seus delírios. Emile achava que era Deus e que tinha que distribuir seu sêmen, caso contrário o mundo pereceria. Via-se também como o responsável pelas intempéries. Para ele o sol era possuidor de um falo gigantesco e se ele olhasse esse falo com os olhos semicerrados e mexesse a cabeça de um lado para outro poderia fazer o falo mover-se, criando o vento e, por extensão, a intempérie.

---

<sup>4</sup> Na verdade, Freud descreve um inconsciente que também é portador de “protofantasias”, porém este não é o elemento fundamental de sua formulação.

A “ideia bizarra”, ocorrida em 1906, permaneceu totalmente incompreensível até que Jung leu o livro de Albrecht Dieterich, *Uma liturgia Mitraica*. Ali encontrou um trecho de uma liturgia em que se conta que, numa espécie de tubo, pendente do disco solar, estava a origem do vento. A primeira edição era de 1903 e Schwyser, internado desde 1901, não teria como saber deste fatos. (JUNG apud BEZINELLI; BEZINELLI, 2009, p. 11)

Esse paralelo foi realmente impactante para Jung. Um conteúdo psíquico que se apresentava não só nas fantasias de um indivíduo isolado, mas também num texto alexandrino anotado num papiro grego, preservado na Biblioteca Nacional de Paris.

Sobre a natureza do que seria um *arquétipo*, diz Jung:

[...] É extremamente difícil explicar a natureza do arquétipo para alguém que nada conheça do material empírico de que tratamos em psicologia. O único paralelo que posso apontar fora do terreno psicológico é o assim chamado “motivo mitológico”. Enquanto arquétipos são encontrados na mente dos insanos bem como em sonhos normais, inteiramente alheios a toda tradição, arquétipos parecem também representar conteúdos do inconsciente coletivo e sua existência na mente do indivíduo só pode ser explicada como herança. (JUNG, 1952, p. 174)

Jung definia o arquétipo como real, produzindo efeitos numinosos, mas um modelo, assim como o átomo: “[...] quando digo átomo, falo do modelo, nunca da coisa em si, o que em ambos os casos, é um mistério transcendental” (JUNG, 1952p. 174). Se, de certa forma, Jung inicialmente adota, com relação ao arquétipo, um referencial semelhante ao platônico, modifica, por volta de 1946, a noção de arquétipo como *imagem essencial que se repete em diferentes contextos* para um viés semelhante ao Kantiano. O arquétipo agora seria diferenciado em *estrutura arquetípica* (sua dimensão numênica) e *imagem arquetípica*, e esta seria de acordo com o lugar e o momento histórico dos indivíduos.

O modelo de psiquismo desenvolvido por Jung formaliza a ideia de que as neuroses, os distúrbios mentais e o sofrimento psíquico são consequência de algo mais que as excitações somáticas como forças agindo na psiquê. O sofrimento de uma alma que não encontrou o seu sentido é a sua definição de psicose.

Fontes “formais” que geram imagens na psiquê devem ser diferenciadas das fontes instintivas. A ênfase fica na existência de certas imagens simbólicas presentes nos sonhos que parecem transcender qualquer experiência pessoal do sonhador ou de seu conhecimento. Isso indicaria, de fato, a existência do *inconsciente coletivo*, conteúdos herdados da vida psíquica.

No seu ensaio de 1928, *Psicologia do Inconsciente* (1980), Jung descreve o inconsciente coletivo como uma representação do mundo que contém uma condensação de milênios de experiências humanas, condensação esta residente no cérebro, cujos traços principais, dominantes, surgem como os arquétipos. Marilyn Nagy, em seu estudo sobre Jung, nota que, na edição posterior, as palavras “acumulados no cérebro” são retiradas. Aparentemente, Jung questionava, então, a localização inequívoca da atividade da psiquê no

cérebro ((NAGY, apud JUNG ,p. 158). Em 1952, em duas cartas, descreve seu entendimento da relação entre cérebro e psiquê, ao dizer estar convencido da correspondência entre mente e vida fisiológica do corpo. Contudo, pensa que o melhor seria desistir de categorias tempo-espaço quando se tratasse da existência psíquica, já que via o cérebro como possivelmente uma *estação transformadora* capaz de capturar e transduzir as intensidades da psiquê em frequências ou *extensões perceptíveis*. A psiquê não é mais vista como *residindo* no cérebro e a ele sendo redutível.

De forma coerente com essa formulação, a psiquê passa a ter um sentido estendido, fora das delimitações do corpo, e a não possuir mais o sentido estrito de *psiquismo*. Passou a conceber o corpo e todo o existente como decorrentes de uma passagem ao mundo do tempo e do espaço. Se, antes, Jung considerava que os arquétipos eram essencialmente psíquicos, seu conceito de inconsciente, mais tarde, denotou um conjunto que englobava o *material* e o *não material*.

Como Jung e Pauli estiveram em permanente contato por quase duas décadas, seria um trabalho deveras minucioso distinguir e analisar quem, dos dois, foi o precursor de fato desta ou daquela ideia ou teorização. Ocupo-me essencialmente em sublinhá-las quando presentes nas obras de um ou de outro, sem fazer da distinção da autoria o meu foco. Sobre a *psiquê* ou *inconsciente* postulado como algo mais que psiquismo (o inconsciente que engloba tanto o *material* quanto o *não material*), Pauli diz:

[...] we know the existence of **objective** (grifo meu) unconscious factors in the psyche, so there is probably a psyche long before there is consciousness. This Unconscious of a species of animals will presumably produce 'archetypical pictures' and with this 'patterns of behaviour'. The adaptation and the physical experience will react backwards on the unconscious psyche and here we are: I am accepting the evolutionary point of view but I stay complementary (and symmetrical) with respect to the distinction 'matter versus psyche'. There is no 'decision' in favour of materialism for me but there is also psyche long before there is consciousness. ... The idea of a 'Geist' or a 'Weltgeist' (as the Germans like to say) as origin of all 'Geschehen' is rejected by me for the reason that 'Geist' is too much similar to 'human consciousness'. (PAULI, 1952/1996, p.610-611)

Os fatores objetivos mencionados por Pauli remetem ao tema abordado anteriormente nesta tese, o qual conduz à possibilidade de transposição, de atravessamento, dos conteúdos da Psicologia, levando a uma comunicação com outros saberes e também, como postulado na tese, a uma complementação das possibilidades de desenvolvimento desses outros saberes, como o saber científico, por exemplo. Não é necessário, para isso, acatar essa ou aquela definição de inconsciente, mas sim seguir a lógica e o caminho que se apresentam quando é possível ingressar no universo de possibilidades que estão contidas, por exemplo, na ideia da presença de fatores objetivos no psiquismo ou na subjetividade.

Pauli pensava numa ciência futura que vislumbasse o âmago dessa *realidade essencial* como não sendo nem física, nem psíquica, mas sim, de alguma maneira, igualmente ambas. A semelhança dessa postulação com as teses reichianas chega a ser intrigante<sup>5</sup>.

Como é sabido, Pauli, influenciado pelas ideias de Bohr, vislumbra um mundo em que as duas dimensões, mente e matéria, não seriam complementares, mas expressões de uma realidade única subjacente. A complementaridade se distingue da noção de paralelismo psicofísico, totalmente insuficiente, segundo Pauli. E em relação à ideia da inclusão de observadores humanos conscientes como um novo ângulo da MQ, ele foi claro:

Once the physical observer has chosen his experimental arrangement, he has no further influence on the result which is objectively registered and generally accessible. Subjective properties of the observer or his psychological state are as irrelevant in the quantum mechanical laws of nature as in classical physics. (PAULI, 1954b/ p. 286)

A existência de uma realidade subjacente e, de fato, determinante na produção e na criação dos fenômenos, tanto mentais como materiais, denota uma interligação (subjacente) entre tudo o que tem existência, sendo a dimensão arquetípica o fator ordenador e organizador, inclusive da propriedade complementar postulada. Esse fator é anterior, do ponto de vista do existente, aos domínios psíquico e físico, cuja distinção, claro, é necessária para fins científicos. Esse mundo unificado foi por Jung chamado de *unus mundus*. Ainda Pauli:

The ordering and regulating factors must be placed beyond the distinction of 'physical' and 'psychic' – as Plato's 'ideas' share the notion of a concept and of a force of nature (they create actions out of themselves). I am very much in favor of referring to the 'ordering' and 'regulating' factors in terms of 'archetypes'; but then it would be inadmissible to define them as contents of the psyche. The mentioned inner images ('dominant features of the collective unconscious' after Jung) are rather psychic manifestations of the archetypes which, however, would also have to put forth, create, condition anything lawlike in the behavior of the corporeal world. The laws of this world would then be the physical manifestations of the archetypes. . . . Each law of nature should then have an inner correspondence and vice versa, even though this is not always directly visible today. (PAULI, 1948/1993, p. 496-497)

Pauli aceita a postulação junguiana, segundo a qual o *arquétipo* é não somente raiz, a origem subjacente das imagens (que seriam manifestações psíquicas dos arquétipos), mas também é o fator criador e organizador de suas manifestações físicas, as leis da natureza. Uma observação importante: Pauli ingressou numa experiência de análise junguiana durante algum tempo e, mesmo depois de cessada essa experiência, acompanhou, de forma atenta, seus próprios sonhos e os elementos arquetípicos que neles encontrava, principalmente quando tinham a física como conteúdo. Ao contrário do próprio Jung, que entendeu que nada mais

<sup>5</sup> No Cern, entre os papéis de W. Pauli, organizados depois de sua morte, encontra-se uma rara cópia do *Einstein affair*, publicado por Reich. No entanto, não é do meu conhecimento nenhuma citação a respeito de Reich por parte de Pauli.

natural que um físico sonhar com a física, Pauli compreendeu que seus conteúdos oníricos revelavam e permitiam acessar elementos primeiros constituintes da realidade em geral. O que é pertinente sublinhar não é a possibilidade de simplesmente tomar seus próprios sonhos como uma espécie de *prova* da realidade arquetípica, mas sim que, nessa concepção de mundo, a introspecção, seja na forma de acesso a conteúdos oníricos, seja na forma de pensamentos e percepções conscientes ou mesmo fantasias, permitiria apreender, de forma lógica, algo dessa realidade subjacente que estaria na raiz tanto do psiquismo quanto da realidade física. Nesse caso, a introspecção teria validade como instrumento de pesquisa.

Embora pretenda explorar mais adiante, na tese, em outros contextos, as ideias de Pauli, é necessário me deter a alguns pontos decorrentes da positivação da introspecção como possível ferramenta de pesquisa e produção de conhecimento. Primeiro, porque esta é considerada, em linhas gerais, limitada e insuficiente: não temos acesso consciente nem a certos processos mentais que estão abaixo da linha do consciente, nem a certos tipos de sensações ligadas ao funcionamento de certos órgãos, só para citar alguns exemplos. Segundo, porque é necessário levar em conta, do ponto de vista da Psicologia, a existência da imaginação e, em outros graus, da ilusão e da alucinação. Todavia, nem a imaginação é negativa em si mesma (o conhecimento científico não pode prescindir dela), nem a introspecção, desnecessária e descartável. Uma forma de abordagem desse problema, via consideração e exame da alquimia, fornece alguns parâmetros e, ao mesmo tempo, coloca num lugar central o papel do *experimentador – observador*, sujeito que experiencia de uma atenção que deixa lugar para o *involuntário*, e não somente sujeito que produz conhecimento.

#### 2.4.1 A alquimia esotérica e a Psicologia Profunda

A especulação sobre a natureza das coisas, sobre a constituição da realidade e sobre as leis e os princípios *profundos* presentes na constituição do mundo é uma preocupação ou um interesse que tem acompanhado a história da humanidade e que se expressa na produção dos mitos e das religiões e no pensamento filosófico e científico. É longa a evolução, no pensamento ocidental em especial, do questionamento do empirismo ingênuo e das tentativas de separar o *falso* do *verdadeiro*, quando se trata da questão do conhecer. O método científico, ao rejeitar o pensamento *revelado* e os argumentos de autoridade e ao apresentar o controle da situação experimental, mostrou-se possuidor de um valor intrínseco, expresso na produção de tecnologias e naquilo que Poincaré definiu como potencial para a ação, ou seja, a comprovação, via modificação da realidade e capacidade preditiva. Isolar o mais possível a subjetividade do experimentador é o elemento central nessa perspectiva epistemológica.

Porém, é verdade também que o pensamento científico, em qualquer domínio, não se resume à obtenção dos dados brutos; ele se apoia numa perspectiva filosófica que, embora não a tenha inaugurado, inclui a noção da simetria do mundo e da existência de leis e princípios fundamentais generalizáveis. A física não funciona somente neste ou aquele local específico, uma reação química não tem a sua existência determinada pela posição geográfica (no sentido da cartografia). Assim, ao longo da história, foram os modelos explicativos que mudaram, não a ideia da existência dessas leis e desses princípios generalizáveis. Assim, é inegável que a imaginação sempre esteve e está presente na construção de modelos explicativos, conjuntos lógicos organizados de informação e referência.

Aqui, é necessário diferenciar o aspecto pragmático, imediato, presente na produção de tecnologias, quando se trata da questão do conhecimento, da sua contrapartida, a dimensão da teorização. Um exemplo se encontra na mudança de visão de mundo existente no modelo ptolomaico para a de Copérnico. Enquanto o modelo anterior possuía capacidade preditiva e, também, explicativa, a adoção do modelo de Copérnico se deveu, numa análise insipiente, ao fato de este carregar uma simplicidade maior que a presente no modelo anterior. A retirada, por sua vez, da terra do centro do Universo traduz um simbolismo emblemático, no sentido de implicar um raciocínio que transcende o imediatismo da percepção sensorial. É o colocar-se *fora de si mesmo*, num lugar hipotético, cujo centro não é o aqui e o agora da percepção. Entretanto, a imaginação continua presente, sobretudo quando se trata de modelos *visuais*, não exatamente analíticos, como nos apresenta Poincaré (1995).

Como sabemos, na história recente das ciências, os físicos foram e são pródigos na produção de abordagens filosóficas. Entende-se *filosofia* aqui como o *amor à sabedoria*, “[...] o estudo que se caracteriza pela intenção de ampliar incessantemente a compreensão da realidade, no sentido de apreendê-la na sua totalidade [...]” (AURÉLIO, 2004 ). O conhecimento, portanto, na sua vertente teórica, sempre esteve vinculado a uma metafísica, não no sentido espiritual ou transcendental do termo, mas no de visão de mundo.

#### 2.4.2 Psicologia e Imaginação

É no contexto da comprovação, não no da descoberta, que se radica o Logos do pensamento científico, como postula Popper. De onde e como surgem as hipóteses é indiferente ou é um problema para a Psicologia, segundo esse mesmo autor<sup>6</sup>. Assim, parece sensato considerar a possibilidade de um estudo sobre a alquimia esotérica que não a

---

<sup>6</sup> De acordo com Pauli, como mencionado acima, essa Psicologia resume não exatamente uma subjetividade pessoal, pois também remete ao acesso ao *numênico*.

considere somente uma deturpação ou um desvio da alquimia pragmática então praticada que deu ensejo à Química. Não foi somente o desejo de transmutação de materiais diversos em ouro que esteve presente na alquimia, mas também, como no caso da esotérica, a ideia de que o alquimista, ao recorrer a processos de *sutilização* da matéria, estaria também percorrendo um processo de transformação pessoal. Examinando por esse ângulo, talvez possamos encontrar elementos presentes da psicologia do alquimista e da lógica que o orientava. Porém, agora, pretendo examinar, de forma puramente especulativa, a situação em que se davam os processamentos alquímicos e avaliar a presença de elementos extremamente favoráveis à estimulação da imaginação: o fogo, as repetições e os estados hipnóticos.

É sabido que movimentos, sons, imagens ou feitos apresentados de forma repetitiva, cadenciada, evocam estados alterados de consciência ou hipnóticos, conhecidos como transe. A Neuropsicologia, a Psicanálise e a Psicologia dos *fluxos*, há muito, ocupam-se desses fenômenos. Os estados hipnóticos ocorrem numa gama bastante ampla de variações, que incluem desde diferentes estados hipnóticos até sua intensidade, podendo ir também da inconsciência e do sono até a condição de um estado extremamente agudo de vigília. Ademais, ao contrário do que é popularmente conhecido, o estado hipnótico não se resume à sugestionabilidade, já que engloba a condição da existência de concentração profunda, atenção focada e absorção em si mesmo. Minha especulação é a de que o isolamento, os padrões visuais produzidos pelo fogo e as inúmeras repetições aplicadas aos elementos possam ter dado ensejo a esse estado de concentração profunda.

Agora, essa concentração profunda envolve uma dinâmica dupla: ao mesmo tempo em que se está focado em um objeto ou em um processo externo, há um profundo contato ao modo de uma interioridade presente, cuja atividade cerebral, como raciocínio, está diminuída e cujas sensações corporais, em primeiro plano. Einstein, que era do tipo *visual*, na classificação de Poincaré, dizia que costumava pensar com sensações musculares e imagens visuais, para só depois transpor o resultado do que experimentava em construções lógico-formais. Enfim, é a natureza dupla dessa forma de pensar que enfatizo aqui.

Num olhar antropológico, o animismo foi uma forma de tentar explicar a natureza. Há, portanto, uma diferença entre animismo e misticismo, contudo essa análise foge ao objetivo atual desta tese. De qualquer modo, vale a pena enfatizar que é conhecida a tendência a antropomorfizar a natureza, o que é presente no animismo. Uma forma psicologista, por exemplo, seria dizer que o ser humano projeta seus próprios anseios e suas emoções na natureza a sua volta.

Se mencionamos anteriormente Copérnico como exemplo de uma atividade de

abstração segundo a qual há uma saída e uma superação do *aqui e agora* da percepção, o animismo deixa clara a existência de um conteúdo psíquico que é projetado na natureza, natureza essa que, quando percebida, transporta esse conteúdo, sem que aquele que percebe, claro, esteja consciente disso.<sup>7</sup> É óbvio que uma análise desse tipo pressupõe um série de conceitos como atuantes, caso contrário a noção de um funcionamento mental que não é apenas um reflexo, um espelho ou uma fotografia da realidade não seria possível. E, no caso da nossa abordagem, um psiquismo fundado na noção de inconsciente.

Essa noção apresenta um problema extra quando trazida para o campo da epistemologia: não só não haveria percepção pura, objetiva, como também haveria um valor (inconsciente) colocado em cada objeto da nossa atenção. Esse valor qualifica a percepção de um modo emocional e sexualmente significativo. Ora animando-a, por exemplo, ora excluindo da percepção uma ou mais classes de qualidades ou propriedades do objeto, por razões também emocionais. Este, como dissemos, é um tema polêmico e complexo. Por esse motivo, anteriormente abordei o tema do *inconsciente* discutindo se sua existência implicaria necessariamente uma impossibilidade, mas agora abordo outro ângulo dessa questão.

Por apresentar uma proximidade interessante com o tema da alquimia, a metapsicologia nos interessa também, já que, nela, a sexualidade é vista como disruptiva e voltada para a satisfação imediata. Nesse sentido, a civilização e a cultura, então, devem sua existência a um processo metapsíquico chamado de *sublimação*.

Sublimação significa, grosso modo, elevação. O sublime, na sua raiz latina, é aquilo que vai se elevando, que se sustenta no ar. Na alquimia, sublimar significa elevar ao mais alto grau; na Psicanálise, implica modificar a meta do instinto ou da pulsão, do que é diretamente sexual, por meio de atividade motora, para um objetivo que nada teria a ver, de modo aparente, com o sexual, cujo fim seria cultural, “superior”. Há, portanto, na definição de sublimação, na ótica freudiana, tanto um componente ético ou estético, quanto um componente “físico” ou “natural”, já que o sexual instintual possuiria potencialmente a possibilidade de sublimação.

### 2.4.3 Psicanálise e Alquimia

Para Freud, tudo o que é da ordem da religião é da ordem da ilusão, uma forma de

---

<sup>7</sup> Existe uma implicação decorrente dessa elaboração que é referente à identidade entre aquele que projeta e a natureza. No caso, a natureza não é mera portadora da projeção, mas é, ela mesma, proprietária de elementos similares aos daquele que projeta. Essa implicação fica postergada para a parte final deste trabalho.

evitar algo difícil ou doloroso da realidade<sup>8</sup>. Para Jung, a religiosidade não é *sobrenatural ou transcendente*, no sentido místico tradicional, mas envolveria o contato com uma dimensão numênica, ausente na perspectiva materialista mecanicista. Nas palavras do próprio Jung:

[...] Eu percebi rapidamente que a psicologia analítica coincidia curiosamente com a alquimia. As experiências dos alquimistas eram, num certo sentido, as minhas experiências, e o mundo deles, o meu mundo. Esta foi, claro, uma descoberta monumental: Eu havia tropeçado na contrapartida histórica da minha psicologia do inconsciente. A possibilidade da comparação com a alquimia, e o elo intelectual com o gnosticismo, deu substância à minha abordagem. Quando estudei atentamente estes velhos textos, tudo entrou no seu lugar: as imagens fantasmáticas, o material empírico que eu havia recolhido na minha prática clínica, e as conclusões que eu havia obtido com elas. Eu começa agora a entender o que significavam estes materiais psíquicos vistos agora numa perspectiva histórica. (JUNG, 1966, p. 68)

A ideia básica da alquimia é a de que tudo é parte de um processo evolucionário que procura alcançar sua forma mais alta. No caso dos metais, ouro seria essa forma mais alta, e a *maturação* dos metais poderia ser acelerada por vários processos de manipulação. Embora houvesse alquimistas cujo único propósito seria o de produzir quimicamente ouro, existia uma escola mística que via a tentativa de transmutação como um caminho “espiritual”, no qual a experimentação externa estava diretamente conectada a um processo interno de maturação e atitude contemplativa. *Aurum nostrum nos es aurum vulgi* - nosso ouro não é o ouro comum, como postula o *Rosarium philosophorum* (GEISER, 2005, p. 199).

Assim, na Psicologia Analítica junguiana, o objetivo último da análise deixa de ser a retirada do recalque do material submetido à repressão, por ser de natureza sexual, e passa a ser a integração, no *Self*, dos aspectos contraditórios da personalidade.

O processo alquímico pode ser sumarizado em *solve et coagula* – dissolver e coagular –, processos correspondentes à análise e à síntese, em que o estado original é assumido como o de forças em oposição, em conflito, e o trabalho se situa no objetivo de harmonizá-las e integrá-las. Esse procedimento de desintegração e reconstrução tem seu equivalente na ciência experimental e também no trabalho terapêutico. Para se fazerem novas substâncias, é necessário, primeiro, separar os componentes do material original. Para a análise, o clínico, no momento inicial, analisa o atual estado da personalidade, que surgiu em função do conflito entre tendências irreconciliáveis. Uma nova organização pode ser criada a partir da retirada desse conflito, separando-o da estrutura neurótica dos complexos, momento em que a reconciliação dos opostos dará ensejo a um novo equilíbrio psíquico.

---

<sup>8</sup> O fato de Jung ser citado como contraponto a Freud não implica que um esteja certo e o outro, errado. Da mesma forma que Jung parece ter acessado uma dimensão transcendente no psiquismo humano, a experiência clínica demonstra como muitas vezes a relação com o “religioso” tem função meramente defensiva e neurótica.

### 2.3 PSICOLOGIA ANALÍTICA E FÍSICA QUÂNTICA

Em 1931, um então jovem e promissor físico, que viria a ser prêmio Nobel em 1945, procurou Jung em função de uma crise pessoal, embora tenha começado uma análise com seu pupilo durante dois anos, de 1932 a 1934. No último ano, teve início uma cooperação teórica entre W. Pauli e Jung, que durou até 1958, quando da morte do primeiro. A análise de Pauli fez com que Jung, a partir da análise, ficasse intrigado com os motivos e os conteúdos de seus sonhos. Em especial, seus sonhos passaram a apresentar símbolos e imagens que, contidos na Física, pareciam relativos a processos mentais. Pauli começou a se perguntar por que seu inconsciente utilizava tais símbolos e imagens para descrever processos psíquicos, ao invés de utilizar imagens da mitologia, por exemplo. Curiosamente, como foi descrito antes, Pauli não ficou satisfeito com a hipótese Junguiana de que, dado o fato de ele ser físico, nada mais natural que sonhasse com a física. Pauli estava convencido de que esses símbolos se relacionavam com o comportamento real da matéria. Nesse contexto, pensou que a doutrina alquímica poderia ajudar a solucionar o problema.

Niels Bohr, figura central da Escola de Copenhague, sublinhava fortemente a dinâmica da complementaridade no entendimento da MQ, no referente à questão da natureza discreta ou ondulatória das partículas subatômicas. Mas a complementaridade por ele defendida, “[...] longe de conter qualquer misticismo contrário ao espírito da ciência... consiste, na verdade, numa generalização do ideal de causalidade [...]” (BOHR, 1958, p. 34). Entretanto, essa dinâmica afirmada não se restringia à dimensão microscópica. Ainda citando Bohr:

[...] de fato, somos levados a conceber as regularidades biológicas (vida) propriamente ditas como representando leis da natureza complementares às que se adequam à explicação dos corpos inanimados... nesse sentido, a existência da própria vida deve ser considerada, no tocante à sua definição e observação, um postulado fundamental da biologia, do mesmo modo que a existência do quantum de ação, juntamente com a atomicidade última da matéria, compõe a base elementar da física atômica [...]. (BOHR, 1958, p. 27, grifo meu)

Embora visse como pertinente a questão da complementaridade, Bohr não sugeria de forma alguma uma relação mais estreita entre Física Atômica e Psicologia. W. Pauli, no entanto, perseguiu justamente essa meta, apoiado num referencial alquímico, na Física e na Psicologia Analítica de Jung. Desenvolveu uma visão de mundo unificado, em que a “separação” entre mundo psicológico e mundo físico é suspensa. Quanto mais fosse possível alcançar a estrutura intrínseca das coisas, mais as diferenças percebidas num plano macro seriam suspensas. Mas Pauli não procurava um modelo reducionista, em que tudo fosse resumido a uma já existente perspectiva, como a física ou a lógica. Ele procurou, na verdade, uma totalmente nova abordagem científica, que não deixasse de lado o caráter único de cada

ciência individual, mas que tentasse encontrar denominadores comuns em um plano mais profundo das coisas. O parâmetro utilizado continha a crença na existência de elementos estruturantes universais que se revelariam em todas as áreas da experiência.

A possibilidade de uma descrição da natureza que englobasse tanto a realidade física quanto a psicológica, sem que uma fosse reduzida a outra, requeria um retorno à base arquetípica dos conceitos científicos, na postura que Pauli chamou de *psicologia das conceituações científicas*.

[...] Meu ponto de partida é o estudo da relação existente entre a construção de conceitos e as percepções sensoriais. Obviamente, a lógica não consegue fornecer, ela mesma, essa ponte. Se o estado previamente existente do conceito é analisado, sempre se encontra ideias que consistem em um conteúdo fortemente emocional. O estágio preliminar do pensamento é uma representação pictórica dessas imagens, cuja origem não pode ser unicamente ou principalmente reconhecida como tendo origem nas percepções sensoriais (do indivíduo em questão), mas que são produzidas por um “instinto de imaginação”, e são reproduzidas independentemente, isto é, coletivamente, em diferentes indivíduos. (GEISER, 2005, p. 204).

Essa concepção leva inexoravelmente o físico para dentro do campo da Psicologia, mas Pauli continua:

[...] Como eu tomo a física e a psicologia como formas complementares de exame da natureza, estou certo que existe uma maneira igualmente válida, que deve orientar o psicólogo partindo de um ponto anterior (através da investigação dos arquétipos) levando ao mundo da física [...]. (MEIR, 2001, p. 180.)

Como deve ter ficando claro, os fatores ordenadores da realidade que Pauli postulava e que Jung chamava de *arquétipos* não estão nem no psiquismo, nem na matéria, mas subjacentes a ambos, num *campo neutro*, como definiu Pauli. Como esses fatores neutros moldariam tanto a psique quanto a matéria, seria possível formular a função desses princípios numa linguagem neutra, que poderia ser chamada de *linguagem da natureza*. Pauli liga essa ideia de uma linguagem neutra à linguagem simbólica dos alquimistas, já que olhava numa direção completamente diferente daquela do círculo de Viena, que pensava ser a lógica o fator unificador: olhava em direção à linguagem ambígua dos alquimistas, uma linguagem que unia conceitos de substâncias materiais e processos com conceitos mentais.

Seria impossível reproduzir aqui, de forma suficiente, a complexidade dos temas examinados por Pauli e discutidos com Jung. Pauli não assimilou exatamente, de forma absoluta, as ideias de Jung, sendo evidente, nas cartas trocadas entre ambos e também entre Pauli e outros interlocutores, o viés crítico que muitas vezes assumia (Pauli era considerado por seus pares um crítico e analista feroz). Entretanto, fica evidente que considerava as ideias de Jung não só uma contribuição importante para o entendimento da psicologia humana, nos seus aspectos profundos, mas também um elemento importante para uma ciência então embrionária: aquela que a linguagem da natureza revelava.

Se mencionei, no início do capítulo (*A objetivação da subjetividade*), o viés reichiano que muda o *status* do psiquismo ao encontrar nele possibilidades de objetivação que incluem a mensuração de reações elétricas, medidas em *Mv*, acompanhando reações emocionais e sensoriais, e também a partir disso – e outras investigações reichianas – um modelo cuja definição de *mental* é a faceta necessariamente complementar do somático<sup>9</sup>, por último encontramos em Jung e, sobretudo, em Pauli a postulação de uma dimensão das coisas em que não só está formulada a ideia de complementariedade, mas igualmente a noção de que as formas de introspecção e produções ideativas podem ser consideradas vias de acesso a algo mais que a individualidade de quem possui essa subjetividade. Se, no primeiro caso, a estruturação da situação experimental se assemelha exatamente a de uma clássica experimentação científica; no segundo caso, o que é positivado como meio de acesso é único, individual, mas, ao mesmo tempo, é tomado como deslindando elementos transpessoais, no sentido de psiquê, e encaminhando ao território da física, e não ao do psiquismo.

No próximo capítulo, examinarei teses reichianas e elementos do desenvolvimento dos seus trabalhos que deram ensejo à formulação da tese de que é não só possível, mas necessário, por meio de suas ideias, a existência de uma comunicação entre as ciências ditas humanas e as naturais, como também, mais à frente ainda, trabalharei semelhanças essenciais entre certas formulações ontológicas e epistemológicas nos pensamentos de Pauli e Reich. Faço um fechamento deste capítulo com uma citação reichiana que facilmente lembra a postura de Pauli sobre a complementariedade que mantém, ao mesmo tempo, a identidade das ciências e disciplinas:

Todas as fronteiras entre ciência e religião, ciência e arte, objetivo e subjetivo, quantidade e qualidade, física e psicologia, astronomia e religião, Deus e Éter, estão sendo irrevogavelmente rompidas, sendo substituídas por uma concepção de unidade básica, um PFC de toda natureza, que se ramifica por todos os tipos de experiência humana. Isso não significa que as distinções tenham cessado inteiramente de existir. Ao contrário, à luz da identidade funcional entre homem e animal, anseio orgástico e anseio cósmico, Éter e Deus, etc., as diferenças específicas emergem de forma muito mais aguda, e para o bem da capacidade racional de discriminar. (REICH, 1947-1951, p. 422-423).

“[...] as diferenças específicas emergem de forma muito mais aguda, e para o bem da capacidade racional de discriminar[...]”. Este não é um projeto que almeja abandonar a racionalidade, mas sim fortalecê-la.

---

<sup>9</sup> Isto considera apenas o universo do orgânico e da vida mental, mas, posteriormente, Reich postula uma dimensão das coisas que engloba também o universo do inorgânico, “cósmico”.

### 3 REICH E A ORGONOMIA<sup>10</sup>

Descoberta por Reich entre 1936 e 1940, *orgone* é a energia cósmica primordial, universalmente presente e visual e termicamente demonstrável por meio de um eletroscópio e de um contador Geiger-Muller. No organismo vivo, é a energia biológica. Já *Orgonomia* é a ciência natural da energia orgone.

A teoria reichiana é, muitas vezes, desconcertante e impactante, mesmo para os que com ela estão familiarizados. Demanda, dos que procuram se aprofundar, tanto o conhecimento em áreas diferentes – como Psicologia Profunda, Epistemologia, Física e Biologia –, quanto o abandono, muitas vezes, do senso comum, do *politicamente correto* e da segurança dos modelos aceitos e conhecidos. Essas exigências, por sua vez, têm levado a reações padronizadas, de alguns tipos, entre aqueles que se aproximam do pensamento reichiano: 1- Afastamento radical e desinteresse pelo *período orgonômico*, visto como complicado, equivocado e frequentemente associado à afirmação de loucura e psicose em Reich. 2- Rejeição em nome de um *cientificismo* e tendência à normatização que estariam presentes no pensamento reichiano. 3- Aceitação acrítica, ideologizada. 4- Aceitação parcial de alguns parâmetros, como a perspectiva sistêmica ou holística, a posição libertária e a atenção às questões mente-corpo, mas tendendo a reduzi-los a teorias científicas e academicamente plausíveis e a eliminar a problemática da especificidade da energia orgone. Uma análise inicial dessa problemática e do *esvaziamento conceitual* encontrado em textos de autores identificados com a teoria reichiana se encontra em outro trabalho (MALUF JR., 1999).

Nesse viés, a única maneira de examinar a fundo o pensamento reichiano implica não tangenciar nenhuma de suas questões, nenhum de seus componentes como teoria complexa e organizada, e manter, dentro do possível, uma atitude positivamente cética, porém sem recorrer a soluções fáceis, tais como rejeitar algumas explicações e postulações reichianas por considerá-las absurdas. Manter essa atitude, por sua vez, também quer dizer fazer o mesmo com relação às explicações advindas das teorias academicamente aceitas, aquelas que a formação intelectual e profissional ensinou a considerar como verdadeiras e inquestionáveis. Mais à frente, neste texto, haverá a oportunidade de examinar, na história do conhecimento científico recente, como alguns dos fenômenos examinados por Reich, cuja existência é

---

<sup>10</sup> Este capítulo, em sua quase totalidade, já foi publicado anteriormente como capítulo do livro *Jung e Reich - articulando conceitos e práticas*, organizado por Albertini e Freitas. Por sua forma sintética, a apresentação da evolução dos trabalhos reichianos, neste texto, também já foi utilizada na dissertação de Mestrado.

fundamental no desenvolvimento de suas pesquisas e de suas conclusões, mereceram não só atenção geral, como tiveram aceitação maciça na época.

A citação, ao final do capítulo anterior, mais as duas definições de glossário oferecem uma ideia da estranheza e do inusitado que envolvem a obra reichiana: uma postulação energética, uma dimensão sistêmica e global atuante, uma lógica antitética complementar presente, uma possibilidade de matematização e geometrização do existente, do vital, do atual, do virtual e do a-histórico, enfim, um método de pensamento e pesquisa que tem se mostrado útil tanto na clínica psicológica quanto no entendimento dos mais diferentes fenômenos do mundo. Ao longo deste trabalho, apresentarei os elementos essenciais do pensamento reichiano sempre mais preocupado em produzir entendimento, compreensão, do que listar detalhadamente os fatos, os experimentos e as observações que geraram tais postulações. A razão para isso é simples: seria impossível apresentar, de forma suficiente, no espaço da tese, a intrincada rede de eventos de todos os tipos que deram ensejo às conclusões reichianas. No máximo, seria possível fazer uma listagem, não obstante sem a possibilidade de elaboração.

Que teoria e técnica são interdependentes é mais que sabido. No entanto, a permanência excessiva num dado referencial e o hábito de pensamento também podem levar à cegueira intelectual e à impossibilidade de novos entendimentos e explicações eventualmente mais satisfatórios e efetivos. Entretanto, de modo fortuito, o novo, o desconhecido, é encontrado não somente no que vem à frente, mas no exame diferenciado do já existente e descartado ou pouco considerado. A apresentação que farei da Orgonomia tem uma perspectiva não revisionista ou atualizadora. Trata-se simplesmente de uma renovação de seus aspectos e de suas propostas tão pouco conhecidos, tão pouco examinados.

### 3.1 O EIXO ENERGÉTICO: DA PSICANÁLISE À ORGONOMIA

Ela (libido) permite medir os processos e as transformações no domínio da excitação sexual... A sua produção, o seu aumento e sua diminuição, a sua repartição e o seu deslocamento deveriam fornecer-nos meios de explicar os fenômenos psicosexuais. (FREUD, 1905, p. 1.221)

Quando Reich, ainda psicanalista, coloca em questão se o objetivo primeiro da análise deveria ser o *interpretar, tornar consciente*, ou o modificar a estrutura libidinal, apontando uma incompatibilidade entre o fator tópico e o econômico, um parâmetro mais complexo e organizado é apresentado. Esse parâmetro não se define, de modo particular, pela consideração do viés econômico, mas sim pela produção de uma sistematização mais coerente

e organizada da metapsicologia freudiana. Essa maior coerência pode ser exemplificada pela diferença de posturas diante de uma situação clínica. Na condição freudiana, o emergente era analisado assim que apresentado, exigindo-se que somente as resistências fossem examinadas e que se esperasse que o material estivesse próximo o suficiente da consciência para ser apontado. Na análise do caráter, havia não só a postulação da existência das defesas de caráter, como também a noção da concatenação das forças ou dos elementos defensivos. Nela, era possível visualizar a organização das defesas, como uma análise de estratos geológicos, não num sentido de apenas reprodução da linha do tempo, mas da forma como a catexia dos elementos formava um todo organizado. Podia-se transitar de um elemento a outro e distinguir o lugar ocupado na hierarquia das funções; podia-se imaginar o tipo específico de relação que um impulso recalcado tinha com outro e, ao mesmo tempo, manter uma perspectiva global, inclusive e principalmente, do como esse aspecto global dos arranjos caracteriais manifestava a principal função defensiva, justamente a potência defensiva surgida da própria concatenação dos traços caracteriais. Não por acaso, é desse viés que surge a noção de *falta de contato vegetativo* ou *contato substituto* que dará origem ao exame das correntes vegetativas e a seu papel no surgimento da ansiedade orgástica, ao somático como contraponto do psíquico, formando uma unidade complementar.<sup>11</sup>

Por mais comentado que tenha sido esse momento na obra reichiana, nunca é demais sublinhar o que está implícito e subjacente nesses acontecimentos e nessas observações: a existência não só de uma funcionalidade sistêmica organizada, como também hierarquizada em *planos* ou territórios diferentes. Há uma *horizontalidade*, assim como uma *verticalidade* das funções envolvidas, usando-se um referencial cartográfico. Pode-se examinar a relação de um impulso com outro ou com um conjunto de outros impulsos, mas se pode ainda verificar como e se a existência de uma dada atividade motora inibida – em função das sensações e excitações corporais que acompanham a dada atividade – opera em conjunto a uma evitação de uma experiência psíquica que, por qualquer razão, precisa ser rejeitada. Se aprendemos com Freud que, na dimensão inconsciente, o tempo não é necessariamente linear e que a *identidade* dos objetos não é garantida (uma imagem ou uma representação podem condensar muitas outras imagens), nesse momento, com Reich, começamos a conhecer uma estratificação de múltiplos níveis e planos, atravessando o psiquismo e o fisiológico.

---

<sup>11</sup> Esse parágrafo contém descrições teóricas que fogem ao alcance do leitor não especializado em Psicanálise, mas o entendimento não é imprescindível para os objetivos desta tese. O motivo de mencioná-las foi o de oferecer uma ideia da profundidade e da estruturação sólida do pensamento reichiano, que é, enfim, o apoio maior deste trabalho.

Múltiplos, mas não caóticos (no sentido popular), nem impossíveis de apreender. Se fizer sentido afirmar que *inconsciente* sintetiza a descoberta freudiana (LAPLANCE; PONTALIS, 1970, ), a referida palavra está longe de definir exclusivamente uma determinada instância ou um determinado estado mental, imbricando-se a outros conceitos, em especial ao de pulsão. Foi a atenção constante ao fator energético, *libidinal*, a tentativa de definir se se tratava apenas de um construto, de uma figura de linguagem, ou se tinha, de alguma forma, existência física, o que levou Reich a desenvolver experimentos e raciocínios no sentido de esclarecer melhor essa questão.

### 3.1.1 Física e Biologia do orgone: histórico resumido

As reações neurovegetativas encontradas na clínica, a partir da utilização da técnica de análise do caráter, e o relato de pacientes sobre a existência de uma sensação como de *correntes*, antecipando ou acompanhando as experiências emocionais e levando posteriormente ao reflexo orgástico, convenceram Reich a pensar na existência de uma *bioeletricidade* e a tentar detectá-la e mensurá-la. Desse modo, apresento agora, de forma esquemática, a realização da experiência e, em continuidade, os desenvolvimentos gerados:

- Um experimento bioelétrico – que mede em milivolts e registra num oscilógrafo a reação fisiológica a determinados estímulos e a sua percepção – define duas direções básicas das excitações corporais que acompanham a vivência das três emoções básicas: prazer, medo e raiva (centro-periferia, no caso do prazer e da raiva, e periferia-centro, no caso do medo). Somente a experiência de prazer é acompanhada do registro, no oscilógrafo, de uma elevação da linha no gráfico. Uma dinâmica pulsatória, expansão-contracção, é formulada.
- Desse conjunto de observações sobre as características fisiológicas da vida emocional, Reich abstrai uma fórmula em quatro tempos: tensão, carga, descarga, relaxamento. Influenciado pelas ideias de Hartmann (indicado para Nobel de Química de 1931) sobre modificação do metabolismo respiratório celular e câncer, Reich visualiza uma possível *fórmula da vida* e, num experimento simples, em que pretendia explorar a barreira entre o vivo e o não vivo, utiliza, a princípio, pequenas quantidades de material orgânico (como grama seca, por exemplo), esteriliza a amostra com altas temperaturas e, depois, deixa-a em um recipiente com água esterilizada. Com o passar dos dias, pelo microscópio, nota que pequenas vesículas se formavam às margens do material e, depois, destacavam-se e se exibiam em movimento autônomo orgânico, movimento este

que lembra o conhecido movimento *browniano*<sup>12</sup>. Se postas num meio nutritivo, essas vesículas tendiam algumas vezes a agrupar-se e, em torno delas, desenvolvia-se uma membrana, o que caracterizava um organismo unicelular. Tempos depois, e mais surpreendente ainda, Reich consegue os mesmos resultados repetidamente, utilizando, dessa vez, material inorgânico, como areia do mar. Reich chama essas vesículas de *bions*.

- Reich desenvolve conjuntivite em um olho e, como passa a utilizar o outro ao microscópio, o mesmo acontece. Já que seu laboratório fica num porão com pouca luz natural, Reich começa a perceber uma espécie de luminosidade pairando por sobre as inúmeras *culturas de bions*, como mais tarde veio a denominar. Assustado e lembrando do casal Curie, afasta-se de tudo e consulta físicos e químicos sobre essa espécie de radiação, entretanto ninguém o leva a sério, apesar de, mesmo sendo inverno, ter o corpo todo bronzeado aparentemente pela exposição à referida radiação. Decidido a correr riscos, retorna a seus experimentos, e o faz da maneira que lhe é característica: atua em várias frentes ao mesmo tempo.

- Examina amostras de tecido cancerígeno ao microscópio e nota o mesmo processo de desagregação de vesículas. Hemácias de pessoas saudáveis demoram muito mais tempo a se desorganizar, e os bions têm estrutura mais regular, margens definidas e um campo denso. Organiza um laboratório de Biologia, injeta preparados de bions em ratos com tumores e encontra resultados surpreendentes: muitas vezes, os tumores desaparecem rapidamente e, ao mesmo tempo, com frequência, os animais morrem. Uma autópsia revela a causa: choque renal, rins obstruídos pela tremenda quantidade de material resultante da destruição dos tumores. Ao mesmo tempo, tentando isolar e conhecer os fenômenos luminosos que o intrigaram, coloca tubos de ensaio (com culturas de bions) dentro de uma caixa Faraday e, quando estes aparecem, utiliza uma lente de aumento. Ao encontrar a ampliação, confirma que o fenômeno é objetivo.

- Forra todo o interior e o teto do laboratório com chapas de ferro galvanizado e passa longas horas em processo de observação: depois que os olhos se acostumam à escuridão, vê pontos luminosos em movimento, pequenos lampejos e formações azul-acinzentadas flutuando, como nuvens. Esses fenômenos variam em intensidade, a depender do clima,

---

<sup>12</sup> Robert Brown – que observou pelo microscópio o movimento de partículas que recebeu seu nome, movimento este definido por Einstein, em momento posterior, como aleatório e mecânico –, na verdade é autor de dois textos: no primeiro, deixa implícita a ideia de que esse movimento é gerado intrinsecamente pelas partículas; no segundo texto, posteriormente, “corrige-se”, temendo, ao que parece, a reação da comunidade científica.

da hora do dia e da umidade relativa do ar.

- Um dia, um eletroscópio registra uma forte carga, quando Reich pega novas luvas e o roça, sem querer. Intrigado, entende que as luvas tocavam um tubo de ensaio com bions preparados a partir de areia do mar. Outros materiais orgânicos, como celulose, deixados ao sol, também podem fazer o eletroscópio registrar cargas significativas.
- Convencido da existência de uma forma desconhecida de energia, e a partir de outras observações com o uso de materiais orgânicos e inorgânicos, constrói um aparato basicamente a partir do emprego de madeira e ferro, em camadas e sem nenhuma fonte outra de energia. Os comentários a seguir explicam algumas das observações que o fazem chamar esse aparato de *acumulador orgonótico*. Comparado a um controle, o acumulador apresenta sempre uma variação positiva de temperatura: eletroscópios descarregam mais lentamente dentro dele em dias de sol e mais rapidamente (que o controle) em dias nublados ou de chuva. Depois de estabelecido esse padrão, é possível registrar mudanças de condições climáticas em dois ou três dias de antecedência<sup>13</sup>, pois, mesmo em dias de sol, quando o eletroscópio descarregava rapidamente, o higrômetro, um ou dois dias depois, registrava um aumento da umidade relativa. Dentro dele, voluntários comentavam sensações leves de calor e correntes e a pele ficava rosada, com peristaltismo forte e audível. Aumento de temperatura corporal podia ser registrado depois de meia hora mais ou menos de uso, assim como alterações da pressão e batimentos cardíacos. Estudos controle e duplo-cego confirmaram isso. Assim, Reich constrói pequenos acumuladores e os emprega nos animais de laboratório com tumores, com resultados melhores que os obtidos com as injeções de bions. Dessa forma, o acumulador também começa a ser empregado com humanos.
- Já no Maine, onde tinha se estabelecido juntamente com laboratório e assistentes, desenvolve um outro aparato a partir dos princípios do acumulador e das noções sobre o potencial orgonótico. Com ele, realiza experiências de controle atmosférico.
- A partir da perspectiva energética, da noção da identidade entre funções naturais e funções energéticas, e do emprego inicial da dialética dos pares excludentes e complementares, desenvolve a formalização do método do *funcionalismo orgonômico*, um método de investigação e pesquisa complementar ao método científico, em que, entre outros elementos, *as sensações de órgão* do pesquisador são instrumentos de investigação.

---

<sup>13</sup> O campo orgonótico, de natureza energética, determina as condições atmosféricas locais.

- Descobre, na energia orgone, uma força motora (capacidade de produzir trabalho) passível de operacionalização. Em função da *Guerra Fria* e partindo da hipótese de que a energia orgone poderia anular os efeitos na energia nuclear, desenvolve o experimento que será posteriormente conhecido como *Oranur*.
- Desenvolve a orgonometria, uma matematização das funções orgonóticas, e a hipótese da *superposição cósmica*, princípio de atração de duas correntes orgonóticas livres de massa, que estaria na base da formação de furacões e galáxias. Como derivação das observações das dramáticas reações atmosféricas que acompanharam o experimento *Oranur*, observa a existência do *DOR* (*deadly orgone energy*) e suas manifestações tanto na atmosfera quanto nos organismos vivos. Começa a utilizar o *cloud-buster* para retirá-la da atmosfera e, assim, aliviar os efeitos nocivos por ela provocados, desde doenças até a formação de desertos. Posteriormente, desenvolve um aparato derivado do acumulador orgônico para retirar energia *DOR* de organismos adoecidos.

### 3.1.1 Energia vital e biogênese

Acompanhando esse pequeno histórico, sublinharei dois momentos em particular, quando um *salto* conceitual (no sentido de ultrapassar os parâmetros do próprio campo situacional) leva Reich a um modo expansivo, uma ocupação de territórios que passam a se mostrar permeáveis à nova configuração. O *primeiro momento* se localiza na observação do surgimento das correntes vegetativas e do reflexo orgástico. Aqui, a Psicologia e a Fisiologia se entrelaçam e produzem, dessa forma, um sentido válido para ambas na esfera da vida emocional. O *segundo momento* se apresenta quando Reich, ao criar a fórmula em quatro tempos, elabora um experimento sobre a biogênese ou a origem da vida. Esse segundo momento decorre do primeiro e passa a ter consequências muito mais abrangentes para o pensamento reichiano, levando à formulação, em ocasião posterior, da energia orgone.

A existência de uma *energia vital* e de teorias sobre biogênese (surgimento autônomo de organismos vivos) pode parecer, à primeira vista, elemento de ficção, mas já esteve no centro das atenções de pesquisadores e cientistas nos séculos XVIII e XIX. Mesmer, associado ao *magnetismo animal*, é o nome mais conhecido, porém a listagem inclui ainda Pasteur e uma conhecida polêmica com Pouchet e Bastian sobre a origem espontânea da vida, polêmica essa que teve Pasteur como vencedor, mas que está, na verdade, longe de ser inquestionável, como apresentarei mais à frente. O leitor verá, depois de acompanhar a exposição, que as pesquisas reichianas nesse campo não são apenas excentricidades. Uma apresentação detalhada sobre Mesmer e Reichenbach já foi feita em outro momento (MALUF

JR., 2006) e, por essa razão, cuidarei com mais detalhes das questões que envolvem historicamente a biogênese e as polêmicas em torno disso.

Mesmer é mais conhecido pelo *mesmerismo*, que daria origem depois ao hipnotismo, uma condição em que a consciência fica alterada e extremamente susceptível. Embora essa alteração e a dessensibilização sejam componentes importantes da condição hipnótica, foi a existência da sensibilização, aproveitada para a realização de cirurgias, quando ainda não existiam anestésicos, que deu origem à falsa noção de que *mesmerismo* é hipnose. O exame dos trabalhos de Mesmer aponta para a existência de convulsões corporais como elementos centrais das *crises* experimentadas pelos doentes no processo de obtenção de cura. As descrições feitas por pacientes e médicos que utilizavam o *mesmerismo*, não por acaso, lembram de imediato as descrições da ansiedade pré-orgástica e do reflexo orgástico relatadas por Reich. Essas crises eram induzidas, no início, pela utilização de magnetos, contudo, posteriormente, Mesmer se convenceu de que *passes* dados com as mãos surtiam melhor efeito na transmissão e na manipulação do *magnetismo animal*.

Um relato de um dos seus pacientes contém uma descrição bastante detalhada.

Depois de quatro anos de tratamentos inúteis, e do atendimento de médicos eminentes, entre os quais vários membros da Sociedade Real de Medicina de Paris, que me conhecem pessoalmente a ao meu caso, como último recurso eu aceitei a proposta do Dr. Mesmer de tentar os procedimentos de um método desconhecido. Quando cheguei a seu estabelecimento, minha cabeça tremia constantemente, minha nuca curvada, meus olhos saltavam das órbitas e muito inflamados, minha língua paralisada e era com um gigantesco esforço que eu conseguia falar. Um esgar involuntário distorcia todo o tempo a minha boca, minha face e nariz estavam túrgidos e vermelhos, a respiração extremamente difícil, e eu sofria de uma dor constante nas costas. Todo o meu corpo tremia, e eu mancava quando andava. Resumindo, minha postura era mais parecida com a de um bêbado idoso do que com a de um homem de 40 anos.

Eu nada sei dos meios utilizados pelo Dr. Mesmer; mas o que eu posso dizer é que, sem usar nenhum tipo de drogas, ou outro remédio que não o “magnetismo animal”, como ele o chama, ele me fez sentir as mais extraordinárias sensações, da cabeça aos pés. Eu passei por uma crise caracterizada por um frio tão intenso que me parecia que gelo estava saindo dos meus membros. Isso foi seguido por um grande calor, e um suor muito fétido, e tão abundante às vezes que até o meu colchão se encontrava frequentemente molhado.

Estas crises duraram cerca de um mês. Desde então eu tenho me recuperado e agora, passados 4 meses, eu me encontro ereto e leve. Minha cabeça está firme e erguida, minha língua se move perfeitamente, e falo tão bem quanto qualquer um. Minhas faces e nariz estão naturais, minha cor anuncia a minha idade e boa saúde, minha respiração está livre, meu tórax expandido e não sinto mais dor alguma. Braços e pernas vigorosos. Eu ando rapidamente, sem ter que tomar cuidado e despreocupadamente. Minha digestão e apetites são excelentes. Numa palavra: estou livre de todas as enfermidades. Major Charles de Hussey. (EDEN, 1974, p. 13)

Mesmer era doutor em filosofia e direito, antes de se voltar para a medicina. Tendo vivido um período de enorme sucesso, na França, teve ao final de se retirar de cena, quando uma comissão real, autorizada por Luís XVI, afirmou que seus resultados eram devidos à

imaginação dos pacientes e que o magnetismo animal não existia. Um dos membros da tal comissão, Benjamin Franklin, estava acamado e sequer esteve presente nos procedimentos investigatórios. E muito importante: a conclusão dessa comissão também deixa de lado o fato de que o *mesmerismo* era empregado com sucesso no tratamento de animais e crianças em idade pré-verbal. Publicado de abril de 1843 até dezembro de 1855, *The Zoist: A Journal of Cerebral Physiology and Mesmerism and their Application to Human Welfare* apresentava estudos de caso de médicos praticantes de mesmerismo ao longo do mundo.

O Barão Von Reichenbach, químico e rico industrial, que, em 1839, vendeu todas as suas indústrias para se dedicar exclusivamente à pesquisa científica, intrigado pelas narrativas sobre Mesmer e sem dar atenção aos críticos que atribuíam aos charlatões e aos lunáticos interesses desse tipo, retomou o caminho trilhado. Como Mesmer, observou a existência de sonambulismo e crises convulsivas, arrepios e sensações de *corrente* quando aplica nos pacientes um magneto. Suas pesquisas o levam a observar a luz que emana dos polos desses magnetos que, *sensitivos*, percebiam com muito mais acuidade. Trabalha também com cristais e define o *od*, uma forma de energia diferente do magnetismo animal, embora a ele associado, pois seria transmitido pelos cristais somente a substâncias orgânicas. Curiosamente, ao tentar objetivar o *od* que estaria emanando de cristais, utiliza, com a caixa *Faraday* e com os fenômenos luminosos do orgone, o mesmo procedimento de Reich: uma lente de aumento.

Embora tendo escrito várias obras e conseguido até mesmo publicar um artigo no *Annalen der Physik* (até hoje uma conceituada publicação em Física), Reichenbach, em 1861, permanece como apenas um registro de uma esquisitice na história da Física.

### 3.2 BASTIAN, POUCHET E REICH: BIOGÊNESE E ABIOTOGÊNESE

A geração espontânea ou a questão da possibilidade de a vida se originar de elementos não vivos foi a razão de uma longa e polêmica disputa nos primórdios da microbiologia. A ideia da geração espontânea começa a perder força com Redi, que mostrou que moscas surgem de ovos de moscas, e não de carne apodrecida. Sua postura experimental veio a marcar os trabalhos de Pasteur, Huxley e outros. No entanto, não descreverei os estudos de Spallanzani e o conflito com Buffon e Needham, já que centrarei, como dito antes, a atenção em Bastian e Pouchet, que revivem esse conflito um século depois (séc. XIX), defendendo a possibilidade da geração espontânea.

Uma referência sempre encontrada nos livros diz respeito à forma arguta como Pasteur teria imaginado o uso dos frascos com *pescoço de ganso*, para demonstrar como, em substâncias suficientemente aquecidas e sem contato direto com ar, não se desenvolveriam

microrganismos, provando, assim, a falsidade da hipótese da geração espontânea. Pasteur postulava que germes deveriam ser a fonte de crescimento de microrganismos em soluções previamente fervidas e viriam pelo ar ou, no caso dos experimentos de Pouchet, por contaminação devido a um mau controle experimental. Todavia, o próprio Pasteur, em segredo, fazia experiências visando à geração espontânea e, como mostram Farley e Geison, nunca replicou os experimentos de Pouchet com infusões de feno, em que esporos do *Bacillus subtilis* são encontrados resistentes ao calor. “Se Pasteur tivesse testado essas infusões com seu *frasco pescoço de ganso*, Farley e Geison apontaram 20 anos atrás, o debate poderia ter terminado de forma bem diferente” (STRICK, 1997).

Pouchet era naturalista, diretor do museu de história natural de Rouen e membro correspondente da Academia de Ciências em Paris. Em 1859, lançou o livro *Heterogênese, ou tratado sobre a geração espontânea*. Além disso, insistia que sua postulação da geração espontânea nada tinha a ver com uma posição ateuísta, mas, ao contrário, que estaria em perfeito acordo com as crenças religiosas. Para ele, “[...] o aparecimento da vida era uma verdadeira geração espontânea, agindo por inspiração divina” (GLEISON, p. 136). Entretanto, não negava que outras gerações espontâneas tivessem ocorrido e ocorressem, sendo este, segundo ele, parte do projeto divino. Em 1858, enviou à Academia um artigo em que descrevia as provas experimentais da geração espontânea e, no caso, o processo de aparecimento de microrganismos em uma infusão de feno mergulhada em mercúrio após exposição ao oxigênio ou ao ar artificialmente produzido. Pasteur repetidamente o criticou, porque Pouchet *acreditava* na geração espontânea, e apontou ainda que, no experimento, ele não teria retirado as partículas de poeira presentes na superfície do mercúrio, que levaria os germes para o interior dos frascos.

Em 1863, Pouchet vai aos Alpes franceses e, lá, na geleira de Montanvert, repete seus experimentos com infusão de feno, porém, dessa vez, *sem* o uso do mercúrio, alcançando os mesmos resultados anteriores. Pasteur se assinalou de novo: nunca falseou esses experimentos diretamente, mesmo na presença benevolente dos membros da academia, visto que se limitou a repetir seus próprios experimentos com infusões de levedo, embora tenha admitido que quase nunca tivera sucesso na tentativa de impedir o surgimento de micróbios nas infusões com mercúrio (menos de 10% das vezes)

Ao invés de extrair a conclusão aparentemente óbvia de que esta vida microbiana havia surgido de forma espontânea, Pasteur recusou-se a aceitar este resultado experimental em seu significado aparente e fez uma pressão incansável na busca de uma explicação alternativa... Ele escreveu: Não divulguei estes experimentos por que as consequências era preciso extrair deles eram graves demais para que eu não suspeitasse de alguma causa oculta de erro, apesar dos cuidados que havia tomado

(GLEISON, 2002, p. 154).

Como mostra Gleison, Pasteur definiu como *mal sucedidos* todos os experimentos, inclusive os dele, em que houve um misterioso surgimento de vida, e como *bem sucedidos* os de resultado diverso.

### 3.2.1 Huxley, Bastian e Pasteur: o debate britânico

Huxley, ardoroso defensor do Darwinismo, era um dos membros do *CLUB XX*, um grupo informal de amigos que, começando em 1864, exerceu enorme influência no cenário científico britânico. Os outros membros eram: Tyndall, J.D. Hooker, Herbert Spencer, George Busk, o químico Edward Frankland, entre outros.

Bastian, médico e amigo de Huxley, considerado um dos mais promissores darwinistas, entendia que a teoria da evolução levava inexoravelmente à ideia da geração espontânea. Muitos evolucionistas, aliás, achavam que a teoria da evolução e a geração espontânea eram teorias ligadas entre si, mas, durante quase um século, até os trabalhos de Farley, pensava-se que nenhum evolucionista mais sério postulasse essa ligação.<sup>14</sup>

Em 1868, Huxley anunciou a descoberta de uma substância gelatinosa, encontrada em frascos com sedimentos retirados do fundo do oceano ali mantidos por dez anos. Huxley tomou essa substância como sendo protoplasma e deu a ela o nome de *Bathybius Haeckelii*, em homenagem a Haeckel, que recentemente cunhara o termo *monera*. Haeckel, sem demora, postulou que toda vida surgira, por geração espontânea, no fundo do mar. Embora Huxley, de forma controversa, alegasse que negava o materialismo, era impressão do público que este apoiava a geração espontânea. Mais tarde, essa descoberta se mostrou enganosa.

Em uma série de artigos anônimos publicados no *British Journal of Medicine*, Bastian defende, com retórica brilhante, a geração espontânea, baseado nos trabalhos de Huxley e Tyndall, juntamente com o princípio de causalidade na natureza. Para ele, os processos naturais cruzavam as barreiras entre vivo e não vivo, assim como era com a eletricidade, o magnetismo e o calor.

No *Weekly Scientific Opinion*, de 28 de abril de 1869, encontra-se:

Nos parece estranho que muitos dentre os que rejeitam fortemente a geração espontânea sejam ao mesmo tempo defensores da lei da seleção natural, e, realmente, dos princípios gerais da seleção natural... a priori, pelo menos, não entendemos como discípulos de Darwin possam rejeitar a heterogenia. (LAWSON apud STRICK, p. 44).

<sup>14</sup> Ver, por exemplo, a descrição de Bastian em *Adrian Desmond and James Moore, Darwin* (New York: Warner, 1992, p. 594-595).

Bastian, professor de anatomia e patologia, acreditava que as bactérias encontradas nos doentes eram produtos secundários da doença, surgindo por geração espontânea. Fez múltiplos experimentos para demonstrar isso e, em 1875, já havia publicado centenas de experimentos que demonstravam que as bactérias podiam ser encontradas em tubos com infusões de vários tipos, fervidas por diferentes períodos.

Huxley não estava mais em bons termos com Bastian, que se mostrava, então, capaz de se posicionar de forma autônoma com relação ao antigo amigo. Nesses termos, Huxley e Tydall alegam que os resultados encontrados se deveriam ao fato de, segundo eles, Bastian não ser um bom técnico na condução dos experimentos, não fosse o caso de fraude e enganação. Huxley, politicamente hábil, num comunicado à *British Association*, em 1870, renomeia os termos, definindo *biogênese* como significando vida que vem de outra vida e, assim, usando *abiogênese* como sinônimo de geração espontânea, ao subtrair o termo *biogênese* de Bastian.

Em 1877, Bastian afirmou que era possível encontrar microrganismos surgidos de forma espontânea em urina neutra ou alcalina. E, em resposta a um comentário de Pasteur, o qual colocava em dúvida, como habitual, as habilidades técnicas de Bastian, escreve uma carta à revista *Nature*, dispondo-se a demonstrar o que fora anteriormente afirmado. Pasteur, com isso, escreve à mesma revista uma proposta de encontro na presença de juízes competentes, numa espécie de reedição do debate com Pouchet.

Interessa-me reproduzir aqui, de modo literal, os termos do debate. Para isso, citarei textualmente o conteúdo do livro de Gleison, em que Pasteur, na carta endereçada à revista, fala:

[...] desafio o Dr. Bastian a obter [...] o resultado a que me referi, com a urina estéril, sob a única condição de que a solução de potassa – (Pasteur havia sugerido anteriormente que teria havido contaminação na utilização de uma solução de potassa para torná-la neutra ou alcalina) – empregada por ele seja pura, ou seja, feita com água pura e potassa pura, ambas livres de matéria orgânica (grifo meu). Se o Dr. Bastian quiser usar uma solução de potassa impura, dou-lhe inteira liberdade, com a condição de que esta solução seja elevada a 110 graus por vinte minutos ou 130 graus por 5 minutos. (GLEISON, 2002 p. 153)

Mas Bastian procurou que fosse ele, e não Pasteur, a definir o terreno. Sua proposição foi a de que a comissão se limitasse a verificar:

[...] Se a urina previamente fervida, protegida contra a contaminação, pode ou não ser levada a fermentar e a ficar repleta de alguns organismos, pelo acréscimo de uma certa quantidade de liquor potasse aquecido a 110 graus, por um mínimo de 20 minutos.

A título de registro, agora, note-se que Bastian propõe aquecimento por um *mínimo* de 20 minutos, não menos que isso. Como a comissão nomeada na Academia de Ciências

escolheu dois entre três membros que haviam estado nas comissões de Pouchet, de 1860, Bastian recusou que fosse essa sua composição, pois alegou que nela não havia neutralidade e, por esse motivo, o debate nunca ocorreu de fato.

Como foi exposto, examinar a questão da biogênese não foi uma excentricidade reichiana. Reich conhecia as pesquisas de Pouchet (REICH, 1948/73, p. 10) e, assim como Bastian, sabia que os “[...] processos naturais cruzam as barreiras entre o vivo e o não vivo”.

Nenhuma das escolas de pensamento teve sucesso no lidar com os problemas funcionais dos processos do vivo, nem estas puderam encontrar uma conexão com a física experimental. Os processos vitais emergiam, nessas teorias, como um mistério, um elemento preservado da “divina providência”, escondida em algum lugar no vasto reino das ciências naturais. (REICH, 1979, p. 190).

Vamos rever, a seguir, alguns elementos da lógica reichiana e de sua evolução.

Evocada a condição da genitalidade, Reich sublinha o elemento somático da neurose. Ao colocar em questão se o objetivo da análise seria *tornar consciente o inconsciente* ou modificar a estrutura libidinal do paciente, recoloca o problema do libidinal e do pulsional, demonstra como os fatores tópico e dinâmico dependiam do econômico (energético) e, com isso, lança a estratégia da análise do caráter. Esta, por sua vez, revela o problema do contato (ou da falta de contato vegetativo e das correntes vegetativas) e da identidade funcional entre sensação e excitação. Em seguida, também evidencia a ansiedade pré-orgástica, o reflexo orgástico e sua dimensão unitária globalizante (tomando a totalidade do organismo), a experiência emocional da *entrega* e a dinâmica da contração-expansão na *fórmula em quatro tempos*.

Essa lógica se desenvolve e se modifica a partir dos resultados clínicos e experimentais que ensejam o experimento que resulta nos bions, como mencionado no histórico. Partindo da Psicologia Profunda, passando pelo fisiológico e pelo somático e chegando novamente ao energético, Reich desenvolve não uma perspectiva reducionista, mas sim holística e integradora. Portanto, está presente já aqui a funcionalidade da unidade complementar dos contrários (sensação/excitação corporal, psiquismo/organização somática, caráter/couraça muscular etc); entretanto, ao produzir o experimento que origina o conhecimento dos bions, Reich propõe a extrapolação de regras e funcionamentos essenciais, encontrados num determinado domínio, para o campo de *outros* fenômenos (Biologia). No pensamento complexo, isto seria chamado de *importação de conceitos*. Esse *salto* entre o limite (conceitual) dos fenômenos, podemos adiantar aqui, explicita uma noção primeiramente encontrada em Hegel: “O real é racional, e o racional é real” (SANDLER, 2003, p. 96) ou, como afirma Reich (1979, p. 520), identificar *inconsciente* com irracional não faz sentido, pois a próxima questão seria: de onde vem a mente inconsciente? A vida funciona muito bem

antes do desenvolvimento da razão, e não pode haver dúvidas: funções objetivas, naturais, são basicamente racionais. De novo, há uma simetria essencial entre os fenômenos vivos e não vivos. E mais importante: essa perspectiva globalizante não é reducionista e, além disso, não perde de vista a *identidade* dos fenômenos e das *disciplinas*. Lembrando da citação reichiana no início deste texto: “Isso não significa que as distinções tenham cessado inteiramente de existir. Ao contrário, à luz da identidade funcional entre homem e animal, anseio orgástico e anseio cósmico, Éter e Deus, etc., as diferenças específicas emergem de forma muito mais aguda, e para o bem da capacidade racional de discriminar” (REICH, 1979, p. 520).

A proposição hegeliana, utilizada por Reich<sup>15</sup>, situa a razão num patamar da própria natureza mais profundo que o da Psicologia. Obviamente, os termos *razão* e *racional* não têm o significado estreito de capacidade de abstração segundo regras lógico-formais, tendo mais o sentido de *pensamento* (o pensamento é a realidade objetiva, e esta, é o pensamento), no ideísmo hegeliano<sup>16</sup>. O que se explicita aqui é a noção de comunicação entre os fenômenos, a pertinência comum a todos os objetos, inclusive entre objeto percebido e que percebe, na relação sujeito-objeto.

Por mais estranha que pareça a ideia de organismos vivos surgindo a partir de um procedimento específico com a matéria não viva ou mesmo inorgânica, uma reflexão simples leva facilmente à conclusão de que estranho, justamente, seria pensar o contrário disso. De modo paradoxal, o sucesso de Pasteur, no embate com Pouchet e Bastian, deveu-se ao apoio maciço dado pela igreja católica, interessada em afastar a ideia *materialista e ateia* da biogênese espontânea.

Por um lado, a vida como algo único e misterioso leva a marca do pensamento religioso. É a *alma mundi* que é desmembrada pela separação *res cogitans*, *res extensa*, o corpo relegado a um mero funcionamento maquínico. Por outro lado, é importante salientar aqui que o naturalismo reichiano nada tem a ver com o reducionismo mecanicista, típico das ciências naturais e, atualmente, da biologia molecular. O fenômeno da vida não é reduzido aos seus componentes químico-moleculares. O que está no cerne da abstração reichiana, formulando o experimento com os bions, é uma dinâmica, esta sim permeando diferentes domínios do existente.

---

<sup>15</sup> Em um primeiro momento, tanto Engels como Hegel forneceram as bases da dialética utilizada por Reich e, em momento ulterior, desenvolvida no pensamento funcional. Tanto o materialismo dialético quanto o ideísmo foram substituídos pelo energeticismo reichiano.

<sup>16</sup> Singer propõe que o melhor termo seria ideísmo, ao invés de idealismo, para definir a posição filosófica de Hegel (SINGER, 2003, p. 95).

A atualização do problema da biogênese, feita por Reich, já seria suficientemente polêmica, mas os preparados nos tubos de ensaio dão ensejo também a uma forma de radiação. Essa radiação se apresenta no halo azulado em torno dos bens (e hemácias) vistos pelo microscópio e, posteriormente, apresenta-se também nos fenômenos luminosos que vão levar Reich a utilizar uma caixa *Faraday* na tentativa de isolar e controlar esses fenômenos. Bions em aglutinação exibem a capacidade de paralisar *bacilos T*<sup>17</sup>. Então, tal radiação levará Reich a entender o bion como a primeira transição do não vivo para o domínio do orgânico:

O confinamento de uma quantidade de energia orgone cósmica através e dentro de uma membrana, foi a primeira diferenciação clara entre a vida e a não vida, ou organísmica da energia orgone não viva [...] em algum lugar da evolução biológica, essa energia desenvolveu a capacidade de perceber seu próprio fluxo, excitação, expansão no prazer, e contração na ansiedade. (REICH, 1973, p. 291)

O que é feito aqui não é mera especulação. Os experimentos reichianos foram elaborados rigorosamente dentro dos protocolos científicos, publicados e tornados acessíveis. Reich era um experimentador cuidadoso, muitas vezes aguardando anos e inúmeras repetições, antes de publicar seus resultados. Do ponto de vista analítico, toda sua obra, ao longo do seu desenvolvimento, demonstra lógica e coerência interna. O aparente paradoxo de um psicanalista se dispor a fazer experimentos em laboratório colocou o pensamento reichiano na condição ímpar de ser criticado pelos adeptos das ciências humanas, pelo seu *cientificismo* (um pecado mortal), e pelos filiados às ciências naturais, pela sua *ausência de treino científico adequado*, mesmo sendo médico de formação, como dito antes, e tendo publicado protocolos científicos passíveis de verificação. O fato é que os resultados obtidos por Reich acabam por receber menos atenção.

A história do desenvolvimento da metodologia científica faz confundir, muitas vezes, a necessidade de objetivação e mensuração (nesse método) com *frieza*, *sobriedade* e ausência do inesperado. Este não é o lugar para o aprofundamento desse tema, mas uma contextualização é necessária: a metáfora cartesiana do *corpo-máquina*, aplicada ao exame do corporal e do mundo material, espalhou-se pelo pensamento científico, dando-lhe sua principal característica. A imagem do cientista de jaleco branco, num ambiente asséptico e com feições inexpressivas, tornou-se caricatural. É compreensível que, na longa história da tentativa de diferenciar o conhecimento *falso* do *verdadeiro*, no pensamento ocidental, exista um importante período em que a racionalidade seja sinônimo de mensuração, objetivação e análise necessárias para se abordar a dimensão mecânica do mundo e das coisas e produzir

---

<sup>17</sup> *Bacilos T* são um subproduto da desorganização da matéria, e seu aparecimento em grandes quantidades se relaciona a estados disfuncionais da saúde física.

uma tecnologia. Entretanto, essa metodologia, a científica, é apenas uma maneira particular de *interrogar* a natureza, pois não define o que é ou o que a constitui em sua totalidade. E, no caso dos bions, atitude científica de fato seria examinar os resultados imparcialmente, e não rejeitá-los porque vão contra uma teoria já estabelecida (a microbiologia de Pasteur).

### 3.3 DA BIOLOGIA AO ORGONE

Os experimentos que resultam nos bions não são apenas polêmicos no referente à origem espontânea da vida. A partir deles, Reich pôde fazer algo mais que Pouchet e Bastian, ou seja, hipotizar conexão e desdobramentos do que podia ser observado pelo microscópio. “Nenhuma das escolas de pensamento teve sucesso no lidar com os problemas funcionais dos processos do vivo, nem estas puderam encontrar uma conexão com a física experimental [...]”. Especificarei, agora, como se formulou a conexão entre os processos biológicos e a física.

Naturalmente, durante os trabalhos com a análise do caráter e com a couraça muscular, e ainda, no início das pesquisas com os bions, Reich pensava manipular uma espécie de bioenergia ou bioeletricidade. Pelo microscópio, observa o surgimento dos bions, sua agregação e seu envolvimento por uma membrana, mas também enxerga os *bacilos T*, de *Tod* (morte), em alemão. Como fora levado a pensar o experimento com os bions, imaginando uma analogia entre o surgimento de amebas (num meio de cultura) e o surgimento das células cancerígenas, Reich encontrou maneiras de produzir preparados predominantemente com a cultura de um ou de outro. Por um lado, culturas de *bacilos T*, quando injetados em animais de laboratório, podiam produzir câncer e tumores. Preparados de bions, por outro lado, quando injetados, muitas vezes levavam a um processo de desintegração dos tumores. Durante alguns anos, as pesquisas reichianas com o câncer se deram por meio da produção e da injeção desses preparados.

Mas, como dito antes, *fazer conexões* era uma capacidade deveras presente no modo de pesquisar de Reich, assim como sua postura de observar de forma extenuante um fenômeno, sem descartar *a priori* nenhum elemento nele presente. Foi essa capacidade, por exemplo, que, felizmente, permitiu que os clonismos musculares surgidos durante uma sessão de análise fossem entendidos na sua funcionalidade referente à vida emocional, ao invés de serem interpretados como mero *acting out*.

Ao manipular as culturas de bions, uma espécie de radiação e de fenômenos luminosos já tinha sido observada. Reich utiliza a caixa *Faraday*<sup>18</sup>, mas, ao mesmo tempo em que tem

---

<sup>18</sup> Uma caixa *Faraday* é uma caixa de metal utilizada para isolar e estudar fenômenos eletromagnéticos.

sucesso em diferenciá-los de fenômenos subjetivos (os pontos luminosos em movimento podem ser ampliados por uma lente de aumento), Reich percebe a existência dos mesmos no ambiente à sua volta e, então, entende que está lidando com uma forma de energia que não é especificamente biológica. Baseado na noção de que materiais orgânicos atraem e acumulam esse tipo de energia e de que materiais metálicos a atraem e a repelem, constrói um aparato experimental, mais tarde chamado de *acumulador de orgone*, dada sua propriedade de manter um potencial mais alto dentro dele em comparação com o ambiente.

Esse aparato é utilizado agora nas pesquisas com câncer, com resultados ainda mais satisfatórios. Amostras de sangue retiradas de animais, que foram continuamente colocados dentro desse aparato, mostram um quadro hematológico intrigante, com hemácias rodeadas por um forte campo azulado e resistentes à desorganização molecular por um tempo maior que o de antes. Bions, surgidos da manipulação dessas amostras, mostram também uma maior capacidade de paralisação e morte dos *bacilos T*. A observação do ocorrido na relação dos bions com os bacilos, por sua vez, sugere que os bions atuam retirando carga dos *bacilos T*.

O funcionamento do acumulador também sugere que este mantém um potencial maior que o ambiente de modo espontâneo, quer dizer, sem a utilização de nenhuma fonte externa de energia. A constatação da existência desse potencial maior é verificada de várias formas, como, por exemplo, por intermédio do uso de um eletroscópio e da mensuração da diferença de temperatura dentro e fora do acumulador. Isto aponta para uma dinâmica em que o potencial menor é *atraído* pelo potencial maior até um certo nível de saturação, o que sugere uma entropia com sinal invertido<sup>19</sup>. Contudo, é necessário abordar essa descrição com muito cuidado, sempre, já que a afirmação de que os processos vivos violam a segunda lei da termodinâmica é um argumento frequente no discurso místico-religioso. Até mesmo em textos de Biologia, essa afirmação é encontrada, inobstante longe de ser tão simples. Numa geladeira, por exemplo, encontramos um potencial *diferenciado* entre o ambiente interno e o externo, mas essa diferenciação *local* ocorre à custa de aumento na entropia geral. Um organismo vivo também evidencia o mesmo funcionamento, porém à custa do consumo (aumento de entropia) de alimentos, oxigênio etc. O fato é que, em tese, não é verdadeira que a existência dos organismos vivos seja uma exceção à segunda lei, não dessa forma tão simples.

---

<sup>19</sup> A quantidade de desordem de um sistema é representada pela sua entropia: quanto mais organizado o sistema, menor é a sua entropia. Em um sistema isolado (que não troca energia com o exterior), a entropia nunca decresce, podendo apenas crescer ou permanecer constante.

O inusitado, no caso do acumulador orgônico, é justamente não haver *consumo de energia*, fonte externa que forneça energia para a manutenção da diferença de potencial, com o conseqüente e esperado aumento de entropia geral. O funcionamento do acumulador utiliza somente a justaposição de materiais (orgânico e inorgânico). Reich definiu como *cósmica* a natureza dessa energia, e investigações posteriores levaram a entender que o orgone é uma espécie de *energia primordial*, diferente do magnetismo e do eletromagnetismo, estas, por sua vez, parecem ser formas secundárias de energia, derivadas do orgone cósmico. Ademais, o orgone existe na forma de energia ligada à massa, mas também na forma livre de massa.

O potencial orgonômico encontrado no acumulador deu origem a um outro aparato, o *cloudbuster*, que é, basicamente, uma estrutura de base e hastes metálicas, extensíveis, com um cabo também de metal, que é conectado a um veio d'água. Tendo percebido a relação existente entre os fluidos e a energia orgone, Reich assentava esse aparato num determinado local, as hastes eram estendidas e o aparato era dirigido para esta ou aquela direção, em movimentos suaves ou, então, era deixado apontado para um ponto cardeal específico. Dessa forma, conseguia aumentar ou diminuir o potencial orgonótico num certo espaço atmosférico e, assim, conseguir concentrações de umidade que resultavam em chuva ou, quando era o caso, sua diminuição. A ação era a distância, o orgone atmosférico servindo como meio de transmissão da excitação orgonótica.

Para que se torne compreensível a relação encontrada por Reich entre bíons e *bacilos T*, câncer e energia orgone, é preciso que nos situemos num referencial estrutural e numa dinâmica que atravessa concomitantemente vários campos de fenômenos, o que é um modo de pensar não usual. Embora se possa falar em estruturas simbólicas e sistemas de relações abstratas, quando usamos o termo *estrutura*, naturalmente (e pleonasticamente) pensamos num corpo material, um objeto com limites e fronteiras bem definidos, em que o *próprio* e o *outro* sejam bem delineados. Aqui, trata-se de outro ângulo, o de focar aquilo que é o denominador comum entre diferentes objetos ou campos de fenômenos, em que aquilo que constitui o denominador comum não é uma materialidade ou uma dada quantidade, mas uma função ou uma qualidade que subjaz como *um atributo interno da realidade*.

Esse denominador comum (identidade funcional), existente, por exemplo, na analogia feita entre a formação de uma ameba e a célula cancerosa, pode ser visto, em esquema, como uma espécie de *eixo horizontal* da dinâmica orgonótica, se queremos representá-lo graficamente. Repetindo o que foi dito antes, há também *eixos verticais* representando funções e fenômenos secundários a outras funções e fenômenos mais iniciais e, com isso, modulando uma espécie de hierarquização.

Por que os preparados com bíons e, posteriormente, o acumulador produziam resultados positivos no caso do câncer? Porque o organismo, por intermédio desses procedimentos, tinha seu potencial orgonótico aumentado e trazido de volta a um patamar adequado ao bom andamento das funções vitais<sup>20</sup>. Como dito antes, hemácias recuperavam seu turgor e seu campo orgonótico e, desse modo, eram capazes de resistir mais tempo à desintegração molecular. Há um processo presente que só pode ser entendido em termos estruturais, isto é, há uma dinâmica reguladora da totalidade do organismo sendo afetada, o que, no caso disfuncional da doença, é o fator integração. No câncer, grupos de células agem como se tivessem existência autônoma com respeito ao organismo, reproduzindo-se em ritmo não só acelerado, como também desconectado das outras células do corpo.

Mas, o que é essa integração e o que pode ser essa estrutura que não é algo primariamente derivado, por exemplo, das relações químicas, moleculares, presentes nos objetos vivos e não vivos? Questionamos, agora, o referencial materialista-mecanicista na sua suficiência explicativa. Formas orgânicas não são redutíveis a explicações mecanicistas e reducionistas (ao contrário do que fazem crer muitos textos e reportagens de divulgação científica). A estabilidade de um organismo (sua estrutura) está longe de poder ser suficientemente explicada pela mera derivação do DNA.

[...] Ao contrário do que dá a entender o discurso triunfalista de alguns biólogos, temos que reconhecer que [...] a correspondência entre genótipo e fenótipo é uma pura e simples “caixa preta”, de que conhecemos somente algumas articulações locais. (THOM, 1994, p. 123).

### 3.3.1 Forma e função

O referencial energético do orgone não se resume a um modelo de uma *força* em ação simplesmente. Há uma *Gestalt*, uma *geometria*, que também surge como propriedade do orgone. Há uma relação entre forma e movimento espontâneo do orgone. A questão da *forma* esteve presente desde os primórdios da obra reichiana, na análise do caráter, em que a *qualidade* da expressão total do paciente era passível de entendimento. Também esteve presente na abordagem da couraça muscular (tônus muscular e qualidade de movimento expressivo, qualidade ondulatória suave no reflexo orgástico desencouraçado), no domínio dos bíons (seus movimentos *orgânicos* contrastando com o *browniano*, angular, produto de simples entrechoque entre moléculas) e na observação da semelhança entre o movimento

---

<sup>20</sup> Claro, essa é uma explicação resumida. As razões são múltiplas, incluindo a estimulação do sistema imunológico, a expansão parassimpática e outros elementos da física do orgone que não podem ser mencionados agora.

*serpenteante* de anelídeos, peristaltismo e do orgone atmosférico, etc. Essa pequena listagem serve somente ao propósito de evidenciar a postura epistemológica reichiana, a de incluir a observação das *qualidades* e a possibilidade de estas revelarem um denominador comum como elemento da realidade.

Nosso conhecimento sobre o mundo, do ponto de vista de todos os saberes, apresenta uma lacuna fundamental: o que é a consciência e a autoconsciência. Desde a Filosofia da Mente, (Searle) até a Matemática (Tohm), a Neurociência (Damásio), a Física e a MQ (Penrose) e a Psicanálise (Freud e o *Projeto de uma psicologia científica, de 1895*), muitas disciplinas propuseram-se a dizer alguma coisa esses termos. A multiplicidade de tentativas não elimina o fato de que a consciência continua sendo um objeto sem definição precisa, sendo comentado, na melhor das hipóteses, por meio de uma listagem de propriedades.

O eixo energético, sem dúvida, é fundamental no pensamento reichiano. Mas, lembremos, Freud também iniciou o exame do funcionamento psíquico naquilo que é referente à base bioenergética das funções psíquicas (pulsão). Conhecemos por intermédio das sensações, o que é um referencial reichiano. O organismo vivo percebe o seu ambiente e a si mesmo somente por meio delas: “Se o homem conseguisse apreender no plano energético a função da sensação e da percepção, ou seja, investigar as profundidades de sua própria natureza, ele subitamente teria acesso à ‘coisa em si’ [...]” (REICH, 1973, p. 54).

Mas o termo *sensações* aqui, não se refere somente ao aspecto subjetivo da percepção. Existe a identidade funcional entre excitação somática e percepção, assim como entre emoção (acontecimento no plasma corporal, direção centrípeta ou centrífuga) e afeto. E, como bem lembra Reich, etimologicamente, *emoção* diz respeito a movimento (deslocamento no espaço). Além do mais, a experiência do prazer é funcionalmente idêntica ao movimento de expansão, ao da angústia, ao da contração no plasma corporal. Em organismos mais primitivos, assim como no plasma corporal, sensação e movimento são idênticos.

Durante o período em que observou as radiações que emanavam das culturas de bions, e tendo utilizado a caixa *Faraday*, Reich coloca, em continuação, chapas de ferro galvanizado em todas as paredes e teto de seu laboratório. Lá, os fenômenos luminosos que Reich apreende incluem um movimento específico das unidades de energia orgone: estas se movem de forma *espiralada* em seu deslocamento. Sempre apenas de maneira resumida, historicamente, esta e outras observações, mas sobretudo a utilização da analogia, produzem a noção de *superimposição*: duas correntes orgonóticas se atraem e estão na origem tanto da formação de galáxias, quanto do fenômeno do abraço amoroso nos seres vivos.

Mas esse mesmo movimento, ou melhor, essa forma do deslocamento espontâneo do orgone, reconhece-se no desenvolvimento de uma forma específica do vivo, a do *orgonome*. A forma espiralada do movimento se desloca em sucessivos momentos à frente e se dobra sobre si mesmo e, dessa forma, permite avaliar a existência tanto da formação da matéria, quanto do fenômeno da consciência.

### 3.4 O FUNCIONALISMO ORGONÔMICO

A noção de matéria se formou antes que a de energia fosse conhecida e por isso se atribui à matéria componentes que pertencem essencialmente à energia.  
OTSWALD,

Desde o princípio, Reich, intuitivamente, seguiu certas premissas que foram, depois, comprovadas e, mais posteriormente ainda, elaboradas numa metodologia de pesquisa e investigação, além de serem matematizadas. Em suas próprias palavras:

Desde que comecei minhas pesquisas, sempre esteve claro para mim que meu trabalho estava submetido a uma *lógica objetiva*, que a princípio não podia ser entendida [...] entender essa lógica e sua racionalidade, no desenvolvimento de observações, hipóteses de trabalho, teorias e novas descobertas, é, em si mesmo, parte principal do meu trabalho de pesquisa. Uma harmonia entre sujeito e objeto, entre observador e observado, que era baseada em algum tipo de lei, parecia constantemente permear essa lógica. (REICH, 1999, p. 406)<sup>21</sup>.

Essa lógica, que se expressa no método do pensamento funcional<sup>22</sup> e na orgonometria<sup>23</sup>, baseia-se, então, nas seguintes premissas:

- Energia tem um *status* mais fundamental do que a matéria.
- *Função* tem uma característica simultaneamente complementar e antitética.
- A observação dos processos naturais é fundamental.
- A vida emocional é acessível à pesquisa.
- A conjugação de 1 a 4 leva à conclusão de que funções emocionais são necessariamente funções energéticas.

Essa listagem, feita por Meyerowitz, no entanto, para ser conclusiva, necessita de um adendo, referente ao item 3, e já formulado por Reich: *o da identidade entre funções naturais*

<sup>21</sup> Importante lembrar que, na abordagem científica, relevante é o contexto da demonstração e da comprovação, e não o da descoberta. “Como” surge uma hipótese não é o elemento central.

<sup>22</sup> O princípio fundamental do funcionalismo orgonômico, como método de pensamento, é a identidade das variações no seu princípio funcional comum.

<sup>23</sup> Pesquisa orgonômica quantitativa, matematizada.

e *funções energéticas*<sup>24</sup>. O orgone, como um atributo interno, intrínseco à realidade, nas suas dimensões quantitativas e qualitativas, foi mencionado em diferentes momentos ao longo deste texto. Retomarei, neste instante, o item 2, a *dialética* presente na Orgonomia.

Não só por ter adotado, a princípio, o materialismo dialético, mas sobretudo por ter alcançado o entendimento da relação entre a neurose e a função do orgasmo, Reich desenvolve a trajetória que levará ao *funcionalismo orgonômico*, que pode esquematicamente ser representado por um PF (Princípio Funcional) A1 e suas variações A2 e A3:

Mas, embora na Orgonomia a complementaridade dos opostos seja fundante, ela não é idêntica à dialética. Nesta última, a *síntese* surge da pressão da contradição entre opostos, enquanto, na primeira, além da direção da seta que representa o novo, o indeterminado, a *criação* (tomando-se a representação no sentido esquerda-direita), há também a representação da *historicidade* do desenvolvimento (sentido direita-esquerda), em que o PFC da função, num determinado domínio, pode ser *variação*, ao mesmo tempo, de um domínio mais abrangente e profundo.

Dependendo da direção que a investigação tome, podemos ir das funções mais *especializadas* (psiquismo) às mais essenciais (pulsação), em patamares diferenciados, regidos por leis próprias, mas não isolados. Trata-se de subsistemas de um sistema caracterizado por pareamentos antitético-complementares unificados por um princípio funcional. No entanto, não é *qualquer função* que, aleatoriamente, pode ocupar o lugar do PFC ou de suas variações. É necessária a correspondência entre a localização da função e os fenômenos do mundo, tanto em sua gênese histórica, quanto em sua capacidade de descobrir relações (até então desconhecidas) entre eventos e funções.

Se examinarmos a condição de angústia, por exemplo, veremos que a esta corresponde um estado corporal: vasoconstricção, frequência cardíaca acelerada, pele e extremidades frias, pupilas dilatadas, peristaltismo inibido, o oposto somático de uma vivência de prazer. A um afeto psíquico, corresponde um estado somático, não numa relação de causa e efeito, mas de mútua interdependência. A mediação entre o psíquico e o somático, por exemplo, é feita pelo Sistema Nervoso Autônomo (SNA). Então, se pensarmos em termos de pareamentos funcionais (sensação de *angústia* [A6] – estimulação simpática [A7], *prazer* [A4], – parassimpático [A5]), teremos para o pareamento funcional A7 e A6, o PFC *contração*

---

<sup>24</sup> O termo *função*, na Orgonomia, pode ser visto como sinônimo de *trabalho*, no campo conceitual da Física. Mas, note-se que, na Orgonomia, função e trabalho são idênticos, função *não é algo* que *produz* trabalho.

*biofísica* [A3], e, para o pareamento A4 e A5, o PFC *expansão biofísica* [A2]. Por sua vez, os pares funcionais A2 E A3 têm como PFC A1, *excitação biofísica*.

O pensamento complexo, que propõe romper as limitações do reducionismo, usa o conceito de *dialógica*, ao invés de dialética. Morin<sup>25</sup>, inclusive, faz a seguinte crítica:

Acredito que Hegel justamente não conseguiu fazer uma lógica, mas mostrar as insuficiências da lógica clássica. O que Hegel conseguiu é que se pode pensar através da contradição e se ajudando a contradição [...] mas não existe na lógica de Hegel nem regulamento, nem parapeito o que faz com que essa lógica se torne finalmente desmedida se ela não observa um respeito muito restrito ao mundo dos fenômenos e a aceitação de verificação sobre os segmentos utilizados pelo pensamento Aristotélico. (MORIN, 2000, p.125).

O parapeito, na Orgonomia, encontra-se na verificação da correspondência com os fatos, é um princípio de pensamento que integra esses fatos dentro de um referencial de processos naturais gerais (REICH, 1952, p. 7).

A postulação da complementaridade (opostos complementares) como propriedade intrínseca da realidade, feita por Reich, traz vários problemas: o pensamento dialético, quando formulado, foi criticado justamente por não ter trazido contribuições às ciências em geral (ciências exatas e naturais). As razões para isso são simples: como se *testa* essa complementaridade numa ótica científica? Como se verifica a *causalidade* de um evento determinando outro ou o estado futuro do mesmo? O modelo científico é de natureza tal que a verificação e a quantificação não são dispensáveis. Como dissemos antes: no funcionalismo orgonômico, uma justificativa para a mesma reside na *lógica* e na sua aplicabilidade em termos de resultados práticos, tanto na resolução de problemas, quanto na formulação de novos entendimentos e de novas conexões entre fenômenos.

Reich desenvolveu protocolos científicos, ao descrever experimentos de laboratório, na Física e na Biologia, referentes às propriedades da energia orgone, e protocolos que seguiam a metodologia científica literalmente, ou seja, mediante a presença de quantificação, controle experimental e diferenciação. Entretanto, o que dizer da complementaridade dos opostos? O que dizer da ideia de um *estado* subjacente, vinculando, de alguma forma, todos os fenômenos?

É notório que o conceito de um mundo em permanente contato subjacente é parte integrante da filosofia oriental, das práticas curativas que foram desenvolvidas nessa cultura, assim como no período romântico, no pensamento ocidental e em concepções como as de Jung e Reich, só para citar algumas. Com frequência, encontra-se, nessas visões, o elemento

---

<sup>25</sup> Embora Morin afirme que não há nenhuma *metateoria* da complexidade, chama a atenção o fato de este autor nunca citar Reich, apesar da evidente semelhança estrutural entre as formulações.

da *complementação dos contrários*. É na MQ e em algumas de suas teorizações que a complementariedade surge apoiada em resultados experimentais.

A finalidade de se mencionarem aqui autores e experimentos da MQ não tem o propósito de equacionar ou equivaler Orgonomia à MQ. A intenção é apenas apresentar que, numa determinada teoria, relegada a um segundo ou a terceiro plano no mundo acadêmico, um conteúdo que parece esotérico ou mera especulação filosófica pode surgir em outra teoria (MQ) de forma considerada aceitável.

Ao longo deste capítulo, procurei enfatizar, de várias maneiras, como o pensamento reichiano é solidamente apoiado em evidências, possui uma lógica interna coerente e desenvolve uma metodologia própria e adequada ao seu objeto de estudo, a Orgonomia.

Com o exame dos processos da vida emocional, da biogênese e da física do orgone, Reich não só demonstrou a interligação entre esses domínios, mas também evidenciou que a vida emocional revela elementos profundos e significativos da realidade em geral e tem o seu correlato no *amo, ergo sum*, de Pauli: “Se o homem conseguisse apreender no plano energético a função da sensação e da percepção, ou seja, investigar as profundidades de sua própria natureza, ele subitamente teria acesso a ‘coisa em si’”. “Sentimentos alcançam as mesmas profundidades que o pensamento” (GIESER, 2005, p.347), disse Pauli, que acreditava que ambos, matéria e psique, são uma expressão de uma ordem comum, objetiva e subjacente, e que, como Reich, entendia que a Psicologia, o inconsciente, remete a algo mais do que simplesmente processos mentais, entranhando essa disciplina nas ciências naturais, não humanísticas:

I should like to point out that psychology always used to be counted as one of the humanistic sciences, but it was precisely C.G. Jung himself who emphasized the scientific nature of his ideas, and it was through his works that the way was paved for an integration of the psychology of the unconscious into the natural sciences. (MEIER, 2001, p. 212)-

As descobertas reichianas produzem uma modificação revolucionária na maneira de pensar e ver o mundo e a nós mesmos, porém, ao mesmo tempo, reintroduzem a *anima mundi*, banida da visão de mundo desde o século XVII, o que deu origem às fundações do pensamento mecanicista. O pensamento reichiano, por isso mesmo, tem o valor de oferecer uma alternativa àqueles que veem razões para se opor à hegemonia de uma visão mecanicista reducionista e que, além disso, não compactuam com a postura pós-modernista que sustenta a tese de que todo saber não passa de ideologia (com exceção da própria tese).

A riqueza do referencial reichiano tem o potencial ainda de se revelar, dependendo de o mesmo encontrar ou não ressonância nas mentes do nosso tempo. Seu destino tanto poderá

ser o de sobreviver e se expandir, quanto o de desaparecer e ser esquecido, como muitos outros já o foram.

Como talvez já esteja um pouco mais claro a essa altura, essa interligação dos fenômenos, o *unus mundus* junguiano, o PFC reichiano (Princípio Funcional Comum) e também o enredamento na MQ são pontos de partida para a teorização sobre o que chamo, nesta tese, de  *fusão com o objeto*, do ponto de vista de uma possibilidade de conhecimento diferenciada (e complementar) da clássica postura do isolar e controlar os aspectos de um experimento científico. As possibilidades de objetivação da subjetividade (novamente, não no sentido da redução de uma a outro, mas no de evidenciar propriedades complementares constituintes) se mostram possíveis tanto por meio de experimentos clássicos do ponto de vista de controle e protocolos, quanto na forma da utilização de processos mentais e de introspecção. Esta, a introspecção, e a via da consciência de si e da consciência somática serão exploradas adiante com mais profundidade. Em capítulo posterior, e já contextualizados pelo que já foi apresentado, ocupar-me-ei do mesmo tema, agora, em torno de registros computacionais produzidos em experimentos sobre *emoção* e *intenção*, que resultaram em dados intrigantes no respeito à interação homem-máquina. Volto a sublinhar que o que é pretendido não se resume à dimensão dos fenômenos humanos e psicológicos, mas a toda a esfera da existência e do conhecimento.

A MQ, em especial o *enredamento* (*entlangelment*), é por mim utilizada como um entre vários fatores e parâmetros que justificam a tese da possibilidade da  *fusão com o objeto* como modo de conhecimento. Por esse motivo, no próximo capítulo, irei me estender mais sobre elementos dessa teoria e da própria história de seu desenvolvimento, não exatamente num sentido historiográfico rigoroso, mas com a finalidade de examinar aspectos ontológicos e epistemológicos que entendo relevantes para a minha tese.

#### 4 TEOREMA DE BELL E TEORIA DEBROGLIE/BOHM (TDBB): IMPLICAÇÕES EPISTEMOLÓGICAS

Para mim,  
a concentração e o desdobramento (de Bohm)  
são tão conservadores  
quanto sua visão das variáveis ocultas.  
Volta-se sempre à alguma coisa que está lá e  
em seguida se desdobra...  
O tempo é criação.  
O futuro não está lá.  
(Ilya Prigogine)

Em caso de criatividade absoluta  
- novidade absoluta, sem passado -  
nada poderia existir,  
pois se esfumaria no exato instante da criação.  
(David Bohm)

##### 4.1 PEQUENA DIGRESSÃO À GUIA DE INTRODUÇÃO

Situar historicamente uma dada teoria ou conjunto de teorias tem a vantagem de permitir relacionar o cerne dessas teorias com a cultura vigente, e suas características. Com isso, podemos no mínimo perceber quando uma dada teoria espelha de forma irrefletida apenas um determinado componente de um período histórico, ou quando esta parece, ao contrário, carregar o germe de revoluções e transformações. O que determina que se passe uma coisa ou outra é uma questão complexa.

A Modernidade, surgida após a Revolução Francesa, é relacionada ao otimismo trazido pelo advento da ciência, no sentido desta proporcionar a felicidade e o progresso. Em seguida a esta, deu-se o assim chamado Pós-modernismo. Definir pós-modernismo parece ser uma tarefa tão difícil quanto a de definir *complexidade*. Mas, se a modernidade pode ser caracterizada pela ideia de progresso e de desenvolvimento, quando assume-se a razão como instrumento possível para se chegar à verdade das coisas, a pós-modernidade caracteriza-se justamente pela rejeição da noção de verdade, ou ainda, assume que a única verdade é a ausência de verdades objetivas e (ou) absolutas.

A partir da revolução científica, o *pensamento revelado*, como modo explicativo, vai sendo substituído pela afirmação da *razão*. A fé, a contemplação, já não eram mais considerados caminhos para se chegar à *verdade*. Instala-se como marco da produção do conhecimento a utilização da razão, dos dados sensíveis e da experiência, em contraposição à fé. Obviamente, esse não foi, de fato, um caminho com desenvolvimento linear, houve idas e

vindas, mas estes são os traços predominantes que definem até hoje o que é o conhecimento científico: a negação do sobrenatural como explicação, a observação e a experimentação como ferramentas, a lógica como instrumento da razão.

Existe, não por acaso, uma associação entre o método experimental e a democracia: os dados da experiência, supostamente livres dos juízos de valor, podiam ser avaliados criticamente por outros, não só pelo autor do experimento. Assim, criava-se um elo, uma cadeia de abordagens e observações, que se contrapunha às formulações produzidas e validadas apenas pela *autoridade* de quem as formulava.

No século XX, entretanto, o otimismo e a certeza de um futuro saem pouco a pouco de cena. Duas grandes guerras, algumas descobertas científicas que abalam o senso comum, a psicanálise, a desilusão, principalmente após os anos 50, com os grandes projetos de transformação política, e, por fim, a globalização, entre outros fatores, criam as condições para colocar em cheque a racionalidade.

Dissemos antes que uma maneira de definir a pós-modernidade é que, a respeito da correspondência entre *verdade e realidade*, no que se refere às nossas possibilidades de conhecimento, a única verdade é que não há *verdades objetivas*. Esse posicionamento pós-moderno, por sua vez, decorre da correspondência, desde o Iluminismo, entre razão, ciência e verdade.

Se o desejo e a tentativa de conhecer e dar sentido ao mundo a nossa volta é tão antigo quanto a própria humanidade, após o Iluminismo e a rejeição do pensamento revelado, esse *conhecer* se dá em torno do imbricamento entre ciência e razão. Conhecer (cientificamente) se torna sinônimo de mensurar, prever e objetivar.

O Pós-modernismo constitui, portanto, um movimento de crítica à possibilidade de se *conhecer* e de se definirem *verdades* objetivas, e isso através do instrumento da razão.

Não é somente a psicanálise, contudo, que vem apresentar a natureza irracional do homem (com o conceito de inconsciente). Duas grandes teorias científicas, surgidas no começo do século XX, parecem ser a motivação primeira (se pensarmos que certas ideias podem se espalhar pela sociedade e pela cultura), ou então acompanhar as influências que ensejaram a Pós-modernidade: a Relatividade Geral de Einstein, alterando as noções intuitivas de tempo e de espaço, e a Mecânica Quântica e seu *princípio de incerteza*. A Relatividade altera profundamente a noção intuitiva de tempo e espaço absolutos, e a Mecânica Quântica – na *interpretação de Copenhague* – anula a ideia de *identidade em si*, sendo a existência de fato da partícula somente definida pela relação *mensuração/mensurado* ou *observador/observado*, dependendo do viés epistemológico empregado. A predominância, ou

a presença forte do *relativismo cultural* e do viés *sociológico* na filosofia das ciências atualmente parece espelhar isso. Se de um lado isso trouxe importantes análises críticas a respeito do modo como se pratica a ciência e seu lugar no mundo, por outro não se pode evitar a constatação de que foi criado um viés hegemônico problemático.

#### 4.2 DE BROGLIE, INTERPRETAÇÃO DE COPENHAGUE E EPR<sup>26</sup>

Como não poderia deixar de ser, em minha tese, apoiado em especial nas teorias reichianas, ocupo-me não somente da justificativa para a idéia de *fusão com o objeto* como possibilidade de produção de conhecimento, como também examino outras teorias e o ambiente cultural onde floresceram. A MQ, além de ser um dos vetores aqui utilizados, fornece também, na sua história, como dito, uma rica possibilidade de se questionar a *psicologia* eventualmente atuante na moldagem da escolha de um determinado viés vencedor. Se no conflito *biogênese/abiogênese* é possível identificar que o apoio da igreja católica foi um forte componente da vitória da microbiologia de Pasteur, na MQ, a interpretação de Copenhague, predominante (contra o pensamento de Broglie, Einstein e, posteriormente, Bohm), também leva a um questionamento: é mesmo o fato de ser a interpretação de Copenhague uma teoria matematicamente mais coerente e com maior capacidade preditiva e explicativa o que a torna a escolhida, ou isso pode ser atribuído também a outros fatores? No centro dessa discussão encontram-se os resultados de duas experiências emblemáticas e suas interpretações resultantes: o experimento de *duas fendas* e a *não-localidade*, advinda do teorema de Bell, e os resultados obtidos, por exemplo, por *Aspect*. Não tendo eu formação em física ou matemática e dado o atual imbricamento entre as duas disciplinas, estaria, a princípio, sem possibilidades de acompanhar os formalismos matemáticos nas diferentes propostas da MQ, mas certamente não estou impedido de acessar qualitativamente os mesmos, do ponto de vista das conclusões advindas. Pelo exposto acima, entenda-se que irei me interessar, sim, pelos pressupostos filosóficos subjacentes presentes nas formulações de vários pesquisadores da MQ aqui citados (o realismo de Einstein, o viés aristotélico de Heisenberg, o idealismo platônico eventual de Pauli, a influência filosófica oriental em Bohr e Bohm etc.), mas na maioria das vezes de forma passageira, porque este não é objetivo maior de minha tese, embora seja esse referencial o mínimo necessário para se retomar a indagação acima e também para justificar a escolha que fiz, segundo a qual a não-localidade é considerada pertinente, não só no âmbito da MQ, como também na questão da *fusão com o objeto*.

---

<sup>26</sup> Paradoxo de Einstein-Podolsky-Rosen.

A Mecânica Quântica apresenta uma *estranheza* que tem origem nos aspectos ondulatórios e corpusculares em um mesmo fenômeno, algo impossível na concepção da Física clássica. Embora Maxwell já tivesse proposto a natureza ondulatória da luz, que, como eletromagnetismo, propagava-se continuamente pelo espaço, após Planck, Einstein, em “*Sobre um ponto de vista heurístico concernente à produção e transformação da luz*

(EINSTEIN, 1905), comentou a existência de *corpúsculos* de luz, vendo nesta uma natureza descontínua. Essa natureza descontínua veio a mostrar muitas evidências e, em 1913, Bohr propôs que a estabilidade do átomo fosse devida às orbitas *quantizadas* do elétron – o que foi um marco importante para a química –, os elétrons *saltando* de uma órbita a outra dependendo de processos de absorção ou emissão de luz.

Em sua tese de doutorado de 1924, de Broglie tenta defender a ideia da natureza dual, tanto da luz, quanto da matéria, intencionando produzir uma síntese entre essas duas naturezas.

A partir destes trabalhos e logo após os trabalhos de Heisenberg, em 1925, Schrodinger, que tinha interesse em mecânica estatística, elaborou a Mecânica Quântica Ondulatória e a *equação de Schrodinger*, uma equação para a propagação de uma função de onda que representa o estado quântico, onde uma onda  $\psi$  representa uma densidade de probabilidades de se encontrar uma partícula em uma determinada posição, tendo um caráter estatístico e não o de uma *onda* real. A MQ se apresenta como um conjunto de regras para cálculos e resultados (prováveis) de certos processos. Se na física clássica a *matéria* é definida como partículas ou campos, não há na MQ, via de regra, um paradigma correspondente.

Na interpretação de Copenhague, de Heisenberg e Born, a localização e a própria partícula decorrem do processo de mensuração, produzindo um *colapso de função de onda* ou de *vetor de estado*. Todos os estados possíveis coexistem em uma superposição de estados fundamentais, que evoluem no tempo de acordo com a *equação de Schrodinger*, até o ato de mensuração ou observação, a depender da teoria quântica aplicável. Essa equação está presente de forma unânime em todas as teorias ou interpretações da MQ, que variam grandemente em outros aspectos.

O aspecto estatístico e indeterminístico da Mecânica de Copenhague (doravante MC) levantou críticas a de Broglie.

Em *O itinerário científico de Louis de Broglie em busca de uma interpretação causal para a Mecânica Ondulatória*, Paulo Vicente Moreira dos Santos afirma:

Em 1927, de Broglie publicou um artigo no *Le Journal de Physique et le Radium* com o título ‘*La mecanique ondulatoire et la structure atomique de la matière et du rayonnement*’, no qual ele apresentou, pela primeira vez, a Teoria da Dupla Solução.

Esta teoria consiste em considerar que as equações lineares da mecânica ondulatória devem admitir duas soluções distintas: a onda  $\psi$ , que é uma função contínua de significado puramente estatístico, e a onda-u, que é uma função que possui uma singularidade móvel; as coordenadas desta singularidade permitiriam recuperar a descrição determinística da partícula. Para de Broglie era difícil conciliar o ponto de vista adotado por Schrodinger, ao representar as ondas de matéria somente por ondas contínuas, com a natureza corpuscular da matéria e da radiação de modo que, no citado artigo, ele pretendia mostrar que as soluções contínuas davam somente uma visão estatística do fenômeno e que, para fazer uma descrição exata, seria necessário considerar ondas que admitissem singularidades. (SANTOS, 2010, p. 25)

Ou seja, para de Broglie, uma teoria realmente completa deveria conter uma descrição da matéria, uma definição determinista para fenômenos individuais, com posição específica a cada tempo de cada partícula material. Ainda em Moreira dos Santos:

Este artigo chamou a atenção de Pauli que, numa carta a Bohr de 6 de agosto de 1927, disse: no último número do *Jornal de Psysique*, apareceu um artigo de de Broglie...tenta conciliar o completo determinismo dos processos físicos com o dualismo entre ondas e corpúsculos....mesmo que o artigo de de Broglie não seja útil, ainda é muito rico em ideias e muito inteligente, e em um nível mais elevado que os artigos infantis de Schrodinger, que até hoje pensa que pode...abolir as partículas materiais. (PAULI, 1979, p. 404-5, apud BACCIAGALUPI e VALENTINI, 2006, p. 61)

No cerne desta polêmica está a questão do status ontológico da MQ e dos entes atômicos. Assim, na MC não se pode falar em existência *antes* da mensuração, dado o entendimento sobre a sobre-determinação de todos os estados possíveis. Respondendo de forma até exasperada aos críticos da MC, Heisenberg dizia que esse era um problema de linguagem, de erro de categorização a respeito do que é um ente atômico.

O princípio de complementaridade afirma que os estados de onda e de partícula são excludentes, isto é, quando um se manifesta o outro está ausente. Sobre isso, de Broglie afirma:

Esta afirmação me parece completamente inapropriada. Assim, considere uma chapa fotográfica exibindo franjas de interferência: o aspecto ondulatório das partículas é claramente manifesto, mas o aspecto corpuscular também está presente, desde que nós sabemos que as franjas tem sido produzidas por uma sucessão de partículas localizadas individualmente. Em outras palavras, existe sobre a placa um conjunto de franjas que representam o aspecto ondulatório, mas cada franja escura é formada por uma coleção de pequenos pontos escuros, que representam o aspecto corpuscular. Então, o aspecto corpuscular e o aspecto ondulatório estão apresentados juntos sobre a mesma placa, mas o primeiro é devido a efeitos individuais enquanto o segundo é devido a efeitos estatísticos. (DE BROGLIE, 1964, p.7 apud SANTOS,)

Em síntese: o status ontológico do mundo subatômico, como definido no séc. XX, destaca que no mundo físico:

1. O puro acaso governa no mais profundo da natureza.
2. Embora objetos materiais ocupem espaço, situações existem em que estes não ocupam nenhuma região do espaço em particular.
3. As leis fundamentais que governam o comportamento dos objetos físicos *comuns*,

de alguma forma, deixam de se aplicar aos objetos que estão funcionando como *mensuradores* ou *observadores*. (ALBERT, 1994, p.61)

Em suma, esta é a visão majoritária, na qual predominam a perspectiva probalística e (ou) subjetivista da realidade, presentes na interpretação *standard*, a Mecânica de Copenhague (MC). Como sempre, o olhar epistemológico e não apenas tecnológico vislumbra a presença, nessas definições, das velhas problemáticas, como o materialismo versus idealismo, atomismo versus *continuum*. Sempre é pertinente lembrar que as teorias surgem *a partir* dos resultados dos experimentos e das mensurações, mas não os constitui. Os dados brutos, com exceção das avaliações que pretendem corroborar ou verificar a confiabilidade dos resultados, estão na base daquilo que dará ensejo às teorias, que, contudo, além de guardar maior ou menor coerência matemática e capacidade preditiva, também recebem, na formulação da interpretação, a influência da subjetividade tanto do autor, ou autores, quanto do momento histórico e cultural vigentes. Como mencionado anteriormente no texto, cabe perguntar se foram as teorias científicas que influenciaram perspectivas culturais, ou se o cerne dessas teorias segue uma tendência, uma *seta cultural* influente.

A definição *standard* provocou críticas ferrenhas, não só de de Broglie, mas especialmente do expoente crítico mais conhecido, Einstein, que não só a considerou incompleta (portanto, passível de sofrer modificações futuras que alterassem a postulação sobre a *identidade* da partícula subatômica e sobre o que é a realidade), como também justificava-as dizendo que, a partir dessa definição, o conhecimento científico seria então impossível. A essência da ciência, segundo Einstein, estava no controle da situação experimental e na predição para um conhecimento cada vez maior da realidade, e não no manejo de *formalismos* matemáticos. Travou um conflito teórico com Bohr, que durou o tempo de suas vidas, e, juntamente com Podolsky e Rosen, foi o autor de um *Gedankenexperiment* (experimento em *pensamento*), o EPR, junção das iniciais dos autores. Esse experimento mental surgiu do incômodo de Einstein com o *enredamento*, uma decorrência dos formalismos da MQ em especial. Este formalismo prevê que, para certos estados quânticos, há uma correlação entre duas mensurações distantes, ou seja, se o *spin*<sup>27</sup> de uma partícula for mensurado, o estado de outra, ou outras partículas, muda instantaneamente. Isso, claro, não tem correspondência em nossas experiências cotidianas. Além disso, se a mudança é instantânea, a teoria da relatividade, na qual a velocidade da luz é a invariante central, está refutada. O problema da *identidade* da partícula<sup>28</sup> surge conectado ao da

<sup>27</sup> *Spin* é uma propriedade da partícula expressa como direção de movimento.

<sup>28</sup> Não teria sentido falar nisso antes, no pensamento de Heisenberg, já que seria a mensuração a instanciar

*localidade*. Com isso, Einstein vislumbrava como a teoria quântica trazia problemas para o *conhecimento*, sendo basicamente indeterminista na MC.

No EPR, duas partículas, que estiveram em contato anteriormente, chegam a dois observadores diferentes. Se, por exemplo, a posição de uma delas é medida, o primeiro observador pode saber a posição da partícula 2, já que o estado de entrelaçamento prediz isso. A MQ seria uma teoria incompleta por poder fazer afirmações sobre um fenômeno (a ação à distância), mas não poder fazer previsões que seriam deterministas, em função do princípio de incerteza, de Heisenberg. A teorização surgida no EPR era de que, ou as partículas tiveram algum tipo de contato, mesmo estando à distância, ou, então, as partículas já carregavam com elas, desde o princípio, a informação que surgiria nas mensurações. A segunda hipótese foi a escolhida pelos autores, já que esta não contradizia a Teoria da Relatividade. A conclusão, como dito acima, é que a MQ era uma teoria incompleta, já que não havia espaço, nos formalismos, para *parâmetros ocultos*.

Os problemas filosóficos levantados pela alteração da física clássica, como vemos, giram em torno da definição da natureza da partícula subatômica, da natureza da própria realidade e, portanto, como na preocupação einsteiniana – um realista – sobre a possibilidade de um *conhecimento objetivo*. É no mínimo curioso a correspondência temporal entre a teoria psicanalítica, que vai justamente, de um ponto de vista mais geral, demonstrar como a vida inconsciente se imiscui e até molda os conteúdos das cognições, como citado anteriormente segundo alguns autores, e as premissas da MQ a respeito dos constituintes da realidade em uma dimensão profunda. De um lado de Broglie, com a onda-u, e Einstein, debatendo uma natureza intrínseca à partícula, mantendo a causalidade, num viés determinista, e, de outro, a Interpretação de Copenhague, surgindo hegemônica no horizonte. De Broglie, entretanto, não conseguiu elaborações matemáticas suficientes para justificar sua *onda piloto* e, por fim, abandonou suas teorias e

[...] aceitou uma interpretação que chamava de “puramente probabilística”, por cerca de vinte e cinco anos. Em 1951, sob a influência de David Bohm e J.P. Vigiér, de Broglie retomou o seu programa de pesquisa em uma busca de uma interpretação causal para a Mecânica Ondulatória. Após esse retorno, ele se tornou um crítico impiedoso da interpretação probabilística [...]. (SANTOS, 2010, p. 65)

David Z. Albert e Rivka Galchen em artigo com linguagem popular, publicado na *Scientific American*, de fevereiro de 2009, intitulado “Einstein estava errado? Uma ameaça quântica para a relatividade especial”, fazem um histórico do dilema Einstein-Bohr, no qual, em certo momento, surge um subtítulo “o retorno do reprimido”, uma evidente referência à

psicanálise. Aqui, Albert comenta sobre Einstein e Bohr:

[...] The first serious scientific engagement with the EPR argument came (after 30 years of more or less complete neglect) in a famous 1964 paper by the extraordinary Irish physicist John S. Bell. From Bell's work it emerged that Bohr was wrong that nothing was wrong with his understanding of quantum mechanics and that Einstein was wrong about *what* was wrong with Bohr's understanding. To take in what was actually wrong involves abandoning the idea of **locality**.

The crucial question is whether the nonlocalities that at least appear to be present in the quantum-mechanical algorithm are merely apparent or something more. Bell seems to have been the first person to ask himself precisely what that question means. What could make genuine physical nonlocalities distinct from merely apparent ones? He reasoned that if any manifestly and completely local algorithm existed that made the same predictions for the outcomes of experiments as the quantum-mechanical algorithm does, then Einstein and Bohr would have been right to dismiss the nonlocalities in quantum mechanics as merely an artifact of that particular formalism. Conversely, if no algorithm could avoid nonlocalities, then they must be genuine physical phenomena. Bell then analyzed a specific entanglement scenario and concluded that no such local algorithm was mathematically possible.

And so the actual physical world is nonlocal. Period. (ALBERT; GALCHEN, 2009, p. 3, grifo meu)

Albert faz referência à resposta de Bohr ao EPR, quando faz uma digressão sobre problemas de linguagem relativos à definição de *realidade e elementos de realidade*, etc. Ao mesmo tempo, também Bohr concordava com um único ponto de vista expresso no EPR: o de que obviamente estava fora de questão a existência, de fato, de qualquer *não localidade*:

A aparente não-localidade, ele argumentou, era somente mais uma razão do porquê devemos abandonar a antiga e fora de moda aspiração, tão manifesta no artigo EPR, de sermos capazes de encontrar uma representação realística do mundo numa leitura das equações da MQ [...].(ALBERT; GALCHEN, 2009, p.4)

Mas, a não-localidade veio para ficar. E paradoxalmente, tanto para Einstein, quanto para Bohr, esta é o *elemento de realidade*.

#### 4.3 A MECÂNICA DE BOHM (MB)

Bohm tinha uma rara combinação de interesse filosófico e formação teórico-técnica. Em 1952, lançou uma interpretação alternativa através de dois artigos, um deles chamado “*A Suggested Interpretation of the Quantum Theory in terms of ‘Hidden’ Variables I*”, na *Physics Review*. Em sua forma final e completa, sua teoria foi apresentada na obra D. J. Bohm and B. J. Hiley (1992), *The Undivided Universe: An Ontological Interpretation of Quantum Theory*.

Como Bohm reconhece influências de de Broglie em seu pensamento, a MB define uma realidade, na qual um sistema material individual consiste de uma partícula localizada e de um campo físico. O movimento da partícula é descrito em termos de um espaço Euclidiano, enquanto o campo é descrito em um espaço de fases através da *equação de Schrödinger*. O campo é acompanhado pela partícula e ambos estão conectados através do *Potencial Quântico*. O potencial quântico expressa não-localidade. Assim, a MB está livre dos

problemas conceituais que ameaçam as fundações da MQ, além de ser claramente determinista, enquanto, ao mesmo tempo, mantém-se probabilística.

Para sintetizar o pensamento de Bohm, uma observação, ainda:

Before the central features of BM are examined, it is necessary to recall Bohm's claims. BM mirrors the CM formalism in its wave mechanics form, but departs from it in significant respects. It comes up with a consistent account of individuation of physical systems as a particle and a field based on the Einsteinian critique of CM that it is descriptively incomplete. A quantum potential mediates between them and guides the particle. The particle is a passive partner in the quantum or microscopic domain because it has no reciprocal action on the field. This displacement of leadership does not create a disjunction between physical reality as classical and as quantum domain. The individuation of a particle and its objectively observable properties of the theory provide a microstructure for reality. **So the physical reality we encounter in the quantum domain is not at all a fog or an illusion but a causally connected reality in itself.** (CHANDARM K.2013, p. 3, grifo meu)

Uma pequena reflexão é possível aqui: há uma similaridade nas visões de mundo de Reich, Pauli e Bohm. Trata-se justamente da ênfase em uma *individação* presente em teorias que têm uma característica holística, sistêmica. Ao contrário de muitas outras elucubrações holísticas que tendem a *pasteurizar*, homogeneizar os elementos constituintes, estes pensadores, cada um a seu modo, postulam um universo de coisas, em que a singularidade tem vez, mesmo em investigações que apontam para estruturas subjacentes fundantes e essenciais. O fundamento para a coexistência destes domínios, a saber, o singular e o geral, o individual e o global (o discreto e o *continuum*), encontra-se na ideia de complementaridade, por vezes implicitamente formulada. Contrastando com o universo newtoniano e laplaciano, o que essas teorias<sup>29</sup> apresentam é uma realidade em que o “pertencimento” apresenta-se como condição inexorável. Esse pertencimento é mais um elemento que aponta para a possibilidade da  *fusão com o objeto*, como prática exequível.

Os fundamentos da Mecânica de Bohm:

1. Uma realidade física básica é definida como a partícula com posição bem definida  $x(t)$ , que varia continuamente e é determinada de forma causal. Essas partículas traçam trajetórias bem definidas no espaço e no tempo. Posição é uma propriedade intrínseca à partícula, porque pode ser medida sem alteração e é independente da função de onda. A medição encontra somente sua localização. Todas as outras propriedades são dependentes do contexto.

2. Um sistema físico individual de matéria é constituído por um campo quântico, propagando-se no espaço e no tempo juntamente com uma partícula. Esse campo é descrito pela *função de onda* e satisfaz a equação de Schrödinger.

3. A realidade básica, portanto, não é a *função de onda*, mas a partícula. Entretanto, a

<sup>29</sup> Em especial o exemplo do enredamento.

MB não nega realidade à função de onda: “O conceito adicional de partícula é necessário, juntamente com o de função de onda para permitir que este processo seja considerado ontologicamente, isto é, essencialmente independente de ser medido ou observado”

4. O movimento da onda e o da partícula são governados pelas leis derivadas da equação de Schrödinger.

5. Um potencial quântico na forma de um campo guia a partícula, provendo condições de comportamento mecânico quântico.

6. Uma medição expõe o *Ser* da realidade física e não é uma medição que cria a realidade. A divisão conceitual entre um sistema observado e um sistema observador é eliminada. Uma medição é o resultado preciso de uma correlação entre sistema observado e observador.

7. Não há *colapso de onda* em uma medição.

8. Todas as forças quânticas agem não-localmente.

9. O espaço tridimensional euclidiano e a configuração multidimensional (espaço de fase) são concebidos como igualmente reais.

10. Não há separação arbitrária na descrição da realidade, assim como entre nível clássico e quântico: “Há uma transição contínua entre essa realidade quântica total e o mundo da experiência comum em larga escala” “A correlação entre mecânica clássica e quântica e adquirida através do potencial quântico e os papéis passivo e ativo da partícula e da onda em seus respectivos domínios”

11. “A natureza tem uma complexidade intrínseca e uma estrutura subjacente que interage causalmente e deterministicamente. **MB é Newtoniana ao representar a natureza como determinista, e não-Newtoniana nas suas características de não-localidade, relacionalidade e holismo. Então, MB continua a tradição da física e vai além disso.**” (MOCKROS, B. J., 1997 grifo meu)

Embora matematicamente precisa, a teoria de Bohm trata as *funções de onda* como ondas de fato, objetos físicos e não apenas um ente matemático. O *potencial quântico* é similar ao conceito de campo de força na física clássica. Qualquer incerteza nos resultados

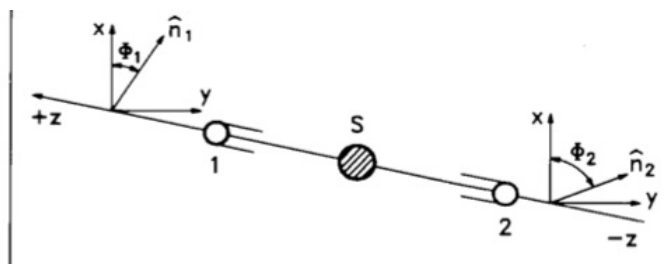


Figura 4. Experimento de Bohm. A fonte S emite um par de partículas spin-1/2, 1 e 2, no estado dado pela equação (1). Partícula i (i=1, 2) entra no aparelho Stern-Gerlach ori-

dos cálculos é uma questão epistemológica, não ontológica.

A MB, como ficou explicitado, é diferenciada, não somente pelo fato de não ser subjetivista ou exclusivamente probabilística, mas destaca-se, especialmente, naquilo que me interessa, isto é, em descrever uma realidade subatômica interconectada e *realista*, no sentido de uma existência pré-mensuração/observação. Como mencionado acima, suas características de não-localidade, relacionalidade e holismo fazem-na, somada a algumas outras, referência teórica possível para a ideia de *fusão com o objeto*, na medida mesmo em que, nessa concepção, uma *identidade* não é refém de um *isolamento* aprisionante. Aqui, a relacionalidade, juntamente com a não-localidade permitem pensar na possibilidade de um conhecer que vá além dos termos da extensão – eventualmente, além do *tempo*.

Nesse momento, nesse trabalho, sempre em busca de uma somatória de elementos com caráter científico, no sentido de mensurações e controle, que percorram o campo da *relacionalidade*, pretendo apresentar dados e registros que se aproximam mais da ordem dos elementos do psiquismo, ainda situado nas referências da não-localidade e da relacionalidade. Neste próximo capítulo, a relação do psiquismo e da vida emocional com objetos mecânicos e eletrônicos será pontuada, para, mais adiante, examinar, do ponto de vista do relacional, a relação com o *si mesmo* como parte integral, essencial, de um modo de conhecimento. A relação com o *si mesmo*, tomada como sendo entre dois *objetos*, que são, ao mesmo tempo, um, estará no cerne da questão da *fusão com o objeto* como forma de conhecimento, não só um conhecimento pessoal, subjetivo, mas o conhecimento entendido como complementar ao modo objetivo do método científico. Esse objetivo é mencionado nesse momento do texto apenas com o intuito de formular um desenho, que antecipa o que será apresentado e oferece alguma linearidade e racionalidade, como síntese dos diferentes conteúdos que estão sendo abordados como apoio para esta tese.

## 5. CONSCIÊNCIA, INTENCIONALIDADE E COMPUTAÇÃO

### 5.1 LABORATÓRIO *PEAR* E A INTENCIONALIDADE NA RELAÇÃO HOMEM-MÁQUINA

O *PEAR* (*Princeton Engineering Anomalies Research*) apresentava-se como um instituto que examinava *fenômenos físicos relacionados à consciência*, um termo bastante genérico, que pode abranger inúmeras classes de fenômenos, inclusive alguns que ocorreriam no plano do inconsciente. Situado em uma universidade sobejamente reconhecida, com pesquisadores credenciados<sup>30</sup>, por quase três décadas, o instituto examinou a interação da consciência humana com aparatos físicos, sistemas e processos, apresentando modelos teóricos diferenciados para explicar o papel da consciência no estabelecimento da realidade física, nos termos descritos acima.

O foco principal desses experimentos encontrava-se na tentativa de alterar, via uma intenção pré-determinada do(s) sujeito(s) do experimento, os resultados randômicos esperados, produzidos por diferentes aparatos mecânicos, eletrônicos, acústicos, fluidos, etc., sem que nenhuma influência física conhecida fosse utilizada. Em décadas de experimentos, com centenas de colaboradores, milhares de tentativas, os resultados encontrados foram pequenos, mas estatisticamente significativos.

Um exemplo clássico do tipo de experimento e tecnologia empregados é o uso de um Gerador de Eventos Aleatórios, em uma interface com computadores. Esse gerador produz um resultado aleatório binário (1 e 0), em que cada 1 e cada 0 são entendidos como um evento, como se, por analogia, uma moeda fosse jogada continuamente e os lados registrados rapidamente. Como sua natureza é binária, o gerador permite o uso em distribuições estatísticas conhecidas, e, assim, pode-se medir qualquer resultado anômalo, estatisticamente falando, nos resultados esperados. Trata-se de um aparato mecânico quântico, não afetado por forças físicas externas. Seus resultados (*outputs*) são realmente aleatórios e impossíveis de prever, ao contrário de pseudo-geradores de eventos, construídos com software computacional e que produzem *outputs* baseados em regras deterministas. Essas e outras características do aparato, pensado cuidadosa e rigorosamente para seus fins, tornam-no adequado para esta pesquisa, a da possível influência de fatores mentais (desejo, intenção) e emocionais (intensidade de reações emocionais, individuais ou de grupo) sobre eventos<sup>31</sup>.

---

<sup>30</sup> Robert. G. Jahn, o principal membro desta equipe, é professor emérito de Ciências Aeroespaciais e Decano da Escola de Engenharia e Ciências Aplicadas.

<sup>31</sup> No caso mencionado como exemplo, eventos eletrônicos.

## REG Functional Diagram

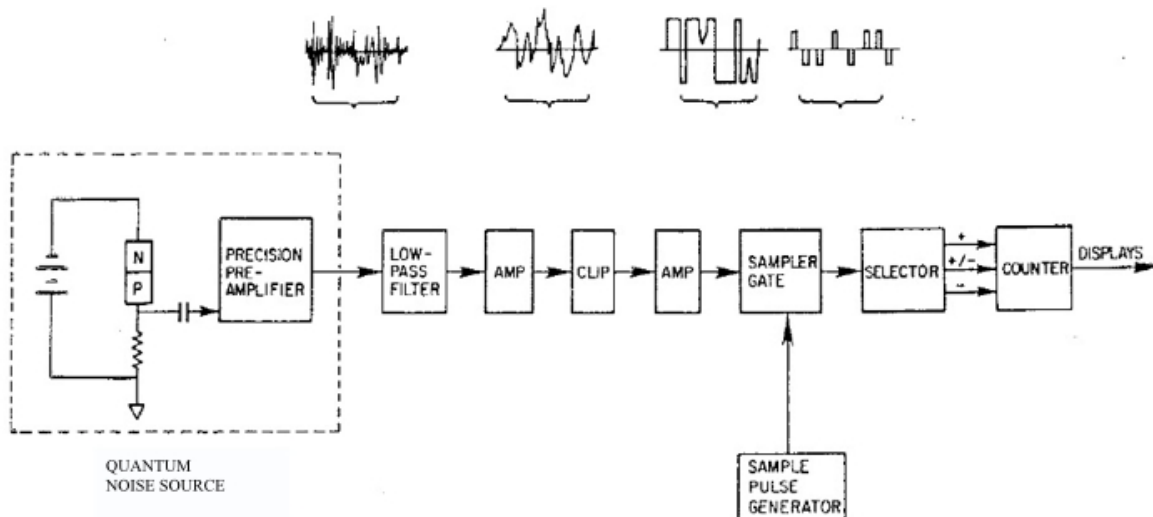


Figura 2: Diagrama funcional do Gerador de Eventos Aleatórios.

Em um artigo de 1982, *“The persistent paradox of psychic phenomena: An engineering perspective”*, Robert Jahn relata como se deu a sua aproximação com essa pesquisa:

[...] Eu arrisco começar a mais extraordinária tarefa por escrito que eu já tenha tentado: responder ao pedido dos editores deste periódico para uma revisão crítica do status e do prognóstico da pesquisa científica na área dos assim chamados “fenômenos psíquicos”<sup>32</sup>. Eu faço isso com algum nervosismo, primeiro porque o tópico está longe da minha principal linha acadêmica, e meu envolvimento foi rápido e circunscrito<sup>33</sup>, e segundo, pela intensidade das reações que estes comentários nessa questão tendem a causar em muitas e diferentes frentes.

Por estes motivos, pode ser necessário logo de início salientar minha perspectiva nesse campo e o propósito do mesmo. Minha formação é em engenharia e física aplicada, e o escopo de minhas pesquisas concerne uma sequência de tópicos no domínio das ciências aeroespaciais... Na minha atual posição como Decano da Escola de Engenharia e Ciências Aplicadas da Universidade de Princeton, eu tive ocasião de estar envolvido com uma vasta seleção de tópicos e projetos selecionados por estudantes da graduação, e foi nessa condição que fui requisitado, cerca de quatro anos atrás, por uma de nossas melhores estudantes para supervisionar um estudo sobre fenômenos psíquicos. Mais especificamente, esta estudante pretendia usar seus talentos em engenharia elétrica e ciências computacionais numa pesquisa sobre psicocinese. Embora eu não tivesse nenhuma experiência prévia, pessoal ou profissionalmente, com este tópico, por uma série de razões pedagógicas, eu concordei em participar... meu papel inicial como supervisor neste projeto levou posteriormente a um grau de envolvimento pessoal, e a um crescente desassossego intelectual, de tal forma que, quando esta estudante graduou-se, eu estava convencido que este era um campo legítimo para um pesquisador capacitado dedicar-se, e que eu continuaria a fazer isso [...]. (JAHN, 1982, p.3)

32 O autor refere -se à “paranormalidade”.

33 Posteriormente seu envolvimento tornou-se intenso, como ficará claro no texto a seguir.

# Purpose



## **Rigorous empirical and theoretical study of the interaction of human consciousness with random physical processes.**

- Are anomalies legitimate?
- Can they be studied systematically? (replicability)
- Scale?
- Correlates?
- Structure?
- Implications?
- Applications?

Figura 3: Um slide de uma conferência do PEAR.

Os resultados encontrados apontam para anomalias estatisticamente significativas, como dito antes. Ainda no exemplo, no campo da eletrônica, um Gerador de Eventos Aleatórios (GEA) conectado a um computador fará com que a tela forneça, percorrendo-a seguidamente, a imagem de uma linha média, quando não há nenhum desvio significativo ocorrendo. Essa linha média corresponde, claro, a séries de *jogadas de moedas*, ou a séries de 1 e 0. Um experimento simples foi o de solicitar a pessoas, geralmente estudantes da universidade, não membros do *staff*, que intencionassem, olhando para a tela, que a *linha* curvasse para baixo, ou para cima, afastando-se da média representada. Além dos resultados significativos, ou seja, para além do esperado, várias anomalias puderam ser registradas: alguns *operadores* eram capazes de reproduzir resultados em um grau característico, mesmo em aparatos diferentes utilizados; mulheres e homens mostravam-se frequentemente diferenciados; quanto a esses resultados, duplas costumavam ser mais eficientes do que indivíduos; e os resultados mais fortes se davam quando os componentes dessa dupla guardavam um vínculo afetivo entre si. Contudo, esses são exemplos de experimentos mais *simples*, outros experimentos mostraram positividade mesmo quando os *operadores* estavam à distância e mesmo quando a ação dos operadores se dava em uma linha de tempo diferente daquele das mensurações.

B. J. Dunne e R. G. Jahn, colaboradores do laboratório PEAR, no resumo de seu artigo,

publicado no *Journal of Cellular and Molecular Biology*, mencionam como os resultados encontrados, além de evidenciarem que a consciência afeta sistemas físicos, também levam a entender que essa influência se dá fora da esfera da atividade neo-cortical:

The possibility of a proactive role for consciousness in the establishment of physical reality has been addressed via an extensive 26-year program investigating physical anomalies in human/machine interactions and non-sensory acquisition of information about remote geographical locations. Empirical databases comprising many hundreds of millions of random events confirm that information can be introduced into, or extracted from, otherwise random physical processes solely through the agencies of human intention and subjective resonance. Much of the evidence mitigates the likelihood that the anomalies are manifestations of neo-cortical cognitive activity. Rather, they may be expressions of a deeper information organizing capacity of biological origin that emerges from the uncertainty inherent in the complexity of all living systems. (DUNNE; JAHN, 1991 p. 14)

Os autores comentam que, apesar de todas as precauções para proteger os modernos equipamentos de processamento de informação contra distúrbios eletromagnéticos, termiais, acústicos, etc., pouca atenção foi dada às possíveis influências relacionadas aos estados mentais dos operadores desses equipamentos. Em alguns casos óbvios, o funcionamento alterado desses equipamentos poderia colocar em risco inclusive vidas humanas<sup>34</sup>.

Mas, selecionei esse trecho, em especial, do artigo “CONSCIOUSNESS, INFORMATION, AND LIVING SYSTEMS”, em função de duas formulações que vejo como importantes para o meu trabalho:

1. menção ao fenômeno que é chamado de ressonância;
2. a afirmação de que os estados mentais atuantes são de outra ordem que não da *atividade neo-cortical*.

No contexto do tema  *fusão com o objeto*, a ressonância tem papel fundamental na ocorrência, ou não, da  *fusão*, e, portanto, na possibilidade de conhecimento enquanto ideia de uma interferência produzida, sim, por uma subjetividade, mas que não se resume ao funcionamento cortical-cerebral, e isso conduz à ideia que irei explorar, mais à frente no texto, sobre o papel da corporeidade, quando entendida não somente como  *carne*, ou materialidade. De certa forma, a ideia da ressonância e da corporeidade mencionadas são definições que se apoiam mutuamente. Os parâmetros das pesquisas do *PEAR-Institute* incluem uma noção igualmente partilhada por mim e explicitada em minha dissertação de mestrado, a de que entender a consciência, o fenômeno mental, como um epifenômeno do aparato material cérebro – e que, portanto, bastaria, futuramente, conhecer mais profundamente suas estruturas para vir a conhecer e resolver a questão da consciência e da auto-

<sup>34</sup> Diz-se que Jahn conseguiu o financiamento que permitiu a existência e a continuidade das pesquisas, uma soma mais que considerável, ao convencer uma autoridade da aviação que, caso existissem, essas influências poderiam ser um fator de risco não ainda considerado para a aviação como um todo.

consciência – é um engano baseado na supervalorização da metafísica materialista e do mecanicismo, característica da ciência ao longo de séculos.

Os resultados evidenciam justamente dinâmicas não mecanicistas, com diferentes *qualidades* de resultados, dependendo, não só dos operadores<sup>35</sup> em questão, mas também do número de tentativas feitas. Por exemplo:

[...] When more balanced sets of data were constructed for such analyses, consisting, for example, of the separate results of the first, second, third, fourth, and fifth and higher series generated by the 21 operators who had produced at least five series each in the diode-based REG experiment, an interesting “serial position” structural effect emerged. Namely, these results displayed statistically significant tendencies for operators to produce the strongest effects in their first series, to fall off in performance in their second and third series, and then to recover to some intermediate levels during their fourth, fifth, and subsequent series (6). Such correlations were present in both the high- and low-intention data, in the local and remote experiments, in the databases of individual operators, and over a sequence of different experimental protocols, but **no similar effects appeared in the baseline or calibration data**. Like the count population patterns, these physical effects must be subjective in origin, reflecting some characteristic of the operator’s evolving experience, expectation, or attitude, rather than some artifact of machine performance, and are consistent with the so-called “decline effects” reported in parapsychological publications (10). They also bear an intriguing resemblance to the ubiquitous patterns of damped periodic oscillations found in many mechanical and electromagnetic physical systems, in numerous forms of free wave propagation, and in various biological functions, all of which feature an initial maximum signal excursion, followed successively by a reverse phase, a lesser recovery to the initial polarity, and eventual stabilization to some intermediate steady-state value. (DUNNE; JAHN, 1991, p. 14, grifo meu)

A existência de padrões significativos, tanto na experiência humana, como em formas de propagação de onda, reforça a assertiva, mencionada anteriormente, sobre a definição de uma consciência, uma subjetividade, que não se reduz a uma atividade neo-cortical e que aponta para elementos comuns atuantes igualmente em diferentes esferas da realidade. Em outro lugar, em época distinta e com semelhante atenção aos fatores que permitiam fazer pensar a natureza do psiquismo e da vida emocional podendo ser descrita em planos ontológicos distintos, semelhante conclusão já tinha sido obtida, expandindo enormemente ambas noções. Se, por exemplo, no animismo se pode concluir que existem conteúdos psicológicos *projetados* na natureza, agora há a possibilidade de examinar se não resta mais que isso na descrição do animismo e se a *fúria* em uma forte tempestade não remete também à existência de fatores comuns entre a fúria na vida emocional e intensidades semelhantes se dando na natureza, como concluiu Reich. Dessa forma, a experiência de um estado emocional é analisada em termos dos fatores constituintes em planos diferentes, mas não excludentes, da natureza – na tempestade, num plano mais básico, primevo, desdobrando-se depois para um

<sup>35</sup> Como dito antes, alguns operadores se mostraram mais *hábeis* na produção das anomalias, assim como anomalias foram mais marcantes em duplas afetivamente vinculadas, etc.

acontecimento em um plano biológico.

Continuando, há o relato dos sujeitos que se aplicaram aos testes mencionados. Frequentemente mencionaram, quando em situações de máxima produção de resultados, uma *sintonia*, um “estar na mesma frequência”, uma linguagem sugestiva de uma forma de ressonância<sup>36</sup>. Essa condição é bastante conhecida e utilizada por mim, na clínica, por exemplo, quando um fluxo maior e mais elaborado e profundo de informações é vivenciado pelo analista, ao longo de uma sessão. Não se resume a um estado mental, inclui também sensações corporais de *intensidades* e foco, que a vivência ao longo dos anos leva a agudizar e reconhecer mais facilmente. As intensidades experimentadas são consideradas análogas à maior amplitude das vibrações num sistema mecânico. Se, no artigo aqui mencionado, essa *ressonância* é apresentada no âmbito da relação experimentador-máquina, agrego a essa formulação a ressonância entre analista-analisando, mas sem querer resumir essa possibilidade unicamente a essas situações. De qualquer forma, como dito anteriormente, irei me aprofundar nesse tema mais à frente em meu texto.

Nas artes marciais, ou pelo menos em algumas, essa condição é buscada e treinada, como irei mencionar. Na sincronicidade, postulada por Jung e aceita por Pauli como um tipo especial de causalidade, é a significação que faz as ocasiões em que se dá um elo entre fenômenos distintos, e essa significação frequentemente implica importância afetiva. Em função disso, Pauli também criticou as pesquisas em *telepatia*, etc., dizendo que, no intuito de criarem uma situação de controle suficiente e de repetição rigorosa possível, frequentemente eram entediantes para os sujeitos do experimento, viciando, assim, os resultados, ao substituir a dinâmica do vivo por um mecanicismo artificial. Continuando nesse pequeno desvio ao largo do tema principal (consciência, intencionalidade e computação), mas visando ao aprofundamento, temos o *efeito Pauli*.

O *efeito Pauli* e o estado corporal que o autor descrevia quando se apresentava a ele o estado que produzia o efeito têm extrema semelhança descritiva. Esse efeito, tomado como, de fato, verdadeiro pelo próprio Pauli, é relativo às perturbações, isto é, a quebras de equipamento e a alterações nos resultados já esperados, que a simples presença física de Pauli parecia causar. Suzanne Geiser, um dos comentadores, chega a afirmar que não lhe parece estranho que Pauli, o único teórico de primeiro plano deixado de fora, tenha sido desalojado do *Projeto Manhattan* em função disso, como uma precaução (GEIGER, 2005, P.20).

---

<sup>36</sup> Ressonância mecânica é a tendência de um sistema mecânico a responder em amplitudes maiores quando a frequência das suas oscilações encontra a frequência natural dos sistemas, diferente de outras frequências possíveis ao sistema, mas que podem causar falhas catastróficas em estruturas construídas de forma imprópria.

Um colega e assistente de Pauli, Markus Fierz, diz:

Parece que muitos físicos não estavam conscientes que Pauli era muito mais do que um brilhante e de certo modo, singularmente único teórico. Mas eles sentiam isso. Pois mesmo os mais sóbrios físicos experimentais eram de opinião que estranhos efeitos emanavam de Pauli. Eles pensavam, por ex., que sua mera presença no laboratório produzia todo tipo de azares experimentais, como se ele despertasse a malícia dos objetos. Este era o efeito Pauli. Seu amigo Otto Stern, por ex., o célebre virtuoso do feixe molecular, nunca permitia que este fosse ao seu departamento, por essa razão. Isso não é uma lenda, eu conheci tanto Pauli quando Stern, e muito bem. Pauli definitivamente acreditava nesse efeito. Me disse que o pressentimento do desastre vinha a ele como uma sensação desagradável, e se o malfeito antecipado anteriormente realmente ocorresse – com alguém – ele se sentia estranhamente aliviado e relaxado. ( p. 20 - 21).

Como dito antes, essa inserção sobre Pauli é pertinente, na medida em que sublinha uma possível interferência anômala sobre aparatos e instrumentos, difícil de explicar por meios físicos conhecidos, mas também difícil de ignorar, conforme o relato e conforme muitas outras citações sobre Pauli em outras obras.

## 5.2 A ORDENAÇÃO DE EVENTOS RANDÔMICOS PELA EXPRESSÃO EMOCIONAL

O exame dos resultados anômalos, obtidos através de aparelhos eletrônicos, visando interferência via intenção, dá lugar também a resultados surpreendentes, quando o foco é, não a intenção, mas a expressão emocional. No artigo “*The Ordering of Random Events by Emotional Expression*”, Richard Blasband (2000, p. 195-202) descreve sua pesquisa usando um REG, intentando examinar se as expressões emocionais, frequentemente presentes em uma sessão de análise reichiana, afetavam de forma significativa os dados obtidos em uma correlação. Utilizou-se de *videotape*, de cronômetro e do REG eletrônico conectado a um computador, calibrados e fora da vista dos pacientes, que sabiam apenas que eram convidados a fazer parte de um experimento, com o qual concordaram sem maiores informações. Os detalhes da pesquisa estão detalhados na publicação, sendo evidente o necessário rigor utilizado na organização da situação experimental, de forma a tornar os resultados confiáveis. Como sabemos, na descrição anterior, feita a partir do aparato GEA, os resultados, além de serem registrados, são igualmente avaliados estatisticamente e apresentados graficamente em uma tela de computador. Desvios da linha média obtidos e comparados a períodos, em que os pacientes encontravam-se *neutros* do ponto de vista emocional, mostram marcantes afastamentos da média e, além disso, de forma intrigante, uma correlação, em que os desvios apontavam *para cima* sempre que a emoção espontaneamente expressa era raiva e para a direção oposta quando se tratava de frustração, decepção, tristeza. Obviamente, a direção, para cima ou para baixo, não teria nenhum significado intrínseco, mas chama a atenção a identidade entre esses resultados e os encontrados por Reich, em seu *experimento bioelétrico*,

descrito em capítulo anterior, em que eletrodos conectados à pele mediam a variação em *mv*. que acompanhava a vivência de estímulos prazerosos ou desagradáveis. Ali, no caso, a variação indicava um maior ou menor potencial elétrico na pele. Esse experimento fez parte da postulação reichiana sobre as emoções básicas e a direção da excitação no corpo, em uma correlação em que, tanto o prazer, quanto a raiva tinham uma direção centro-periferia, mas, quando se tratava de medo, tristeza e angústia, a direção era periferia-centro.

A pesquisa de Blasband, que postula uma ressonância entre ele, o paciente e o aparato, e a de Reich levam a pensar não só em uma *atividade basilar energética*, mas também em uma ação de campo, o qual não poderia ser eletromagnético, dadas as distâncias envolvidas. Mais uma vez, e pensando nessa propriedade energética, essas pesquisas apontam também para uma identidade comum entre funções em diferentes planos da existência. Tal como na identidade entre fúria emocional e uma tempestade *furiosa*, como na elevação e no rebaixamento da linha no gráfico e sua correlação com os eventos emocionais colocados lado a lado com os resultados reichianos citados, as pesquisas abrem uma perspectiva que permite que, ainda de forma positivamente cética e cuidadosa, mas impulsionados pela curiosidade, e sem nos deixarmos aprisionar pelo já conhecido e aceito academicamente, possamos nos inclinar a tomar a não-localidade como tendo pertinência mais geral do que somente nos fenômenos subatômicos. De fato, do ponto de vista da não-localidade, esse mesmo autor, Blasband, cita sua procura por trabalhos em biofísica relacionados às emoções, encontrando apenas, do ponto de vista da não-localidade, referências a esse conteúdo nos trabalhos de Reich e de Burr e F. S. C. Nortrop. Burr observou que um campo elétrico, medido a uma pequena distância de um ovo de salamandra indiferenciado, ainda não fertilizado, parecia ter um efeito sobre a determinação do futuro *axis* do sistema nervoso. Burr e Nortrop (BURR; NORTHROP, 1935, p. 322-330), juntos, formularam uma teoria eletrodinâmica da vida, mantendo que um campo elétrico era uma primeira propriedade do protoplasma, um padrão determinante para o organismo em meio ao fluxo fisioquímico.

A correlação entre aferimentos anômalos, do ponto de vista estatístico, encontrados na produções dos aparatos mecânicos e eletrônicos, reserva ainda uma surpreendente e polêmica expressão.

Após dez anos de trabalhos e cerca de 250 experimentos, quando da publicação do artigo “*The Emotional Nature of Global Consciousness*” (NELSON, 2008) foram confirmadas evidências da correlação entre dados recolhidos de uma rede de geradores de eventos randômicos, distribuídos globalmente, e eventos de maior significação mundial, mostrando resultados não randômicos.

Uma meta-análise dos resultados apresenta um desvio do esperado da ordem de Sigma 5, o que dá uma chance em um milhão de serem randômicos os resultados.

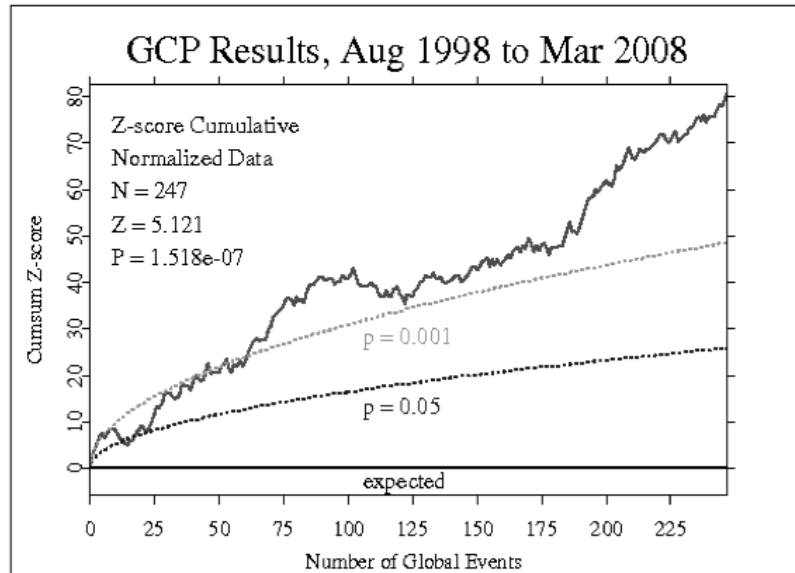


Figura 4: Cumulative total deviation of results for 247 formal hypothesis tests. The dotted smooth curves show the 5% and 0.1% significance criteria. A truly random trace would fluctuate around a level trend at zero on the ordinate. Originalmente publicado no artigo “*The Emotional Nature of Global Consciousness*”.

Quando do assassinato do primeiro ministro israelense, em 1995, largamente comentado na mídia, observou-se que um GER, funcionando ininterruptamente na Escola de Engenharia de Princeton, mostrou um forte desvio do seu comportamento esperado. Dois anos depois, devido ao fato de vários GER estarem sendo utilizados em diferentes partes do mundo, notou-se, de forma inesperada, o mesmo desvio, agora dando-se concomitantemente em 17 aparatos, distribuídos globalmente, ao tempo de dois eventos, que foram acompanhados de comoção mundial. Depois disso, almejando maior controle e entendimento do fenômeno, um experimento simples, mas tecnicamente sofisticado, foi desenvolvido, visando um experimento de longo termo, para testar essa hipótese. Programadores desenvolveram um software para coletar continuamente, de forma sincronizada, dados de uma rede formada por nós mundialmente distribuídos e para enviar esses dados a um arquivo central através da internet, utilizando um protocolo seguro de comunicação. Cada nodo é constituído de um aparato GER e de software padronizado para coletar e somar 200 bits por segundo, armazenar localmente e enviar a uma central em Princeton para futura análise. A hipótese avaliada, é bom lembrar, é a da correlação entre eventos que evocassem comoção grupal, em plano mundial, e desvios estatisticamente significativos. Também é necessário sublinhar que a) embora os eventos avaliados não fossem definidos por um algoritmo, os

dados colhidos eram submetidos à análise estatística e cientificamente válida, b) que os aparatos utilizados eram suficientes, no sentido de serem blindados, para produzirem números randômicos verdadeiros, etc., e c) que alterações no ambiente, que pudessem influenciar os dados, como variação de voltagem na rede elétrica, eram considerados e rejeitados como explicação, especialmente no caso da localização em escala mundial dos aparatos. Aqui também, no caso desses experimentos, as emoções envolvidas, que estiveram correlacionadas com os desvios mais marcantes, foram as emoções de *amor* (no sentido de comoção) e de medo.

O título utilizado nesse trabalho, “*The Emotional Nature of Global Consciousness*”, e que dá nome à pesquisa, é apenas uma hipótese de trabalho. O foco atual é bem mais modesto, como dito antes: examinar as evidências de produção de estruturas em resultados esperados randômicos no referente à correlação entre eventos e o aparato GEA.

### 5.3 O CONCEITO DE *SINCRONICIDADE* COMO UMA FORMA PECULIAR DE CAUSALIDADE

No capítulo anterior estive explorando a ideia da conectividade geral subjacente como uma espécie de propriedade da realidade. Obviamente, essa noção não é nova, e, em minha tese, o que fiz, até agora, foi apresentar elementos quantitativos, mensurações, relativos a trabalhos e a pesquisas, que têm, em comum, a problematização, ao buscarmos uma síntese entre eles, da ideia de separação como elemento central dessa realidade. Nas conceituações anteriores, no exame das possibilidades de objetivação da subjetividade, nas pesquisas reichianas apresentadas, que incluem elementos intrigantes da biologia e da física, nas teorizações de Jung e de Pauli e nos resultados anômalos encontrados no relacionamento de aparatos eletrônicos de intenção, consciência e emoção, o que esteve sempre em foco foi a necessária noção de *relacionalidade*, que surge da consideração de todos esses estudos e pesquisas. Essa *relacionalidade*, por sua vez, parece pôr em xeque a utilização de descrições físicas clássicas, não só por se remeter a uma física delimitada em suas características históricas, mas também por indicar, por dedução que seja, a possibilidade da existência de elementos organizadores atuantes, que prescindam da extensividade para sua ação e sua expressão. Daí o motivo de sempre se voltar a atenção para o tema da não-localidade.

O tema que exploro convida a colocar também em destaque a natureza de fenômenos como consciência e emoção, não somente no sentido de examinar *efeitos* ou correspondências entre eventos físicos e as mesmas, mas também no sentido de questionar o já estabelecido sobre elas, ou seja, sua condição de subordinadas, por definição, ao cérebro e ao sistema

nervoso. Na medida em que aceito as definições reichianas, jung-paulineanas e de outros<sup>37</sup>, as quais localizam, em última instância, o psiquismo como complementar à realidade física em uma dimensão subjacente, ocupo-me de um transitar entre elementos da condição física e da psicológica, através, principalmente, da consideração do inconsciente, no que diz respeito ao ato de *conhecer*, e das correlações apresentadas antes. Como já disse, a semelhança essencial entre as problematizações reichianas e junguianas me fascina. Volto a Jung agora, primeiramente através de Pauli. Embora eu já tenha mencionado Pauli, defini, a princípio, que meu texto e a abordagem que faria se dariam de uma forma “espiral”, retornando a temas e a autores, mas de forma inovada, por já ter agregado ao texto mais conteúdos. Continuo a fazê-lo, portanto. *A relacionalidade, o pertencimento, o denominador comum*, a ideia da dimensão subjacente já haviam sido comentados antes, ao reproduzir o pensamento de Pauli:

The ordering and regulating factors must be placed beyond the distinction of ‘physical’ and ‘psychic’ – as Plato’s ‘ideas’ share the notion of a concept and of a force of nature (they create actions out of themselves). I am very much in favor of referring to the ‘ordering’ and ‘regulating’ factors in terms of ‘archetypes’[...].

O autor, por sua vez, não define *arquétipo* apenas como conteúdo do psíquico: “*The laws of this world would then be the physical manifestations of the archetypes. . . . Each law of nature should then have an inner correspondence and vice versa, even though this is not always directly visible today [...]*”

No artigo “*Ideias of the Uncounscious from the Standpoint of Natural Science and Epistemology*”, Pauli (1954, p. 283-303) diz, no sumário:

Neste artigo fui guiado para fora do meu ramo especial de ciência, pelas coincidências do sentido de ideias ocorrendo praticamente simultaneamente em diferentes ciências: “correspondência”, “pares complementares de opostos”, e “totalidade” aparecem independentemente tanto na física assim como nas ideias de inconsciente. O “inconsciente” ele mesmo tem uma certa analogia com o conceito de “campo” na física, e ambos são afetados por um problema observacional, fora do alcance da visualização e indo ao paradoxal. Embora em física não se fale em “arquétipos” que reproduzem-se, mas em “leis estatísticas da natureza com probabilidades primeiras”, ambas formulações tem em comum a amplificação da mais estreita e antiga ideia de “causalidade”( determinismo) para uma forma mais geral de conexão na natureza, para a qual o problema psicofísico também aponta. Esta forma de considerar me leva à expectativa de que as ideias do inconsciente não serão passíveis de serem desenvolvidas dentro do campo estreito da aplicação terapêutica, mas que sua junção junto ao fluxo geral das ciências naturais das ciências do fenômeno da vida será decisivo para elas. (PAULI, 1954, p.1 , tradução minha)

*Forma mais geral de conexão na natureza e causalidade.* Antes de ingressar no exame do conceito de sincronicidade e em sua postulação como uma forma especial de causalidade, é necessário comentar novamente outro elemento que resvala igualmente no conceito de

<sup>37</sup> Outros como Penrose e Hameroff, ao postularem um acontecimento quântico nos microtúbulos neuronais como determinante para a consciência.

causalidade: a complementaridade, inicialmente abordada por Bohr, no campo dos *fenômenos* da MQ, e aprovada por Pauli, tanto por aceitar os termos de Bohr, quanto por seu correspondente trabalho teórico com Jung.

No artigo “*The Philosophical Significance of the Idea of Complementarity*” (PAULI, 1994, p.34.), Pauli afirma:

A situação chamada complementaridade por N. Bohr é explicada com a ajuda do exemplo fornecido pelas esferas de aplicação dos conceitos contrastantes de “onda” e “partícula” na moderna física atômica. Ela consiste no fato de que os arranjos experimentais para os quais um ou outro são arranjadas necessariamente são mutuamente excludentes como consequência da fundamentalmente nunca completamente determinável interação entre instrumentos de observação e o sistema observado. Uma analogia é apontada entre a situação complementar e os paradoxos da relação sujeito-objeto em geral, assim como o par de opostos empregados na mais recente psicologia, “consciente-inconsciente” em particular. (tradução minha)

Pauli inicia este artigo comentando como a separação das ciências exatas e da matemática de um mundo anteriormente unificado, mas pré-científico, foi uma circunstância necessária para o desenvolvimento intelectual do mundo ocidental, mas que, atualmente, existiriam condições para uma renovação<sup>38</sup>. Segundo ele, a partir dos formalismos matemáticos provisórios da MQ, é necessário admitir que, embora tenhamos ciências exatas, não temos uma descrição científica da natureza: “[...] é justamente essa circunstância que pode conter nela mesma um correção para a anterior (atual) “visão de mão única” o germe para do progresso para uma visão unificada do universo (weltdilb).Diferentemente dos pesquisadores que adotaram o *positivismo* como consequência dessa situação, Pauli apresenta a complementaridade como o viés necessário:

[...] no que segue, eu desejo explicar através de exemplos simples como a ideia de complementaridade tornou possível, dentro do campo da física, uma síntese das contrastantes e à primeira vista mutuamente contraditórias hipóteses. Para alcançar esse objetivo, generalizações de extremo alcance da velha ideia de causalidade, e mesmo da ideia de realidade física, são naturalmente necessárias.

A constatação de que partículas materiais, não somente a luz, produzem igualmente padrões de interferência tornou a *dualidade* envolvida universal, segundo Pauli. Esses padrões de interferência exibidos pelas partículas só podem ser descritos por uma *referência onda*, ou *imagem onda*. Uma consequência disso é que há limitações para a ideia de *partícula*, não somente para a luz, mas também para a matéria.

Deduz-se disso que:

[...] o princípio universal de indefinição ou incerteza nos permite entender que a aplicação das referências “onda” e “partícula” não podem mais conflitar uma com a outra desde que os arranjos experimentais cujos resultados suportam “ambos-e” (onda como referencial) e os outros arranjos experimentais cujos resultados

<sup>38</sup> Ver *prigogine* e o re-encantamento da natureza.

suportam “um ou outro-ou (*partícula como referencial*) são mutuamente excludentes [...]”.

A visão de mundo que Pauli irá adotar, em decorrência dessas formulações e da parceria com Jung, leva-o a ser não tão somente um adepto da ideia de complementaridade, como Bohr. Se Bohr, em um plano epistemológico, pensa os fenômenos vivos<sup>39</sup> como contrastantes e complementares aos fenômenos materiais não vivos e também pensa a psicologia como complementar à física, Pauli se destaca ao colocar uma ênfase sobre o psiquismo: ao constatar a impossibilidade de controlar a interferência que o ato de observar traz ao sistema observado, Pauli finaliza concluindo que objetos materiais ganham, assim, um caráter *simbólico*, já que as condições para a descrição do fenômeno, independentemente do modo de observação, não são preenchidas: “Dessa forma pode-se dizer que irracionalidade apresenta-se ao físico moderno na forma de observação seletiva (*auswahlende*)” (PAULI, 1994,p.39)

Os termos empregados por Pauli – caráter simbólico, irracionalidade – mostram o caminho que estava percorrendo na descrição apresentada. Há uma mistura, uma combinação de significados de termos, os quais estamos acostumados a encontrar em outros lugares, não em um discurso da Física. Tamanho é o esforço para apresentar a ideia de uma realidade não estritamente objetiva e independente do observador e da mensuração, que tais termos ganham uma espécie de sentido estendido. Não é simplesmente a *subjetividade* que é mencionada, o *simbólico* não designa apenas o *algo para alguém*, mas ganha, nos termos de Pauli, dos objetos-observadores, categoria composta que me ocorre empregar, uma espécie de sentido *em si*. A *irracionalidade* também é empregada em um sentido diferente de subjetividade e, certamente, é utilizada por Pauli como sinônimo de *inconsciente*. O mundo visado nessa descrição não é o do lugar comum do *paralelismo psicofísico*, nem o da simplificação *consciência (observação) que produz realidade*. A complementaridade analisada registra uma realidade composta, na qual o *simbólico* se apresenta ao objeto e, ao mesmo tempo, *está* nele, do mesmo modo como a *irracionalidade*, que se apresenta ao físico moderno, não constitui apenas subjetividade, mas *inconsciente*, termo utilizado, aqui, como conduzindo ao profundo, ao não-consciente, ao *arquetípico* em última instância – “*The laws of this world would then be the physical manifestations of the archetypes*” –, ao que nas teorizações de Jung e de Pauli é a fonte não somente do psiquismo, mas da realidade, transcendendo em muito uma significação residente no plano do psiquismo. A complementaridade exposta passa longe de ser uma simplificação de uma *solução* simplória, não sendo, portanto, apenas recurso retórico. Ao

<sup>39</sup> Um fenômeno vivo precisa manter sua integridade para ser examinado e analisado enquanto vivo, não admitindo redução.

contrário, se lembrarmos agora a definição de *arquétipo* e suas nuances – “[...]o conceito de arquétipo na psicologia junguina e suas transformações do sentido original de “imagem primordial” para um irrepresentável elemento estruturante do inconsciente, um regulador, que organiza representações [...]”– podemos nos aproximar do sentido de *irracionalidade* proposto por Pauli.

Isso posto, sempre sublinhando a questão da *relacionalidade, conexão*, posso agora me ocupar do conceito de sincronicidade, o que não teria sentido antes de uma retomada da ideia de complementaridade, fazendo isso através da utilização desse conceito na Física, e não apenas na Filosofia.

A sincronicidade, posta como uma ordenação a-causal, ou forma especial de causalidade, foi mencionada pela primeira vez por Jung no seminário “*Dream analysis*”, de 1928:

É por isso que os primitivos falam de seus sonhos, por isso eu falo dos sonhos. Somos tocados pelos sonhos, eles nos expressam e nós expressamos a eles, e existem coincidências ligadas a eles. Recusamo-nos a levar as coincidências a sério porque não podemos considerá-las como causais. É verdade que cometeríamos um erro em considerá-las causais; fatos não acontecem por causa dos sonhos, isto seria absurdo, nunca poderemos demonstrar isto; eles apenas acontecem. Mas é sábio considerar o fato de que eles realmente acontecem. Nós não os notaríamos se eles não tivessem uma regularidade peculiar, não aquela de experimentos de laboratório, e sim um tipo de regularidade irracional. O oriente baseia muito da sua ciência nesta regularidade e considera as coincidências como a base confiável do mundo, não a causalidade. O sincronismo é o preconceito do oriente, a causalidade é o preconceito moderno do ocidente [...]. (JUNG, 1983, p. 44- 45)

[...] eu vi muitos outros exemplos do mesmo tipo nos quais pessoas não relacionadas foram afetadas, inventei a palavra sincronicidade como um termo para cobrir estes fenômenos, isto é, coisas acontecendo ao mesmo tempo como uma expressão do mesmo conteúdo. **O fato de que os princípios da nossa psicologia são princípios de fenômenos energéticos gerais** não é difícil para o chinês aceitar; só é difícil para a nossa mente discriminativa. Mas ela também tem o seu valor com o seu refinado sentido para os detalhes das coisas e aqui é exatamente onde o oriente definitivamente mostra a sua incapacidade, pois eles não conseguem lidar com os fatos e eles se permitem todos os tipos de ideias e superstições fantásticas. Por outro lado eles têm uma compreensão muito mais completa do papel do homem no cosmo, ou do como o cosmo está ligado ao homem. (JUNG, 1983, p. 417, grifo meu)

Jung examina *coincidências* e, ao mesmo tempo, contextualiza-as no plano dos *fenômenos energéticos gerais*, ainda de forma experimental nesse período.

Depois de anos de correspondência e após Pauli declarar apoio ao caráter científico da sincronicidade, em 1952, os dois publicam dois textos na obra “*The Interpretation of Nature and the Psyche*”, um escrito por Pauli, “*The Influence of Archetypal Ideas on the Scientific Thoughts of Kepler*” e outro por Jung, “Sincronicidade: Um Princípio de Conexões Acausais”.

O trabalho que rendeu a Pauli o prêmio Nobel, “O princípio de Exclusão”, de 1925, pode remeter à ideia de um processo *subjacente* determinando o comportamento da matéria de

uma forma *a-causal*. O modo de pensar de Jung, sua visão de mundo, não era estranha ao autor.

Em uma longa carta de Pauli a Jung, de 28 de junho de 1949, e em algumas outras, comentando a ideia de sincronicidade, encontramos um texto pleno de referências à psicologia do inconsciente e conceitos da física, como o de *tempo* e o de *simultaneidade*. A carta contém também esta narrativa: referências a conteúdos oníricos de Pauli, que este avalia como tendo relevância arquetípica. O autor começa a carta agradecendo o envio do manuscrito de Jung sobre sincronicidade; discordado prontamente de seu interlocutor quanto aos experimentos de Rhine terem expressão sincronística, “trata-se de outra coisa” diz Pauli; e valorizando a noção, segundo a qual a sincronicidade guarda relevância, não quanto a aspectos estatísticos (como os existentes nos experimentos de Rhine), mas, sim, quanto à conexão envolvendo um estado definido de consciência: “[...]Dessa forma, o surgimento do fenômeno sincronístico realmente parece estar conectado a um estado diferenciado de consciência (este termo é deliberadamente bastante vago)” (PAULI, 1994, p. 36).

É necessário contextualizar o tema da *sincronicidade* em um esquema junguiano mais geral. Jung foi psicanalista freudiano e distanciou-se deste ao teorizar sobre dois elementos fundamentais da metapsicologia freudiana, o conceito de *libido* e o de *inconsciente*. A primeira foi descrita como uma força para além do *sexual* e o inconsciente, por sua vez, como tendo uma natureza mais profunda do que a de uma *memória arcaica pessoal*, mesmo levando-se em consideração a ideia de *proto-fantasias*, elementos psíquicos pré-existentes à experiência no psiquismo. Deixando de lado toda a complexidade das teorizações freudianas, inclusive sobre a natureza da *pulsão* e da *libido* enquanto *força* ou *energia*, é fato que as postulações freudianas implicam umas nas outras, os conceitos apoiam-se mutuamente, é, portanto, impossível uma descrição da pulsão sem mencionar a de inconsciente, recalque, etc. É possível, entretanto, uma aproximação das metas da psicanálise ao utilizar as interpretações nas sessões: tornar consciente o inconsciente, ou seja, retirar o *recalque* dos elementos ideativos que sofreram a repressão, como foi descrito em capítulo anterior desta tese.

Na análise junguina, fundamentada em parâmetros diferentes, o objetivo é o processo de *individação*, a análise serve ao propósito de ajudar alguém a ser o que já era potencialmente, e para isso, a *natural oposição* entre inconsciente e consciente precisa ser minorada, com uma tomada de consciência mais completa possível sobre os conteúdos inconscientes na sua expressão arquetípica. Esse é o processo de individuação. Sublinhei a consideração sobre a oposição entre inconsciente e consciente, porque estes são vistos como

polaridades opostas e complementares. Contudo, é interessante notar, pelo menos em um plano epistemológico, que, se a psicanálise freudiana era identificada pela sua tarefa de *libertar* a vida instintiva (pulsional) – mesmo que o conceito de sublimação já tenha sido problematizado por Reich, como mostrado no próximo capítulo –, por outro lado, é o transcendental, em última instância o alquímico que norteia o objetivo junguiano. Ocupado com o a sincronicidade, uma síntese substantiva foi feita por Pauli, englobando alquimia, radioatividade e a transformação do inconsciente-consciente. Significativamente, Jung nomeia o trabalho de relacionar inconsciente e consciente de *função transcendente*.

Da mesma forma que é necessária uma familiaridade com os conceitos da metapsicologia freudiana e uma noção de que esses conceitos são interconectados e mutuamente apoiados, para se ter uma dimensão do seu valor e de sua importância heurística ou científica de fato, o mesmo se dá com a ideia de *sincronicidade*, no âmago das produções de Jung e Pauli. Essa ideia não surgiu a partir de especulações filosóficas ou de doutrinas teológicas em um contexto isolado, mas, sim, resulta de dados clínicos, não enquanto teorizações somente, mas como experimentações, tanto de Jung, quanto de pacientes, posteriormente avaliadas por Pauli em termos da MQ e de seus próprios sonhos. É nessa e somente nessa perspectiva que essa ideia merece atenção e consideração, da mesma forma que a obra reichiana implica uma totalidade a ser considerada, na qual os dados clínicos iniciais estão na base da lógica que irá se desdobrar em aparatos tecnológicos de interferência em sistemas vivos e atmosféricos.

O conceito de sincronicidade, portanto, não é fácil de resumir e de apreender, já que envolve mais do que referências a acontecimentos se dando ao mesmo tempo e de alguma forma significativa. Remonta à postulação do arquétipo como coisa primeva, na origem tanto do psiquismo, quanto das *leis da natureza*, sendo já o próprio psiquismo mencionado na definição problemático e complexo, pois remete a mais do que “mental”. Da mesma forma, os termos “inconsciente” e “consciente” remetem a mais do que a uma trajetória esperada na direção do primeiro para o segundo, etc.. Além disso, tanto Jung, quanto o próprio Pauli tomam os sonhos deste, como mencionado, não exatamente como conteúdos simbólicos, no sentido usual do termo, mas como significando *arquétipos* em ação. Na sincronicidade e nesse mesmo texto citado, Pauli problematiza os conceitos de tempo e de simultaneidade, colocando-os em segundo plano frente à importância do *significado* para a sincronicidade, dizendo que a simultaneidade apenas facilitava a percepção da sincronicidade ocorrendo.

Eis um exemplo encontrado nessa mesma carta, direcionada a Jung, após o pedido do

mesmo para que Pauli avaliasse um texto sobre sincronicidade enviado: depois de relatar como conhecia o sentido das *coincidências significativas* nos textos de Shopenhauer, em que este postula a definitiva união entre necessidade e acaso, e como ele, Pauli, tinha ficado fascinado com esse texto, que evocava nele um novo rumo para as ciências, continua:

Eu agora chego às suas questões concernentes à possibilidade de juntar alguns dos fatos físicos mencionados por você, com a hipótese sincronística. Essa é uma questão difícil, e parece estar conectada a algumas das minhas experiências pessoais no “background physics”, que manifestaram-se especialmente na forma de sonhos [...]. (MEIR, apud PAULI, 2001, p. 39)

Assim como na física, uma substância radioativa “radioativamente” contamina todo um laboratório, o fenômeno sincronístico parece ter a tendência de se espalhar pela consciência de várias pessoas. [...] O fenômeno físico da radioatividade consiste na transição do núcleo atômico da substância radioativa de uma etapa inicial instável para sua etapa final estável (em um ou vários passos), no curso do qual a radioatividade finalmente para. De forma similar, o fenômeno sincronístico, num fundamento arquetípico, acompanha a transição de um estado inicial instável da consciência até um novo estágio estável, em equilíbrio com o inconsciente, uma posição onde o fenômeno sincronístico se esgota também. (MEIR, apud PAULI, 2001, p. 40)

Logo adiante, e fazendo um paralelo com questões da MQ e chegando ao problema da *significação e da sincronicidade*:

Mais uma vez aqui, o problema difícil para mim é o conceito de tempo. Em termos físicos, é conhecido que uma determinada quantidade de uma substância radioativa pode ser usada como um relógio, ou então o seu logaritmo pode. Em um intervalo de tempo definido, é sempre a mesma fração de um átomo que é desintegrada, e dois intervalos de tempo podem ser definidos como iguais quando a mesma fração de átomo desintegra em ambos. Mas é aqui onde o caráter estatístico das leis da natureza entram em cena. Há sempre flutuações irregulares sobre estes resultados em média, e elas são relativamente pequenas quando a seleção dos átomos existentes é suficientemente grande; o relógio radioativo é um fenômeno coletivo [sublinhado pelo autor]. Uma quantidade de substância radioativa consistindo de poucos átomos não pode ser usada como relógio. Os momentos no tempo onde dois átomos individuais desintegram não são de forma alguma determinados pelas leis da natureza, e na visão moderna estes realmente não existem independentemente de serem observados na situação experimental adequada. A observação (neste caso, o nível energético) do átomo individual liberta-o da situação - (isto é, significado) - conexão com outros átomos e liga-o ao invés (em significado) ao observador e a seu tempo [...]. (MEIR apud PAULI, 2001, p. 41)

No entendimento de Pauli, portanto, *sincronicidade* representa a justaposição de uma condição interna, como por exemplo, um determinado estado de consciência, e um evento externo relacionado ao estado interno. Daí a ênfase no experienciado e no significado, ao invés de na simultaneidade. Pauli preferia o termo *conexão significativa* ao invés de sincronicidade. Pauli pretendia colocar a experiência emocional do significado no centro do conceito. Por esta razão, criticava a metodologia empregada nas pesquisas parapsicológicas, notando que elas mostravam resultados positivos, isto é, desvio do padrão, quando os sujeitos estavam emocionalmente engajados, resultados estes que deixavam de ser significativos quando os indivíduos estavam entediados pela repetição mecânica dos experimentos. O autor

também comentava o efeito nocivo do método estatístico para o estudo da sincronicidade.

Tentando examinar a sincronicidade, Jung lançara mão de um experimento astrológico, tentando aparentemente demonstrar que a astrologia era baseada em algum tipo de relação a-causal entre este sistema simbólico e pessoas nascidas em um determinado tempo e lugar. Mas os resultados obtidos foram decepcionantes, pois, se a princípio Jung obteve resultados significativos, mais à frente estes foram se mostrando nada diferentes do estatisticamente esperado. Em carta a Marcus Fiers, Pauli discute:

As informações em sua última carta de que os resultados obtidos por Jung com o uso do horóscopo foram dentro do estatisticamente esperado me encheram de satisfação. Um teste deste tipo, em que todo fator irracional é eliminado e o inconsciente não tem chance alguma de operar (é uma constatação engraçada que seja um físico que tenha que lembrar isto a um psicólogo do inconsciente!) não poderia resultar em nada diferente. As ciências são muito boas para predizer o resultado negativo em um caso como este, e foi somente o produto de uma mente sem praticamente nenhum treino científico esperar qualquer coisa diferente disto. Por que aqui estamos interessados no **reprodutível** e não no **único**. É sobre esse último que podemos fazer postulações que são adicionais às conclusões científicas, e isso sem invalidá-las. (Eu uso “único” de forma geral, de modo a poder incluir grupos de eventos, não somente eventos individuais). GEISER, 2005 ,p. 26)

Assim, no caso da sincronicidade, pensada em paralelo à MQ no referente ao tema da mensuração e da observação, a segunda não é vista como tendo relação automática e mecanicamente ao evento sincronístico, mas este tendo como fator central a existência de um “sentimento forte, ou de envolvimento como um fator ordenador” . Não é demais, nesse momento, registrar a extrema semelhança com as postulações e conclusões do PEAR, quanto ao tema da *ressonância*, ao envolvimento emocional dos participantes e aos resultados anômalos, nem é possível deixar de lado a ideia dos eventos emocionais como *fatores ordenadores* no caso das redes de computadores utilizando aparatos GER, que mostraram alterações estatisticamente significativas ao largo de eventos de importância mundial e marcados por fortes comoções. Intencionalmente ou não, o artigo de Blasband, em que examina a correlação entre a ocorrência de vivências emocionais intensas em uma sessão de análise e alterações no GER, chama-se *Ordering Random Events by Emotional Expression*.

Da mesma forma que é necessário pontuar que o termo *significado (meaning)* não é empregado, por Jung e por Pauli, na acepção de representação mental, o viés adotado por Pauli, ao comentar o caráter *único (unique)* da ocorrência sincronística, apoiado em uma analogia com a microfísica e no tema da mensuração/observação, deve nos chamar a atenção não como uma tradução direta da *interpretação de Copenhague*, mas, sim, no que se refere ao elemento *relacional (o significado-sentido)* e, se prestarmos atenção, à prioridade que esse

elemento tem sobre a dimensão tanto do espaço, quanto do tempo<sup>40</sup> na produção do acontecimento.

Em função dos interesses ligados ao tema da minha tese, mantive um foco seletivo na apresentação dos pensamentos de Jung e de Pauli, já que meu objetivo não é um estudo aprofundado das produções de ambos, muito mais extensas e intrincadas do que o mencionado aqui. Interessei-me especialmente pelas teorizações de Pauli, pelo viés tomado pelos conteúdos da física que empregava e pelos comentários de cunho ontológico e epistemológico. A não-localidade esteve em um lugar central<sup>41</sup>, assim como o conceito de complementaridade e, por fim, como uma referência, ainda que leve, a um fator como que *dialético* (porque também mutuamente excludente) nas produções dos autores recentemente mencionados. A respeito dessa referência, destaque-se que a “dialética” é marcante e fundamental nas teorizações reichianas. O termo foi por mim utilizado entre aspas por ser objeto de atenção em capítulo posterior, quando for examinado o *funcionalismo orgonômico* de W. Reich e suas implicações.

Marcante também é a diferença entre a MB<sup>42</sup> e a Interpretação de Copenhague, segunda base referencial de Pauli, na Física. Se Pauli, entretanto, faz uma defesa do indeterminismo<sup>43</sup> no inconsciente e nomeia como *irracionalidade* o elemento atuante na produção da *uniqueness*, significado, elemento ordenador presente na sincronicidade, caminhando até o arquetípico e o numênico, esse arquetípico, posto como inacessível e além do alcance da possibilidade de conhecimento, não deixa de ser, ao mesmo tempo, de forma caracteristicamente dialética, postulado como *realisticamente* existente (em si), além de fator ordenador e regulador.

---

<sup>40</sup> O instituto PEAR também teorizou sobre a independência quanto ao tempo no surgimento dos resultados anômalos verificáveis.

<sup>41</sup> O lugar central da não-localidade pressupõe um elemento da ordem do *continuum* (não definido) atuante.

<sup>42</sup> Bohm definiu inicialmente sua teoria quântica como *Interpretação Causal*, mas posteriormente, notando que isso parecia demasiadamente com determinismo, mudou o nome para *Interpretação Ontológica*.

<sup>43</sup> “O fato de que o conceito matemático de probabilidade nessa nova situação denotada pelo termo ‘complementaridade’ me parece extremamente significativo. Parece que a isso corresponde, num plano profundo, uma realidade na natureza; porque foi provida uma sólida e lógica base para o tipo de lei natural que generaliza a clássica e determinística explicação da natureza, e fornece a ligação entre continuum (onda) e descontínuo (partícula) e para a qual eu sugeri o nome de *correspondência estatística*. (PAULI, 1994, p. 48)

## 6 FÍSICA E PSICOLOGIA II

### 6.1 CONSCIÊNCIA DE SI E O CORPO

O esforço para coordenar o movimento é tremendo, o que só aumenta minha angústia. Vista de fora, a tarefa de levar um pé à frente, o braço erguido adiante, de girar o corpo em 180 graus, traçando uma espiral de cima para baixo, mantendo baixo o centro de gravidade e repetindo a manobra com os dois lados do corpo, tudo parece ridiculamente fácil. Para mim, aos quinze anos, uma tarefa de Hércules. Precisei de mais ou menos 3 meses, 3 treinos semanais, até conseguir um grau mínimo de eficiência para esse único movimento, que condensa toda uma síntese.

A academia de *Aikido*, uma arte marcial, ficava em São Paulo. As práticas físicas eram acompanhadas, ao final de cada treino, por uma aula de filosofia oriental e descrições sobre façanhas de samurais. Para minha sorte, os professores estavam mesmo imbuídos do desejo de ensinar, a academia não se destinava a fabricar brigões e à violência gratuita, os contos ilustravam de forma fácil princípios filosóficos mais complexos. Não foi por acaso que essa arte marcial, desenvolvida a partir dos movimentos da espada japonesa, constituía-se basicamente de movimentos circulares, espirais na verdade, baseados em uma concepção de *energia universal*, *KI*, e do movimento característico do *cosmos*. Foi a partir dessa experiência com o *Aikido* que surgiu o meu interesse pelo corporal na psicanálise e na psicoterapia – adolescente ainda, muitas vezes reparei como, depois de cada treino, mudavam meu humor e meu sentimento de felicidade ou de infelicidade – e também meu primeiro contato com um referencial energético. Esse referencial era parte do cotidiano, os treinos visavam desenvolver a habilidade de concentrar e de utilizar, de forma favorável, essa energia, o que incluía colocar uma atenção *sem pensamentos* no ponto três dedos abaixo do umbigo, o *Hara*. Tornar-se mestre, nessa arte marcial, é desenvolver a maestria do contato com o *Hara*, e não uma evolução em si das técnicas de combate e seus movimentos específicos. Curiosamente, ou sincronisticamente, sem que eu, até então, tivesse tido qualquer contato com as teorias reichianas, essa prática analisa criticamente, assim como a teoria reichiana, a valorização ocidental de “peito para fora, barriga para dentro”, como postura. Como um pensamento naturalmente holístico, o *Aikido* sublinha o modo como a modificação da postura, erguendo o centro de gravidade do corpo para o peito, traz consequências energéticas e emocionais, *desbalanceando* o indivíduo e entronizando o *pequeno ego* (narcisismo). Assim, a postura natural relaxada, que faz equivaler o centro de gravidade com o centro do corpo, denota uma concepção na qual há uma correspondência *cosmos-existência individual*. Esse enquadre

permeia toda concepção dessa arte e dessa filosofia.

Essa minha vivência veio a ter especial relevância no modo de trabalhar resistências e de lidar com a transferência em minha prática clínica da Análise do Caráter, não somente no sentido usual, existente em algumas artes marciais, de usar a força do oponente contra ele mesmo, mas também enfatizando mais a suavidade e a persistência do que a força bruta. Também tem relevância, em contraste com a noção de atenção flutuante na psicanálise, a concentração bi-focada<sup>44</sup>, em que a atenção encontra-se focada tanto no oponente, quanto nas próprias sensações, possibilitando a capacidade de *perceber* e antecipar movimentos.

A extrapolação para a prática clínica, no caso dessa vivência, não pode prescindir de uma teorização que englobe os elementos da *atenção bi-focada*: o perceber relatado é entendido, a partir da experiência clínica, como uma espécie de *estado*, que se dá nos dois componentes da situação, analista e analisando. O perceber, termo utilizado aqui até segunda ordem, é também auto-percepção, ou, dito de outra forma, essencialmente auto-percepção. Obviamente, levando em consideração o que já foi apresentado anteriormente, essa é uma maneira de comentar uma não-localidade, que se dá no âmbito de um sistema orgânico, no caso, formado por duas, ou mais, pessoas. Só assim faz sentido mencionar a auto-percepção como instrumento possível de acesso a um Outro.

Nessa e em outras artes marciais, tem especial importância o desenvolvimento da atenção e de um tipo de concentração, que pode ser definida como sendo uma *meditação em movimento e através dele*. Uma vivência em especial é buscada: a imbricação entre praticante e *Cosmos*. Aqui, o conceito de *KI* revela toda a sua abrangência, pois, em nossa linguagem, *KI* significa tanto energia, como alma. Contudo, alma, por sua vez, tem uma conotação dupla, que pode ser apresentada como dividida entre alma e *espírito*. Como este não é um estudo sobre Linguística, comento diretamente agora a relevância desse detalhamento feito acima: a concentração busca uma harmonização, uma *sobreposição* de *alma* e *espírito*, o *élan* pessoal, com o cósmico. Tomo esses dois conceitos como hipóteses de trabalho, pois sua existência serve ao propósito de referenciar fenômenos clínicos, que apressadamente seriam chamados de *quase telepáticos*. Em um capítulo posterior, isso será examinado em detalhes e também exemplificado.

Nesse pequeno apanhado, creio já ter deixado evidente toda a gama de extrapolações, com as quais irei me ocupar ao me referir a essa arte marcial. No conjunto dos textos já apresentados reside o objetivo de apontar repetidamente para o tema da não-localidade e, com

---

<sup>44</sup> O termo “atenção” será temporariamente utilizado nesse momento, já que se trata de algo mais complexo do que aquilo que essa designação não cobre totalmente. No item 6.4 será melhor detalhado.

isso, chegar ao pretendido pelo título desta tese e pelas diferentes pesquisas que alinhavo a essa intenção. Nesse conjunto, encontram-se sempre temas e conceitos interligados, como “relacionalidade”, “complementaridade”, “sincronicidade”, etc., um conjunto de estudos, em que a relação *continuum*-discreto encontra-se presente, mesmo que implicitamente. Em todos esses trabalhos, porém, buscando inclusive delinear um percurso acadêmico na seleção do material apresentado, detalha-se a utilização dos recursos da mensuração e dos da objetivação, tanto no sentido de declarar o caráter científico dessas elaborações, quanto no de sedimentar possibilidades de replicação experimental.

Agora é um outro momento, em que o cerne do que é do que será comentado se apoia em minha experiência pessoal e nada mais, mesmo que essa minha experiência seja corroborada, eventualmente e em alguns pontos essenciais, por outros com semelhante vivência. Embora na história do pensamento ocidental exista um precioso momento, em que o *argumento de autoridade*, como referencial, é transformado, ao longo do tempo, em *possibilidade experimental*, quer dizer, possibilidade de exame e de replicação, o que pretendo, aqui, é fundar um *terceiro* momento, em que, encontrando-me em um momento histórico pertinente, no qual o “eu sei” não tem mais vigência, e havendo sujeitos com formação e capacidade crítica suficiente, o que considero ser o meu caso, possa haver espaço para validar, a princípio, tateante e cuidadosamente, aquilo que seja o produto da experiência pessoal, enquanto subjetividade, considerando-se a possibilidade de uma generalização para o campo de uma objetividade, por mais exótico, insólito e distante do senso comum que esse ou esses conteúdos da experiência pessoal possam ser. De um ponto de vista epistemológico, isso implica contrastar, mas não rechaçar ou eliminar, o projeto científico<sup>45</sup> com uma situação, como proposto por Reich, em que uma totalidade é que está sob investigação e em que a *subjetividade* é incluída na situação experimental, por meio da reintrodução das sensações na mesma. O contraste só não é absoluto, porque as sensações são consideradas também em sua *objetividade*, o que será detalhado no próximo item, *contribuições dos pensamentos freudiano e reichiano à epistemologia*.

A razão humana é o que substitui o *pensamento revelado*, o que suspende o *argumento de autoridade* da situação experimental e o que supera também o empirismo e a sensorialidade “ingênuos”, tornando possível a *descentralização* de Copérnico. Há, agora, esse terceiro momento, em que as sensações e a própria subjetividade podem retornar ao cerne dos modos de produção de conhecimento, não no sentido usual de *relativização*, mas no de

---

<sup>45</sup> Projeto científico entendido, aqui, enquanto busca de objetividade, via distanciamento do experimentador, e enquanto controle experimental, via redução ao mínimo das variáveis sob exame.

aproximação maior da *coisa em si*, usando um referencial filosófico para indicar isso.

Embora sempre seja possível, do ponto de vista de uma metodologia de pesquisa, o emprego de avaliações e de mensurações que tornem qualquer tema de estudo – fora das ciências ditas naturais ou exatas – ou qualquer pesquisa passíveis de serem considerados científicos (pelo emprego específico de metodologias), o que procuro focar aqui diz respeito à existência de eventos que possam estar suficientemente fora das possibilidades de controle, a ponto de sequer serem considerados, ou mesmo detectados, como por exemplo, o caso da *sincronicidade* mencionada por Pauli, na qual a tentativa de captura possa ser, ela mesma, o fator não produtor na situação. Aliás, no capítulo *máquinas não maquinicas*, irei mencionar um aparato e uma tecnologia, o *cloud-buster*, desenvolvido a partir do acumulador orgânico. Esse aparato, tendo utilização na modificação das condições atmosféricas, tem características tais que demandam de seus operadores uma específica condição psicofísica, para que, assim, estejam habilitados a perceber sutilezas dos eventos meteorológicos, as quais são idênticas, do ponto de vista de denominadores comuns, aos acontecimentos energéticos que se dão dentro e fora, ao mesmo tempo, dos organismos vivos. Dessa forma, há como que uma “estética” necessária no emprego efetivo dessa tecnologia.

Para fins de clareza, é necessário explicar que aquilo que aqui é denominado *experiência pessoal* se referente a toda gama de impressões que, mesmo não se resumindo a uma apreensão direta pelos sentidos e, pelo contrário, sendo caracteristicamente *indireta*, é, mesmo assim, considerada informação sobre o mundo enquanto realidade objetiva e, se considerarmos a recursividade que há na ideia de subjetividade enquanto dimensão não pessoal apenas, também subjetiva.

Por várias razões escolhi incluir a disciplina do Aikido neste trabalho: não somente por fazer parte das minhas experiências pessoais e por ter características que considero pertinentes ao tema deste estudo – como muitas outras práticas orientais, esta visa uma espécie de *desenvolvimento* do praticante que remete à ideia de *religação*, harmonização com o *cosmos* –, como também pelo fato de o percurso individual do criador dessa disciplina, Muehei Ueshiba, ter conotações que remetem à ideia de acontecimento *sobrenatural*, como irei descrever logo à frente. Esse *sobrenatural* diz respeito tanto à descrição que Ueshiba faz de eventos que teriam ocorrido com ele, como também a elementos dessa disciplina que são, por isso, criticados como *mistificação*, inclusive por praticantes. Como razão de interesse de mencioná-los aqui, aponto para o fato de esses elementos se associarem ao conjunto de eventos e de teorizações que tenho apresentado como sendo da ordem do inesperado.

Antes de detalhar alguns elementos da disciplina Aikido, farei menção ao evento

apontado por Ueshiba como determinante para mudar para a denominação “Aikido” o que, então, era chamado de Ai-Ki-Jitsu :

One day a naval officer entered into a minor disagreement with Ueshiba resulting in his challenging Ueshiba to a kendo (sword) match. Ueshiba consented but remained unarmed. The officer, a high-ranking swordsman, was naturally offended at this affront to his ability and lashed out at Ueshiba furiously. Ueshiba easily escaped the officer's repeated blows and thrusts. When the exhausted officer finally conceded defeat, he asked Ueshiba his secret. “Just prior to your attacks, a beam of light flashed before my eyes, revealing the intended direction. All I did was avoid the streams of white light. (Ueshiba, 1984, p. 38)

Selecionei esse trecho por haver nele referência ao que usualmente seria chamado de sobrenatural, paranormal, ou ficcional, dependendo do ponto de vista de quem o comenta. Minha intenção é sublinhar se é, ou não, possível se dar um evento como esse, na sua literalidade, ou seja, sem que se recorra a uma explicação como *sugestão psicológica*, ilusão, ou mesmo alucinação, assumindo-se, claro, como ponto de partida, a honestidade do relato de Ueshiba Sensei. Embora seja possível uma série de explicações na órbita do academicamente conhecido e do esperado, minha posição pessoal, não somente como praticante do Aikido, mas como acadêmico, é que sim, é possível, sem nenhuma redução a outras explicações mais palatáveis e plausíveis. Continuo agora com o relato de Ueshiba:

I felt that the universe suddenly quaked, and that a golden spirit sprang up from the ground, veiled my body, and changed my body into a golden one. At the same time my mind and body became light. I was able to understand the whispering of the birds, and was clearly aware of the mind of God, the Creator of this universe. At that moment I was enlightened: the source of budo is God's love – the spirit of loving protection for all beings. Endless tears of joy streamed down my cheeks. . . . I understood, Budo is not felling the opponent by our force; nor is it a tool to lead the world into destruction with arms. True budo is to accept the spirit of the universe, keep the peace of the world, correctly produce, protect and cultivate all beings in Nature. I understood, the training of budo is to take God's love, which correctly produces, protects and cultivates all things in Nature, and assimilate and utilize it in our own mind and body. (Ueshiba, 1985, p. 154)

Não é meu objetivo defender, ou não, a existência literal dos conteúdos místicos, religiosos ou *sobrenaturais*, ou propor uma análise psicológica, antropológica, etc., dos mesmos conteúdos. O que importa é sublinhar o conteúdo da experiência citada e sua literalidade enquanto tal, e não uma interpretação da mesma, simplesmente. Por exemplo, é possível avaliar, como disse antes, no circuito dos saberes acadêmicos, como a *iluminação*, a *epifania* podem remeter desde a alterações na bioquímica do cérebro, até o outro extremo, em que, na psicologia junguiana, esse relato pode ser visto como a vivência crítica do que é arquetípico, portanto *numênico* e não necessariamente divino ou sobrenatural. A experiência enquanto tal, tomada no sentido de considerar se esta se dá, ou não, como relatado, o caso do *feixe de luz*, antes mesmo do movimento executado com a espada, é por mim positivada em razão, como dito antes, de sua justaposição a vários elementos, que fazem levar em

consideração sua existência factual. Como entendo que a permanente consideração de um viés epistemológico é parte integrante do projeto científico, enquanto modelo de conhecimento, entendo também que será proveitoso apresentar um exemplo de trabalho acadêmico, produzido por pessoal credenciado, igualmente praticante da disciplina Aikido, que indica direção exatamente contrária, quer dizer, que pretende que os conteúdos filosóficos e práticos, principalmente esses que são considerados sobrenaturais por alguns, podem ser perfeitamente explicados por elementos da Psicologia, da Fisiologia e da Antropologia, utilizando, para isso, de forma central, a *navalha de Occan*, o que há de mais simples e melhor, como explicação.

Em artigo publicado na “*The Humanist Psychologist*”, o autor, psicólogo clínico e praticante por cerca de trinta anos, contempla o título “*Problems of romanticism in Transpersonal Psychology: a Case Study of AiKiDO*”. No *abstract* desse artigo, encontramos uma boa síntese do que examina:

Romanticism is becoming increasingly prevalent in transpersonal psychology, subverting efforts to develop scientific approaches in this subfield of psychology. As a case study of some of romanticism's problems, the martial art and transpersonal system of Aikido is examined in regard to cultural errors and unwarranted supernatural assumptions. Specifically, six latent cultural errors (related to location, authority, time, ethnicity, narcissism, and transmission) are identified and critiqued while supernatural claims are challenged with alternative scientific explanations. In view of romanticism's problems in fostering such cultural errors and embracing supernatural explanations when more ordinary ones suffice, the importance of transpersonal psychology's resisting the challenge of romanticism is advocated and suggestions for the further development of this subfield as a science are provided. (FRIEDMAN, 2005, p.1 )

O autor deixa claro que por *romanticismo* não pretende se referir exatamente ao período histórico do romantismo, mas apontar para certas tendências encontradas nesse período e comentadas por vários autores do ramo da Psicologia, sendo que alguns veem favoravelmente, outros criticamente o *romanticismo*, em paralelo à psicologia transpessoal. Entre os críticos severos, encontra-se o autor do artigo mencionado, que entende ser esse viés destrutivo para a ambição da psicologia transpessoal de se apresentar como científica. Uma listagem do que é considerado problemático inclui:

- 1- rejeição da racionalidade;
- 2- fascinação pelo exótico;
- 3- erosão de todas as bases para discriminar o que é uma afirmação verdadeira;
- 4- fixação em imagens idílicas a respeito da relação com a natureza;
- 5- atribuição de propriedades sobrenaturais sem o devido suporte.

Embora eu mesmo concorde quase totalmente com suas preocupações em geral, não

somente no caso do Aikido, mas em relação à evidente força que toda forma de obscurantismo<sup>46</sup> mantém e apresenta em diversas culturas e atividades humanas, em especial em relação aos direitos humanos, e embora eu, como reichiano, seja versado nas análises sócio-psicológicas daquilo que Reich denominou *praga emocional* – uma tendência da neurose coletiva de agir como força organizada e irracional contra tudo o que é vital –, não é possível partir do pressuposto empregado pelo autor que, em síntese, coloca o conhecimento científico como **naturalmente** melhor e livre de vieses e de valores, e a racionalidade como um *bem* primeiro. Antes fosse assim. A irracionalidade frequentemente vem travestida de racionalidade, como exposto anteriormente. Entendo e apresentei em minha dissertação de mestrado que o pensamento científico tem, na interpretação dos dados, sua expressão de localização em uma determinada metafísica, a materialista/mecanicista. Assim, concordar com as preocupações do autor mencionado não é o mesmo que adotar dogmaticamente um determinado ponto de vista. Não é necessário que eu me alongue nesse tema.

E qual o ponto central das críticas contidas no artigo citado? O conceito de *Ki*, enquanto energia e seus desdobramentos, ou seja, que a maestria no contato com essa energia seja capaz de efetivar habilidades não usuais no praticante. Em síntese, ao logo do texto, embora reconhecendo características surpreendentes, explanações são desenvolvidas visando esclarecer como a potência dos lançamentos, a potência de músculos relaxados e a capacidade de perceber e de envolver o outro no ritmo próprio, dominando a cena, podem ser explicadas de formas tradicionais na Fisiologia, na Psicologia, etc.. Em uma única exceção ao teor do que é apresentado, em um parágrafo ele comenta:

However, it must be pointed out that there is still room for exploring the frontiers of human potential and being able to naturally explain, or even duplicate, allegedly supernatural feats does not necessarily disqualify them from still being considered potentially supernatural. For a related discussion on the relationship between transpersonal psychology and parapsychology. (TART, 2001, p. 12)

E o que é *sobrenatural*? Será possível deixar de lado uma análise semântica quando se faz uma avaliação dos conteúdos do texto? O que parece estar sendo dito, em última instância, é que a realidade é aquela definida pelo lugar comum, pelo conhecido, por aquilo que já foi postulado, e é basicamente materialista. Assim, o que é criticado no artigo não é somente este ou aquele viés cultural, antropológico, etc., considerado equivocado, mas o próprio fato de haver, em outros, uma disposição contrária ao que é considerado academicamente tradicional.

A denominação Aikido, traduzida, quer dizer algo como o caminho (*Do*) da

---

46 *Obscurantismo* aqui como valorando toda atividade humana ou doutrina que assinale um “mal” vinculado à corporeidade, ao prazer como possibilidade e à liberdade. Qualquer relativização de um destes elementos, caracteriza no meu entender o obscurantismo, mesmo quando este se apresenta caricaturado de libertário.

Harmonização (*Ai*) com a energia (*Ki*). Como dito antes, “energia” é empregado como algo mais que *força* no sentido da linguagem empregada pela Física, enquanto disciplina. Como exemplo do que tenho apontando sobre o *pano de fundo* epistemológico presente no trabalho, recorro uma outra parte ainda de seu texto:

These include harmonizing (*Ai*) with the intent of the attacker, use of efficient muscle movements (*Ki*) so as not to resist but rather to amplify the aggressive energy, and a recognition of the larger picture (*Do*) so that the temptation to strike back is resisted [...]. (FRIEDMAN, 2005, p. 19)

O uso de **movimentos musculares eficientes**. Uma concepção milenar (*Ki*, *Tchi*, *Prana*) presente em diversas culturas, inclusive ocidentais, reduzida à *força muscular*, porque, segundo o autor, isso é consequência do bom uso do princípio heurístico de parcimônia (*navalha de occam*). E o autor não se cansa de repetir que explicações naturalistas mais simples devem ser escolhidas em detrimento de *sobrenaturais* e mais complexas, principalmente, diz ele, quando não há marcantes evidências das segundas! O que define as explicações tradicionais como *mais simples*? O *simples* utilizado pelo autor tem dimensão meramente subjetiva, não é da mesma ordem de um algoritmo, por exemplo, em que numericamente se pode dizer que um algoritmo é mais simples que outro, um menor número de regras.

Toda essa argumentação parece bastante circular e pré-determinada. Além disso, a aparência de análise cuidadosa do tema, formal e em ambiente acadêmico, revela simplesmente preconceito e dogmatismo conformista.

É válido e suficiente descartar o *lampejo de luz* descrito por Ueshiba, quando estava em uma situação de vida ou morte, como simplesmente inexistente objetivamente, uma ilusão, uma expressão de mero fascínio e de perda de racionalidade por parte dos discípulos? Entendo que não, especialmente em função dos temas e exemplos apresentados nessa tese até agora. Entendo também que, para uma pessoa com um conjunto de referências e de experiências distintas das minhas, a descrição do *lampejo de luz*, antecedendo o movimento físico propriamente dito, possa ser recebida como risível. Entretanto, coube a mim a possibilidade de ter conhecido tanto o Aikido, quanto os trabalhos reichianos, principalmente aqueles concernentes à física do *orgone*, do ponto de vista experimental. Este, como é tomado também como um meio, um campo, uma continuidade presente, e, à parte de outras formas de energia, um recipiente, em que foi produzido vácuo no seu interior, e foi deixado por longo tempo dentro de um acumulador de *orgone*, *lumina* (produz luz) quando excitado, por exemplo, por uma fricção leve, ou mesmo quando posto em contato com outro campo organótico. O comentário que fiz antes, sobre uma identidade entre uma tempestade *furiosa* e

a emoção referente, é teorizado com base justamente na condição de excitação de ambos. Contudo, alongar-me nessa descrição, foge à continuidade do que estou apresentando.

Depois de um longo desvio, em que acabei por fazer diferente do que pretendia, isto é, apresentar e validar minha experiência como mais que simplesmente subjetivamente significativa, posso retomar essa direção.

Na introdução deste capítulo, fiz uma rápida referência ao paralelo entre minha prática no Aikido e as ferramentas na “clínica psicológica” (necessariamente entre aspas), entre habilidades desenvolvidas em uma e aplicadas também na outra, operação que só seria possível dado o fato de haver uma *fisicalidade*<sup>47</sup> idêntica entre ambas. Mencionei também a condição de *consciência dupla*, atenção fortemente focada, mas sem esforço, concomitantemente em mim mesmo e no outro, no paciente, e o fluxo de informações fornecido. Esse estado inclui uma corporeidade específica, plena de sensorialidade, um *estar presente* intenso e também inclui aquilo que foi definido, temporariamente, como *ressonância* entre os componentes da situação. Embora, como dito antes, *ressonância* remeta, em primeiro lugar, a um evento que se dá em sistemas mecânicos, seu sentido é estendido.

Se na prática do Aikido, a técnica fica isolada e pouco efetiva sem a concentração no *tandem*, fonte do *Ki*, a prática clínica fica grandemente prejudicada quando não se alcança a *ressonância*. Sendo um analista de relativo sucesso, pessoalmente entendo o quanto minhas qualidades enquanto clínico se devem à minha capacidade de encontrar e de produzir esse estado de *ressonância*. E fica claro para mim que essa é uma condição que não pode ser reduzida a um *estado de espírito* apenas. Como tenho comentado um sistema que tem sido empregado nesta tese, que é uma evolução em espiral, ou ainda, uma elipse aberta, usando uma descrição gráfica, menciono, apenas de passagem agora, que esse estado já foi identificado por mim em situação clínica, em que uma atividade peristáltica<sup>48</sup>, ocorrendo de forma sincronizada em mim e no paciente, foi o prenúncio, repetidamente, do surgimento de uma situação psicológica e afetivamente significativa da história do paciente. Recorro a um axioma zen, como facilitador do que chamei de *terceiro momento* de um viés epistemológico possível quanto ao defrontar-se com certos fenômenos não usuais: “Antes do Tao, um rio é um rio, uma montanha é uma montanha. Durante o Tao, um rio não é mais um rio, uma montanha não é mais uma montanha. Depois do Tao, um rio é um rio, uma montanha é uma

---

47 Uso este termo, *fisicalidade*, querendo, com isso, definir uma existência que não é composta de uma subjetividade, ou de uma fantasia, enquanto puro pensamento ou conteúdo ideativo. Não é sinônimo de *materialidade*.

48 O peristaltismo é composto de contrações musculares ao longo de grande parte do tubo digestivo, objetivando carregar o bolo alimentar. É também considerado um elemento importante da manutenção da saúde psicofísica na teoria da Psicologia Biodinâmica, de Gerda Boysen.

montanha”.

É característica de várias práticas orientais o desenvolvimento do praticante, através de atividades que teriam uma espécie de experiência “mística” como objetivo, frequentemente descrita como sendo a de tornar *uno* o praticante com o *cosmos*. Coloquei entre aspas o termo mística porque seu emprego, em textos ocidentais, parece se dever mais a uma impossibilidade de apreensão daquilo que está em questão. Essas práticas, o Aikido entre elas, buscam uma espécie de contato direto com a realidade, contato não mediado principalmente pelo pensamento. As três etapas da prática do Zen podem ser descritas em paralelo com o empirismo ingênuo, a racionalidade que transpõe as limitações desse empirismo e o *retorno* a um estado original, que, agora, é, paradoxalmente, o mesmo, mesmo não o sendo, pelo motivo de terem existido as etapas anteriores. O ato de conhecer, nessa terceira instância, engloba tanto a experiencição, no seu sentido mais literal, sendo para isso necessário a capacidade de ir ao encontro dessa *natureza* comum a ambos, sujeito e objeto, quanto a capacidade *racional* de discriminar e, aí sim, categorizar (o que for passível de ser categorizado). É o mesmo conteúdo apontado por Reich, a respeito do rompimento das barreiras conceituais, citado anteriormente. Este não é um projeto similar às interpretações de (algumas) correntes místicas, que doutrinam um *abandono do ego*, no sentido de extirpação, mas, sim, uma indicação de uma possibilidade de conhecimento, que aumenta o seu escopo, o escopo do *ego*.

Esse contato direto multifatorial<sup>49</sup> é também paradoxal ou complementar, já que se trata de uma simplicidade só atingida após uma passagem por uma complexidade. No caso do Aikido, a *forma sem pensamentos*, a ação eficaz, que permite englobar o outro com sucesso, surge somente após anos de treinamento, ao longo dos quais a atenção e a intenção conscientes estão fortemente presentes para, somente depois, poderem ser abandonadas em nome de um *deixar-se levar*. Da mesma forma, na clínica, somente depois de anos de estudos teóricos, somados a intentos de compreensão teórica, isto é, situar o acontecimento numa teorização, durante o momento mesmo do exercício prático na situação clínica, pode existir o *acompanhar o fluxo* relativo à *forma sem pensamentos*. Um preceito característico das práticas que visam o aprimoramento, desde as artes marciais citadas, até um ritual como a *cerimônia do chá*, é que o caminho para a maestria é árduo e não pode prescindir de técnica e dedicação. Além disso, uma vez alcançada a maestria, esta, por sua vez, transcende a técnica e não se restringe a ela.

---

<sup>49</sup> Trata-se de um contato direto multifatorial, porque contato, ao mesmo tempo, consigo mesmo, com o outro e com essa dimensão que engloba as duas anteriores.

O que pretendo deixar claro, mais do que exemplificar, é que tomo como existente, *de fato*, essa possibilidade de acesso ao outro, e “*de fato*” quer dizer uma dimensão objetivamente existente, passível de ser acionada por qualquer um que tiver condições para tal, e não um constructo, ou uma figura de linguagem, uma imagem para explicar eventos que estariam se dando apenas no plano da subjetividade, como no caso da chamada contratransferência, ou um conceito em que eu estaria descrevendo meramente informações obtidas de forma não-verbal (sinas corporais) e codificando-as como sendo impressões advindas da *forma sem pensamentos*, equivocadamente. Embora isso possa acontecer, e aconteça *também*, e o *também* merece atenção, não cometo o mesmo erro do autor citado acima: a racionalização de convencer-se de estar fazendo boa ciência, quando se está fazendo manutenção dogmática do *status quo*.

O impacto da vivência do que foi chamando de *ressonância*, tanto em uma sessão de análise, quanto numa atividade corporal, como um treino ou qualquer outra situação, frequentemente produz naquele que a experiencia a impressão de uma concretude ímpar, inclusive devido ao acontecimento corporal que acompanha isso – a atenção duplamente focada, o senso de equilíbrio físico e mental, a impressão de estar acompanhando e produzindo um trilhar pré-existente – de forma a fazer pensar, quando se tenta teorizar a respeito, no acontecimento *de fato* mencionado. Conhecemos através das sensações – é o referencial reichiano. O organismo vivo percebe o seu ambiente, e a si mesmo, através de suas sensações, “Se o homem conseguisse apreender no plano energético a função da sensação e da percepção, ou seja, investigar as profundidades de sua própria natureza, ele subitamente teria acesso à ‘coisa em si...’” (Reich, 1973, p.54). Deste modo, apreenderia a função da sensação e da percepção no plano energético: no plano conceitual reichiano, o funcionalismo orgonômico, em que a percepção não se resume à experiência subjetiva e em que sensação não se resume a excitação física, a impulso nervoso ou a estimulação química, estando essas dimensões inseridas em uma dimensão mais abrangente, **o isolamento da natureza**, tão predominante no viés do nosso tempo e linguisticamente expresso pelo “o mundo lá fora” quando referidos à consciência, como se nós mesmos não fizemos parte deste, **muda de figura**, justamente pela localização reichiana das *funções energéticas* como denominador comum tanto das sensações, quanto das percepções. Esse tema também será melhor explorado à frente, assim como outros que foram deixados pendentes, à espera de um melhor momento para uma síntese e descrições.

A tese da *fusão com o objeto* como modo possível de obtenção de conhecimento, deve estar claro agora, não implica fusão no sentido da espacialidade e sequer necessita

proximidade física. Implica, sim, uma descrição da realidade que aponte como possível essa indicação. E tenho coletado e apresentado elementos de várias figurações teóricas e disciplinas que, no meu entender, e quando justapostas, existem como evidências fortes dessa possibilidade. A última apresentada é uma convicção apoiada em especial em fatores pessoais, mas não somente, e na corporeidade: na forma de uma prática, que tem como base o Aikido, e na minha prática clínica, em que esta corporeidade se apresenta também na forma de uma experiência de conhecimento do *Outro*. Na descrição da realidade que torna possível essa indicação, o que temos, de fato e mais fortemente, é a ideia de “relacionalidade” e de “conectividade” amplas, por isso, importa menos, nesse momento, se essa realidade é a idealizada pelos pesquisadores de Copenhague, pelos que exibem a crença nas divindades shintoístas, ou pelos que aceitam as premissas do orgone como evidentes e comprovadas. A ênfase recai sobre a *relacionalidade*, porque importa sublinhar a discrepância entre essas formulações e o modo epistemológico no nosso tempo por excelência, o da impossibilidade do acesso à *coisa em si*, e o do *conhecimento* como só adquirindo esse *status* na forma de categorizações. Essa postura faz com que tudo aquilo que pode ser obtido de forma não racional, e não possa ser efetivamente transmitido formalmente, seja retirado do universo do que é considerado conhecimento ou, pelo menos, exilado da esfera do que é relevante. Contudo, como tenho insistido, há um outro caminho.

## 6.2 CONTRIBUIÇÕES DOS PENSAMENTOS FREUDIANO E REICHIANO À EPISTEMOLOGIA E ONTOLOGIA

Há pouco comentei a identidade, fator comum existente entre sensação e percepção, apontado por Reich como via de acesso à *coisa em si*. Agora, é necessário retomar o pensamento reichiano naquilo que possui de mais ímpar e estender a polêmica sobre as possibilidades de conhecimento, já de posse das narrativas apresentadas anteriormente nessa tese. O central nessa teorização começa com o entendimento do que é o vivo e daquilo que o diferencia do não vivo. Lembrando do que foi anteriormente apresentado, a trajetória reichiana não apenas remete a um inusitado corpo de conhecimentos, que têm como característica o trânsito através de diferentes disciplinas, mas também ao fato disso ter sido executado, inicialmente, por um psicanalista praticante, a partir do que os desdobramentos de questões teóricas e teórico-clínicas o levaram a pesquisas desenvolvidas com protocolos científicos sobre temas da Biologia e da Física (abiogênese, energia orgone, acumulador orgônico). O notável desse percurso, sempre é bom salientar, se refere ao fato de o pesquisador ter tido como ponto de partida os elementos centrais da vida emocional. É do

exame do *vivo*, em todos os seus aspectos, que surgiu o encaminhamento para questões fundamentais do universo das coisas não vivas. O *vivo*, então, tem nesse viés a mesma importância depositada, por exemplo, por Bohr, ao postular uma complementariedade entre Física e Biologia, lembrando que o vivo, para ser examinado como tal, tem que estar em sua condição de integridade, não podendo ser decomposto e analisado em partes menores.

É claro o paralelo, retomando o que já foi apresentado, entre o viés filosófico e ontológico de Jung/Pauli e o de Reich, de um ponto de vista macro, ou seja, na tentativa de compreender e situar a psiquê/vida emocional em um campo mais abrangente do que o da própria disciplina, que desempenha o papel de ponto de partida. Em ambos os vieses, qualquer que seja a leitura a *posteriori*, é possível definir que os encaminhamentos se deram por força das questões que as vicissitudes das pesquisas levantaram, para além de uma preferência pessoal.

Com a postulação do *inconsciente* por parte de Freud e com a consequente saída do primeiro plano do consciente e da razão, surgiram questões epistemológicas óbvias, que vão até a radicalidade da *impossibilidade do sujeito cognoscente*, como mencionado logo de início, a título de esclarecimento. Mas os desdobramentos posteriores levam os autores a duas vertentes que nos interessam aqui:

1 - O *inconsciente* formulado por Jung/Pauli é mais do que história pessoal, é arquetípico e numênico, estando nas bases tanto da psiquê, quanto das leis da natureza. Aqui, o numênico, embora postulado como fora das possibilidades de apreensão direta definitiva, é passível de aproximação em um patamar profundo o suficiente para permitir a noção de interligação (os *fatores ordenadores*);

2 - A postulação de inconsciente está imbricada necessariamente com outras, como a de *pulsão*. Embora leituras psicanalíticas posteriores tenham tido a característica de esvaziar essa noção de qualquer ligação com uma noção de *força*<sup>50</sup>, como abordei inicialmente de passagem, **foi justamente o exame acurado desenvolvido por Reich que deslindou não somente sua existência factual, mas a importância central dessa concepção, tanto no desenvolvimento de uma clínica suficientemente efetiva, quanto no de uma abordagem ontológica inusitada da realidade.** Embora a noção de força – energia orgone – não se resume unicamente à ideia de capacidade de produção de trabalho, tendo também uma dimensão que poderíamos chamar de geométrica, ou gestáltica, na qual a *forma* de sua movimentação também tem implicações na descrição de suas características enquanto atividade, é justamente essa noção de força, como todos os seus atributos, que irá

<sup>50</sup> Como a leitura que faz Lacan da obra de Freud.

desempenhar um papel central. Nesse lugar central está a interligação de todos os fenômenos, sem que eles, ou grupos deles, percam a identidade diferenciadora. Essa noção permite uma forma de apreensão da realidade que encaminha também para a posição *fusão com o objeto*.

Para que fique suficientemente claro neste texto a) a importância da interligação dos fenômenos; b) como essa noção está longe de ser lugar comum e simplória, como tantas outras semelhantes; e c) como essa noção surgiu de questões da clínica de vida emocional (então, psicanálise) para depois espalhar-se por outros domínios do conhecimento, devo retomar o que foi apresentado antes, no capítulo sobre Reich e a Orgonomia, fazendo, agora, um recorte mais detalhado: o elemento central para a compreensão profunda da vida emocional, aquele que permite fazer pontes para o funcionamento da vida em geral e, depois, para o não-vivo, é o chamado *reflexo orgástico*, pulsação em dois tempos, expansão-relaxamento. O vivo, e somente o vivo, pulsa e *convulsiona*.

Posso imaginar como é difícil para alguém sem o conhecimento do passo a passo histórico de evolução da obra reichiana, principalmente sem a possibilidade de verificar, na prática, a propriedade e a validade dessa noção, apreender o cerne desse elemento. Daí a necessidade de retornar ao que já foi mencionado.

O conceito de *resistência*, no âmbito freudiano, define uma atividade mental inconsciente que tem a finalidade de manter sob xeque determinados impulsos que foram anteriormente recalcados. Freud percebeu cedo que não bastava apenas interpretar os conteúdos das experiências infantis diretamente. Nesse ponto é importante lembrar que a necessidade do recalque diz respeito à natureza erótica dos impulsos sob xeque.

Reich se deu conta que esse processo de recalque implicava diretamente uma corporeidade, modos de tencionamento crônico de grupos musculares, tencionamento que, em geral, originalmente se dá de maneira perpendicular ao eixo corporal, formando o que chamou de *couraça muscular*, contrapartida somática da *couraça de caráter*, ou personalidade enquanto expressão da somatória dos modos defensivos: a história de cada um, inscrita não só enquanto memória no sentido clássico, mas também enquanto modo corporal de funcionamento, postura, etc.

De qualquer modo, é possível mencionar desde já o que se apresenta como paralelo, como contrapartida, ou como outra definição semelhante: impulso-resistência, resistência psíquica isolada-caráter, caráter-couraça muscular, conteúdo ideativo-excitação corporal. Esses paralelos, claro, evidenciavam uma relação entre si, são como *dois lados de uma mesma moeda*, e, embora a ideia de paralelismo não seja nem correta, nem suficiente no caso, didaticamente serve ao propósito mencioná-la.

Da mesma forma que a resistência tinha uma função específica, manter sob xequê determinado impulso, e outra mais geral, manter o equilíbrio neurótico e assim a “sanidade”, por assim dizer, a couraça muscular foi descoberta também na sua funcionalidade, a de impedir que intensidades sensoriais, emoções e sentimentos sexuais alcançassem existência de fato e, assim, a consciência. Vejamos, porém: o que surgia quando os impedimentos caráter-couraça muscular eram abrandados eram excitações corporais de fato, na forma de **movimentos musculares involuntários**, mas anteceditos frequentemente por uma reação emocional de angústia e de medo e por uma condição neurovegetativa de contração e de simpaticotonia, que Reich nomeou de *ansiedade pré-orgástica*. Há muito o que se extrair de um acontecimento como esse narrado aqui, do ponto de vista da epistemologia.

A proximidade da temática sexual, para os familiarizados com a temática freudiana, ganha, evidentemente, destaque e chama a atenção na nomenclatura utilizada, *reflexo orgástico*, *ansiedade pré-orgástica*.

O que são esses movimentos, qual sua origem e que medo é esse? Lembremos que eles acontecem durante o exercício da prática clínica da análise e com a retirada do *recalque*, em toda as sua funcionalidades.

Em minha dissertação de mestrado, *Sistêmica Organísmica versus isomorfismo cérebro-mente* (MALUF JR., 2005), apresentei um estudo sobre a Desordem do Pânico sob a ótica da teoria reichiana, apresentada como a única com possibilidades de fato de lançar luz sobre o acontecimento que usualmente é confundido com um enfarto ou com o enlouquecer. O que é característico dessa desordem é: intensificação de reações neurovegetativas, taquicardia, sudorese, tontura e subjetivamente medo de morrer e/ou de enlouquecer. O inusitado apreendido por mim e apresentado nesse trabalho se refere a como todas essas reações podem ser sintetizadas na reação exacerbada do tipo *ansiedade orgástica* e a como todos os sintomas rapidamente desaparecem quando a pessoa em crise, sendo atendida e estando deitada no divã suporta que seu corpo **convulsione**. Não se trata de uma convulsão como em um ataque epilético, ou com perda de consciência, ou desmaio, apenas convulsões.

Embora pareça que faço um desvio do tema “sensações e percepções” e de seus entendimentos nas teorias freudiana e reichiana, irei retornar brevemente. Mais uma vez irei recorrer a uma imagem gráfica para melhor esclarecer o que está sendo apresentado. Poderia usar a imagem de planos se sobrepondo a planos para exemplificar a existência de diferentes dimensões contribuintes e atuantes no fenômeno *vida emocional*, ou *psiquismo*, desde a existência de fator subjetivo, como um significado, que de fato há, presente nessa desordem do pânico, até uma dimensão neurovegetativa, somática, o valor e a funcionalidade dessa

atividade reflexa no evento, assim como a importância do fator *descarga motora*, agora tanto em um viés freudiano, quanto em um reichiano. A imagem dos planos em sobreposição, porém, não é suficiente, porque deixa de fora um importantíssimo fator na abordagem reichiana, que é o da síntese, o da existência dos denominadores comuns, enfim, a ideia de que há uma dimensão que, embora em relação com outras, tem uma importância mais geral, mais ampla, tanto na determinação, quanto na compreensão do fenômeno. Quanto mais abrangente, quanto mais profundo é esse fator, mais simples ele é. Portanto, talvez a imagem de círculos concêntricos seja mais produtiva, mas ela ainda deixa de fora o fator dialógico, a *antítese complementar* representada pela organização soma-psíquê.

Resumindo, temos os princípios da *antítese complementar* e o do *mais complexo em direção ao mais simples e abrangente*, como já foi apresentado anteriormente e, aqui, mais detalhado. Dentro dessa ótica, utilizando-a como parâmetro, a experiência emocional do pânico, na desordem do mesmo nome, guarda alguma relação com o estado de extrema contração que acompanha o medo e com a convulsividade, que entra em cena uma vez que estejam presentes os fatores clínicos necessários. E ainda: até agora nessa explanação, a convulsividade, de alguma forma, é o fator **central** a ser observado na tentativa de compreensão do acontecimento.

Historicamente há uma relação entre a utilização da eletro-convulso-terapia (eletrochoque, popularmente) no tratamento de esquizofrenia e de psicoses e a observação de que pacientes mentais, quando desenvolviam febre alta e convulsionavam, frequentemente tinham seus sintomas reduzidos. A pena de morte, quando aplicada via enforcamento, leva o penalizado a convulsionar, ejacular e perder controle esfinteriano. A fêmea do louva-deus, quando está sendo coberta pelo macho, volta-se e devora a cabeça deste, que assim copula febrilmente com ela.

A atividade orgástica (não meramente ejaculativa) tem dependência para sua ocorrência de uma perda de controle temporário, de um abandono da consciência, que é abarcada pelas intensidades sensoriais, e é isso que é causa de temor nessa desordem e em todas as neuroses, embora em outra escala: o medo de morrer psiquicamente. Os animais humanos, nós, tememos não somente a morte física, um ataque à nossa integridade física, mas tememos igualmente outro tipo de morte, a *morte do Eu*. Claro, a intensidade desse temor varia segundo a nossa saúde emocional. Fazendo um paralelo como o que apresentei antes sobre o *terceiro momento*, a convulsividade é sinal de disfunção quanto menos o *ego* está capacitado a acompanhar a dinâmica da *entrega vegetativa*. Esse parâmetro é especialmente instrumentalizado na teoria e na teoria da clínica reichianas. E lembremos, já no seu

nascimento, a psicanálise vislumbrava a relação entre personalidade, neurose e sexualidade. E o que foi detalhado aqui é como esse elemento, a sexualidade, aparece de forma literal no evento da desordem do pânico, comprovando, assim, em um certo sentido, empiricamente a teoria.

Como não faço aqui um tratado clínico, mas somente me utilizo de elementos da clínica para teorizar sobre o tema desta tese, detalho ainda que a descrição que fiz não serve de suporte a um *reducionismo orgânico*, mas, sim, a uma ótica antitética-complementar. Da mesma forma que a análise dessa desordem revela elementos da ordem direta da sexualidade, ela também guarda relação com comprometimentos mais primitivos, do ponto de vista do desenvolvimento emocional. Por exemplo, é nítida a presença de uma maternagem não satisfatória na história do paciente – na forma de uma *angústia de separação* –, maternagem essa necessária para o desenvolvimento suficiente da capacidade egoíca. O convulsionar envolvido também é decorrente de uma limitação na capacidade de “ligar” excitações, de mentalização, mas isso já é uma sofisticação para o que, de fato, pretendo agora: apresentar a complexidade dialógica que se encerra nesse fato.

Ainda em frente, visando à questão das sensações como modo de obtenção de conhecimento e focando na abrangência da função orgástica: a partir da utilização do princípio econômico-energético, que Reich denominou “economia sexual” (no sentido de tomar a pulsão como literalidade, *força* e, portanto, referi-la a quantidades também), e do trabalho com as defesas e as resistências a partir desta, tornou-se claro que os afetos, a emoção, não se resumiam a acontecimentos na mente e no cérebro, mas incluíam fatos corporais<sup>51</sup> amplos, correntes de excitações percorrendo o corpo. A ocorrência dessas correntes é funcionalmente idêntica à vivência da emoção, uma não se dá sem a outra, e funcionalmente idêntica ao que ocorre em um organismo unicelular que literalmente se aproxima ou se afasta de algo, contraindo ou expandindo protoplasmaticamente. Nesses organismos, as correntes de excitação podem ser vistas ao microscópio.

Na obra *Análise do Caráter* (REICH, 1993), no capítulo *movimentos plasmáticos expressivos e expressão emocional*:

É difícil uma definição estrita do “vivo”....o vivo sem dúvida funciona para além das ideias e conceitos verbais o processo de formação de palavras mostra em si mesmo a forma como “se expressa” o vivo. O termo “expressão, ao que parece com base em sensações orgânicas, descreve precisamente essa linguagem: o vivo se expressa em movimentos, em “movimentos expressivos”. O movimento expressivo é uma característica inerente ao protoplasma, distingue estritamente os sistemas vivos dos não vivos. O termo significa, em sentido literal, que algo do sistema vivo “tende

<sup>51</sup> Como a paisagem corporal da Damásio.

para fora”, e em consequência, move-se...o processo físico da emoção protoplasmática ou do movimento expressivo vem sempre unido a um **significado** compreensível de forma imediata, ao qual chamaremos expressão emocional... Torna-se claro que o processo de formação de palavras, a linguagem, depende da percepção de movimentos interiores e sensações orgânicas, e que as palavras que descrevem estados emocionais apresentam, de forma imediata, os correspondentes movimentos expressivos da matéria viva...". (REICH, 1993, p. 296)

Contudo, claro, isso não quer dizer que a expressão verbal sempre traduza e revele algo diretamente. Ao contrário, a experiência clínica mostra como na neurose e em pacientes encoraçados, a linguagem frequentemente tem mera função defensiva, é fria, desconectada, como no caso das *racionalizações*. Aí, no caso, uma função é utilizada contra outra, de forma defensiva. Como ilustra Reich no mesmo texto, basta, no caso, solicitar que se faça silêncio e, em pouco tempo, o silêncio revela, via expressão somática, algo oculto (a *expressividade*), da mesma forma que, por exemplo, uma atitude *amistosa*, comunicativa, ao longo do silêncio, pode dar ensejo a uma expressão de ira e ódio, evidente nos arranjos corporais, a qual é concomitantemente percebida pelo analista, através da *imitação plasmática*<sup>52</sup>. O que importa no trecho citado é a lógica da apreensão de uma dinâmica de funcionamento no vivo.

A expressão total do indivíduo pode revelar diferenças significativas, dependendo de cada indivíduo em questão, embora se possa distinguir certos tipos gerais e, sintetizando ainda mais, possa-se apresentar dois grupos diferenciados, os de caráter genital e os de caráter neurótico, isso com base na existência e na proporção da couraça de caráter e muscular. O caráter genital é aquele em que predomina a saúde, ou seja, entre outros atributos, a capacidade de autorregulação via satisfação orgástica. O indivíduo encoraçado tem a sua funcionalidade comprometida especialmente por uma somatória de mecanismos que evidenciam fortemente as suas funções: a retenção.

Não se trata de uma figura de linguagem. O organismo dá nitidamente a impressão de estar “retendo algo”: ombros erguidos, respiração presa para cima e com dificuldades na expiração, mandíbula travada, costas arqueadas, lordose, pélvis retraída e falta de vitalidade, vibração. Já a capacidade orgástica dá exatamente a impressão contrária, exprime algo como capacidade de *entrega*, ou de *dar-se*. Como ensina Reich, o indivíduo tem a capacidade de se entregar às suas excitações plasmáticas e também de se entregar à sua parceira, ou parceiro. Uma nota de destaque: como erroneamente e de forma perversa costuma-se associar à promiscuidade e à pornografia a ênfase dada por Reich à questão do orgasmo, é necessário sublinhar que o autor destacou a experiência orgástica enquanto possibilidade, ou não, de alguém com uma profunda experiência emocional, nada tendo a ver com redução a uma fisiologia ou a uma coisificação do outro.

---

<sup>52</sup> Como tenho mencionado antes, entendo que há mais do que recepção de sinais envolvido nesse acontecimento.

Essa capacidade de entrega, ao longo das convulsões orgásticas, evidencia uma tendência do organismo que pareceu sem sentido, a princípio: a tendência à aproximação das duas extremidades do corpo, acompanhadas de fortíssima excitação. É essa tendência que leva Reich a entendê-la de acordo com funções bioenergéticas filogeneticamente primitivas, funções coexistindo lado a lado com outras mais altamente desenvolvidas e com características de organismo superiores:

Es precisamente esta medusa en el hombre lo que representa su unidad con el mundo animal inferior. Tal como la teoría de Darwin estableció el origen del hombre en los vertebrados inferiores, basándose en su morfología, en la misma forma la física orgónica reduce las funciones *emocionales* del hombre aún mucho más, a las formas de movimiento de los moluscos y protozoarios. (REICH, 1993, p. 323)

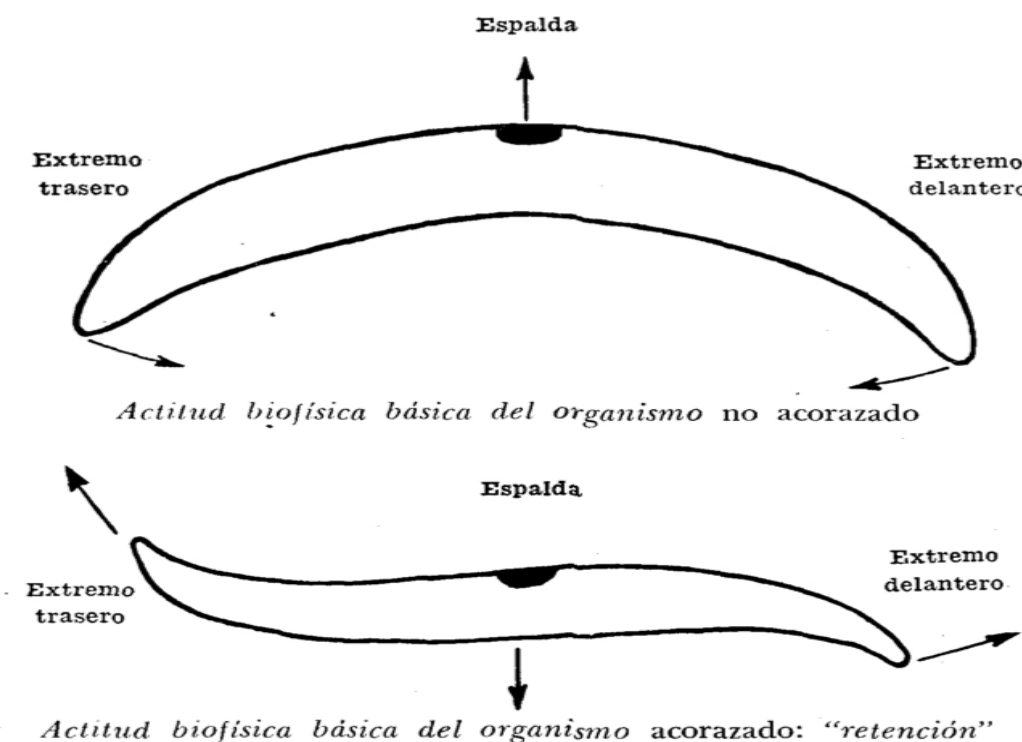


Figura 5: Figura retirada do livro *Análise do caráter* (REICH, 1993, p. 323).

O ser humano é um desenvolvimento da natureza, ele surgiu das funções naturais, inclusive com suas emoções. O empreendimento científico, físico-químico, dos últimos dois séculos também considera o homem *enraizado* na natureza, mas não conseguiu dar conta da sua vida emocional<sup>53</sup> e, portanto, do *como* está enraizado na natureza. Igualmente, o viés místico, sobrenatural, fornece como única solução um “mais para além e fora da natureza”: o vislumbre da expressão atávica, primitiva, presente na convulsividade orgástica, denominador comum de todos os reinos do vivo, “[...] sua fórmula em quatro tempos governa a divisão

53 A. Green, em um excelente ensaio sobre psicanálise e ciência, aborda a mesma questão, observando como o objeto primeiro que se oferece ao conhecimento do homem – seu corpo – tenha sido o último a que se tenha dedicado (cf. GREEN, 1993, p. 117).

celular, e expansão e contração, as duas funções pareadas da função do orgasmo definem o desenvolvimento do embrião...” (REICH, 1949/1973, pag 177).

Contudo, a fórmula do orgasmo não é uma “panacéia epistemológica”, servindo para tudo. Uma nuvem de tempestade, por exemplo, não descarrega orgasticamente, mas, sim, mecanicamente. A aplicação do *pensamento funcional* é criteriosa, tem discernimento. Uma medida de sua eficácia e de sua correta aplicação reside na capacidade de descrever historicamente eventos e prever futuros desenvolvimentos. O que essas observações levam a perceber é uma realidade, na qual os pareamentos funcionais são encontrados relacionados à um denominador comum (Princípio Funcional Comum) sempre mais profundo e abrangente. Esse quadro referencial surgiu do exame de questões técnicas e teóricas da clínica psicanalítica, em que a importância do fator econômico-energético levou Reich a concluir sobre uma *força* de fato, com propriedades como que *fractais*, dando-se em diferentes planos da existência. Um retorno à parte do texto onde descrevo a Orgonomia irá sublinhar a avassaladora quantidade de aplicações surgidas a partir deste viés – abiogênese, pesquisa sobre o câncer, o acumulador de orgone, aparatos para modificação das condições atmosféricas, etc. –, não sendo uma especulação filosófica sem alicerces na experiência prática. É bom salientar, dentro do escopo desta tese, que a postulação de uma realidade, que é *atravessada* por um fator comum que se apresenta como uma continuidade sobrepondo-se ao descontínuo, reforça mais uma vez a tese da *fusão com o objeto*, mas, agora, vou apresentar a questão da sensação como forma de aproximação da *coisa em si*, dentro do tema das contribuições freudianas e reichianas à epistemologia.

### 6.3 FREUD, A PERCEPÇÃO E O CONHECIMENTO

Há certos textos que condensam de maneira tão apropriada uma informação, que é contra-produtivo comentá-lo, ao invés de simplesmente reproduzi-lo. Eis aqui um recorte de um texto freudiano extremamente útil ao meu propósito. Em “Porvir de uma ilusão”, Freud comenta:

Em primeiro lugar, nossa organização, quer dizer, nosso “aparato psíquico”, desenvolveu-se justamente com o propósito de explorar o mundo exterior e, depois, teve que consumir em sua estrutura certo grau de adequação; em segundo lugar, o mesmo é parte constitutiva do universo que devemos explorar e que, com efeito, se presta a nossa investigação; em terceiro lugar, a tarefa da ciência fica plenamente assegurada se a limitamos a mostrar como se nos deve parecer o mundo em consequência do caráter particular de nossa organização; em quarto lugar, os resultados últimos da ciência, precisamente em função da maneira como esta os obteve, estão determinados não só por nossa organização, senão também por aquilo que atuou nessa organização; e por fim, o problema da natureza do universo

considerado com independência de nosso aparato de percepção psíquica é uma abstração vazia e carente de interesse prático.” (FREUD apud GREEN, 1993, p. 240, grifo meu)

Se de um lado Freud comenta o óbvio, mas algo frequentemente nada evidente nos estudos sobre psiquismo e natureza, isto é, que o primeiro é parte integrante desse mesmo mundo, de outro fica mais uma vez marcante sua filiação kantiana ao valorar o modo como faz as *aparências dos fenômenos* em função de nossa organização particular. Meu sublinhado serve ao propósito de marcar a evidente diferença entre os enfoques freudiano e reichiano quanto ao tema *conhecimento do mundo*. A posição reichiana é justamente a contrária: a observação e a eficácia do método empregado surgem como fortes evidências de que há a possibilidade de um *observador* fora da dinâmica sujeito-objeto, o qual pode, por isso, reconhecer os elementos comuns e centrais a ambos em sua constituição.

O recorte freudiano colocado acima foi comentado de forma muito feliz por André Green, psicanalista e teórico da psicanálise, dizendo inicialmente que lamenta que Freud tenha deixado em suspenso a questão que todos gostariam que abordasse, ou seja, “[...] a natureza do nexo entre esse processo de conhecimento da ciência e aquele que a psicanálise permite, o conhecimento de si” (GREEN, 1993, p. 240). O autor pontua que a psique é parte do mundo e, de forma alguma, separada estruturalmente dele, só é diferente em termos de uma escala de desenvolvimento. Nota que há uma homologia, por menor que seja, de estrutura entre ambos, o que faz com que possam se comunicar. Esse é o percurso reichiano: notar e percorrer a homologia. Termina aí, porém, a simpatia entre o modelo reichiano e aquele que Green, apoiado em Freud, apresenta como possibilidade de conhecimento. Green, naturalmente até, indica a direção daquilo que seria específico, diferenciado e particular no aparelho psíquico, enquanto Reich aponta na direção contrária, os elementos comuns tanto ao psiquismo quanto à natureza. Embora Green sublinhe que Freud, assim como Reich, usou mais de uma vez a metáfora dos *pseudópodes* em um organismo primitivo, emitidos com a tarefa de extrair do mundo exterior dados necessários, e também sublinhe que é notável que são as *sensações* que portam essa informação, ainda assim coloca a ênfase na *percepção* como elemento que permite o conhecimento do mundo, pois o conhecimento não seria uma questão de *informação*, já que implicaria a entrada em cena de uma organização mais elevada, o psiquismo. Devo sublinhar, aqui, mais uma vez o óbvio: define-se como conhecimento o categorizável, passível de formalização e transmissão, mas somente isso. Toda uma esfera de possibilidades, a partir da experiência e da intuição, dos modos e das práticas tipicamente orientais na sua tradição, ficam de fora. Daí o fato das sensações serem, nesse discurso, relegadas a uma espécie de lugar secundário. E a perspectiva de utilização da homologia,

como referência de peso, perde-se na poeira. O *pulsional*, que ao ser postulado trouxe uma possibilidade de inserir o psiquismo em um conjunto mais amplo de conhecimentos e, assim, diluir o seu isolamento hermenêutico na psicanálise, acaba cedendo vez àquilo que *seria* (propositalmente no condicional) o que distingue o humano dos outros animais: o seu psiquismo enquanto tal.

#### 6.4 REICH E A SENSACÃO COMO EXPRESSÃO MOTORA E PAR FUNCIONAL

Funcionalmente, a pulsão sexual é o aspecto motor de todo prazer experienciado no decorrer da filogênese e da ontogênese; psicologicamente, é uma expressão da memória do prazer já experienciado.

(REICH, 1923/1976, p. 167)

Comentei anteriormente que a representação gráfica mais adequada para explicitar a teoria reichiana, a *Orgonomia*, não era nem a de sobreposição de planos, nem a de círculos concêntricos, no sentido de apresentá-la como totalidade relacional. A figura abaixo representa o desenvolvimento funcional das funções pareadas, complementares e auto-excludentes A2 e A3 e seu princípio funcional A1, conforme já apresentado no capítulo sobre Reich. Esse esquema não é o mesmo da dialética, pois sublinha a antítese complementar, complementar e excludente ao mesmo tempo, e seu vetor mais fundamental, representado por A1.



Figura 6: Representação gráfica do esquema PFC (Princípio Funcional Comum), com o PFC A1 e suas variações complementares A2 e A3.

A parte gráfica da linha reta atravessada por uma linha ondulante indica o *funcionalmente idêntico*. No caso em questão, as sensações em Reich e a percepção em Freud se dão necessariamente de forma concomitante, mas a ideia de existências paralelas (paralelismo psicofísico) foi superada, através da lógica funcional, pelo denominador comum A1. Isso quer dizer que, se esse método de investigação e raciocínio for correto, será possível encontrar um fator mais fundamental como base primeira, tanto para a sensação, quanto para a percepção. Também sendo correta, essa formação fornece um instrumento que permite

conhecer mais profundamente a ambas. É em um artigo seminal de 1923, “*Zur Trieb Energetik*” (The energetic of Drives) (REICH, 1923), tentando aprofundar o conhecimento sobre a pulsão, Reich desenvolve um complexo raciocínio sobre o componente motor, tanto da percepção, quanto da sensação, em que, na primeira, marca uma *atividade* constituinte da mesma (envolvimento do ego) e, na segunda, vê a identidade entre prazer (sensação) e atividade motora. Se classicamente (viés freudiano) a pulsão é decomposta em vários elementos, apontando para um *objeto*, sem o qual não poderia atingir o seu *alvo* – suprimir o estado de tensão –, nesse artigo, como diz o título, *a energética dos impulsos, ou pulsões*, é essa “energética” que fica em foco, vislumbrando deslindamento. Posteriormente, em 1942, no livro *A Função do Orgasmo* (REICH, 1942/1983), Reich comentou que havia percebido já em 1923 que a pulsão não é algo *aqui* procurando por prazer *ali*, “a pulsão é o prazer motor em si mesmo” (REICH, 1942/1989, p. 52). Assim, no esquema gráfico acima, A2 ocupa o lugar do impulso, A3 o do prazer, ambos funcionalmente relacionados a A1: expressão motora.

A simultaneidade da identidade e da antítese, formando uma unidade funcional, remete a um fator mais abrangente, no caso, a expressão motora ou excitação biofísica como princípio funcional de ambos. Se comparamos o viés epistemológico silenciosamente presente nas formulações freudianas com a proposta reichiana, veremos que a primeira leva a uma perspectiva desanimadora em termos de possibilidades, já que naturalmente encaminha o pensamento na direção do que é único e particular, tendo as homologias pouco a oferecer. Já o segundo, mantendo a individualidade das funções, dos fenômenos e das disciplinas, relativiza-os através justamente do olhar que busca reconhecer identidades entre dissemelhantes. Essa identidade é sempre, quando corretamente utilizado o método, um fator mais abrangente. O atravessamento de saberes e disciplinas que é, assim, obtido torna essa proposta extremamente eficaz na solução de impasses teóricos e revela um ângulo inusitado sobre a existência em geral. Se é verdade que há teorias que são incomensuráveis entre si e que não podem ser reduzidas umas às outras, a não ser por vício de pensamento e aprisionamento conceitual, o *funcionalismo orgonômico* conduz à uma novidade no horizonte epistemológico, ao centrar-se na referência “totalidade relacional” e faz isso, não de uma forma ideológica ou filosófica, mas com instrumentos da validação, que vão desde o critério científico, utilizado nos experimentos mencionados, até um método de pensamento que tem sua eficiência avaliada todo o tempo pelo parâmetro de correspondência, ou não, com os fatos na realidade.

A *energética* que surge dessas avaliações tem natureza mais abrangente do que a de *força*, mas essa noção foi fundamental como fator diferenciador, especialmente quando o

exame da natureza da pulsão estava no cerne das ocupações de Reich. O fato desta ter revelado uma natureza energética-quantitativa foi central para o posterior desenvolvimento das pesquisas reichianas, mas também importante no sentido de evitar aquilo que se deu com a metapsicologia e com outras psicanálises: um desenvolvimento em que erros de técnica resultaram em teorizações equivocadas, fazendo, recursivamente, daquilo que tinha surgido como não somente um novo entendimento do ser humano, mas também como uma possibilidade de acesso a um universo de conhecimentos ainda pouco explorados, quase uma prática apenas filosófica.

A *totalidade relacional* inclui o próprio sujeito no acontecimento e, claro, as sensações, mas de maneira coerente e organizada:

A exploração da natureza através do experimento foi um passo decisivo em direção à observação objetiva. Mas o experimento conduzido mecanisticamente separou o o observador da observação direta. A desconfiança no poder de julgamento e na racionalidade das emoções é tão grande – e com razão – que este tipo de experimento tornou-se primordial. Há “aversão” à ideia de se examinar tecidos vivos e fazer observação da atmosfera a olho nu [...] O Funcionalista usa o experimento para confirmar suas observações e o resultado do seu pensamento. Ele não substitui observação e pensamento por experimentalismo. O mecanicista não confia em seus pensamentos e observações, e ele está certo nisso...O funcionalista confia no seu pensar e nas suas observações, e usa os experimentos. Ele difere do místico e do religioso por conhecer suas incertezas e controla-las experimentalmente. Ele difere do mecanicista por incluir tudo nas suas observações. (REICH, 1979, p. 306)

Como tem tido lugar importante na minha tese a ideia de uma continuidade na natureza que permite a afirmação da fusão com o objeto e como mencionei, mais de uma vez, a noção de que a *força* em questão em Reich, a *energia orgone*, tem implicações maiores do que unicamente *produção de trabalho*, entendo que é pertinente apresentar um resumo de uma questão da ordem da clínica que revolve em torno da natureza dessa força: a pulsão, em termos freudianos, e algumas implicações para a clínica e a teoria da clínica psicanalítica, problematizadas a partir de Reich. Como dito antes, não almejo um tratado clínico, mas visio fornecer dados relevantes sobre as consequências em um plano ontológico e epistemológico do tema agora mencionado. Entre essas consequências, ainda por ver à frente, está a relação com a *verdade* e o *ódio à verdade*, através das possibilidades e impossibilidades do ser humano contemporâneo, marcado pelo exílio de si mesmo, no lidar com as intensidades da vida. Claro que esses dois termos são problemáticos e polêmicos, por isso, agora, irei avançar no estudo proposto.

## 6.5 CORPO REPRESENTADO: A SUBLIMAÇÃO FREUDIANA COMO PARÂMETRO CRISTÃO

Eu coloco de passagem uma questão que não tenho competência para tratar: o interdito de tocar seria mais específico das civilizações cristãs do que de outras? Em todo caso, é fato que a prática psicanalítica se tenha sobretudo desenvolvido nos países de cultura cristã: ela tem em comum com essa cultura a convicção da superioridade espiritual da comunicação pela palavra sobre as comunicações corpo a corpo [...]. (ANZIEUR, 1989, p. 165)

A passagem recortada está sendo utilizada como introdução a um estudo, que tem particularidades clínicas específicas, e é um elemento útil para posicionar a maneira como determinados encaminhamentos teóricos foram conduzidos, tendo como pano de fundo uma situação cultural determinada, o cristianismo e suas influências. O apoio da igreja católica recebido por Pasteur, nas discussões sobre abiogênese, também foi fundamental para que sua teoria da microbiologia saísse vencedora. A *figura da gestalt*, onde o cristianismo é pano de fundo, é constituída de dois conceitos freudianos, a *sublimação* e a *formação reativa*, ambos conceitos relativos ao destino das pulsões, ou seja, àquilo que acontece com o fator *força*, postulado na psicanálise freudiana como um dos fatores essenciais.

A *formação reativa*, segundo Laplanche e Pontalis é:

[...] atitude ou hábito psicológico de sentido oposto à um desejo recalcado..” pag 258. É um mecanismo de defesa, e como tal tem a finalidade de manter fora da esfera da consciência um ou mais impulsos que já foram fonte de satisfação na idade infantil, tendo sido posteriormente rechaçados para fora da consciência através da adoção de um contrário. (LAPLANCHE; PONTALIS, 1967-1983, p.258)

A *sublimação* é o processo postulado por Freud para explicar atividades humanas sem qualquer relação aparente com a sexualidade, mas que encontrariam o seu elemento propulsor na força da pulsão sexual. Freud descreveu, como atividades de sublimação, principalmente a atividade artística e a investigação intelectual. Diz-se que a pulsão é sublimada na medida em que é derivada para um novo alvo não sexual, ou na medida em que visa objetos socialmente valorizados (cf. LAPLANCHE, 1970, p. 638).

Como bem nota Albertini ao examinar, em especial nos textos “Três ensaios para uma teoria da sexualidade” e “O Mal estar na cultura” (ALBERTINI, 2005, p.16), se para Freud a formação reativa ocorreria exclusivamente no domínio do patológico, dependendo do grau do comprometimento, também para este a condição “formação reativa” adentra os determinantes da própria formação do Homem, sendo uma subespécie da sublimação ao evocar, no período de latência, sentimentos como repugnância, vergonha e a moralidade.

Como fica aparente, colocada dessa forma, a diferença entre os dois conceitos parece resumir-se a uma gradação. Contudo, o que acontece com a *força*, no sentido econômico-energético, em questão nos dois casos?

Novamente, um comentário é necessário: o conceito de pulsão, desde os seus primórdios, revelou-se uma espécie de natureza dupla, sendo definido como estando na

interface entre o biológico e o psicológico. Quem acompanha pela primeira vez os desenvolvimentos reichianos, pode pensar que eles se dão na esfera da fisicalização e da biologização. Engano. O que Reich fez foi utilizar um rigor conceitual extremo e, devido a isso, não cometeu o erro nem de biologizar o psicológico, nem o de psicologizar o biológico. O exame dos dois conceitos, feito por Reich, revela a pertinência e a consequência da identificação das propriedades dessa força, *orgone*, primeiro como força de fato (quantitativa) e, depois, como suas manifestações na vida emocional.

Este fator quantitativo ganhou destaque a partir de uma observação clínica que parecia contraditória com as formulações reichianas e mesmo com as freudianas, de um ponto de vista essencial. Psicanalistas críticos a Reich descreviam que seus pacientes neuróticos muitas vezes eram sexualmente potentes. Mas estavam equivocados. As evidências somadas levavam à conclusão de que a “[...] enfermidade psíquica não é só o resultado de uma perturbação sexual no sentido freudiano lato da palavra; mais concretamente, é o resultado da perturbação genital, no sentido estrito da impotência orgástica [...]” (REICH, 1942/1983, p. 102).

A potência orgástica, como descrito anteriormente, refere-se à uma fisiologia, as convulsões orgásticas, mas também à condição emocional de engajamento afetivo, ausência de fantasias conscientes e inconscientes durante a relação amorosa, e à capacidade de abandonar-se ao curso da intensificação das excitações. Trata-se de uma experiência emocional em sua totalidade. O fator quantitativo aparece também na conclusão de que a fonte da energia da neurose (*estase*) tem origem na diferença entre o acúmulo e a descarga da energia sexual, o conflito neurótico, *per si*, é incapaz de atualizar-se se não houver essa fonte.

Como diz Reich:

Se eu houvesse definido a sexualidade apenas como sexualidade genital, cairia na noção pré- freudiana errada de sexualidade, e sexual equivaleria a “genital”. Alargando o conceito de função genital com o conceito de potência orgástica, e definindo-a em termos de energia, somei uma nova dimensão à teoria psicanalítica de sexualidade e libido, conservando o seu arcabouço original [...]. (REICH, 1942/1983, p. 102).

“Definindo-a em termos de energia”: esse é o diferencial que permite verificar que o conceito de sublimação não é límpido e simples, como inicialmente colocado por Freud. Uma representação gráfica auxilia na especificação deste problema:

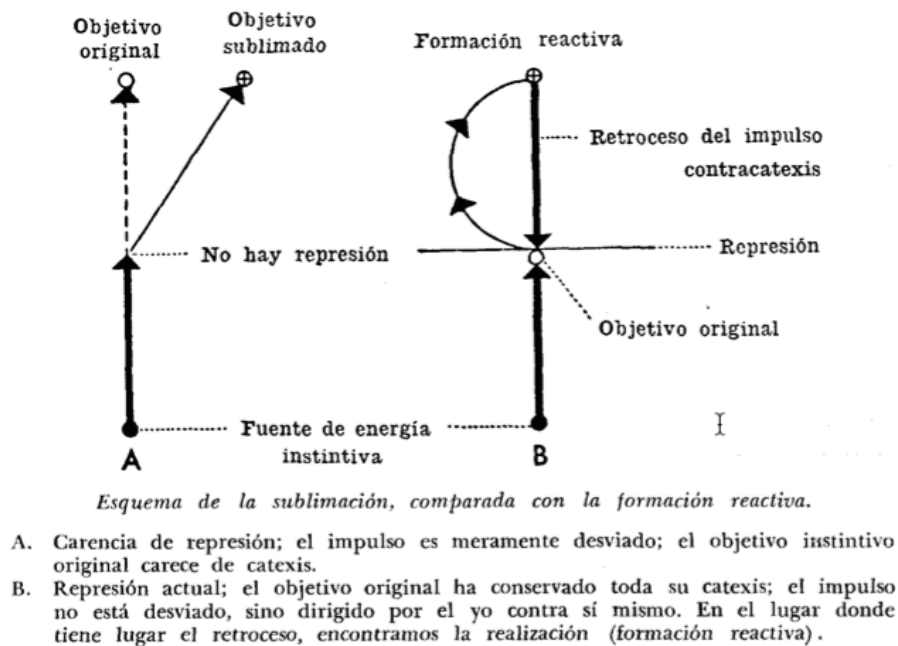


Figura 7: Figura retirada do livro *Análise do Caráter* (REICH, 1993, p. 155).

A conclusão alcançada é que a formação reativa mantém a *estase libidinal*, que, por sua vez, corresponde à formação reativa, até um ponto em que aparece o sintoma como forma de ligar o excesso (acúmulo) de energia. A estase libidinal não se dá no *caráter genital*, que pode ter sublimações e algumas formações reativas, mas é *predominantemente* capaz de satisfação genital. A sublimação, nesse caso, ao contrário do que postula Freud, não substitui a satisfação direta, mas só é *possível de fato* quando há satisfação genital estabelecida. Não utilizar corretamente o referencial energético, por razões de equívocos clínicos e teóricos, especialmente sobre a natureza dessa energia, faz com que uma condição seja confundida com outra: a formação reativa confundida com sublimação. Já mencionei anteriormente como este termo, sublimação, advém tanto da alquimia, quanto do viés religioso e significa “aquilo que se eleva”, do latim *sublimis*. Mas, a César o que é de César. O quantitativo, na forma de quantum de energia, precisa ser realizado. Este *quantum* não se transforma em outra coisa.

Lore Rubin Reich, psiquiatra e membro da Sociedade Internacional de Psicanálise, em evento comemorativo do centenário de Reich, discorrendo sobre a atitude de Freud e de Anna Freud sobre sublimação, afirma:

Now both Freud, at the time of my father's membership in the psychoanalytic community, and Anna Freud, valued sublimation through work. You didn't have to have overt sexual expression, you could sublimate this(1:107). For instance, in *The Last Tiffany*(2:203,208) it's clear that Dorothy Burlingham yearned for her husband, yearned for sex. The Freuds worked very hard to keep Dorothy separated from her husband. And they said, no you can work hard and you don't have to have sex. Freud said that to Robert Burlingham when Robert came to interview him. Anna Freud's whole theoretical emphasis was on the defenses against the instincts. So, I'm sure, she felt personally attacked by Reich, who was saying that if you did not have

complete orgasm you were neurotic, that incomplete orgasm was a source of neuroses [...]. (REICH, L.R. 2003, p. 109-117)

As religiões monoteístas tem um marcante desprezo pelo corporal e advogam a necessidade de superá-lo. Não é necessário muito esforço para destacar a importância da mortificação do corpo na doutrina cristã, em que a cruz é seu símbolo primeiro. A teorização psicanalítica, não só por parte de Freud, é plena de referências à associação entre o “mal” e o corporal, no sentido dos desejos e das paixões; a própria sexualidade, paradoxalmente, é sutilmente demonizada quando se teoriza sobre a violência dos impulsos e da descarga. O “mal” e a morte se apresentam como primordiais quando Freud, na segunda tópica, elege uma nova ordem de dualidades, agora entre *Eros* e *Thanatos*, vistos como uma espécie de princípios agenciadores no psiquismo. Mas não só ali. Christophe Dejours comenta sua leitura de Laplanche sobre a pulsão de morte, onde Laplanche sublinha que, no “Para além do princípio do prazer” Freud sugere que a pulsão de morte seria a única “força primordial no seio do psiquismo, até mesmo da matéria” [aspas do autor]. (DEJOUR, apud LAPLANCHE 1988). Influências do conceito de entropia, ou metafísica? Reich nunca concordou com a existência de fato da *pulsão de morte* e apresentou razões teóricas e fatos clínicos para demonstrar por que entendia que essa postulação se devia a um erro inicial de técnica psicanalítica.

Reich sempre considerou a Orgonomia um desenvolvimento lógico da teoria freudiana, mas o contrário não é verdadeiro, evidentemente. Reich não entendia como inexistentes ou equivocados os principais conceitos da metapsicologia postulados por Freud, como inconsciente, transferência, resistências e defesas, assim como representações psíquicas não deixam de existir em função da Orgonomia. O tipo de entendimento sobre a natureza desses conceitos e seu papel na constelação total da vida psíquica e emocional é que é problematizado. Foi uma positivação da natureza física de fato da *libido* e da importância fundamental do corpo, não somente do *corpo representado*, que deu ensejo às elaborações que fizeram da Orgonomia uma teoria mais abrangente do que uma teoria sobre o psiquismo.

Claro que o objetivo deste capítulo não é exatamente examinar as influências culturais sobre Freud. Ele é parte de um tema maior, “Física e psicanálise”, e foi uma breve passagem entre outras que examinam, desde a corporeidade como fonte de conhecimento através de uma prática corporal, até referenciais epistemológicos diferenciados, como os de Freud e os de Reich. Esta breve passagem descreve como a atenção aos fatos clínicos, que irão dar ensejo às teorizações, encaminha a conclusões radicalmente diferentes, dependendo do enquadre inicial dessas observações clínicas, da mesma forma que variações iniciais mínimas resultam

em estados futuros diferentes, nos cálculos da Teoria do Caos Determinístico. Procurei descrever a lógica das abordagens reichianas e como ela levou a uma definição de um componente quantitativo de fato (com características e propriedades formais inclusive). Essa lógica é responsável pela capacidade de atravessamento conceitual profundo que tem a teoria reichiana.

Para um último exemplo, neste capítulo, da importância da observação e do enquadre teórico correto dos fatos na prática clínica, cito um fator *divisor de águas*, que surgiu da postura reichiana: como psicanalista, o *setting* clínico se dava com o paciente deitado no divã e o analista, Reich, ao lado e atrás. Como a análise do caráter evocava intensas reações emocionais (lembremos que até então as sessões eram conduzidas sem nenhum tipo de abordagem corporal direta), Reich se deu conta de que seus pacientes relatavam, com frequência, “sensações de correntes” na superfície do corpo, impressões de movimento, ao longo e após momentos de maior intensidade na sessão. Em alguns desses pacientes, inclusive, desenvolviam-se movimentos musculares involuntários, tremores, em algumas partes do corpo, e subjetivamente os pacientes relatavam ou temor, ou uma *vontade forte de movimento* por ocasião desses eventos. Essas reações não eram exatamente novidade na clínica, mas essa movimentação classicamente era entendida como *acting out* (atuação), ou seja, uma expressão de resistência e defesa, como se na personalidade um determinado conteúdo ideativo conflitivo fosse recusado pela consciência e, assim, atuado via descarga motora direta. Assim era interpretado.

A *negativação* da expressão corporal, vista como evitação do destino positivo – o pensamento ou mentalização – não é difícil de ser visto aqui, como *a priori*.

Bom observador e inovador, Reich não interferiu no surgimento dessa movimentação e se deu conta que ela tendia espontaneamente, quando o medo era paulatinamente superado, a uma expressão unitária, tomando o corpo como um todo, a qual ganhou o nome de *reflexo orgástico*, devido à obviedade do mesmo. Esse foi o caminho para a transposição para a biologia (medusa) e para o energético na natureza em geral. Mais importante ainda: esse desenvolvimento não retira de cena a correção do conceito de *acting out*, ao contrário, fornece melhores condições de diferenciar quando e se o que está ocorrendo é de fato isso. O somático e o psicológico melhor diferenciados, não reduzidos um ao outro. Essa diferenciação inaugurou o caminho para o deslindamento das funções *cósmicas* (dado a amplitude da constatação da existência das mesmas) no vivo e me dá a oportunidade de justificar por que iniciei este sexto capítulo comentando minha experiência com o Aikido e a possibilidade de conhecimento através dela. Conhecimento é também, quem sabe até por excelência, o que

pode ser formalmente transmitido, mas não somente. Há mais o que esclarecer. “Sentimentos alcançam a mesma profundidade que pensamentos”. Dito por Pauli, mas poderia ter sido dito por Reich. “Apreender no plano energético a função da sensação e da percepção, ou seja, investigar as profundidades de sua própria natureza...” Formulado por Reich, mas: o primeiro aponta, no recorte escolhido, para o conhecimento via *si mesmo*, enquanto o segundo, essencialmente para um conhecimento passível, em última instância, de ser formalizado. Formas antagônicas, mas não excludentes.

## 6.7 PSICANÁLISE DE CAMPO: CASOS CLÍNICOS E EVIDÊNCIAS

O objetivo desta tese não é o de fazer referência exclusivamente a dados clínicos de uma situação de análise reichiana, aqui, a *fusão com o objeto* é vista como referente a toda e qualquer situação de conhecimento, não somente aquelas em que o conhecimento é sobre um *outro*, no sentido de ser sobre seus conteúdos psíquicos e dinâmicas emocionais. Por outro lado, não deixa de ser emblemático abordar, nesse contexto, esse tema, já que é praticamente unânime a noção de que a subjetividade, enquanto *experiência de primeira pessoa*, seria inacessível a qualquer um que não sua própria portadora. Em capítulo anterior, apoiado nas referências teóricas reichianas, mostrei inicialmente como isso é contestado pela noção da correspondência *soma-psiquê* e pelo modo como estruturas historicamente significativas (do ponto de vista emocional) moldam o soma de forma objetivamente identificável. Nesse viés, pelo menos de forma parcial, mas essencial, algo da subjetividade é apreensível diretamente por um outro.

Agora é um outro momento, em que irei sublinhar aquilo que mereceu destaque no capítulo sobre o Aikido, com meus comentários, transpondo para a situação clínica elementos vinculados àquela prática, como a atenção bi-focada, o estado que se instala nos dois componentes da situação, analista e analisando, e o modo como a autopercepção se torna imprescindível para saber do outro. Para isso, porém, é necessário primeiramente relembrar alguns parâmetros que são componentes de uma situação de psicanálise, por derivarem de uma determinada compreensão sobre a natureza da vida psíquica e emocional, do ponto de vista freudiano. A abordagem, claro, será sintética, por conta dos fins do objetivo deste trabalho, pois trata-se, na verdade, de matéria muito mais complexa.

Como o ponto de partida é o *inconsciente* e todas as outras derivações (pulsão, recalque, etc.) e a tarefa do analista é *interpretar* (novamente, isso é só uma simplificação), essa interpretação, tomando como base a teoria freudiana, observa os conteúdos oníricos, os

lapsos de linguagem, comunicações não-verbais, etc., e, em destaque, a *transferência* apresentada. Essa transferência é inicialmente entendida como uma espécie de atualização, no cerne da relação com o analista, dos principais conflitos e demandas libidinais. Munido da teoria, o analista pode reconhecer esses conteúdos e escolher como agir. Se o apoio teórico utilizado for a teoria reichiana, o analista terá, ainda, como complemento das ferramentas clínicas, a possibilidade de reconhecer o caráter (personalidade) e a localização dos principais núcleos da couraça muscular, tudo isso objetivamente determinável.

Foi só posteriormente, na década de 50, com exceção de *Ferenczi*, com a proposta de análise *mútua*, que a *transferência do analista*, ou *contratransferência*, passou a ser examinada como possibilidade de obtenção de dados sobre a situação clínica. Até então, esse conceito tinha praticamente uma única definição, a de uma *reação emocional do analista*, no sentido de um mobilizar de elementos relacionados a conflitos não solucionados do inconsciente do analista. Um problema, uma limitação para a análise, portanto. Com a nova perspectiva, surgem outros modelos a respeito da função do inconsciente de ambos, paciente e analista, enquanto modo de comunicação na situação clínica. Esses novos modos compreendem, direta e indiretamente, a noção de campo, no meu entender, já que o modo de mediação de um inconsciente a outro (analisando-analista), dito assim, era compreendido em termos de parâmetros de *localidade*, dando-se o contato entre ambos através da linguagem e da escuta, mesmo sendo as reações emocionais indiretamente produzidas, a menos que consideremos as ondas sonoras como um meio comunicante entre ambos.

A noção de campo dinâmico modifica esse cenário, ao considerar que o conceito de campo dinâmico “permite entender a constituição recíproca do sujeito e do objeto e a necessidade de compreender um em função do outro. Campo, por sua vez, designa o marco da configuração analítica” (BARANGER, 1979)

Uma concepção sobre *campo* e psicologia já havia sido feita por Kurt Lewin. De acordo com ele, o ser humano se comporta em resposta à totalidade de fatos coexistentes. Esses fatos coexistentes resultam no campo dinâmico, onde cada um de seus componentes são interdependentes. Contudo, esse campo é um campo psicológico, não é tomado como uma *realidade física*. Em Baranger, não há uma definição precisa de qual “campo” se fala, sua natureza, mas fica explicitado que, ali, desenrola-se uma atividade em que o analista é parte integrante do que sucede, do que é *produzido*. Esse analista é implicado concretamente na situação:

[...] na base dessas considerações encontra-se um analista que se permite ser envolvido pelo paciente a ponto de assumir o estado emocional dele, algo que depois deve ser, claro, trabalhado pelo analista para possibilitar o surgimento de uma nova

modalidade de relação...”. “... uma modalidade de escuta que revela mais do que a fantasia inconsciente do paciente, ou ainda, da repetição que se ativa na via da transferência, mas que considera a presença mental do analista como co-determinante dos acontecimentos do campo analítico. Trata-se de um campo dinâmico, onde o sentido emerge por meio do jogo cruzado das identificações projetivas entre o analista e o analisando, entre o par [...]. (TAMBURRINO, 2007, p. 13)

Mas que intersubjetividade é essa?

Freud, em “Totem e Tabu” fala na transmissão de inconsciente para inconsciente, de geração para geração, etc., quase como uma hereditariedade. Násio, lembrando a menção freudiana, conclui que “não há passagem, não há ‘transação’, mas ‘produção comum’ de um só inconsciente... não há dois inconscientes numa análise” (1999, p. 131).

Ainda, no artigo “Da intercorporeidade à co-corporeidade: elementos para uma clínica psicanalítica”, Nelson Coelho Jr. reconhece como psicanálise aquela que toma o corpo como *setting*:

A porosidade própria de nossos corpos é a condição de possibilidade, embora não a condição suficiente, de todo trabalho analítico. É com nosso corpo que apreendemos afetos, que somos penetrados por introjeções e que realizamos projeções. Não é simplesmente o mundo mental que projeta. Não é exatamente algo "interno" que projeta. É com o corpo, através de sua porosidade, que projetamos e introjetamos... A noção fundamental de identificação projetiva, por exemplo, precisaria ser pensada para além de um ato ou mecanismo mental. (COELHO Jr., 2010, p. 101)

Um exame rápido por esses textos nos mostra que estamos em terreno pantanoso. Há menções, indícios, subentendidos de que se trata de um evento não meramente psíquico, *algo mais*, mas o quê? O que seria “porosidade dos nossos corpos”, que acontecimento é este, de que natureza, que é “para além de um ato ou mecanismo mental”? Embora esteja sugerido, isso não é assumido diretamente em nenhum dos textos mencionados. A utilização eufemística do termo *campo* deixa vazios e insuficiências. Embora Reich tenha examinado posteriormente, quando estava quase que unicamente envolvido com pesquisas na Física, o *campo orgonótico* existente em torno dos materiais e organismos vivos, chegando a desenvolver o que chamou de orgonoscópio, ou orgonômetro, esse campo não foi objeto de uma preocupação clínica específica. Na clínica, discorrendo sobre modos de apreensão de dados clínicos e de uso eficaz da técnica, elaborou a noção de *imitação plasmática* para descrever a *contratransferência* que ocorre necessariamente no organismo do analista durante a sessão com o analisando. De forma rudimentar, inicialmente, utiliza a imagem da revoada em massa dos pássaros quando um deles, advertindo perigo, lança-se em fuga. Contudo, fica claro que o evento que descreve é mais do que isso. A ideia de uma *comunicação somática* esteve fortemente presente em ramificações neo- e pós-reichianas (bem menos instigantes que a teorização reichiana original) como exemplificado no artigo de David Boadella

“Ressonância transferencial e interferência” (BOADELLA, 2013) com linguagem usualmente psicológica, filosófica e poética apenas, com exceção de um pequeno trecho, em que Boadella teoriza sobre a ressonância: “criar luminação no campo energético de ambos” (BOADELLA, 2013, p.9) uma teorização correta, do ponto de vista da física orgonômica, mas insuficiente neste contexto, porque essa *luminação* necessita de uma certa proximidade espacial para suceder. Lembro que tanto nos trabalhos de Jung/Pauli, quanto nos que se referem à eletrônica-consciência-emoção e resultados anômalos, a proximidade espacial não é um pré-requisito.

O fenômeno *campo*, no domínio das teorizações reichianas, envolve algo mais complexo. Primeiro, o domínio da ordem de relações existente entre diferentes funções, relações estas sempre organizadas em torno de pareamentos funcionais, e, depois, um denominador comum, o PFC de ambos, mais *profundo* porque mais abrangente enquanto função.

É difícil, dada a nossa formação e nossa experiência do mundo, deixar de incluir automaticamente a espacialidade em uma descrição como essa (por exemplo, a menção a “par funcional” faz pensar de imediato em analista e analisando) e a evidente proximidade. Correto. Mas o pareamento pode igualmente ser referente a funções tão distintas quanto a ocorrência da morte, em um organismo vivo, e o par funcional “desligar uma televisão”, do ponto de vista energético<sup>54</sup>. Essa não é uma abordagem poética, há uma correlação que pode ser feita entre os efeitos em um eletroscópio carregado posto a descarregar pelo toque de um dedo e certas alterações no estado geral da saúde de alguém, quando se está à beira da morte. Ambos sofrem uma *intensificação* que antecede exatamente a retirada da carga em um e em outro, e essa é uma característica da *excitação* que ocorre na mudança de estado de um sistema orgonótico. Ou “[...] quando se observa certas funções da ameba, nós acabamos alcançando certas conclusões que são igualmente válidas para uma nuvem de tempestade; por exemplo, há a atração exercida por nuvens de tempestade fortemente carregadas sobre nuvens menores, assim como há atração exercida pelas amebas sobre pequenos bions [...]” (REICH, 1949/1973, p. 97). Enfim, esta digressão serve somente para salientar que não se trata somente de proximidade e que, portanto, a espacialidade não é o constrangimento absoluto nessas aferições.

Voltando ao tema dos pareamentos e à ideia de *campo*, há dois pareamentos que ficam

---

<sup>54</sup> Ponto de vista “energético” quer dizer tomar o auto-deslocamento do orgone, as funções da energia livre de massa, como primordiais para a compreensão das complexidades maiores residentes em diferentes planos dos fenômenos.

em primeiro plano no exemplo em questão:

- 1 - o pareamento analista-analisando;
- 2 - o pareamento excitação<sup>55</sup>-percepção.

O foco, claro, será a posição analista na situação e como este *conhece* o analisando.

Já foi focado antes, no capítulo sobre Reich e no item sobre contribuições à epistemologia, a questão da *sensação* do ponto de vista energético orgonótico. A relação analista-analisando envolve, também, um processo orgonótico, no caso, a dinâmica da excitação evocada em ambos organismos, em função do contato na situação. Mas vejamos: *contato* não significa, aqui, apenas proximidade, entram outros elementos em cena, como, por exemplo, o estado de saúde (num viés orgonômico) tanto de um, quanto de outro, quer dizer, a capacidade de contato profundo com as intensidades vitais, como parâmetro, assim como a *disposição* do analista, em particular para reconhecer e vivenciar os estados do analisando, também em termos da capacidade deste quanto ao contato orgonótico. De um ponto de vista energético, poderíamos, sinteticamente, definir a finalidade da análise reichiana, ou Orgonoterapia, como a de produzir um incremento na capacidade de *excitação* do analisando, definida, aqui, pelo contido na nota de rodapé. Nessa plano das coisas, mas sem nenhuma perspectiva de redução, há similaridade de proposta entre a Orgonomia e a abordagem de Winnicott (desenvolvimento do psicossoma, “mãe suficientemente boa”) e a de Bion (transformação de função *Alfa* em *Beta* ).

O que importa sublinhar agora é que o conceito de campo, assim operacionalizado, ganha uma tonalidade mais realística, ou, pelo menos, mais próxima da definição original do termo, sem que seja necessário utilizar escapismos e eufemismos, deixando também evidente a consideração de um elemento não unicamente *psicologístico* nas teorizações a respeito do que se passa com essa dupla. Certamente os trabalhos de Sheldraque, como a concepção dos *campos morfogenéticos*<sup>56</sup> e da *ressonância mórfica*, situam-se em uma território semelhante.

A *capacidade de contato*, fundada na concepção de *capacidade orgástica*, na medida em que envolve em alguém a possibilidade, ou não, de acesso a uma dimensão *primeva* e profunda, é também elemento de acesso à realidade em termos mais gerais. Essa capacidade, posta em relevo na pesquisa natural de Reich, resulta em uma apreensão ativa, não nos faz um *receptáculo passivo* de impressões:

<sup>55</sup> “Excitação” é utilizado para definir a contrapartida somática da percepção, na unidade funcional. Equivale à corrente orgonótica.

<sup>56</sup> Este campo hipotético visa a explicar a emergência simultânea de características adaptativas em populações não-contíguas. Sua concepção comporta a não-localidade por não implicar trocas de sinais ou energia.

A função da vida é um objeto da nossa pesquisa. O primeiro e mais importante objeto, é , novamente, as sensações de órgão, tanto como ferramenta quanto como fenômeno natural. Pela investigação do como a matéria viva funciona, nos também descobrimos uma parte da natureza externa a nós mesmos. Porque aquilo que é verdadeiramente vivo em nós é parte dessa natureza externa. Portanto, se nos procedemos cuidadosamente no estudo do que constitui a função do vivo, nós descobrimos também aquelas funções que tem validade geral, cósmica...”. (REICH, 1949/1973, p. 97)

Como se vê, o acesso a si mesmo, em bases válidas, é também a forma de acesso àquilo que é comum, semelhante, na externalidade. Isso inclui a outra pessoa, em uma situação clínica. Agora posso dizer que, tanto na minha experiência com o Aikido, quanto na Orgonomia, é nessa dimensão profunda onde se situa esse conhecer, nessa interface não necessariamente geográfica onde há comunicação. E onde o conceito de campo, mesmo tomado na sua concepção original na Física, não resulta suficiente.

Há um relato clínico que quero apresentar. É apenas um entre muitos, entre miríades de detalhes que se perderam no tempo em muitas outras análises. Este relato menciona um elemento especialmente objetivável, o que é mais raro, sobre o “estado unificado” que pode ser produzido em uma situação clínica. Contrastando com outros relatos por parte de vários autores, em que é um conteúdo ideativo, uma imagem ou mesmo um sentimento forte que são tomados como pertinentes e formas de comunicação induzidas pelo paciente, nesse relato é um acontecimento inicialmente fisiológico que ganha destaque.

Não irei apresentar detalhes sobre o caso, apenas um recorte e poucos comentários sobre a situação, sem nem mesmo esclarecer teoricamente certos parâmetros, a fim de não tirar o foco do que pretendo sublinhar.

Esta paciente nunca comentava nada, nem lembrava sobre a sessão anterior, ou antes. Cada sessão se desenvolvia como se fosse a primeira, ou a única, caso eu não interviesse de alguma forma. Mais do que isso: ela passava a impressão de não saber o que estava fazendo ali, havia um silêncio tenso, desconfortável, mas também “bovino”, que pairava sobre a situação, enquanto me olhava sem expressão, mas visivelmente desconfortável. Se eu permanecesse quieto, sem intervir, a sessão transcorreria desse modo, sem modificações. Só quando eu intervinha, algo nela se movia e havia, então, alguma comunicação.

Uma situação como essa não é nova, frequentemente evidencia um psiquismo primitivo, do ponto de vista da história pessoal, em que falta *mentalização*, e uma agressão *violenta* não consciente. Além disso, há muito Reich já havia analisado, na ótica do *Análise do Caráter* como o silêncio é uma forma de atividade expressiva enquanto resistência. Não há dificuldades maiores no manejo de um caso como esse.

O marcante é o que o mesmo acontecia comigo. Sou costumeiramente capaz, via

*memória afetiva*, de acessar elementos essenciais sobre cada paciente, quer seja no referente a relatos e experiências significativas durante as sessões, quer seja do meu entendimento teórico sobre o caso. Como parto do princípio de que há uma *linha mestra* que alinhava o *tema* fundamental de cada sessão e da somatória das sessões, sempre sei que há um conjunto sintético, mas central, à minha disposição quando me coloco no estado corpo-mental propício para o desempenho da análise, isso em cada sessão e com cada paciente diferente.

No caso desta paciente, entretanto, apenas o nada. Uma sensação amorfa, uma impressão literalmente física de estagnação e uma ausência total não só de memórias, mas de entendimentos. Era fisicamente tão exaustivo fazer uma intervenção, a inicial, como sair de uma paralisia.

O inusitado é o que se desenvolveu em pouco tempo e que passou a dar-se seguidamente, até não ser mais necessário: tomado por essa letargia *pantanosa*, percebo subitamente um forte movimento peristáltico, meu estômago *borbulha* alto e, assim que isso se dá, é como se uma luz se acendesse e, súbito, lá está, ao meu alcance, minhas memórias e referências sobre ela, organizadas e acessíveis. Contudo, o mais importante é que isso se dava concomitantemente com ela também. Às vezes, era o meu estômago que *borbulhava* primeiro, outras, o dela, ambos audíveis, em décimos de segundo de diferença. E em uníssono, uma *atmosfera* pesada começava a desaparecer, assim como a aparência “bovina” nela. Imagino se eu também não estaria com a mesma aparência. Na medida em que sua organização egóica evoluía e essa condição pré-psicótica se modificava, esse quadro foi se esmaecendo. Sublinho que, no trabalho com esta paciente, nenhum recurso psicorporal direto foi utilizado nesse período.

O peristaltismo guarda uma relação com o sistema nervoso autônomo ou *vegetativo*. Um estado de maior tensão emocional, quer seja episódico, quer seja crônico, no sentido da neurose, altera a intensidade e a frequência dos movimentos no tubo digestivo. O peristaltismo, como eu disse antes, foi postulado como tendo uma função emocional específica, na *Psicologia Biodinâmica* desenvolvida por Gerda Boysen, mas não irei discorrer aqui sobre esse ângulo, mas, sim, o da *Orgonomia* e do fenômeno *luminação*, mencionado antes.

O acumulador orgônico, descrito no capítulo sobre Reich, tem várias propriedades mensuráveis, tais como diferença de temperatura comparada a um aparato *controle*, diferença de tempo de descarga de um eletroscópio nas mesmas condições, etc., e também verificáveis em quem utiliza o acumulador, como alteração da temperatura corporal e vasodilatação provocada pela estimulação parassimpática, e a expansão biofísica, devido ao uso do aparato.

Da mesma forma que a tensão e o stress afetam o peristaltismo, a expansão biofísica e o relaxamento são acompanhados de efeitos sobre o mesmo, no caso, intensificação e manutenção da frequência dos movimentos.

O uso de um estetoscópio, com a base colocada sobre o abdômen (para melhor registrar o peristaltismo), facilmente ajuda a comprovar esse efeito, quando se utiliza, ao mesmo tempo, um acumulador. Uma experiência adicional é a de utilizar um acumulador pequeno, com um tubo flexível composto dos mesmos materiais, utilizado para aplicações locais da energia orgone, quando, então, se direciona esse tubo ao local pretendido. No caso do acumulador que abriga o corpo todo de quem o utiliza, o contato dos dois campos organóticos, o do sujeito e o do acumulador, é progressivo. Já no caso do acumulador menor, quando se está preparado para a experiência de utilizar o estetoscópio, apoiado sobre o abdômen, o momento mesmo em que o tubo é direcionado faz produzir fortes ruídos e movimentações. Aqui é quando acontece a *excitação organótica*, uma intensificação que logo retrocede a um patamar menor de estimulação.

No caso relatado, a questão é: por que motivo acontecia essa *excitação*, no sentido do *quando acontecia*. Não era no início da sessão quando se dava a reação peristáltica, mas em um momento posterior. Retrocedendo, só posso concluir que havia uma relação determinante entre meu esforço para superar a condição *pantanosa* que caía sobre nós dois e o *turning point* que desembocava na sensação de um retorno da vivacidade e agilidade física e mental, como se alguma coisa *acendesse*, de uma forma tão súbita quanto intensa. Eu tomo essa descrição e os termos que emprego no sentido literal, como descrevendo estagnação e movimento de funções energéticas de fato (não metaforicamente) atuando em nossos corpos: as implicações mentais, imagéticas, estimuladas nessa ocasião, como secundárias ao que se sucedia em um plano energético. Posso entender por que Pauli pensava em um encontro entre ideia e forma platônica ao comentar o que lhe parecia acontecer nos momentos de uma *Eureca* (a *luminação*).

Somada a isso existe a referência do *estado propício* para produzir situações de ressonância que potencializam o desempenho na clínica. Bion, psicanalista inglês, recomendava ao analista uma postura em que *não há passado, futuro, ou desejo* e um abandono de todas as referências teóricas no momento presente de um atendimento. Pretendia, com isso, descrever uma condição ótima daquilo que é esperado do analista para o desenvolvimento de um atendimento.

Essas indicações são idênticas, em sentido, àquelas fornecidas aos praticantes de artes marciais e de outras disciplinas que buscam um contato profundo com uma realidade

subjacente e essencial.

No Aikido, há um conceito, *NEN*<sup>57</sup>, que refere-se à prática de movimentos coordenados com a respiração e a concentração no *Tandem*. Essa prática visa uma harmonização entre o praticante e o ritmo do *cosmos*, de tal forma que o praticante desenvolve, assim, uma melhor capacidade de *sintonizar-se* com o outro, naquilo que seria um treino, ou um “combate”. Na situação treino, um praticante leva o outro a aprimorar, conjuntamente, através do encontro da movimentação de ambos, esse mergulho nessa realidade mais essencial. No “combate”, essa capacidade de melhor sintonizar o outro leva à possibilidade de estabelecer um domínio sobre o ritmo e o movimento do adversário. Em ambos os casos, há uma dinâmica recursiva: se melhor estou sintonizado com o *cosmos*, melhor eu acesso o outro, e vice-versa.

O que neste texto pode parecer uma linguagem poética, compõe o dia a dia da clínica. Pelo menos da clínica deste analista que aqui escreve, quem tem na sua bagagem o ter praticado o Aikido. Mas uma olhada rápida nos recortes mencionados anteriormente, sobre *psicanálise de campo*, leva a perceber que outros, sem essa prática específica, alcançaram um lugar semelhante de experiência. Do “inconsciente a dois” ao “inconsciente campo” e, a partir deles, à “sensorialidade-comunicação”, abre-se uma avenida, onde o psiquismo humano remete, não necessariamente à excelência da comunicação com a palavra, mas à pertinência de existir como corpo. O sentimento do *corpo próprio*, nessa situação em que a contratransferência é instrumento, é a forma de fusão que permite acesso ao conhecimento, quando meu ser, ao mesmo tempo que *capta* o que se passa com o outro, faz isso, essa apreensão, através de um mergulho em si mesmo, profundidade onde encontra uma dimensão comum aos dois.

## 6.7 PSICANÁLISE SOMÁTICA ORGONÔMICA

Depois de um capítulo que enfatiza o ângulo da sensação e da percepção, creio que é hora de uma descrição que acentue igualmente os elementos da situação clínica do ponto de vista, por assim dizer, de uma *externalidade*, quando pretendo descrever fatores mais objetivos componentes do universo de recursos teóricos que o orgonomista pode e deve utilizar. É sempre difícil, repito, para quem já não mergulhou nas milhares de páginas que compõem a obra reichiana e, ao mesmo tempo, desenvolveu uma experiência prática – na clínica, na pesquisa biofísica, ou em ambos – ter uma ideia da complexidade de fatores ali contidos. É do exame dessa complexidade que surgiu uma simplicidade, via PFC, mas

---

57 Comunicação verbal durante um treino de Aikido com Ono Sensei, em São Paulo.

frequentemente o mau uso, o uso despreparado dessa ferramenta dá origem não ao simples, mas ao engano do simplório. Da mesma forma que se faz um uso ideológico mal fundamentado quando se retoma o pensamento reichiano sócio-psicológico, que remonta ao período em que teve simpatias pelo marxismo, sem considerar que Reich se tornou anti-comunista radical posteriormente, é também corriqueiro tomar seu viés energicista como sinônimo de fisicalismo, associando seu trabalho clínico ao trabalho corporal simplesmente, ou a um viés esotérico, como foi comum na postura da chamada contra-cultura, ao se apropriar do seu pensamento.

Como entendo que é da concatenação de todos os elementos surgidos ao longo das pesquisas de Reich que surge o que é realmente inusitado e produtivo, pois é a própria possibilidade de concatenação que importa e revela algo marcante, e como sou consciente de que somente um bom entendimento dessa esfera de coisas permite estabelecer as extrapolações que estou fazendo, retomo a tarefa de sublinhar alguns desses elementos, na abordagem em espiral, que havia mencionado anteriormente.

Se na metapsicologia freudiana o conceito de *inconsciente* é fundamental e será o depositário de traços mnêmicos, frutos da experiência erótica primordial, o inconsciente reichiano inclui um acréscimo significativo. Segundo Reich, os primeiros traços mnésicos são registros de movimento no plasma corporal (cf. REICH, 1949/1973, p. 92). Visto assim, o próprio movimento, enquanto traço, é de uma ordem mais fundamental que o neuronal, o imagético, a representação de coisa. Não é distante a analogia em que, em um organismo primitivo, a *sensação* – a reação de uma ameba se aproximando de um meio nutritivo, por exemplo – é concomitante à sua expansão plasmática, sua massa “indo em direção a”. Aqui, pode-se pensar não em um *antes* (o perceber) e um *depois* (o expandir), mas na correspondência imediata entre um e outro. A fenomenologia da percepção, de Merleau Ponty positiva o corporal ao propor uma retomada da filosofia do *mundo da experiência afetiva*, em que há uma conexão entre as percepções e a experiência que *antecede* o conhecimento e a reflexão: “[...] retornar ao mundo que antecede o conhecimento, do qual o conhecimento sempre fala” (MERLOT PONTY apud SCHUSTERMAN, 2012 p.101). Correntes de excitação, pulsação na expansão e na contração, antítese complementar soma-psíquê. A função do orgasmo como referencial, fornecendo o meio para acessar a interface do domínio soma-psique e também a fronteira entre o vivo e o não vivo. Mas também o Inconsciente, pulsões, transferência, formações reativas e sublimações. Esse é o universo das vertentes que se apresentam a uma análise reichiana, que, pela sua própria característica de composição entre muitos elementos, permite a lógica da inter-relação entre eles, o que

aumenta o seu potencial clínico e investigativo. O viés reichiano é includente, não excludente. E não são a coerência interna e a possibilidade maior de fornecer respostas, mesmo que temporárias, o que fazem uma teoria ser escolhida em detrimento de outra?

O termo *psicanálise*<sup>58</sup>, no título deste capítulo, advém do fato de ser parte importante no seu desenvolvimento a utilização das premissas freudianas, em especial, a noção de inconsciente. E, nesse sentido, acredito estar de acordo com a definição de Mezan de que, psicanalíticas são todas as escolas de pensamento que adotam como verdadeira a hipótese de inconsciente como formulada por Freud (MEZAN, 1996, p. 348). Portanto, é a aceitação da hipótese e sua utilização que são questões centrais e definitivas, e não um *setting* particular e a concomitante utilização exclusiva do verbal como instrumento específico. Essa explicação é necessária porque, mesmo entre os reichianos mais ortodoxos, existem discussões a respeito do quanto esse referencial continuava presente por volta do período orgonômico, e alguns entendem que não. Meu ponto de vista é de que nunca foi abandonado por Reich, levando seus escritos muitas vezes a confundir a explicação e a ênfase na pontuação dos fenômenos orgonóticos, com ausência de interesse nos relacionais e transferenciais. Myron Sharaff, colaborador e autor da mais completa biografia sobre Reich e que foi também seu paciente, diz que este, no período citado, apesar de cansado da psicanálise, nunca deixou de prestar considerável atenção aos traços de caráter. Sharaff relata uma ocasião em que, após algumas interpretações, Reich teria dito: “Você vê, este trabalho envolve muito mais do que espremer músculos. Nós não somos contra a boa psicanálise” (SHARAF, 1993, p. 314). Mas retornando a um ponto importante, é necessário discernir e poder determinar o valor e a natureza de um elemento da vida emocional, quando é possível situar esse elemento em dois campos teóricos diferentes, ao mesmo tempo. Continuando a utilizar um artigo já publicado antes, irei salientar, através de um estudo de caso publicado por Freud, as diferentes possibilidades de entendimento quando se utiliza um referencial reichiano, comparado ao freudiano. Nesse estudo de caso, o *movimento* ocupa um lugar central. Claro que, nesse momento, no texto, não pretendo apenas apresentar um contraste entre um referencial teórico e outro, mas, sim, sublinhar mais uma vez essa característica do pensamento reichiano de atravessar barreiras conceituais e disciplinares.

*O homem dos lobos.* Este é o nome do estudo publicado por Freud. Neste, especial relevância é dada a um sonho ocorrido na infância, o qual deu origem à uma fobia infantil que, posteriormente, transformou-se em uma neurose obsessiva. Nele, o paciente vive a

---

58 Este parágrafo foi originalmente publicado no artigo “Psicanálise Somática Orgonômica”, de Nicolau Maluf Jr.

experiência de estar sendo olhado fixamente por lobos que estão postados sobre uma árvore e que o olham através da janela do seu quarto. O paciente acordou em pânico. Paralelamente, tem início a fobia. As associações que encaminham a interpretação do sonho levaram Freud a entender a imobilidade dos lobos no sonho como sendo uma referência a movimento, uma distorção do que teria sido a observação, por parte do paciente, quando com cerca de dois anos e meio, da cena primária e dos movimentos durante a relação entre os pais. O pânico, por sua vez, é inicialmente entendido como uma espécie de rechaço de um desejo homossexual<sup>59</sup>. Um orgonomista poderia concluir que, sim, a representação do movimento, reconhecida na imobilidade dos lobos, é importante e que sua relação com o desejo é homossexual, ou não. Mas ele, o orgonomista, poderia reconhecer a presença das correntes vegetativas, representadas pela sua distorção, a imobilidade. Tomada dessa forma, a cena dos lobos aponta para a presença da experiência corporal da própria criança como sendo também constituinte daquilo que dá início à fobia. Como o próprio Freud menciona, “tenho observado que, com frequência, a atenção das crianças é mais facilmente captada pelo movimento do que pelas formas em repouso, e que as crianças baseiam-se nesses movimentos para fazer associações que nos, os adultos, não estabelecemos [...]” (FREUD, 1914/1981, p.1990). Não é difícil ver aqui a relação existente entre a percepção dos movimentos no plasma corporal, como descreveu Reich quando as crianças ainda mantêm intacta essa capacidade, e essa capacidade associativa nas crianças. Desse modo, e de forma resumida é claro, é possível se pensar na vinculação entre o sonho dos lobos, as sensações de movimento (correntes vegetativas) no corpo e o estabelecimento da patologia. Na verdade, essa nova hipótese, quando considerada, modifica totalmente o entendimento clínico da situação, retirando ênfase da *cena primária* como fator etiológico, e de *visto, testemunhado*, para *experienciadas* como fator central. Obviamente, não seriam as *sensações de corrente* elas mesmas o fator do adoecer, mas, sim, o conflito psiconeurótico se apresentando, o que faria esta criança temer e rechaçar não só impulsos e fantasias, mas também as intensidades corporais. E como este foi um caso de insucesso clínico, justificado pela ação da suposta *pulsão de morte*, serve para pensar como seria o resultado do processo de tratamento, se a corporeidade, na sua expressão literal, as correntes vegetativas, fosse considerado.

Recapitulando: existe uma vinculação entre processos somáticos e psíquicos. Além disso, uma intervenção feita de forma coerente com a estrutura produz efeito nos dois domínios (soma-psique). Assim, uma abordagem, baseada em noções de desenvolvimento

<sup>59</sup> Obviamente, nesta narrativa que faço aqui, há uma redução ao extremo de uma exposição rica em detalhes e em complexidade.

psicossexual e de organização do aparelho psíquico, mas também em noções de economia energética e biofísica orgônica, amplia seu potencial pelo simples fato de poder reconhecer a natureza e a organização das produções somáticas advindas das intervenções no psiquismo (a excitabilidade vegetativa). Dessa forma, percebe-se que, no manejo da transferência, toda estruturação defensiva, de qualquer tipo ou ordem, origina-se a partir de um núcleo básico, somático, o temor à vivência, que psiquicamente se manifesta como evitação de intensidades corporais ou de sua percepção, quando existente.

A sobreposição do item 6.6 (psicanálise de *campo*) com o atual, 6.7, deixa evidente o vasto contingente de elementos em cena. De uma *subjetividade* extrema, tomada como forma de comunicação, até uma *objetividade* composta de uma corporeidade literal. No extremo de cada um desses territórios encontramos a interface que encaminha ao outro território: o inconsciente da subjetividade em dupla, o qual leva a um somático-energético e a uma corporeidade estruturada que, no seu extremo, remete à dimensão psíquica.

Platão, no Fédon, “diz que o corpo nos destrai da realidade e da busca do conhecimento verdadeiro por interromper nossa atenção com toda espécie de comoção sensacional e por distrair nossa mente com toda forma de paixão [...]” (SCHUSTERMAN, 2012, p. 30). Em Reich, a paixão, a sensação e o corpo nos levam ao conhecimento.

## 7 W. REICH E A DINÂMICA FUSÃO/DIFERENCIAÇÃO

### 7.1. ENERGETICISMO E FUNCIONALISMO ORGONÔMICO, NÃO MATERIALISMO DIALÉTICO

A síntese dos opostos complementares, a dialética ou a dialógica, desde cedo, estiveram presentes nos escritos e nas teorizações reichianas. Sua simpatia inicial pelo marxismo e pelo materialismo dialético é sobejamente conhecida, menos conhecido é o abandono posterior dessa simpatia e a transformação ocorrida na utilização do referencial materialista dialético, que foi transformado por Reich no *funcionalismo orgonômico* e na aquisição de um referencial definitivamente *energético* ao invés de *materialista*. Essa passagem se deu sutilmente ao longo dos anos, enquanto examinava não só as insuficiências do *materialismo mecanicista*, mas também as do *dialético* – esta é a minha tese –, ao passar a vislumbrar a dimensão *cósmica* (no sentido de abrangente) que as funções naturais que investigava iam adquirindo. Por isso, o energético passou a ser central e primordial nas suas teses de uma maneira que já não comportava o materialismo dialético. Irei apresentar alguns elementos para essa conclusão.

O livro *Análise do Caráter* (REICH, 1933/1949/1993), além de um minucioso exame da necessidade de se considerar o viés energético econômico de uma forma singular, até então não realizada, também ganha alguns acréscimos nas edições posteriores à original, de 1933. Na terceira edição, de 1945, encontramos uma nota de rodapé, acrescentada ao prólogo da primeira edição, em que, tendo sido escrito em pleno período de aceitação do materialismo dialético, encontramos: “[...] se como foi dito o homem faz sua própria história, dependendo de certas condições econômicas; se o conceito *materialista* da história [...]” (REICH, 1933/1949/1993 p. 21). Na nota de rodapé, acrescentada depois, está: “[...] nota de 1945. Hoje diríamos *funcional* [...]”(grifo nosso).

O marxismo, claro, exerceu enorme influência entre vários pensadores do começo do século XX, não só em Reich. Havia um grupo de psicanalistas que procuraram fazer uma espécie de junção entre Freud e Marx. No âmago dessa possibilidade estava a concepção da psicanálise como possuindo uma característica basicamente *materialista*. Um então colega e admirador de Reich, que depois será um dos principais envolvidos na sua difamação, comentando em um seu artigo o livro de Reich, *Materialismo Dialético e Psicanálise* (1993), e focando nos contra-argumentos que este empregou para questionar as frequentes críticas de que a psicanálise seria “um fenômeno da decadência da burguesia” e também “idealista” (FENICHEL, 1972, p.39), salienta que Reich “[...] admite, com razão, que existem desvios

idealistas, dentro da psicanálise, mas que o que surge destas demonstra que são exatamente isso, desvios, e que o núcleo da psicanálise é *materialista*” (FENICHEL, 1972, p.39). O fato de que a psicanálise é materialista em sua essência fica assegurado ao se demonstrar que seu principal objetivo consiste em fazer remontar todas as chamadas funções “superiores” a seus substratos biológicos:

[...] o *espírito* aos instintos, os instintos às suas fontes somáticas, os atos do homem ao princípio *materialista* do prazer-desprazer e à sua variante, o princípio de realidade...a atribuição dos instintos às suas fontes somáticas nos conduziu a resultados muito satisfatórios no caso da ‘pulsão de morte’, precisamente o que deu ensejo à especulações idealistas [...]” (FENICHEL, 1972, p.41).

Merleau Ponty permite uma citação extremamente útil quando se ocupa da psicanálise e da dialética:

As investigações psicanalíticas resultam não em explicar o homem pela infraestrutura sexual, mas em reencontrar na sexualidade as relações e as atitudes que anteriormente passavam por relações e atitudes de consciência, e a significação da psicanálise não é tanto a de tornar biológica a psicologia, quanto a de descobrir um movimento dialético em funções que se acreditavam puramente corporais (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 218)

Mas o que é exatamente *materialismo*? Afirmar acima o meu entendimento de que, como referencial, o materialismo dialético foi abandonado por Reich, em nome de um outro, esse, sim, mais suficiente, que seria energético. Já que o materialismo dialético é decorrente do materialismo, começarei apresentando este último.

Na base desse modelo está a noção de que:

“O mundo, a totalidade espaço-temporal, é constituída de objetos caracterizados **completamente** por um conjunto de quantidades interagindo com outros objetos, do mesmo tipo geral de acordo com leis. (LACEY, 1998, p. 17, grifo meu)

As *leis*, por sua vez, representam relações entre *quantidades*. As *teorias* representam imagens das coisas em termos de *leis* e *quantidades*.

Como pode-se notar, enfatizei o termo *completamente*, encontrado na definição de Lacey, não por uma razão de cunho meramente detalhista, pois ele traz implicações para a proposta do materialismo-dialético que tornam problemática e insatisfatória essa definição, a do materialismo dialético. Veremos isso mais à frente, por enquanto me aprofundo na proposição do materialismo. Irei examinar algumas passagens do livro *Reality and Reason - Dialectic and the Theory of Knowledge*, de Sean Sayers (1985), a primeira delas longa, mas extremamente útil ao exame proposto:

[...] I have, indeed, appealed both to the Hegelian philosophy and to materialism in my account, but it has not at all been my intention to suggest that these outlooks are equivalent. They are, on the contrary, absolutely and irreconcilably opposed.

Nevertheless, they do share this much in common: both Hegelian idealist and materialist dialectical philosophy are agreed in asserting the concrete unity of the subjective and the objective, of consciousness and matter, of appearance and reality. They are united in rejecting dualism. Both, moreover, equally reject the usual reductionist alternative. For in asserting the *concrete* and *dialectical* unity of these opposites, they are rejecting the view that these opposites can be immediately identified and that either can be reduced to the other. That is to say, both forms of dialectic reject Berkeley's subjective idealism, with its reduction of objective reality to 'ideas'; and equally they both reject the metaphysical materialism of the 'identity theory' and direct realism, which reduces the mind to the purely mechanical level, and attempts to read off appearances directly from reality. Moreover, as I have stressed, there are very important realist themes in Hegel's philosophy, particularly in his critique of Kant [...]. (SAYERS, 1985, p. 44)

Em continuação, o autor faz uma diferenciação entre o materialismo dialético e a dialética de Hegel:

[...] For, according to materialism, the objective and the material are primary. **Ultimately there is nothing in the world but matter in motion.** Consciousness and mental phenomena arise only out of the material world, as modifications of it. Idealism in general, and Hegel's idealism in particular, is the exact opposite of this. According to Hegel **the material world is ultimately a product, a creation of spirit. Nature, for him, is the 'self-externalization', the 'alienation', of mind.** (SAYERS, 1985 p.44, grifo meu)

*Matéria em movimento.* Sayers pontua o mesmo que Lacey, com um acréscimo importante: a consciência e o fenômeno mental são decorrências do mundo material, surgem dele. Veremos que a) essa hierarquia de desenvolvimento é problemática e incoerente com a própria dialética, b) como o materialismo dialético se afirma *dialético* e c) que ele precisa responder a essa contradição.

A segunda coisa a chamar a atenção é o comentário sobre o *idealismo* hegeliano. É impressionante a maneira rasa e equivocada que muitos autores academicamente qualificados empregam ao comentar Hegel e os conceitos de IDEIA e CONCEITO. Por exemplo, Sayers afirma que, em Hegel, o mundo é uma criação do *espírito* e da *mente*. Convenientemente, não explica o que seria *espírito*, além do que, pela justaposição de *espírito* e *mente* na frase, talvez se traindo involuntariamente, dá a entender que ambos se referem ao território do psicológico, embora ele mesmo, na verdade, tenha definido Hegel como um *idealista realista*, como na passagem seguinte:

[...] As always with Hegel, what is necessary is to distinguish what is 'living' from what is 'dead' in his thought; and to extract the 'rational kernel' from the 'mystical shell'. It is in this spirit that I have been relying on Hegel so far. However, what is dead in Hegel's philosophy - his extravagant metaphysical idealism, which amounts, in effect, to a sort of pantheism, and so on - all this is so well known, so frequently criticized and condemned (often as though there was nothing else to him), that I have felt little need to dwell on this side of his thinking. (SAYERS, 1985, p. 45)

Embora realçando a força do pensamento de Hegel e transcrevendo o comentário de Lenin, que sugere que “todos os filósofos que desejam portar a bandeira do Marxismo deveriam declarar-se os amigos materialistas do idealismo hegeliano”, enfatiza a necessidade

de separar o que está *vivo* no seu pensamento do que está *morto*, um tipo de *panteísmo*, segundo o autor.

“[...] That is all. In so doing, I try to extract the 'rational kernel' from his philosophy. On the other hand, for the most part I simply discard the 'mystical shell' silently and without comment [...]” (SAYERS, 1985, p. XII). Uma límpida declaração do preconceito do autor, pelo menos.

Aproveito para relembrar minha afirmação da passagem reichiana do materialismo dialético para o *energeticismo*, ao formar a orgonomia, e a relação com o pensamento de Hegel.

Tenho então, até agora, dois pontos a serem elucidados, o referente ao materialismo dialético como incoerente e a proposta de Hegel como idealista. No capítulo sobre Reich, em nota de rodapé, tive a oportunidade de citar Singer e seu comentário sobre a melhor maneira de definir Hegel, que seria *Ideísmo* e não idealismo.

#### 7.1.1 A insuficiência do referencial materialista-dialético

Vejamos o primeiro ponto, a começar com a definição produzida pelo próprio Reich, em seu período materialista-dialético:

A dialética não é apenas uma forma do pensamento; existe na matéria independentemente do pensamento; por outras palavras, o movimento da matéria é objectivamente dialético. O dialético materialista não coloca na matéria aquilo que só existe no seu cérebro; mas, com a ajuda dos seus sentidos e do seu pensamento - também este submetido às leis da dialética - ele abarca diretamente o devir material da realidade objectiva. (REICH, 1983, p.68)

Contrastando com essa formulação:

A dialética, para ele [Hegel], é, antes de mais, o princípio de desenvolvimento de toda a realidade, o que nela existe de radicalmente vivo, independentemente das formas concretas assinaláveis, mas que habita igualmente estas formas concretas, logo que elas se constituem. (D'HONDT, 1965, p.41)

Reich aponta a existência da dialética na matéria, há o “devir *material da realidade objetiva*”. Encontra-se, portanto, uma equiparação entre *matéria* e *realidade*. D'hont, diferentemente, cita a *realidade* como possuidora da dialética, sem resumi-la à matéria.

E a consciência e o fenômeno mental? Nenhuma incoerência, aparentemente, se eles forem abstraídos para um *plano* diferente das coisas, um plano em que essas categorias sejam consideradas como uma *decorrência*, como dito antes, da matéria, algo como um produto da complexidade, um *emergente*, como um *dualismo de propriedade*, como Searle<sup>60</sup> define a

<sup>60</sup> “O materialismo foi uma forma de rejeitar o dualismo, além de negar que existem coisas ou propriedades ‘mentais’ à parte e metafisicamente diferentes do resto do mundo ‘material’. De fato, rejeito o dualismo; mas os materialistas também querem, geralmente, negar que a consciência seja uma parte real e irreduzível do mundo

consciência, aceitando o materialismo, mas defendendo a irredutibilidade da mesma. Mas Searle parece lançar mão de uma *solução de compromisso* não muito esclarecedora.

Contudo, a hipotização da dinâmica da dialética, no materialismo dialético, tem uma curiosa implicação: a de agregar um conteúdo metafísico, silenciosamente, a um modelo que peremptoriamente afirma-se como livrando-se dessa metafísica em Hegel. Pois não é um conteúdo metafísico<sup>61</sup> por excelência a dialética? Quais propriedades físicas, quais elementos da matéria justificam e esclarecem a postulação de um *conflito* intrínseco, a dinâmica da *tese-antítese* e *síntese*? Há somente uma resposta para essa questão: a postulação, por ela mesma, da existência dessa dinâmica e a suposição de que esta é propriedade das coisas, do mundo em geral, da **matéria**. É somente a aceitação passiva, por parte do materialista dialético, do conteúdo metafísico presente, que faz com que não se aperceba da incoerência. Essa não é uma produção de solução para um dualismo, como se propunha a ser, trata-se somente de uma *negação* daquilo que, na existência das coisas, levou ao dualismo, fazendo com que a definição de matéria incluísse retoricamente apenas o que antes era *estrangeiro*.

Se em um primeiro momento, através da paternidade Engelianiana sobre a *Complexidade* e o *Emergente*, é possível acompanhar a dinâmica da lei da *transformação da quantidade em qualidade*, no materialismo dialético, isso só é, por sua vez, possível, se aceitamos a hierarquia material postulada pelo mesmo como natural. Ainda estamos, porém, no plano das coisas e dos fenômenos materiais, com relação às suas estruturas físicas, mas tão somente isso. Um recorte de um texto de Engels será um auxiliar para esse questionamento:

[...] Thus we have once again returned to the point of view of the great founders of Greek philosophy, the view that the whole of nature, from the smallest element to the greatest, from grains of sand to suns, from protista to men, has its existence in eternal coming into being and passing away, in ceaseless flux, in unresting motion and change, only with the essential difference that what for the Greeks was a brilliant intuition, is in our case the result of strictly scientific research in accordance with experience, and hence also it emerges in a much more definite and clear form. (ENGELS, 2013)

As leis da dialética são três:

- 1 ) a lei da transformação da quantidade em qualidade e vice-versa;
- 2) A lei da interpenetração dos opostos;
- 3) A lei da negação da negação.

---

real. Eles querem afirmar que ela não é ‘nada ,mas apenas.’ - e preencher a lacuna com seu candidato predileto: comportamento, estados neuroquímicos do cérebro ,estados funcionais de qualquer sistema, programas de computador etc. Nesse sentido, estou negando o materialismo” (SEARLE, 2000, p. 222).

<sup>61</sup> “Metafísico” é empregado não no sentido de “sobrenatural”, significando “extra” ou “meta”físico, e com isso querendo sublinhar o óbvio: não há propriedades específicas da matéria que possam apontar para o “conflito” como tendo existência abrangente e intrínseca. Não é portando a existência da dinâmica da dialética que é negada, mas sim a adequação das justificativas para a sua existência.

Essas leis foram desenvolvidas por Hegel. Engels vai afirmar que essas são leis da história da natureza e do pensamento, mas não abstraídas destes.

Sobre a lei da transformação da quantidade em qualidade: Engels postula que, na natureza, de uma maneira específica para cada caso individual, mudanças qualitativas só podem se dar pela adição ou subtração de matéria ou movimento (energia). Todas as diferenças qualitativas na natureza estariam fundamentadas nas diferenças em composição química ou em diferentes quantidades ou formas de movimento. Então, seria impossível alterar a qualidade de um corpo sem adição ou subtração de matéria ou movimento, isto é, sem uma alteração quantitativa do corpo em questão. Quantidades e qualidades corresponderiam um ao outro.

Para Engels, mudança de forma ou movimento são sempre um processo que se dá entre pelo menos dois corpos, em que um perde uma quantidade definida de movimento de um tipo (qualidade, calor), enquanto o outro ganha uma quantidade correspondente de movimento de outra qualidade (movimento mecânico, eletricidade, etc.). Embora afirme a validade tanto para corpos vivos, quanto para não vivos, diz que ainda que não teria sido possível medições quantitativas a seu tempo, assim como não teria sido possível encontrar conversões de movimento de uma forma a outra dentro de um corpo único e isolado.

No texto a “Dialética da natureza”:

If we imagine any non-living body cut up into smaller and smaller portions, at first no qualitative change occurs. But this has a limit: if we succeed, as by evaporation, in obtaining the separate molecules in the free state, then it is true that we can usually divide these still further, yet only with a complete change of quality. The molecule is decomposed into its separate atoms, which have quite different properties from those of the molecule. In the case of molecules composed of various chemical elements, atoms or molecules of these elements themselves make their appearance in the place of the compound molecule; in the case of molecules of elements, the free atoms appear, which exert quite distinct qualitative effects: the free atoms of nascent oxygen are easily able to effect what the atoms of atmospheric oxygen, bound together in the molecule, can never achieve.

But the molecule is also qualitatively different from the mass of the body to which it belongs. It can carry out movements independently of this mass and while the latter remains apparently at rest, e.g. heat oscillations; by means of a change of position and of connection with neighbouring molecules it can change the body into an allotrope or a different state of aggregation.

Thus we see that the purely quantitative operation of division has a limit at which it becomes transformed into a qualitative difference: the mass consists solely of molecules, but it is something essentially different from the molecule, just as the latter is different from the atom. It is this difference that is the basis for the separation of mechanics, as the science of heavenly and terrestrial masses, from physics, as the mechanics of the molecule, and from chemistry, as the physics of the atom. (ENGELS, 2013)

Como se pode ver, as mudanças de *qualidade*, pelo menos no exemplificado, referem-se a características da matéria que são acrescentadas ou retiradas, mas em função de um grau

**hierárquico** de organização. Os *entes* apontados estão em planos distintos<sup>62</sup> da realidade, o que, por si só, não seria suficiente para apontar *incoerência*, que, contudo, fica evidente quando trazemos à luz um pressuposto implícito do materialismo: o de que há uma hierarquização presente na produção da realidade material, isto é, do mais simples ao mais complexo, do átomo à molécula, do inorgânico ao orgânico, etc. Assim, é incoerente postular a “[...] unidade concreta do subjetivo e do objetivo, da consciência e da matéria, da aparência e da realidade [...]” como fez Sayers, ao mesmo tempo que rejeita o dualismo e o reducionismo, *assegurando a concreta e dialética unidade destes opostos*. Ora, como rejeitar o reducionismo, se a proposta do materialismo dialético é, sim, reducionista, por ser justamente materialista? É incoerente afirmar que *consciência* e *matéria* têm estatuto idêntico e, ao mesmo tempo, afirmar que a consciência decorre da matéria!

Há dois textos, conteúdos de correspondências enviadas a amigos igualmente interessados no tema, que, entendo, são esclarecedores, embora estejam informalmente produzidos. Sua veiculação, nesse momento, irá me ajudar na continuidade:

Paulo e Ailton:

Seguindo aqui no nosso papo virtual: Paulo, examinar em profundidade temas como esse implicaria em textos laudatórios e minuciosos, claro. Mas vou tentar aqui, dentro do que tenho pensado, apontar alguns elementos que considero principais. Lembrando sempre que temas como "materialismo-idealismo" remetem a uma preocupação ontológica, tipo "qual o tecido básico da natureza, da realidade, etc". É desse ponto de vista que mencionei, no mail anterior, a questão do problema do viés materialista dialético.

Começando pelo meio, mas um ponto essencial: "*o materialismo do materialismo dialético não é, como seu ancestral, reducionista. Não reduz as ideias à matéria*". Tá ótimo. Mas então, de onde surgem as idéias? Estas têm uma existência autônoma, irreduzível, ou são um sub-produto da matéria viva (cérebro)? No texto, dá-se a impressão da afirmação da sua irreduzibilidade. Mas então, de onde? Se o mundo das idéias não é redutível à matéria, então, estas têm o mesmo status que a matéria, logo, por que "materialismo dialético"? E assim vai...

Com a "Dialética da Natureza" Engels produziu uma obra primorosa. Estava, certamente, a par das teorias físicas do seu tempo, e de suas problemáticas. Na verdade, verdade mesmo, é esta obra a precursora (sem sem citada) das mais modernas teorias físicas contemporâneas como o famoso pensamento complexo, a teoria dos "sistemas dissipativos auto-organizados" e mesmo da teoria do Caos determinista. Mas a questão do reducionismo já havia sido abalada com o surgimento da termodinâmica, e a teoria da distribuição das moléculas dos gases num espaço determinado.

Estas são algumas das teorias que, a partir da metade do séc XX, minoraram a "dureza" do mecanicismo, trazendo justamente a noção do "emergente" ("lei da transformação da quantidade em qualidade") e do "probabilístico". São também as teorias que abalaram o lugar central do reducionismo no pensamento científico (pelo menos, para os cientistas "letrados" e não meramente "técnicos").

Mas o problema maior do materialismo não é o reducionismo, já que, como vimos, é possível a concepção de um materialismo não reducionista (pelo menos não em parte). O problema do materialismo é o *mecanicismo*. Ou seja, um mundo "Laplaciano" onde todo movimento e transformação decorre simples e unicamente

<sup>62</sup> Planos distintos da realidade de um ponto de vista das disciplinas e áreas do saber que se ocupam desses fenômenos, ou seja, lá onde o que distingue e diferencia estes é sublinhado.

do "choque entre moléculas" (o que também é o viés da teoria do Big Bang). Mas... esse movimento é "cego", aleatório, SEM FORMA.

No viés orgonômico, como Reich observou, o deslocamento espontâneo do orgone envolve uma trajetória complexa, mas longe de ser aleatória. Essa "forma" do deslocamento tem profundas implicações na definição da natureza dos objetos no mundo, principalmente os vivos, como o Aílton já lembrou várias vezes em seus trabalhos.

Compreende-se facilmente a ênfase dada por Engels ao materialismo, pra fugir do "Idealismo-ideísmo" hegeliano, e , principalmente, para afastar a possibilidade de qualquer "finalismo" como referencial (o finalismo é caro ao pensamento religioso). A menção à *"pesquisa historiográfica concreta, em oposição à reflexão filosófica abstrata"* deve ser pareada pela noção de que historiografia, antes de mais nada, é interpretação.

Mas então, ficamos com o problema inicial: se as idéias não são redutíveis à matéria, então?

Sem dizê-lo explicitamente (a não ser que consideremos que Reich "diz " o que vou dizer à frente através da afirmação de que o pensamento funcional não é idêntico ao pensamento dialético), Reich opta pelo energeticismo, em troca do materialismo dialético. Dessa maneira, a questão da "forma" pode ser absorvida numa visão de mundo holística.

Enfim, algumas observações sobre esse nosso papo! Como eu disse, estas são algumas das questões que tenho abordado na minha tese.

Um abraço, novamente, aos dois!

Nicolau

Outro:

Seguindo aqui nas nossas divagações-indagações:

Aílton, o materialismo dialético não é compatível com a orgonomia. A dialética, sim (em parte).

Lembro que o diferente do materialismo, em termos epistemológicos, não é necessariamente "idealismo". Mesmo este, o idealismo, remete a um "mundo das formas" pré- existente, no referencial platônico, o que não é de todo incompatível com a orgonomia, em certo sentido mais primário, se pensamos no energeticismo reichiano e as propriedades e da energia orgone postuladas por ele, Reich.

Tudo o que é material é objetivo, é certo (se deixamos de lado a dimensão sub-atômica na física), mas nem tudo o que é objetivo, ou objetivável, é material. Uma equação é uma objetivação, a teoria do inconsciente dinâmico também, etc. Ou seja, "existente" não é sinônimo de "material".

O materialismo dialético parte do pressuposto de que a matéria, como dito em outro e-mail, é a "substância primeira" do universo. Reich menciona mais de uma vez que tinha adotado uma perspectiva energética intuitivamente, a princípio, para depois assumi-la integralmente. O materialismo (nem mesmo o dialético) dá conta das funções de superposição postuladas por Reich, em fluxos orgonóticos "livres de massa". Muito menos dá conta, o materialismo, da questão da *forma* do elemento trigonométrico no orgonome. Não há, entendo eu, como aprofundar justamente a questão da identidade mencionada por você entre os elementos vivos mais simples, e as funções cósmicas mais amplas, sem considerar que a dialética, tomada isoladamente, não é suficiente. Essa questão necessita dessa "forma *a priori*" encontrada nos deslocamentos (transformação) espontâneos dos fluxos orgonóticos livres de massa. E também, da adoção de um viés onde a "não localidade" seja presente, mas isso já é bem mais complicado.

Por essas e outras razões é que entendo o porquê de Reich ter abandonado o referencial materialista-dialético, para adotar um energeticismo (claro, onde a dialética está presente no noção da complementaridade dos opostos).

O materialismo dialético não teve o menor sucesso nas ciências naturais, tendo, quando muito, hoje, algum lugar na biologia. Mas isso não por culpa do materialismo dialético (penso eu) mas sim pelas características do próprio pensamento científico: este se ocupa do que é calculável, mensurável, e seu inegável sucesso levou a uma espécie de propaganda subliminar que faz confundir o produto deste método, com o que é bom ou válido (o "bem") . O existente não é só

"extensão" . Embora esta seja parte sem dúvida do mundo.  
Um abraço aos dois.  
Nicolau

Nessa troca de e-mails, dos quais apresentei somente dois, enviados por mim, há a abordagem da questão do materialismo dialético e a crítica que faço a essa concepção, mas há também menções sobre a forma de deslocamento do orgone e sobre a não-localidade. Esses conteúdos são pertinentes ao tema  *fusão com o objeto*  e serão, logo mais, abordados.

No texto reichiano que apontei no início do item 7, há a observação “se o conceito *materialista* da história [...]” e na nota de rodapé, acrescentada depois, está: “[...] nota de 1945. Hoje diríamos *funcional* [...]”. É a história que é posteriormente definida como passível de ser entendida de forma *funcional* e não *materialista*. A dialética encontrada por Reich, enquanto firmemente aderido à regra da observação como elemento primário, é de uma natureza que não pode ser reduzida a trocas de movimentos e energia. O materialismo dialético tem sua insuficiência evidenciada também por implicitamente envolver a *localidade* como pressuposto. A lei da *transformação da quantidade em qualidade*, quando abordada por Marx e Engels, torna-se de menor abrangência por necessitar das possibilidades de trocas de movimento e energia para efetivar-se. Assim, à incoerência de uma subordinação hierárquica (matéria e consciência), soma-se a insuficiência representada pela *localidade*.

Uma sutil operação metodológica operacionalizada por Reich (no meu entendimento) na criação do funcionalismo orgonômico como método de pesquisa e investigação trouxe solução para esses dois dilemas: ao retirar a ênfase da *síntese* como consequência da tensão entre tese e antítese e ao elaborar o *princípio funcional comum*, que é o denominador comum de duas funções pareadas, como tese e antítese por exemplo, Reich soluciona tanto a incoerência da postulação do estatuto hierárquico da matéria sobre as ideias, quanto a limitação da localidade presentes no materialismo dialético.



O deslocamento para A1 do PFC, como denominador comum *orgone* das variações A2, matéria, e A3, consciência. Orgone ganha características similares, filosoficamente falando, à IDEIA ou RAZÃO, no referencial hegeliano, embora o orgone possua propriedades físicas observáveis e mensuráveis, como descrevi no capítulo “Reich e a orgonomia”. O orgone, como referencial, não é um *princípio metafísico*, mas, como referencial, constitui-se de algo mais do que uma *força* utilizável para realizar modificações no mundo orgânico e inorgânico,

e este fator a mais é a sua *forma* de auto-propagação, que permitiu ilações, mas também cálculos, sobre a forma primordial dos seres vivos, na trigonometria do *orgonome* e sobre a *Krassenvelle* (onda espiralada) como uma modificação da elipse de Kepler. Mas isso já foge aos objetivos desta tese. Algo mais próximo e imediato é o conseqüente vislumbre da *não-localidade* apresentando-se nas elaborações reichianas desse período. A não-localidade surge das possibilidades de operações de entendimento sobre fenômenos tão aparentemente díspares, quanto a frequência da melhora súbita e temporária que acomete quem está significativamente adoentado, ou o descarregar das folhas de um eletroscópio, como mencionei antes. Na medida em que esta correspondência for correta e não apenas imaginação vinculada a um mapeamento existente apenas na mente de alguém, ela produzirá outros entendimentos e também uma verificação histórica. É correto mencionar que um viés como o da orgonomia permitiu não só o desenvolvimento de técnicas, mas também de tecnologia, na forma de aparatos.

Em última instância, se for preferível, o *materialismo* continua a ser o referencial primeiro, mas um materialismo com sentido estendido, que não é definido por suas propriedades atômicas e físico-químicas, alcançado o mesmo patamar que o índice da não-localidade na MQ. Contudo, os elementos que exibem uma espécie de *estado conjugado ou duplo* nas observações quânticas tratam-se de *partículas* que tiveram uma origem comum, em um aparato produtor das mesmas. A não-localidade reichiana, observada na funcionalidade comum entre fenômenos, tem sua origem comum no fato de serem *existentes*, tanto enquanto *matéria*, extensão, como enquanto *função*. São as *funções naturais* que são formuladas como primordialmente energéticas – livre de massa – na concepção reichiana.

Essa concepção valida questionar se não há uma presença de um determinante como esse inclusive nas produções culturais:

Albert Rothenberg has analyzed the process of creative thinking and has interpreted the creative act as a union of contrary psychological forces. In support for his thesis, he quotes historian of physics **Gerald Holton as writing:**

Not far below the surface, there have coexisted in science, in almost every period since Thales and Pythagoras, sets of two or more antithetical systems or attitudes, for example, one reductionistic and the other holistic, or one mechanical and the other vitalistic, or one positivistic and the other teleological. In addition, there has always existed another set of antitheses or polarities, even though, to be sure, one or the other was at a given time more prominent—namely, between the Galilean (or more properly, Archimedean) attempt at precision and measurement that purged public, “objective” science of those qualitative elements that interfere with reaching reasonable “objective” agreement among fellow investigators, and, on the other hand, the intuitions, glimpses, daydreams, and a priori commitments that make up half the world of science in the form of a personal, private, “subjective” activity.

Science has always been propelled and buffeted by such contrary or antithetical forces. Like vessels with draught deep enough to catch more than merely the surface current, scientists of genius are those who are doomed, or privileged to experience

these deeper currents in their complexity. It is precisely their special sensitivity to contraries that has made it possible for them to do so, and it is an inner necessity that has made them demand nothing less from themselves. (GUSTAFSON, 2004, p. 102)

“Forças contrárias ou antitéticas. Que impulsionam a ciência. Cientistas geniais são aqueles que são condenados, ou privilegiados a experimentar essas correntes mais profundas em sua complexidade”. Holton parece tocado pela mesma inspiração que abarcou a Reich. Entretanto, não são “forças psicológicas” exatamente, como pensa Rothemberg. Ouso imaginar que o emprego deste termo, *forças*, por um e outro, deve-se mais a uma intuição do que é operante de fato.

## 7.2 HEGEL E A SUPERAÇÃO DA IMPOSSIBILIDADE SUJEITO-OBJETO

Dando seguimento e abordando o segundo ponto, Hegel e *idealismo*.

Não é a filosofia hegeliana em toda a sua amplitude que será abordada de forma profunda, mas, sim, seu elemento que mais se destaca na história do pensamento ocidental e que vem a propósito da tese  *fusão com o objeto*. O ponto essencial é o da superação da impossibilidade sujeito-objeto e do lugar, função e possibilidades do homem e da “razão” nesse mundo. As aspas no termo razão se explicam pela particularidade do sentido do termo no pensamento hegeliano e também pelas implicações no conteúdo da minha tese, na qual razão, percepção e sensação, ao mesmo tempo que formam um contínuo, estão apoiadas em um denominador comum. As aspas, portanto, são necessárias.

Na dialética hegeliana, há uma dinâmica em que o sujeito aponta para o objeto e vice-versa. O próprio *objeto*, no seu sentido de *em si*, fica apoiado no *outro*, como na observação hegeliana:

O essencial é que todo diferente, todo particular, é diferente de Outro – não, abstratamente, de qualquer outro, mas de seu Outro; cada qual só é na medida em que seu Outro está contido em si no seu conceito... À harmonia pertence uma oposição determinada, seu oposto, como na harmonia das cores. A subjetividade é o Outro da objetividade, e não de uma folha de papel. Aqui, o absurdo aparece igualmente: [o termo] deve ser seu Outro, e nisso é que consiste sua identidade; cada um é assim o Outro do Outro, como de seu Outro. (HEGEL apud LEBRUN, ano, p. 256).

Nessa concepção, o conhecimento é possibilidade encontrada na homologia entre a racionalidade do homem e da natureza – o que é real é racional, o que é racional é real –, o que configura a possibilidade de conhecimento da natureza, já que são as mesmas *leis* ou princípios operando. Claro está que não é o significado de *racional* na natureza que é identificado à *razão*, como razão humana, mas, sim, o contrário: é a razão humana que é enraizada na dimensão racional do real. Esse é o *panteísmo* sublinhado por Sayers, o *conteúdo morto* a ser descartado. Encontramos uma compreensão diferente em Girotti:

Como é possível perceber, a razão, em Hegel, é toda a realidade sem o dualismo kantiano entre fenômeno e coisa em si, uma vez que o que se conhece é a própria coisa, pois, o Espírito se exterioriza na natureza e volta a si com a compreensão de si mesmo através de um outro de si diferente de si, mas que guarda algo de si mesmo reconhecido no outro. Ou seja, o saber de si mesmo, a “verdade ciente”, caracteriza o Espírito e a razão (do todo) é a verdade em si e para si, uma espécie de identidade entre a subjetividade e a objetividade.

Para Hegel, o sujeito deve abarcar o absoluto do objeto, conhecer a própria coisa nela mesma, pois, o correlato do sujeito é o objeto e deste é o sujeito, eles são interdependentes – sujeito e objeto são correlatos, participativos. Hegel busca superar a dicotomia sujeito objeto por meio da dialética enquanto negação e suprassumir do sujeito e do objeto. O sujeito é o objeto e vice-versa, o objeto nega o sujeito, que se reconhece num ser outro distinto dele, mas que é ele mesmo para-si. Ou seja, o sujeito se exterioriza no objeto enquanto este supera a interioridade do sujeito que guarda em si o conceito do objeto efetivo quando realizado dentro da relação sujeito/objeto tomada dialeticamente. (GIROTTI, 2010, p. 3)

A identificação da *razão* com a realidade, no texto acima, mostra a importância de se encontrar o verdadeiro sentido que Hegel dava ao uso deste termo e a *Weltanschauung* à qual pertencia. Qualquer tentativa de identificar o idealismo apontado em Hegel como se este pontuasse apenas um primado do pensamento é inconsequente. Embora não tendo eu mesmo formação filosófica suficiente, posso constatar o sem número de vezes em que autores que visitei, como que mobilizados por uma espécie de ameaça aos seus domínios conceituais, pareciam fazer tentativas apressadas de encaixar o pensamento de Hegel em categorias que passam longe de traduzir a profundidade e a complexidade de sua proposta, inevitavelmente reduzindo-o. Um exemplo próximo :

[...] Colocando em outros termos essa detecção de dois absolutos, e usando a terminologia filosófica: Hegel acaba podendo ser considerado tanto realista quanto idealista. Nisso encontrei amparo na afirmação de alguns especialistas. Penso que o “realista” é a sua aproximação à verdade do funcionamento mental [...]. (SANDLER, 2003, p. 84)

Pobre dialética: A grandeza de uma fala sobre o mundo e a realidade reduzida a uma verdade apenas circunscrita. Incapaz de compartilhar a profundidade da Razão, enquanto Conceito, Sandler, mesmo que involuntariamente, traduz *Razão* por razão.

Não tenho a pretensão, reafirmando o que já disse, de apresentar de forma suficiente todo o pensamento hegeliano, mas tenho a convicção de ter podido apreender algo bem mais próximo do que Hegel pretendia, comparado a tantos outros comentadores de sua obra. Também não é necessário muito esforço para constatar a facilidade com que seu pensamento é desqualificado com as acusações de *idealismo* e *misticismo* por parte daqueles situados preguiçosamente no referencial materialista.

O materialismo-dialético, conforme descrevi e apresentei razões, tem na sua concepção falhas insanáveis. A dialética necessita outro apoio que não esse.

O funcionalismo orgonômico é, de longe, o referencial mais preciso e suficiente. Neste

e em outros trabalhos, fiz menção, análises e descrições sobre ele, mas o enfoque, nessa tese, é a sua justaposição a outros referenciais, enquanto teorizações ou descrições de eventos correlatos, de forma que haja, para o leitor, a possibilidade de voltar a colocar atenção no capítulo sobre *Reich e a Orgonomia* e eventualmente buscar detalhamentos em outros lugares.

A orgonomia é, até onde conheço, o único corpo teórico, além da MQ, em que a não-localidade pode ser encontrada, no pensamento ocidental. Refiro-me a uma teorização em que encontramos evidências empíricas, uma teoria internamente coerente, uma metodologia explicitada e interpretações ontológicas e epistemológicas.

O sentido de *mistério*, como o encontrado em Wittgenstein, do *numênico* em Kant, do “O” em Bion, *Espírito* em Hegel: todos compõe a miríade de nomeações do que seria algo próximo ao intangível, somente pressentido como existente de fato, pano de fundo de uma dimensão profunda da realidade. Ao teorizar sobre o *Orgone* e suas dimensões *força e forma*, Reich nos apresenta não uma natureza última, mas uma solução parcial, que seja, para antigas questões da humanidade e também uma possibilidade que, pela sua ousadia e não-submissão, satisfaz mais o desejo do *conhecer*. É nesse sentido que está mais próximo de Hegel: na visão da pertinência do real-racional, e na ousadia deste conhecer.

### 7.3 CONHECER NÃO É APENAS CONCEPTUALIZAR

Um olhar para a esquerda e o mover da cabeça evoca uma sensação forte e estranha, ligeiramente assustadora, embora esperada.

A cozinha, no segundo andar da casa em Londres, surpreendentemente está, naquele momento, começo de noite, ainda sem o burburinho de sempre dos que entram e saem.

À minha frente, Sérgio deixa pender a cabeça no que parece ser um estado quase comatoso de sono profundo. Estou, constato, só e por conta própria.

“Não devia ter dado o tapa no Tai Stick”, penso finalmente, não depois de ingerir o ácido.

O Tai Stick é uma maconha alterada geneticamente, preparada pra ser mais forte que a de uso comum. Reconheço seu efeito, embora não fosse eu um usuário contumaz, mesmo naquele ano de 1977.

Olho mais uma vez em direção a Sérgio, ele, que prometera atenção caso “a viagem” com ácido, a primeira que fazia, resultasse numa “bad trip”, mas ele está nocauteado pelo Tai Stick. Subo mais um andar, decidido a me isolar no meu quarto naquele *squatter*: casas que eram invadidas, quando estavam desocupadas. Uma vez ocupadas, era permitido aos ocupantes por lá permanecerem durante tempo indeterminado. Uma política de bem-estar

social assim determinava.

Lá no meu quarto, eu poderia estar minimamente protegido. Nem pensar em contar com os outros moradores, todos pequenos traficantes de haxixe que, em poucas horas, estariam negociando quantidades com os inúmeros visitantes que, a cada noite, apareciam por lá. Fora uma sorte ter conseguido esse quarto num lugar tão central em Londres – Shepperd's Bush – e ainda por cima de graça, eu que, semanas antes, tinha que escolher entre comer ou me aquecer o suficiente. Eu estudava durante o dia, eles dormiam e, à noite, traficavam, eu os encontrava em algum meio termo durante esse período.

Minha estadia em Londres era a realização de um sonho pessoal. Vindo de São Paulo, depois de formado em Psicologia, e tendo feito parte de um grupo de trabalho que se propunha reichiano, buscava, agora, algo que me parecia mais autêntico, verossímil, menos ideológico, se comparado às minhas primeiras experiências clínicas, tanto como paciente, quanto como assistente de um expoente reichiano à época, de quem me tornara primeiro assistente.

Em Londres, no Instituto em que acompanho o processo de formação destinado aos alunos, mergulho nas aulas, teorizações e vivências, que têm a função de fornecer a prática necessária das atividades corporais envolvidas nos processos de clínica das neuroses e psicoses, dentro desse referencial psicorporalista. O mergulho prático-teórico é exaustivo e sei que não só eu, mas todos os alunos, estamos como que permanentemente sensibilizados pelos trabalhos que demandam um engajamento permanente da *pessoalidade* de cada um. Literalmente, nossos corpos são bombardeados pelos trabalhos práticos – é bom lembrar que, nessa perspectiva psicorporal, estados subjetivos e emocionais são entendidos como contraponto de dinâmicas e funcionamentos corporais específicos, essa é a razão da presença do corporal na situação clínica e, também, nos nossos processos de aprendizagem àquele tempo.

Em meu quarto, espero pelas imagens, alucinações, mas nada disso acontece. Sou apenas tomado por uma sensorialidade avassaladora. Meu corpo, minha pele, meus nervos, tudo parece estar a serviço de um perceber sincrônico de estar, conexão. A passagem para esse estado é fluida, não encontra resistências.

Passarei as próximas 24 horas num estado de profundo encantamento e contemplação. Meu corpo, quando me deito, convulsiona sem parar, não como um estado epilético, em que os clonismos provocam esgares, mas uma movimentação extremamente tênue e delicada, como se finas correntes percorressem todo o meu ser. Mesmo sabendo da presença da anfetamina no ácido, percebo que este movimentar é diferente, pois, ao mesmo tempo, uma

rápida sucessão de imagens e pensamentos acompanham todo o acontecimento. Não são lembranças ou ideias caóticas, são um rearranjo de noções, conhecimentos e teorizações. Têm principalmente uma faceta que organiza e reformula. Há um sentido de pertencença, de entendimento, um entendimento mudo, sem palavras, pleno de sentido. Como *flashes*, relações conceituais e teóricas surgem interconectadas e esse sentido nunca mais se perdeu, ao contrário da caricatural “genialidade” que se mostra depois, passado o estado de intoxicação, mediocridade ímpar.

Na madrugada, saio para a rua e caminho até Holland Park. Como um filho da promessa de aquários, sem vergonha alguma, abraço as árvores, enquanto cubro as trilhas. Penso que consigo me lembrar da sensação de *troca* que senti, ou imaginei.

Como que num conluio, aos primeiros raios de sol o efeito começa a se dissipar, a sensorialidade se apagando pouco a pouco, minha pele começa a parecer grossa, impeditiva, insensível até, agora que o efeito diminuía e desaparecia pouco a pouco o colorido sutil, mas irradiante que estava em tudo.

Subitamente me dou conta do que estava acontecendo, do efeito cessando, da vida que voltava a ser a mesma que antes, do empobrecimento dos meus sentidos, da perda, da dolorosa e profunda sensação de perda que se avizinhava, eu sabia o que nunca mais iria sentir novamente, não mais aquela eternidade, naquele lugar, nunca mais outro ácido, eu não suportaria, e então eu chorei, e chorei, e chorei, tristeza como nunca antes na vida.

Em algum momento nessa noite, enquanto fitava estasiado o brilho quase incandescente do céu noturno, vendo as mesmas correntes espiraladas pinceladas por Van Gogh, eu compreendi e me dei conta de que ali estava o "sonhar o mar". As correntes vegetativas.

O que contém uma narrativa em primeira pessoa que difere de outras?

Acrescentei ao texto essa minha experiência, que pouco envieza de muitas outras, de outros, naquele tempo. Pouco importa se, como é sabido, seja frequente que pessoas que se utilizaram de substâncias psicoativas, no caso, alucinógenos, posteriormente testemunhem um sentido de *pertencimento*, um sentido *cósmico*. Também é irrelevante se o cerne do que vivi pode ser explicável à luz da estimulação química e intensificação das sensações proprioceptivas, em um olhar analítico e redutor. A minha posição é a de valorizar a experiência enquanto tal, valorizar como na postulação do *incluir tudo, inclusive o que é experienciado* no escopo da observação, na qual a subjetividade é incluída, não excluída *a priori*. Essa inclusão do vivido não se dá exatamente como no referencial fenomenológico, em que a *carnalidade* em Merleau Ponty é lembrada como fator primeiro, mas transcende esta na

relação funcional “carne-realidade”, onde o *lá fora* se modifica enquanto conceito. Agrego a isso a somatória de outras vivências, desde uma expressamente somática, como a do Aikido, até as outras, que percorrem uma escala que inclui o contato com estudos e teorizações que abordam o interesse na transposição dos isolamentos disciplinares, incluindo a forma como aprendi a utilizar meus sentidos para fins de sessões analíticas. Tenho certeza pessoal que a narrativa que forneci acima não seria a mesma, nem teria a mesma utilidade se não houvesse anteriormente minha passagem pelo Aikido e também pela imersão teórica e prática, sensibilizadoras, que vivia naquele tempo. É essa somatória, essa aglutinação, que fornece o tônus e a ênfase que tenho encontrado e empregado na questão da *relacionalidade* como propriedade da realidade, mesmo que essa propriedade seja apreensível ou hipotizável de forma mais indireta que direta.

A posição de valorar como significativa uma visão do mundo e das coisas, quando esta visão é profundamente calcada em uma sensorialidade, vivida e aceita como *informação*, surge como inevitável, assim como inadiável é a consideração de incluir esse viés no estatuto de modo de produção de conhecimento a ser melhor explorado e conhecido. Esse é o *terceiro momento*, na analogia com o axioma zen. Não é ingênuo, nem distanciado.

A sensorialidade agudizada não é o único elemento significativo em uma experiência como a narrada acima, com o LSD. Qualquer um, em qualquer atividade, pode experimentar momentos de *verdade* ou *ressonância* com coisas e atividades, mesmo que por breves momentos. No meu entender, atividades físicas que envolvem coordenação muscular e atenção são mais pródigas em propiciar esse tipo de experiência, mas encontro a mesma qualidade na minha prática clínica, depois de anos de engajamento. Antes desse momento em Londres, muitas vezes tive a oportunidade de me encontrar *centrado e sereno*<sup>63</sup> no Aikido, em que meu desempenho chegava próximo à perfeição e a fluidez do acontecimento produzia um sentido particular de satisfação e valoração das coisas. O que experiencio não torna minha vivência válida e generalizável, mas considero que o conjunto das narrativas apresentadas até aqui, nas quais há a presença de fatores objetiváveis e subjetivos, fornece o que considero serem evidências fortes e, portanto, merecedoras de consideração. A declaração de Einstein, segundo a qual ele “pensava com imagens visuais e sensações musculares” para só depois, e com muito esforço, traduzir essas impressões em uma linguagem lógica e formal, é recebida por mim sem surpresa. Entendo que ocorre em um tal acontecimento mais do que a expressão de funcionamentos neuro-musculares: mas a própria linguagem profunda do mundo. A síntese

---

<sup>63</sup> “Tudo é uma questão de manter: a mente quieta, a espinha ereta, e o coração tranquilo”, como na canção de Walter Franco.

de todas essas considerações é a de que conhecer não é somente conceptualizar e a de que conceitos podem guardar maior ou menor proximidade com uma realidade, dependendo da estruturação somática e psicológica do pensador. Essa é justamente uma tese reichiana. E é a tendência também contemporânea de *fuga do essencial* e do *ódio à verdade*, portanto, realidade, o que será examinado no próximo item.

#### 7.4 ANSIEDADE ORGÁSTICA E O ÓDIO À VERDADE E AO CONHECIMENTO

Na descoberta freudiana há, como sabemos, um conceito essencial e em permanente conexão com outros, o Inconsciente. Há várias maneiras diferentes de se definir o que se busca alcançar em uma análise com um paciente, quando se busca essa definição na psicanálise e nas linhas de trabalho que aceitam e utilizam o conceito de inconsciente. Uma delas, em linguagem popular, é a de que a análise busca o encontro da *verdade* de cada um, onde “verdade” significa, dependendo da escola psicanalítica em questão, processos como elaboração do anteriormente recalcado ou produção da condição de *sujeito*. Uma clínica psicorporal, como a *Psicanálise Somática de base Orgonômica*, em que se emprega a *Análise do Caráter*, é uma clínica na qual se tem a oportunidade de testemunhar produções psíquicas e reações emocionais que fogem drasticamente ao senso comum, por vezes. Só quem tem a oportunidade de fazer parte, exercitar como clínico essas técnicas e propostas pode ter ideia da radicalidade por vezes envolvida. Conceitos como *Inconsciente* e *defesas*, que para o leigo, ou o não praticante dessa atividade podem parecer, no máximo, intelectualmente interessantes, na realidade da clínica, ganham luz e colorido por vezes exarcebado. Se fosse possível a um hipotético terceiro participante presenciar o ocorrido em algumas sessões, talvez ele pensasse em farsa ou fingimento.

É marcante a forma com que um determinado pensamento ligado a um impulso, a uma experiência emocional ou à constatação da realidade podem ser ameaçadores à consciência ou, no jargão psicanalítico, ao *ego*.

O conjunto dos mecanismos de defesa age no sentido da manutenção da integridade do ego e, portanto, do psiquismo. É inevitável utilizar uma linguagem animista ao descrever as *forças* defensivas e a batalha que se desenvolve ao longo de um processo clínico, entre impulsos e pensamentos que, mobilizados pela intervenção clínica, ameaçam irromper. Seria extenso demais nomear e descrever as modalidades mais conhecidas de defesas, mas o resultado da ação delas pode chegar a ser uma negação total de um acontecimento (no sentido de não ver, não ouvir algo), até o recurso final de adormecer de súbito, quando não há outra escapatória. Certamente, entre as reações defensivas mais extremas, pode-se localizar a

psicose. Nesse sentido, o *Homo Sapiens* pode igualmente surgir como *Homo Demens*. Contudo, será possível existir o “Sapiens”, sem o “Demens”?

A descrição feita até agora, porém, é incompleta, no sentido de descrever a ação de forças direcionadas para *si mesmo*, ação intrapsíquica. Essa ação pode também se desenvolver no sentido de um “ataque”, com ou sem aspas, a ideias, a objetos e a pessoas do mundo, cuja existência possa ser vivida como ameaçadora para a integridade egoíca mencionada. Essas duas modalidades são interligadas, uma não existindo sem a outra, havendo, no máximo, variação de grau de intensidade de uma ou outra atividade.

De certa forma, nesse momento da tese, retomo o conteúdo (enquanto tema) do capítulo inicial, em que é abordada a *a-cientificidade* da psicanálise. O tema que está presente é o da racionalidade, existente ou não, quando da produção de conhecimento, e o das possibilidades de um *conhecer* de fato, embora, nesta abordagem, agora eu me concentre mais nos fatores nos quais há negação e ataque à realidade (interna e externa) e não nas possibilidades de se conhecê-la, o que já apresentei antes.

Tanto Bion, já aqui citando antes, quanto Reich alcançaram essa questão, embora por caminhos diametralmente diversos, teoricamente falando. Entretanto, as diferenças revelam também um lugar de *cruzamento*, onde uma aproximação é possível entre esses dois pensamentos, no que tange à referência verdade-realidade.

Faço referência a Bion por várias razões. Não sou profundo conhecedor de sua obra e não vou detalhá-la, mas, até onde conheço, ele abordou, como ninguém antes, esse tema de uma forma que considero eficiente, operacionalmente falando, embora discorde completamente da fundamentação teórica que emprega. Eu penso que é um caso em que o fato de *funcionar* não prova absolutamente a teoria. Mas ele propõe ao analista uma atitude no *setting* que se assemelha diretamente ao que vim a empregar na minha clínica, em função principalmente da minha experiência no Aikido. Talvez o fato de Bion ter nascido na Índia tenha alguma importância. Irei logo mais detalhar essa sua proposta.

No caso de Bion, importante é a ênfase com que descreveu e diferenciou as partes neuróticas e psicóticas da personalidade. Nas psicóticas, o ódio tem presença marcante à realidade interna e externa, com preferência pelo mundo das ilusões. Bion desenvolveu suas teorias com forte influência de Melanie Klein e essa psicanalista, baseando-se na sua observação de bebês e seus trabalhos com crianças, entendia que o psiquismo inclui fortes tendências ou pulsões destrutivas, como, por exemplo, na voracidade e no “ataque” ao seio. Seria essa *destrutividade* que seria empregada no ódio à realidade, tanto interna quanto externa, no pensamento de Bion.

Minha própria experiência clínica percorre situações semelhantes e, embora eu discorde das teorizações mencionadas acima – não há essa *destrutividade* primária, ela é secundária, fruto da patologia, encontra-se esse funcionamento mental em crianças já adoentadas –, o fato clínico permanece, mesmo com outra explicação. Há de fato um funcionamento mental possível que leva à *fuga da verdade* e que é acompanhado por uma dificuldade de discriminação e diferenciação do que é do próprio *self* e do que está fora dele.

Bion entende que há uma imbricação entre pensamento e conhecimento e entre pensamento e emoção na criança, dependendo de sua capacidade de *rêverie*<sup>64</sup>.

Se a capacidade de *rêverie* da mãe for adequada e suficiente, a criança terá condições de fazer uma aprendizagem com as experiências positivas e negativas vividas, impostas pelas privações e frustrações. No caso da clínica, o analista faria esse papel.

[...] No final do capítulo 12 de “*Learning from Experience*” [Aprendendo com a experiência], Bion se interroga: «Quando a mãe ama a criança, o que faz ela?» Ele responde: «Deixando de lado os canais físicos da comunicação, minha impressão é que seu amor se expressa pela *rêverie*» (Bion, 1962). Ele religa isto ao conceito de função-alfa. É o que transforma os ingredientes incontroláveis da experiência bruta (os elementos beta) em um material que pode ser pensado (repensado, objeto de reflexão) e utilizado na fantasia e na *rêverie*. A *rêverie* da mãe, diz Bion, é um estado de espírito que é receptivo a qualquer «objeto» mental, vindo da criança e o submete ao seu próprio funcionamento alfa, transformando-o em alguma coisa que a criança, por sua vez, é capaz de utilizar de maneira imaginativa. (PARSONS, 2013 p.5)

Como deve ter ficado claro no texto, trata-se não de deslindar um conteúdo recalcado, trazendo-o de volta à consciência e à circulação no aparato psíquico, mas de, da própria produção de tal aparato, criar condições para que haja uma *mentalização*. Algo semelhante ao que Ferenczi definiu como trabalhar a respeito da *privação*, e não da *frustração*.

De certa forma, é importante sublinhar, nessa condição de conteúdos quase psicóticos, encontramos um contra-senso. A mesma situação que é compreendida como caótica, em que não há *pensamentos*, mas agressão, a interpretação do que sucede internamente deixa antever a existência de um núcleo organizador, como um *homúnculo* existente em um lugar central e que tudo comandasse. Fenomenologicamente, tem-se a impressão de um *inconsciente* que, como um *ente*, antecipasse os movimentos do analista e se adiantasse a ele. Há uma racionalidade na irracionalidade.

Fazendo um pequeno desvio do tema principal, mas mantendo proximidade, vou especificar um elemento da situação clínica, postulado por Bion, com o qual me identifico: trata-se do *sem memória, sem desejo*, uma atitude mental que o analista deve ser capaz de

<sup>64</sup> *Rêverie* (em francês): devaneio, sonho, fantasia. Vx. Delírio. Pensamento. Reflexão. *Mod.* Atividade mental normal e consciente, que não é dirigida pela atenção, mas se submete a causas subjetivas e afetivas. V. Imaginação, sonho, [“viagem”]. Pej.: Idéia vã e quimérica. Quimera. Ilusão. *Dicionário Petit Robert*.

exercer nas sessões. O analista não deve tentar lembrar nada das sessões anteriores, pois a memória é alterada por motivações inconscientes, da mesma forma que o analista não deve desejar nada, pois os desejos suprimem e selecionam o material a julgar. A mente do analista deve estar apta a captar o que está acontecendo de fato, no momento mesmo. Esta atitude mental é bem descrita por Parsons:

Os praticantes de artes marciais japonesas treinam o desenvolvimento de uma qualidade chamada «*zanshin*». A tradução literal é «o espírito constantemente desperto». Ela comporta uma consciência de tudo o que se passa em volta, e é cultivada como um estado permanente do espírito, de tal modo que o praticante não possa ser surpreendido por um ataque inesperado. O aspecto paradoxal, e psicanaliticamente interessante, do «*zanshin*» é que a vivacidade que protege o guerreiro em uma situação de vida ou morte não depende da concentração de seu esforço. Concentrar sua atenção em uma direção significa que se está menos atento a uma outra. É bem disto que falava Freud quando dizia que a atenção do analista devia ser «igualmente flutuante» sem focalizar qualquer aspecto em particular: é um elemento de relaxamento dentro do «*zanshin*» que permite à consciência estar desperta de modo permanente. (PARSONS, 2013, p.7)

Essa é uma descrição interessante do que é exigido do analista. Contudo, não se trata um **estado mental**. É um estado antes de mais nada somático, carnal e mental. Exige disponibilidade física, é trabalho braçal, mesmo quando a imobilidade física é a tônica da situação. O *campo* que se apresenta transita pela subjetividade, mas não é de uma ordem abstrata. No item 6.1, *consciência de si e o corpo*, comentei a atenção bi-focada e a extrema sensação de *presença* que acompanha o período no qual se dá a sintonia abrangente com o paciente. Repito, não é um estado mental apenas, o analista que, porventura, recebe o ódio na forma de uma identificação projetiva pode adoecer, se não estiver de boa saúde e se não tiver condições de encaminhar clinicamente, dentro do processo, esse conteúdo. Os que praticam esse *metier* sabem como é esgotante tentar executar uma sessão quando se está com dores, ou indisposto. Enfim, há uma *fisicalidade* no evento e uma descrição fenomenologicamente mais próxima de eventos desse tipo, que seria a de que se está *pensando com o corpo*.

Retomando o tema principal, o que procuro salientar não se resume a um mecanismo de negação que rejeita, afastando da consciência, um pensamento, sensação ou sentimento. Trata-se de um ataque de fato a tais elementos, pois sua existência é vivida como ameaçadora o suficiente para ter a conotação de ameaçar a própria sobrevivência. Como dito antes, não importa se o que é atacado tem origem interna ou externa, sofrerá o mesmo ataque e, só depois, negação. Mas estamos ainda no campo dos eventos que ameaçam a integridade do *ego*, por ele não ser suficientemente constituído. A realidade negada e atacada é em função da fragilidade do Eu. Contudo, personalidades portadoras de uma estrutura egóica organizada também podem evitar e atacar essa mesma realidade, por outras razões.

A *fisicalidade* descrita anteriormente leva a um entendimento do ódio como a

realidade que mais diretamente inclui o somático, no âmbito da vida emocional. O termo ódio é empregado propositalmente, pois o cerne da dinâmica avaliada inclui o ódio, não somente o medo, como reação.

Os conceitos de *angústia orgástica* e de *couraça de caráter* e *couraça muscular* condensam o entendimento reichiano do como é estruturado no homem o medo (terror) à entrega e ao contato com a natureza nele mesmo. É o fator mais gritante da alienação de *si mesmo* encontrado na história da humanidade ou, pelo menos, na história das civilizações. Esse fator também está presente em um conjunto de pessoas e tem, antes de mais nada, a função de fazer perecer toda manifestação de espontaneidade e de vitalidade, quando são afirmativamente sexuais. Essa descrição precisa ser tomada literalmente, mas com uma análise cuidadosa, que não fique na aparência das coisas. Frequentemente encontramos em movimentos ou teorizações aparentemente *libertárias* a mesma necessidade (subjacente) de controle e alienação. O fascismo *negro e vermelho*, a inquisição são exemplos de como a *praga emocional* – este é o termo cunhado por Reich –, de tempos em tempos, pode eclodir como uma epidemia, agindo globalmente. Se essa descrição parece mistificadora, parecendo evocar uma *intenção* subterrânea em movimentos de massa ou institucionalizados, basta lembrar teorizações recentes como as de René Thom (teoria da catástrofe) e Peer Back (criticalidade auto-organizada), no pensamento dos quais modelos matemáticos e computacionais evidenciam que se podem encontrar dinâmicas idênticas e subjacentes em fenômenos naturais e humanos, tão distintos quanto a forma como se organizam as cidades, as grandes extinções na história natural e a relação entre pequenas e grandes avalanches em um monte de areia. Sampaio (SAMPAIO, 2002) em sua *Filosofia da Cultura* teoriza compreensivelmente sobre como os modos de pensar nas sociedades ocidentais sofreram e sofrem mudanças que podem ser esquematizadas de acordo com certas premissas, como identidade, diferença e dialética. O fato é que é possível encontrar fatores sintéticos mais atuantes como componentes principais dessas diferentes teorizações.

Sobre a praga emocional, Reich afirma:

[...] É uma doença endêmica, como esquizofrenia ou câncer, como uma diferença fundamental, i.e., manifesta-se essencialmente na vida social. Esquizofrenia e o câncer são biopatias que podemos entender como resultados da praga emocional na vida social. Os efeitos da praga emocional podem ser vistos no organismo humano assim como na organização da sociedade. De tempos em tempos a praga emocional desenvolve-se numa epidemia similar a qualquer outra doença contagiosa, como a peste bubônica ou a cólera. Surto rampantes manifestam-se em irrupções generalizadas e violentas de sadismo e crimes, em pequena e grande escala. Uma dessas irrupções foi a Inquisição Católica na idade média, outra, o fascismo internacional. (REICH, 2012, p.24)

Para acompanhar em profundidade essa formulação, é preciso lembrar o lugar central

ocupado pela *angústia orgástica* nas descobertas clínicas efetuadas por Reich. Medo de morrer, enlouquecer, perder o controle, mas também de dar livre curso a impulsos sádicos e destrutivos, produtos *secundários* da neurose e da alienação da natureza no homem. Foram estes últimos que levaram Freud a postular Thanatos, ou pulsão de morte, e o masoquismo primário como constituintes do psiquismo humano. Esse foi o equívoco de Freud, tomar um sub-produto como primevo. A descoberta da natureza secundária desses impulsos sádicos e destrutivos fez ver que havia uma certa racionalidade na própria contenção deles: se hipoteticamente fossem subitamente liberados, o resultado seria inevitavelmente o caos. Essa mudança tem que ser gradual.

Deste modo, *o ódio à verdade* é aquele que surge e é direcionado contra tudo o que é vital, *sexual*, não encorajado. Não exatamente no sentido ético ou moral e moralista. A *ansiedade orgástica* não é medo do contato sexual, é temor da experiência emocional da imersão no funcionamento cósmico e da perda temporária dos limites orgânicos que formam e mantêm a *identidade*. E o ódio volta-se contra tudo o que sensibilize nessa direção. É essa dimensão cósmica envolvida que aproxima a experiência orgástica da mística profunda, do *religare*.

Existe um fator importante e que é de ordem epistemológica. Reich propõe que sejam as sensações e a observação que ocupem o lugar primordial da tarefa do conhecimento. Com a noção de estrutura de caráter, a descrição das formas de apreensão do mundo vinculadas a essa tipologia e com a definição da angústia orgástica, um outro elemento emerge: *quem* produz ou propõe conhecimento se torna passível de preocupação tanto quanto a suficiência e coerência de uma dada teoria. “Quem” refere-se a pessoas, a instituições e, principalmente, ao modo cultural vigente e sua *metafísica* correspondente. Trata-se, aqui, de comentar o óbvio: o que torna científico um determinado conteúdo é algo mais do que a comprovação experimental. E também nas ciências Sociais e Humanas a aceitação acadêmica envolve outros patamares.

Com quase quarenta anos de prática clínica na Análise Reichiana, o encontro com a evitação do essencial, com o medo das intensidades próprias do estar vivo e também com o ódio e com a destrutividade recalcados é prática cotidiana. Como profissional, teórico e estudioso da obra reichiana, acompanho, há muito, a execração irracional, pelas razões explicadas acima, e intolerante que seu pensamento frequentemente evoca, principalmente no público supostamente culto e acadêmico. Essas reações quase sempre aparecem suportadas por pontos de vista sociológicos, psicológicos e científicos, mas um acompanhamento de perto evidencia o caráter irracional delas, pois torna-se claro que foram feitas com base em

conhecimento quase nenhum da obra criticada. É esse aspecto irracional e a explicitação do desejo de descarte e execração que sublinham, de fato, a sua real importância.

A dimensão de *psicologia profunda* e *psicologia sociológica*, presentes na definição de angústia orgástica e *encouraçamento*, visando manter sob jugo não só os impulsos, mas também o sadismo e a destrutividade<sup>65</sup>, aparecem no texto reichiano:

[...] Eu acredito seriamente que na armadura crônica e rígida do animal humano nós encontramos a resposta para a questão do seu enorme ódio destrutivo e o seu modo de pensar místico-mecanicista....descobrimos o reino do DEMÔNIO. (REICH, 2012, p. 120)

Claro que internamente e, não, como um ente de fato.

Mais do que negação, o ataque à realidade, descrito neste capítulo, envolve um modo de ser psíquico que se aplica ao âmbito tanto do individual, quanto do coletivo, sendo componente das sessões na clínica e também, como um agente portador de intencionalidade, atuando contra produções humanas, como movimentos culturais ou ideias, cuja existência mobilize anseios intoleráveis nas pessoas e nos grupos envolvidos. A citação reichiana, há pouco apresentada, leva inexoravelmente a uma associação temática entre a idéia do Mal, a do pecado, e a expressão, no catolicismo, *cair em tentação*, no sentido de ceder a um impulso ou desejo. O *cair* presente nessa formulação expressa, certamente, uma intuição da relação existente entre o ceder, dar livre curso, entregar-se e *o cair*, mesmo que essa intuição deva sua existência ao fato da neurose e do *encouraçamento* serem encontrados em geral na população.

Na desordem do pânico, a sensação de queda, acompanhando o ápice de uma crise, já foi por mim documentado e, na introdução, relatei um vislumbre desse cair em Ulisses, as sereias e o *conhecer tudo*. No próximo item irei abordar a relação entre a angústia orgástica – e todas as implicações mais profundas –, o medo de cair e a relação com o conhecer, no sentido de verdade. Aqui, o tema *fusão com o objeto*, tema que é objetivo primeiro desta tese, apresenta-se na fusão do sujeito com o objeto da experiência.

## 7.6 ULISSES, A SEREIA E O ABISMO: O CAIR E O CONHECER.

[...] *Verdade* é contato imediato e completo entre vida que percebe e vida que é percebida. Quanto melhor é o contato, mais completa é a experiência verdadeira. Quanto melhor coordenadas as funções da percepção do vivo, mais compreensível será a verdade. E a percepção viva é coordenada exatamente na proporção de quão coordenado é o movimento do protoplasma vivo. Assim, *verdade é uma função natural da interrelação entre vida e aquilo que é vivido*. (REICH, 1947-

<sup>65</sup> O sadismo e a destrutividade são resultantes, energeticamente, do esforço do impulso em tentar atravessar a couraça. Psicologicamente, seu contraponto é a frustração.

1951, p. 495)

Mais uma vez, a dificuldade com a postulação reichiana se deve ao fato de sua obra ser gigantesca – em termos de páginas publicadas<sup>66</sup> – e de ter havido um percurso de pesquisa *sui generis*, que demanda familiaridade com temas diversos, como psicanálise, biologia e física. Penso também que, somente os que tiveram a oportunidade de experimentar a Análise Reichiana e de também praticá-la, podem mais facilmente enfrentar os desafios de suas teorizações e demonstrações experimentais, especialmente as relacionadas à última década de sua vida. Fatores igualmente diferenciais: utilizar um acumulador orgônico e poder observar *bions* surgindo de um preparado colocado sob um microscópio potente.

Como colocado desde o início, Reich, desde 1920, até o final de seus dias demonstrou rigor e consistência lógica, aguardando muitas vezes anos para publicar resultados, repetidamente comprovados. Há continuidade lógica desde seus estudos de psicopatologia, até sua concepção da onda espiral na formação de galáxias. Só uma leitura informal e fragmentada de seu material poderia dar ensejo à crítica de especulação ou esquizofrenia. Poucos mas capacitados autores e pesquisadores chegaram exatamente à mesma conclusão, como Corrington, professor Universitário de Filosofia e autor de *Reich: Psychoanalyst and Radical Naturalist* (CORRINGTON, 2003), com prefácio de James Strick, biólogo, PhD e Historiador das Ciências.

A verdade enquanto função natural e como resultante da relação entre a vida e aquilo que é vivido. O que Reich diz? Que o protoplasma vivo é central, na medida em que é o contato orgonótico entre sujeito e objeto o principal modo de conhecimento, e que o sujeito do conhecimento se diferencia, na medida em que seu protoplasma está, ou não, encoraçado. E, também, que é no plano energético do protoplasma que sujeito da experiência e objeto da experiência *fusionam-se*, são o mesmo.

É no encorçamento (neurose) que se apresenta a angústia orgástica e, com ela, a *evasão do essencial*, termo cunhado por Reich para definir e descrever a alienação do ser humano de si mesmo. Novamente, é necessário acompanhar de perto o desenvolvimento do seu trabalho clínico e a consequente teorização, insisto, mesmo sendo repetitivo, mas em nome da compreensão de fato.

1 - A uma determinada personalidade, ou estrutura de caráter, corresponde um determinado arranjo somático, no sentido da correspondência soma-psyque.

---

<sup>66</sup> E páginas não publicadas também. A abertura recente dos seus arquivos, cinquenta anos após a sua morte, por determinação explícita do mesmo, revelou milhares de páginas, manuscritos e esquemas ainda a serem examinados.

2 - Tanto a estrutura de caráter quanto a couraça muscular têm função econômica, quer dizer, servem ao propósito de ligar energia (*catexia*), mantendo, assim, sob xeque, impulsos anteriormente recalcados.

3 - Há uma relação entre o modo de ser no mundo de alguém e sua estrutura de caráter (que é somática também).

4 - O fator econômico (pulsão, libido, energia), na sua função *defesa*, remete à possibilidade de um impulso ser utilizado contra outro, como defesa, e também de que parte da energia do impulso se volte contra ele mesmo (*contracatexia*).

5 - Sempre que o equilíbrio neurótico é mobilizado, via trabalho, sobre as resistências de caráter e sobre a couraça muscular, uma consequência imediata é que a energia, até então ligada ao impulso, ou conjuntos dos mesmos, fica livre, circula.

6 - Como há uma relação entre o modo de ser no mundo e a estruturação da personalidade, a experiência clínica mostra que a neurose (fixação em etapas pré-genitais) cerceia, dimui a possibilidade de relação com os objetos no mundo, a realidade.

7 - Quando há energia que fica livre, fruto do trabalho sobre a neurose, esta circula, quer dizer, concentra-se no referente à *genitalidade*.

8 - É esse fato que leva ao acontecimento “angústia orgástica”, até que essa etapa seja vencida. É aqui que a sensação ameaçadora de queda surge.

9 - É a presença, ou ausência de encouraçamento a responsável pela *qualidade* do que é vivido e da apreensão da realidade, no sentido de um contado autêntico e direto com a mesma.

10 - O dito reichiano “*quão coordenado é o movimento do protoplasma vivo*” quer dizer livre de encouraçamento, onde coordenado refere-se à racionalidade presente na realidade, no sentido hegeliano.

A consequência lógica dessa listagem é a de que o tipo de apreensão do objeto depende da estruturação do sujeito da experiência, ao mesmo tempo em que há uma identidade entre sujeito e objeto que remete ao fusionamento mencionado antes.

Há também uma relação entre a intensidade e a profundidade do contato com a realidade.

No indivíduo encouraçado, encontra-se, com frequência, um embotamento psíquico, falta de interesse, resignação, ausência de “brilho”. Nem sempre são queixas como essas que levam alguém a buscar análise, mas esses traços são lugar-comum, mesmo em profissionais ativos e trabalhadores compulsivos.

É esse embotamento que cede quando o trabalho clínico começa a ter sucesso. Inicia-se, então, uma espécie de retorno do sentido da vida e da capacidade de envolvimento.

Contudo, é justamente quando se aprofunda esse trabalho, quando as intensidades da vida se manifestam na forma de clonismos musculares, movimentos involuntários, sensorialidade exarcebada, que o medo ocupa o seu lugar, na forma da angústia orgástica, medo de morrer e de enlouquecer. Esse medo será enfrentado ou levará a uma evasão. Aqui está o nosso Ulisses. *A evasão do essencial* é a marca registrada do “*Little man*”, descrito por Reich, na obra de mesmo nome. Entretanto, a história da humanidade registra alguns Ulisses.

A capacidade amorosa, de plena excitação orgonótica do protoplasma pulsante e a capacidade de entrega a essa excitação e à parceira(o) não diferem funcionalmente daquilo que é vivido no engajamento com a realidade. O *Conhecer*, entendido dessa forma, não é uma metáfora para fins de ilustração:

[...] com o propósito de investigar a natureza, temos que *literalmente* amar o objeto de nossa investigação. Na linguagem da biofísica orgonômica, é necessário *contato orgonótico* direto e não perturbado com o objeto de nossa investigação. (REICH 1973 p. 69)

A constatação simples, mas muitas vezes remota, na epistemologia em geral, de que o homem e seu pensamento são e estão na natureza torna possível remover a distinção clássica sujeito/objeto no seu sentido absoluto. A forma do conhecer deve corresponder ao que é conhecido, onde a tarefa do conhecer torna prioritária a definição do método empregado nesse conhecer e não a adequação do eventual objeto do conhecimento ao método. Assim, o *Conhecimento sobre*, nas palavras de Bertrand Russel, é substituído pelo *Conhecimento com* (cf. CORRINGTON, 2003 p. 208).

A relação pendular composta pela identidade com o objeto, conjuntamente com o *si mesmo* como objeto, traz um risco: o de se perder nesse mergulho, perder o *si mesmo* prolongadamente, definitivamente e não temporariamente<sup>67</sup>. Ulisses manda amarrem-no para não morrer, *perder-se*. Amarrar-se e obstruir os ouvidos com cera é a estratégia que permite que se aproxime das sereias e passe por elas sem perecer como outros.

Essa imagem, na Odisseia, é especialmente interessante por envolver uma experiência: o perigo de perder-se enquanto existência. Há uma dimensão diferente da questão no *sem nome* e no *nomeável*: o problema das palavras nunca conseguirem descrever suficientemente a experiência de *unidade*, ficando estas em um plano apenas discursivo:

“Nameless is the beginning of heaven and earth”: why is the beginning [shi] nameless? Could it be that it is nameless, in part, because the beginning of all things cannot be conceptualized and therefore cannot be named? What was there *before the beginning of heaven and earth (tian di)* Nothing? But isn't that nothing still something? (SHANKMAN; DURRANT, 2000 p. 9)

<sup>67</sup> No paralelo entre capacidade orgástica e conhecimento, capacidade de entrega orgástica inclui a possibilidade de dar livre curso à excitação vegetativa, e no seu ápice, *orgasmo*, *convulsionar*, perder temporariamente a consciência.

Os autores examinam o primeiro capítulo do Tao Te Ching, no qual, no entender destes, Laozi, autor da obra citada, discorre sobre a verdadeira sagacidade, trocando conhecimento enciclopédico por Sabedoria. A Sabedoria reside na capacidade de se fazer uno com o *dao*.

If a way can be spoken (or followed), it is not the constant way. If a name can be named, it is not the constant name. Nameless is the beginning of heaven and earth. Named is the mother of the ten thousand things. Therefore, constantly have no intention (*wu yu*) to observe its wonders; constantly have an intention (*you yu*) to observe its manifestations. These two come forth together but are differently named. Coming forth together they are called mystery. Mystery upon mystery, Gateway to many wonders.

A linguagem não pode expressar a experiência da *unidade*, do *pertencimento*, pois o nomear identifica e subtrai coisas e conceitos da totalidade (continuidade) subjacente, mas pode evocar a experiência de imersão e participação no *Tao*.

O aparente paradoxo de ter uma intenção, a de observar, e não tê-la *ao mesmo tempo* forma o que Laosi chama *Mistério*. Sobre esse ponto, os autores comentam sobre os aspectos Intencional e Participativo da consciência, com relação aos quais o primeiro se destaca por intencionalizar objetos, o segundo, sendo parte do mistério. Atos intencionais sucederiam sempre em uma estrutura compreensiva da realidade.

A narrativa de Ulisses representaria, portanto, o desequilíbrio produzido na psique humana pelo desejo de conhecer (tudo), que não levasse em conta o fato de que o ato de conhecimento ocorre em uma estrutura compreensiva da realidade, da qual a própria consciência também seria parte e, portanto, algo impossível de acessar e dominar. O desejo de conhecer poderia fazer esquecer a Sabedoria, e colocar Sabedoria e Conhecimento em oposição.

Entendo que é possível uma outra interpretação, ligeiramente diferente, desse capítulo do Tao Te Ching e de Ulisses. A ênfase nessa minha interpretação recai não sobre *o que* se procura conhecer, mas sobre *o como*. Como no título do item anterior, *Conhecer* não é apenas conceptualizar. Há o conhecer que não é *dominar*, no sentido baconiano de “saber é poder” para transformar a natureza em favor do homem. E há o conhecer que é *acompanhar* – saber com. As sereias são ameaçadoras para os homens que querem tudo saber racional e logicamente na lógica do *terceiro excluído*, pensamento que, cedo ou tarde, produz antinomias somente superadas com a aceitação do paradoxo, *mas não necessariamente na do mistério que seria incognoscível definitivamente*.

A fusão com o objeto que não é catastrófica, desintegradora, é possível quando o conhecimento categorizado acompanha-se e complementa-se com o que usualmente

sintetizamos com o termo intuição e que Reich denominou *contato orgonótico*. Metodologicamente, ao invés de dominação da natureza, amor com a natureza.

## 8 EINSTEIN, REICH E VELIKOVSKY. A CIÊNCIA E O FATOR HUMANO

### 8.1 O CASO EINSTEIN

Em 13 de janeiro de 1941, por solicitação de Reich, que havia escrito à Einstein solicitando um encontro e dito das evidências que havia produzido a respeito da energia orgone, houve um encontro em Princeton, que durou cerca de 4 horas. Foi uma reunião entusiasmada e, nela, houve a exposição das experiências biológicas com bions e da posterior evolução do acumulador orgônico. Einstein teria dito que, se aquilo fosse comprovado, seria de fato uma “bomba” para a Física e teria prometido apoio, nesse caso. O interesse einsteiniano se deveu também ao fato de Reich ter levado consigo um *orgonoscópio*, que ficou com Einstein e nunca foi devolvido. Einstein sugeriu primeiramente enviar alguém ao laboratório de Reich, mas este não concordou. Foi combinado, então, que Reich enviaria um pequeno aparato experimental para que Einstein, ele mesmo, fizesse observações.

Não deixa de ser curioso comentar que, provavelmente, ambos estavam, nesse momento, ignorantes com relação ao fato de o curso da vida de ambos já ter se cruzado antes. Elsie Masson, mulher de Malinowski (cf. WAYNE, 1995, p. 189), havia sido procurada por um grupo de acadêmicos, que era contra o fornecimento de autorização, por parte dos governos da Suécia e da Dinamarca, para a permanência de Reich, que, fugindo do nazismo e das reações que suas pesquisas haviam provocado, buscava abrigo em um desses dois países. Sua incumbência era conseguir a assinatura de Einstein para um documento já produzido e assinado por esses acadêmicos. Elsie procurou, sim, a Einstein, mas para pedir que não assinasse o mesmo. Apesar disso, pouco tempo depois, Reich teve que ir para a América.

Irei transcrever parte do relato feito por Reich desse encontro:

13/01/1941: [...] Hoje eu tive uma discussão que durou 4 horas, em Princeton, com Einstein. Ele se mostrou interessando em receber o acumulador orgônico e verificar a diferença de temperatura.

Ele viu com grande surpresa as cintilações no orgonoscópio, mas não tinha certeza se não eram impressões subjetivas no olho... não mencionei ainda as oscilações com o pêndulo... A primeira discussão científica de valor em dez anos! Eu lá deixei o meu diagrama trigonométrico da "onda espiralada". Engano estúpido!

15/01/1943: [...] Einstein entendeu:

a - A fórmula “tensão-carga”. b - a dissolução dos cristais em vesículas. c - minha experiência com os “sapa bions”.

Einstein NÃO entendeu a possibilidade de:

a - energia livre na atmosfera. b - a diferença de potencial no acumulador.<sup>68</sup>

Einstein IMEDIATAMENTE viu as cintilações no orgonoscópio e disse “...sim!!”, depois - como em choque - “este deve ser um fenômeno luminoso subjetivo...”. Eu

<sup>68</sup> Reich havia observado uma constante diferença de temperatura dentro do acumulador e no ar em volta. A temperatura mais alta dentro do acumulador, sem a presença de nenhuma fonte conhecida de energia indicava a existência de um tipo desconhecido de energia.

expliquei a ele o fato das cintilações diferirem de acordo com o objeto e que estas não podem ser vistas quando o disco metálico de cobertura é posto no lugar. Aparato para Einstein: construção: 1. gera um campo de energia entre a matéria orgânica e inorgânica.

- Demarca uma certa região da atmosfera.
- Matéria orgânica absorve o orgone atmosférico. As paredes metálicas refletem-na de volta, e as partículas de energia começam a oscilar.
- A energia cinética da radiação é convertida em calor, o qual pode ser melhor mensurado sobre a superfície superior do aparato [...]”. (REICH, 1999)

Em primeiro de fevereiro de 1941, houve um segundo encontro, desta vez Reich deixou com Einstein um acumulador. Einstein pretendia ficar com o aparato duas ou três semanas e, depois, escrever para a academia de física, se nada de errado fosse encontrado. Fazem algumas observações ali mesmo, encontrando o mesmo diferencial de temperatura comentado antes. Reich partiu aliviado e esperançoso, teve uma ótima impressão sobre Einstein.

Em sete de fevereiro, recebeu uma carta de Einstein, em que este dizia que, de acordo com um assistente seu<sup>69</sup>, a diferença de temperatura era devido à convecção, nada mais.

Reich ficou estupefato que uma explicação tão simplória pudesse ser alegada. Escreveu a Einstein uma longa carta, na qual narrava como essa possibilidade já havia sido descartada experimentalmente, agregando outras demonstrações, feitas ao ar livre, ou com o aparato enterrado no solo, nas quais as mesmas variações com a caixa-controle eram encontradas.

Einstein não respondeu.

Reich imagina possibilidades: estará Einstein consultando outros? verificando dados? Afinal de contas, pensa ele, um cientista de fato responderia às refutações ou contra-provas apresentadas.

Em maio e em setembro do mesmo ano, escreve mais duas cartas, acrescentando dados experimentais produzidos nesse período, ainda esperançoso. Nenhuma resposta por parte de Einstein. Finalmente, em outubro de 1941, Reich escreve a Einstein, estranhando a descortesia e a contradição de seu silêncio, dado o entusiasmo inicial. “[...] se você não quisesse continuar, poderia simplesmente ter escrito que não estava interessado e que não queria ter nada a ver com isso [...]” (REICH, 1999, p. 123). Sim, o estranho silêncio de Einstein. Essa carta igualmente fica sem resposta. Reich solicita à secretária de Einstein a devolução do aparato, que só então é feita.

Em carta à Weinberger, cientista ligado à *Radio Corporation of America*, em dezembro, Reich comenta:

---

<sup>69</sup> Infeld.

[...] a diferença de temperatura, por exemplo, foi testemunhada por Einstein, que não acreditava que pudesse ser demonstrada, até testemunhar isso. Mas então, um assistente seu encontrou uma “palavra” para explicar e descartar isso. Mas esse “excelente” cientista sequer se incomodou em controlar sua própria objeção. Se ele tivesse tido este cuidado, ele teria fixado o termômetro de controle no mesmo nível sobre a mesa, sobre a qual estava o aparato orgônico, e ele teria que admitir que a sua explicação sobre calor vindo do teto em direção à mesa por convecção não se sustentaria[...] e eu tenho a impressão que você subestima a irracionalidade no comportamento dos cientistas [...]. (REICH, 1999, p. 127)

Paradoxalmente, a frustração com a atitude de Einstein gerou resultados experimentais formidáveis. Novos experimentos, mais sofisticados e desenvolvimento de teorizações seguem-se a isso. Reich pensa em escrever e publicar a história desse encontro, mas mantém-se reservado quanto a isso, pensando em preservar Einstein e em não ser descortês como ele. Passa-se todo o ano de 1942 e o de 43. Em fevereiro de 1944, Reich ouve rumores sobre Einstein ter replicado seus experimentos e não ter encontrado os mesmos resultados. Esses rumores, por sua vez, teriam tido origem em um ex- aluno europeu de Reich que fazia, então, forte campanha contra ele no meio psicanalítico. Tendo sido sempre perseguido por rumores sobre a sua sanidade mental e pensando na continuidade do seu trabalho, Reich decide publicar um artigo, resumindo o seu ponto de vista sobre os acontecimentos envolvendo Einstein e pede que um colaborador, Theodore Wolf, então editor de uma publicação sobre orgonomia, escreva a Einstein, comunicando isso. Em 15 de fevereiro de 1944, Einstein replicou, avisando que Reich não tinha o direito de publicar nada sem sua permissão, que se isso fosse feito ele tomaria medidas para evitar que seu nome fosse usado “por razões de publicidade”.

Reich escreve novamente, rejeitando os insultos e dizendo que, por três anos, reteve a ideia de publicação e que sempre tratara Einstein com a maior consideração, mas que, agora, seus inimigos tratavam de espalhar rumores novamente<sup>70</sup> e ele tinha que tomar uma posição. Em resposta, de forma bem mais branda, Einstein afirmou que nenhum rumor eventualmente existente teria sido espalhado por ele e que a razão de não ter respondido era o fato de que “[...] formei uma opinião, no melhor da minha habilidade, e não sou capaz de gastar mais tempo nessa questão” (REICH, 1999, p. 227).

Não houve mais contatos entre eles. O “Caso Einstein” foi publicado. Nele, Reich apresenta o acumulador orgônico, seu contato com Einstein e posterior desenvolvimento dos

<sup>70</sup> Seus inimigos sempre o acusaram de insanidade, sua ex-mulher afastou as filhas, alegando a mesma coisa, afastamento este que lhe trouxe muito sofrimento. Uma de suas filhas, Lore, hoje uma psicanalista, relata como, quando criança, era levada a tratamento psicanalítico com uma profissional que passava as sessões convencendo-a que seu pai era louco. Eva, sua outra filha, depois de adulta, formou-se em medicina e tornou-se uma das mais ardorosas defensoras do trabalho do pai. Esse estigma teve tanto sucesso que, alguns anos atrás, por ocasião do lançamento em português de uma de suas obras, um articulista de um jornal de grande circulação, no Rio, mencionou o “fato” de Reich ter falecido em um hospital psiquiátrico, ao invés de em uma prisão.

experimentos. Nos próximos anos e na década de 50, teve que se defender de uma acusação de fraude feita pela *Food and Drug Administration*<sup>71</sup> (FDA). Em circunstâncias jurídicas incomuns, foi condenado a dois anos de prisão, tendo falecido na prisão em 1957. Também por ordem judicial, os acumuladores foram desmantelados e destruídos e seus livros, aqueles que continham a palavra *orgone*, mesmo os de conteúdo psicanalítico e clínico, foram confiscados e QUEIMADOS, em 1957 e em 1960, sem que sequer uma organização de direitos civis protestasse contra isso.

## 8.2 MUNDOS EM COLISÃO: O FATOR VELIKOVSKY

“Antes do dia raiar” é o nome de um manuscrito ainda não publicado, finalizado em 1976, contendo a correspondência e o relato das discussões havidas entre Velikovsky e Einstein. Velikovsky defendia que as forças eletromagnéticas é que seriam as responsáveis de fato pela gravitação. Seus contatos e debates se deram ao longo de vários anos. E Velikovsky era um psicanalista. A razão da referência a esse autor, neste ensaio, fica clara por contraste: por que o debate, aqui, foi possível, ao contrário de antes, com Reich? Veremos que as ideias em questão eram tão polêmicas quanto no caso de Reich, mais até: levadas literalmente em consideração, as ideias de Velikovsky colocam a geometrização einsteiniana do espaço como errônea e desnecessária.

Velikovski graduou-se em medicina, em 1921, em Moscou. No início dos anos 20, teve um contato com Einstein, em Berlim. Transferiu-se, depois, para a Palestina, onde viveu até 1939 e onde publicou dezenas de artigos sobre medicina e psicanálise. Tendo viajado à Nova York planejando lá uma pesquisa, foi surpreendido pela guerra, permanecendo, assim, em Nova Jersey.

Em seu livro *Mundos em colisão*, de 1950, Velikovsky propõe que muitos mitos e tradições de povos e culturas antigas relatam eventos factuais, catástrofes globais, na verdade, cósmicas. Depois desse livro ter sido um *best seller*, foi banido de um sem número de instituições, gerando uma polêmica que ficou conhecida como “The Velikovsky affair” (o caso Velikovsky). Depois de ter sido rejeitado por várias outras, esse livro foi publicado pela editora Macmillan, consagrada pela sua presença no mercado de livros acadêmicos.

Velikovsky enviara, anteriormente, uma cópia do seu *Cosmos sem gravitação*, de 1945, ao astrônomo Shapley. Quando do lançamento do *Mundos em colisão*, Shapley mobilizou tal campanha negativa no mundo acadêmico, que a Macmillan, pressionada pela

<sup>71</sup> Durante cerca de 10 anos, essa organização federal gastou 8% do seu orçamento, anualmente, para pressionar um grupo de trabalho que, nos seus melhores momentos, chegou a ter não mais de 150 associados.

ameaça de um boicote de envio de textos, transferiu-o para a editora Doubleday.

Tendo sido *persona non grata* nos campi universitários durante os anos 50 e 60, depois disso, voltou a receber convites, geralmente falando para plateias imensas. Em 1973, a BBC fez um documentário de 30 minutos sobre ele.

Um sumário das principais ideias de Velikovsky:

- Antes e durante a história da humanidade, a terra sofreu eventos cataclísmicos.
- Há evidências destas catástrofes nos registros geológicos e arqueológicos.
- Os eventos ocorridos durante a história da humanidade permanem sob a forma de mitos, lendas e história escrita de todas as culturas e civilizações da Antiguidade.
- Cunhou o termo “amnésia cultural”, de base psicanalítica, para descrever como esses eventos vieram a ser considerados mitos, nada mais.
- As causas desses eventos teriam sido choques da terra com outros corpos celestes, inclusive Júpiter e Vênus, que teriam ocupado outras órbitas anteriormente, mas ainda dentro do período da história da humanidade.
- Para explicar essas mudanças na mecânica celeste, Velikovsky propunha que o eletromagnetismo tinha um papel muito mais central do que o admitido em um referencial gravitacional newtoniano.
- Desenvolveu uma *cronologia revisada*, em que o *exodus* é colocado como contemporâneo à queda do reinado egípcio médio. Argumentava que isso eliminava *idades das trevas fantasmas* e tornava possível considerar literalmente tanto os relatos bíblicos, como os de Heródoto.

Acredito que a exposição, aqui, de alguns recortes da correspondência e do relato dos encontros entre esses dois homens é a melhor maneira de dar sequência à minha análise da relação entre eles:

Carta à Einstein, de 26/8/1952:

[...] quando, por acaso, nos encontramos no lago, eu percebi que você estava furioso comigo pelo meu “mundos em colisão” [...] de voce eu não esperava isso [...] um físico não está autorizado a dizer a um historiador o que ele pode encontrar no passado, mesmo se este encontra contradições entre os alegados fatos históricos e nosso conhecimento das leis naturais. (VELIKOVSKY, 2013)

Em resposta, Einsten escreve a Velikovsky, em 27/08/1952:

[...] a razão da enérgica rejeição das opiniões apresentadas por você, reside não na suposição (assumption) [grifo de Einstein] de que no movimento dos corpos celestes, somente gravitação e inércia são os fatores determinantes. Ao contrário, a razão reside no fato [grifo novamente] de que com base nisso foi possível calcular as modificações temporais das localizações estelares no sistema planetário com uma precisão inimaginável [...] contra precisões deste tipo, especulações como as colocadas por você não são levadas em consideração por nenhum perito. Por isso, seu livro deve parecer a este perito como uma tentativa de enganar o público. Eu

devo confessar que a princípio tive a mesma impressão [...]. (VELIKOVSKY, 2013)

Em 10/9/1952, Velikovsky:

[...] você diz que o fato da exata correspondência entre os movimentos planetários e a teoria, prova a correção da mesma [...] o fato da correspondência entre teoria e posição dos planetas foi justamente o argumento usado pelo sistema ptolomaico e contra a teoria heliocêntrica. Por mais de duas gerações, até 1600, não era a igreja católica a maior oponente da teoria de Copérnico, e sim os cientistas. Seu maior argumento era a sua capacidade de prever posições planetárias, conjunções e eclipses...e como faziam isso? Pela contínuo ajustamento das teorias às observações, e as observações à teoria. O mesmo se passa hoje em dia [...]. (

O diálogo entre ambos prossegue, amistoso, até a morte de Einstein. Ora como correspondência, ora através de encontros pessoais. A narrativa desses diálogos revela duas pessoas empenhadas numa discussão frutífera, mas o que mais chama a atenção é a disposição de Einstein em aceitar Velikovsky como um debatedor à altura, sem concessões. Os debates são recheados de comentários, não somente de cunho epistemológico e filosófico, mas também de teorizações e questionamentos, embasados, da suficiência de certas teorias científicas e da posição de Einstein.

Pouco tempo antes da morte de Einstein, houve o que seria o último contato entre eles, que Velikovsky descreve. Em um certo momento da conversa, Einstein diz: “[...] Eu li novamente ‘Mundos em colisão’. É um livro de importância incomensurável, e que cientistas deveriam ler”.

Velikovsky comenta seus próprios pensamentos: “estas palavras... ouvi-las... não percorri eu um longo caminho?...”.

Mas Einstein continua: “[...] mas por que você quer mudar a teoria da evolução e a mecânica celeste contemporânea?”.

### 8.3 DEMASIADAMENTE HUMANO.

Neste capítulo, dados históricos foram colocados lado a lado com o relato de posturas e atitudes de cientistas e pesquisadores, envolvidos nas diferentes narrativas. Minha intenção, pode-se dizer, foi multideterminada: a de mencionar as paixões humanas como componentes importantes do cenário em que o conhecimento é produzido e também a de considerar o quanto pode ser ingênua a posição que toma as teorias não vencedoras, na história do conhecimento e da ciência, como casos resolvidos, enganos, mesmo que bem intencionados, ou etapas superadas. A mesma abordagem já havia sido por mim utilizada no texto “O insólito e o conhecimento científico” (MALUF JR., 2005), em que os estudos de Mesmer e Reichenbach são examinados.

O que teria se passado, do ponto de vista da história das ciências, se este houvesse

obtido apoio de Einstein? Por que o silêncio? Einstein conhecidamente abraçou causas de forma corajosa, politicamente falando. Foi vigiado pelo FBI<sup>72</sup> por todo o tempo da sua permanência nos EUA, assim como Reich. Terá ele reagido mal, posteriormente, à possibilidade de um retorno da teoria do éther, no sentido de abalar as suas próprias teorias? A história do seus encontros com Velikovsky parece permitir essa premissa. A carta ofensiva enviada a Wolf, em que acusa Reich de buscar publicidade às suas custas, e a desconfiança quanto às reais intenções de Velikovsky, inicialmente, sugerem algo. Tenho razões para crer, concordando com Reich, que seu comportamento foi especialmente reativo, de um ponto de vista emocional, mas uma análise mais profunda disso fica de fora do escopo deste trabalho. O leitor, acompanhando as descrições ao longo deste, entenderá o comentário sobre quando a razão “[...] remete não à compreensão dos mecanismos, mas a seu controle, em que o ‘horror do ininteligível’ é aplacado pela possibilidade de submetê-lo ao controle” (CHERTOCK; STENGERS, 1990, p.13).

Em 1934, W. Reich foi expulso tanto do partido comunista, como da Associação Internacional de Psicanálise (IPA).

Em uma vida de permanentes mudanças e busca de exílio seguro, desde antes da segunda guerra, sempre acusou os comunistas<sup>73</sup> de moverem uma campanha orquestrada contra sua pessoa e suas ideias. O que pareceria uma *paranóia* facilmente descartável cede lugar à preocupação quando levamos em conta que:

1 - Infeld, o assistente de Einstein, depois de residir no Canadá, decidiu retornar à Polônia, sua terra natal, mesmo durante a vigência do stalinismo.

2 - R. Oppenheimer, físico ilustre e diretor do *Projeto Manhattan*, quando procurado por Eleanor Roosevelt<sup>74</sup>, que indagava sua opinião sobre Reich, disse que este era uma fraude. Por sua vez, Oppenheimer dialogava com Fenichel, psicanalista anteriormente discípulo e admirador de W. Reich, mas responsável posteriormente por sua difamação. Fenichel era marxista e definiu Oppenheimer como um “jovem marxista” (JACOBI, 1983, p. 124).

Causando ainda estranhamento:

Peter Mills, advogado durante anos de W. Reich e de sua fundação, tornou-se procurador público do Estado do Maine em uma injunção contra Reich a partir da

<sup>72</sup> Nos arquivos do FBI, facilmente acessíveis pela internet, contam-se cerca de 1800 páginas com registros sobre Einstein, assim como cerca de 900 sobre Reich. Esse conteúdo acha-se disponível em função da lei “Freedom of Information Act”.

<sup>73</sup> Reich foi o responsável por desenvolver centros de atendimento a trabalhadores que chegaram a ter mais de 50.000 filiados, mas, depois, desencantou-se com o comunismo, denominando-o *fascismo vermelho*. Seus livros foram banidos tanto na Alemanha nazista, quanto na Rússia comunista.

<sup>74</sup> Ativista dos direitos humanos e Primeira Dama dos Estados Unidos no período de 1933 a 1945.

investigação levada a cabo pela FDA.

Reich teve a infelicidade, ou, compreensivelmente, sempre evocou rechaço, devido ao apelo significativamente emocional que a direção de suas descobertas despertou, no sentido inconsciente. Sempre acompanhado por rumores sobre sua sanidade mental, foi acusado de paranóia por afirmar que era espionado, por acreditar que era perseguido por um complô comunista internacional e que tinha “simpatizantes na alta cúpula do governo”. A publicação dos arquivos do FBI mostra documentos em que seus telefonemas eram gravados. Fenichel, antigo colaborador e responsável por sua posterior difamação, convivia com Oppenheimer, que participou de várias reuniões da esquerda freudiana e que é personagem desta correspondência listada abaixo.

Reich para Allan Cott, médico e orgonomista, em 10 de março de 1951:

[...] Caro Dr.Cott: Acabamos de receber a carta enviada à Sra. Eleonor Roosevelt por Robert Oppennheimer. Sua carta, especialmente a sentença”Eu temo que a evidência do artigo faça-me suspeitar que o mencionado (Reich) é um embuste: Não consegui encontrar nada nisso que seja assegurado” é uma perfeita impertinência. Julgar nosso trabalho por um resumo de um experimento que segue-se a vinte anos de trabalho experimental e milhares de páginas publicadas, e não sentir nenhuma necessidade de verificar se alguma literatura apareceu sobre isso é desprezível. (REICH, 2012, p. 89)

Em carta à própria Eleonor Roosevelt, que havia consultado Openheimer:

[...] Oppenheimer pertence à escola de relativistas que acreditam o espaço é vazio, que o Universo é apenas uma fórmula matemática, e que todas as observações devem ser excluídas da ciência. Eles, portanto, sequer podem imaginar que uma coisa como o orgone exista [...]. (REICH, 2012, p.89)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo percorreu uma trajetória em que diferentes campos de disciplinas e temas foram abordados. Algumas vezes, a relação entre os trabalhos foi visivelmente direta, muitas outras vezes, bastante indireta, na abordagem do tema *Física e Psicanálise: a Orgonomia de Willhem Reich e a fusão com o objeto como complementação da objetividade científica como método e referencial*. O próprio título é extenso, em uma tentativa de cobrir diferentes ângulos do estudo. Física, Psicanálise, Orgonomia, práticas e técnicas corporais, experiências pessoais: todo um conjunto de produções foi empregado no intuito de asseverar a possibilidade e, até mesmo, a necessidade de se dar estatuto válido e semelhante ao científico ao tema *fusão com o objeto*, como instrumento de produção de Conhecimento. A Orgonomia de Wilhem Reich foi o fator evocador principal e referência primeira deste trabalho, em função dos diferentes campos do saber que o seu desenvolvimento teve que cobrir e por ser, de longe, o referencial teórico menos conhecido profundamente, embora o mais suficiente. Esta disciplina, Orgonomia, tem não somente o mérito de traçar uma diretriz a) compreensiva, que interliga a subjetividade às ciências naturais, mas também fornece o ponto de partida epistemológico ao postular essa subjetividade como sendo ao mesmo tempo pessoal e dependente das vicissitudes da história de cada um, no sentido freudiano, e b) pertencente às mesmas estruturas elementares funcionais da construção da realidade, como examinado na Orgonomia.

Os dados, estudos e vivências, que encaminham o tema mencionado para um lugar central em termos epistemológicos e ontológicos, dão-se muitas vezes apoiados em protocolos científicos, mas nem sempre. O desafio de alçar a *subjetividade* para um lugar diferente daquele, em que é importante para produzir hipóteses, para o de também *Conhecer* é o mesmo que para todos os os saberes: como distinguir conhecimento falso, de verdadeiro? Disso decorre parte do título deste trabalho, *como complementação da objetividade científica*, e não *substituição* dela. Esse detalhe significa validação do método científico, mas não sujeição do(s) saber(es) ao método, de forma total e definitiva. De fato, a Orgonomia, *no pensamento funcional*, propõe um método de pesquisa e de pensamento que é complementar ao clássico científico.

Embora minhas experiência pessoais, como as mencionadas no texto, não possam ser validadas apenas pelo fato de serem consideradas por mim valiosas, no conjunto das apresentações, elas podem existir como apoio e complementação de resultados em pesquisas de temas considerados exóticos ou insólitos. Mais ainda, como no viés reichiano são as

observações e as sensações do pesquisador a ocupar um lugar principal, essa *subjetividade* encontra-se, agora, imbuída de um valor diferente do unicamente heurístico.

Claro que utilizo o termo *subjetividade*, nessas considerações finais, sintetizando aquilo que é da ordem do vivido, do experienciado, mas não no sentido usual desse termo, a saber, o de experiência de primeira pessoa. A subjetividade encontrada na prática do Aikido remete a um modo de acessar o que seria cósmico e profundo, mas do mundo e no mundo. Assim definida e examinada, nada de diferente se faz daquilo inicialmente formulado por Freud, ao postular o Inconsciente e a Pulsão – ao colocar a mente como parte da própria natureza –, e, depois, brilhantemente desenvolvido por Reich. Certamente é por causa disso que os eventos e observações levaram às teorizações da denominada Psicanálise de Campo.

Reunir e sintetizar o conjunto de trabalhos utilizados por mim trouxe, de pronto, a necessidade de lidar e de conjurar o que é considerado insólito e exótico. Esses eventuais atributos não qualificam *per se* positivamente esses conteúdos, mas igualmente não os desqualificam e os tornam desnecessários. É no seu conjunto que elementos comuns, eventualmente invisíveis isoladamente, ganham alguma distinção e significado operativo. A ideia de *Campo*, utilizada eufemisticamente nos estudos sobre psicanálise, ganha evidência de existente de fato quando somada às pesquisas sobre resultados anômalos sobre eventos esperadamente aleatórios, nos trabalhos que utilizam aparatos eletrônicos, assim como a consciência parece ganhar propriedade não-subjetiva apenas, acompanhando as elaborações e experimentos relativos à não-localidade. O próprio termo *consciência* chega a ser insuficiente no caso das alterações anômalas registradas em computadores espalhados pelo mundo, em que acontecimentos emocionalmente mobilizadores estão (sem intenção de) correlacionados à essas alterações. Também nessa abordagem, é a aparente interconexão evidenciada que leva a considerar um fator subjacente desconhecido atuante.

Como proposta metodológica e epistemológica, o *Terceiro Momento* resume não somente uma retomada do valor da subjetividade, como também localiza essa proposta historicamente. Só faz sentido essa retomada, quando considera-se o percurso ocorrido no pensamento ocidental, em que os ganhos conduzidos pela objetividade contida no método científico podem, agora, ser ampliados através do retorno daquilo que já não é o mesmo. Considero o pensamento reichiano o único a fornecer caminhos possíveis nessa direção. De forma recursiva, seu pensamento somente ganharia apreciação positiva, caso a estrutura de caráter humana, há séculos favorecendo a aceitação da metafísica mecanicista-materialista, mudasse. A esse respeito, na página 89 prometi um detalhamento sobre *máquinas não máquinicas*, não cumprido, mas que pode ser mencionado agora. Aparatos como o *cloud-*

*buster* são máquinas, cujo desempenho reside menos no modo de sua construção e mais no *como* da sua utilização. Não só seus efeitos somente são alcançados dependendo de condições externas a eles, as condições atmosféricas, como seu manejo é apoiado nas condições biofísicas do operador. A fluidez e sutileza das condições atmosféricas, no referencial orgonômico, fazem com que seja uma capacidade estética, emocional e sensorial do operador o elemento central. É na capacidade de contato orgonótico do operador que reside o seu potencial. Seu uso e manipulação jamais poderá ser massificado.

A *relacionalidade* é outra característica que se soma aos já apresentados. De certa forma, é elemento comum a todos os estudos apresentados e não poderia ser diferente. O horizonte descortinado é o da existência de uma dimensão de conexão subjacente entre eventos, conexão que pode transgredir a dimensão temporal – em trabalhos como os de Pauli e Jung e nas pesquisas do Instituto PEAR. Por mais estranho que seja, os eventos que deram ensejo a essas teorizações devem ser levados a sério.

O tema do *relacional* não poderia deixar de lado a questão sujeito-objeto, observador-observado. Hegel, a dialética, o materialismo dialético e a MQ foram temas que receberam alguma atenção, menos do que a devida, mas a suficiente para contribuir com a minha abordagem do *relacional*.

Procurei enfatizar, no meu texto, a insuficiência e a incoerência do referencial filosófico materialismo-dialético e como o viés da interconexão entre as coisas, quando aceito, utilizado e argumentado por alguém, como é o meu caso, necessariamente leva a criticar o referencial materialista – pelo menos como este é definido nos autores que apresentei – e a adotar um “energeticista”. Coloco o termo entre aspas, porque no caso do Orgone, postulado por Reich e aceito por mim, ele tem propriedades que incluem uma dimensão formal, matemática, e utilizo matemática no sentido de ela ser uma descoberta e não uma criação do homem. O termo *energia* representa mais do que *força*, assim como *arquetípico*, na formulação Jung-Paulineana, representa mais do que psiquismo. A citação reichiana no item 3.4, que afirma:

Desde que comecei minhas pesquisas, sempre esteve claro para mim que meu trabalho estava submetido a uma *lógica objetiva*, que a princípio não podia ser entendida [...] entender essa lógica e sua racionalidade, no desenvolvimento de observações, hipóteses de trabalho, teorias e novas descobertas, é, em si mesmo, parte principal do meu trabalho de pesquisa. (REICH, 1999, p. 406)

formula com clareza o referencial que a ele foi se apresentando.

Hegel e a superação do problema sujeito-objeto inequivocamente surgem como

referencial filosófico-epistemológico pertinente a esse tema. É minha convicção que as críticas a esse pensamento, como as mencionadas no meu texto, devem-se à incapacidade de apreender o que este tinha realmente a dizer de pertinente e que esta incapacidade se relaciona a um aprisionamento conceitual bem típico no nosso tempo.

O *relacional* e a *não-localidade* foram presentes na MQ, MB, nos pensamentos de Bohr-Pauli, na abordagem de Bohm e no teorema de Bell e sua evolução. O exame do problema EPR mostra como era a concordância de Einstein e Bohr sobre o “absurdo” da não-localidade que residia e que se tornou o encaminhamento necessário para esse dilema. A não-localidade parece se ter tornado um fato científico.

Os temas da dialética e da complementariedade, enquanto interconexão, aparecem de forma distinta na *Interpretação de Copenhague* da MQ, aceita por Pauli, e na *Interpretação Ontológica* de Bohm, que inspirou o Teorema de Bell. No segundo, o fato de sua teoria não ser *subjetivista* parece, em um primeiro momento, contrapor-se às formulações de Pauli, mas, lembrando da utilização e da definição que este fez do conceito de arquetípico, em um plano mais profundo, parecem assemelhar-se justamente no papel dado ao relacional nas formulações e no entendimento sobre a natureza última da realidade.

O tema da fusão com o objeto pareceria restrita às situações de relação humano-humano, não fossem os experimentos do instituto PEAR citados, isso no caso de uma avaliação imediata. Posso concluir também que, de forma indireta, essa é uma possibilidade teórica que está presente em todos os estudos e teorizações apresentados. Em particular, na Orgonomia de Wilhelm Reich, em que todos os fenômenos são ontologicamente atravessados por uma raiz comum, uma obviedade.

Na visão ontológica e epistemológica reichiana, o humano é trazido para o centro da cena do ato de conhecer e, dessa vez, não enquanto problema com um subjetividade a ser eliminada, mas validada e utilizada como modo de conhecimento. O problema para uma avaliação isenta das suas potencialidades reside exatamente no ódio à verdade disseminado e nas reações emocionais do tipo praga emocional, tanto individuais, quanto coletivas.

Encerro essas considerações finais com uma citação reichiana, uma declaração incluída em um documento dirigido ao tribunal de apelações, em 1956, quando já havia sido acusado e preso. Seu conteúdo polêmico propicia uma avaliação do que seria sua insanidade, caráter ficcional ou genialidade:

[...] A revolução biológica da humanidade está a caminho e não pode ser detida. A descoberta da Energia Cósmica da vida levará inevitavelmente à maestria da gravidade e ao desenvolvimento e à tecnologia que tornará possível as viagens no espaço profundo.

Humanos irão desenvolver uma tecnologia do orgone cósmico atualmente conhecida

somente por seres do espaço.

O motor de orgone substituirá os motores de hoje em dia e levarão os seres humanos aos limites do universo. A energia orgone cósmico irá catapultar nossa presente civilização naquela da era cósmica.

*Orene*, o princípio formativo per se, será usado na produção de alimentos artificialmente, e o pesadelo dos abatedouros para milhões de gado, porcos, aves, etc. desaparecerá e irá parar de pesar na nossa consciência. Alimento será produzido através de fontes naturais de energia viva sem a matança de vida desenvolvida e auto-consciente.

## REFERÊNCIAS

- ALBERT, D. Z.. Bohm's Alternative to Quantum Mechanics. **SCIENTIFIC AMERICAN**, s/l, p. 67, mai. 1994.
- ALBERT, David Z.; GALCHEN, Rivka. Was Einstein Wrong? A Quantum Threat to Special Relativity. **Scientific American Magazine**, February 18, 2009.
- ALBERTINI, P.. **Reich Em Dialogo com Freud: Estudos Sobre Psicoterapia, Educação e Cultura**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.
- ANZIEU, D.. **O Eu pele**. Tradução Zakie Yasigi Rizkaialah; Rosaly Mahfuz. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1989.
- BACCIAGALUPI, G.; VALENTINI, A. **Quantum Theory at the Crossroads: Reconsidering the 1927 Solvay Conference**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- BACHELAR, G.. **O novo espírito científico**. Tradução Remberto Francisco Kuhnen. In: **Coleção Os pensadores, v. XXXVIII**. Rio de Janeiro: Abril Cultural, 1974. p. 249-337.
- BARENGER, W.. Processo em Espiral e Campo Dinâmico. In. **Revista uruguaia de psicoanálisis**, 1979. Disponível em <<http://www.apuruguay.org/apurevista/1970/1688724719795902.pdf>>. Acesso em 12 fev. 2014.
- BEZINELLI, J.. **Jung e Reich – Articulando Conceitos e práticas**. Org: FREITAS, Laura Villares de Freitas; ALBERTINI, Paulo. São Paulo: Koogan, 2009.
- BLASBAND, R.. The Ordering of Random Events by Emotional Expression. **Journal of Scientific Exploration**, s/l., v. 14, n. 2, p. 195-202, 2000.
- BOADELLA, D.. **Ressonância transferencial e interferência**. Disponível em <<http://www.polaritynetwork.com/polarity/health-articles/transference-resonance-and-interference>>. Acesso em 23 dez. 2013.
- BOHM, D. J.; HILEY, B. J.. **The Undivided Universe: An Ontological Interpretation of Quantum Theory**. London: Routledge, 1992.
- BOHR, N.. **Física atômica e conhecimento humano**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.
- BURR, H. S.; NORTHROP, F. S. C.. The electrodynamic theory of life. **Quarterly Review of Biology**, s.l., v. 10, p. 322–330, 1935.

CHANDARM K., M.. **Philosophy of David Bohm's Quantum Mechanics**. Disponível em: <[http://www.academia.edu/882007/Philosophy\\_of\\_David\\_Bohms\\_Quantum\\_Mechanics](http://www.academia.edu/882007/Philosophy_of_David_Bohms_Quantum_Mechanics)>. Acesso em 20 dez. 2013.

CHERTOCH, L.; STENGERS, I.. **O Coração e a Razão: A Hipnose de Lavoisier a Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

COELHO JR. N.R.. **Revista Brasileira de Psicanálise**. V. 44, n. 1. São Paulo: 2010. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_serial&pid=0486-641X&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_serial&pid=0486-641X&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 3 ago. 2013.

CORRINGTON, R.S.. **Wilhelm Reich – Psychoanalyst and Radical Naturalist**. New York: Farrar, Straus and Giroux, 2003

DAMÁSIO, A.. **O Erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

DEJOUR, C. **O Corpo-entre a biologia e a psicanálise**. Tradução Dóris Vasconcelos. Porto Alegre: Artes médicas, 1988.

D'HONDT, Jacques. **Hegel**. Edições 70. Lisboa: xérox, 1965.

DUNNE, B. J.; JAHN, R.G.. CONSCIOUSNESS, INFORMATION, AND LIVING SYSTEMS. **Journal of Cellular and Molecular Biology**, in CD PEAR.

EDEN, J. **Animal magnetism and the life energy**. New York: Exposition Press, 1974.

ELGELS. F.. **Dialectics of nature**. Disponível em: <<http://www.marxists.org/archive/marx/works/1883/don/index.htm>>. Acesso em 23 nov. 2013

FERENCZI, S.. **Obras Completas**. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

FREUD, S.. (1894) Las neuropsicosis de defensa. In: \_\_\_\_\_. **Obras completas**. Tradução Luiz Lopez-Ballesteros y de Torre. v.1. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1981. p. 169-177.

\_\_\_\_\_. (1905) Tres ensayos para una teoria sexual. In: \_\_\_\_\_. **Obras completas**. Tradução Luiz Lopez-Ballesteros y de Torre. v.1. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1981. p. 1169-1237.

\_\_\_\_\_. (1914) O Homem dos Lobos. In: \_\_\_\_\_. **Obras completas**. Tradução Luiz Lopez-Ballesteros y de Torre. v.1. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1981. p. 1941-2009.

FRIEDMAN, H.. Problems of Romanticism in Transpersonal Psychology: A Case Study of Aikido. In. **The Humanistic Psychologist**. New York: Lawrence Erlbaum Associates. 2005. p. 3–24.

GEISER, S. **The Innermost Kernel – Dept. Psychology and Quantum Physics. Wolfgang Pauli's dialog with Carl C. Jung**. New York: Springer Verlag, 2005.

GIROTTI, M. T.. A CRÍTICA DE HEGEL AO DUALISMO SUJEITO-OBJETO DE KANT. **Simbiologias**. v. 3, n. 4, 2010.

GLEISON, Gerald L. **A ciência particular de Louis Pasteur**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2002.

GREEN, A. **El inconsciente e la Ciencia**. Tradução José Luis Etcheverry. Buenos Aires: Amarrotu, 1993.

GUSTAFSON, J.R.. Wolfgang Pauli 1900 to 1930: His Early Physics in Jungian Perspective. Doctorate dissertation. July, 2004. Disponível em: <arxiv.org/pdf/1003.3223>. Acesso em 20 jan. 2014

JAHN, R. G.. The persistent paradox of psychic phenomena: An engeneering perspective. **Proceedings of the IEEE**, vol. 70. n. 2, February, 1982.

JUNG, C.G.. **The collected Work of C.G. Jung**. Organização Gerhard Adler; R. F.C. Hull. New Jersey: Princeton University, 1980.

\_\_\_\_\_. **Dream Analysis**. Bollingen Series. Princeton University Press, 1983.

\_\_\_\_\_. **Fundamentos de Psicologia Analítica (v. VIII)**. Petrópolis: Vozes, 1991.

LACEY, H.. **Valores e Atividade Científica**. São Paulo: Discurso Editorial, 1998.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean.-Berthrand. (1967) **Vocabulário de Psicanálise**. Tradução Pedro Tamen. 11. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

LEBRUN, G.. **A paciência do Conceito: Ensaio sobre o discurso hegeliano**. Tradução Silvio Rosa Filho. São Paulo: Editora Unesp, 2006.

MALUF JR. N.. Correntes vegetativas. In: MALUF JR., N. (Org.). **Reich: O Corpo e a Clínica**. São Paulo: Summus, 2000. p. 9-26.

\_\_\_\_\_. (2005). **Isomorfismo mente-cérebro versus sistêmica organísmica**. 2008. 92 f. Dissertação de mestrado (Mestrado em História das Ciências, das Técnicas e Epistemologia) – Programa de História das Ciências, das Técnicas e Epistemologia, COPPE, Universidade

Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

\_\_\_\_\_. Mesmer, Reichembach e Reich: O insólito e o conhecimento científico. **Pensamento Reichiano em Revista**, Rio de Janeiro, ano I, n.1, p. 73-112, 2006.

**MARXISMO, PSICOANÁLISIS E SEXPOL – granica editor**. Coleccion ezquierda freudiana. Buenos Aires: Granica, 1972.

MEIER, C.A.. **Atom and Archetype, The Pauli/Jung Letters 1932-1958**. New Jersey: Princeton University Press, 2001.

MERLEAU-PONTY, M.. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MEYEEN, K. von. **Wolfgang Pauli, Scientific Correspondence**. V. 2. New York: Springer, 1985.

MEYEROWITZ, J.. **Basic Orgonometry**. New York: RRP Publishers, 1985.

MEZAN, R.. Paradigmas e modelos na psicanálise Atual. In: **Psicanálise Hoje**. Petrópolis: Vozes, 1996.

MOCKROS, B. J.. Teorema de Bell e paradoxo. **Revista Brasileira de Ensino de Física**, v. 19, n. 1, mar. 1997.

MOREIRA DOS SANTOS, P.V.. **O Itinerário científico de Louis de Broglie em busca de uma interpretação causal para a Mecânica Ondulatória**. 2010. Dissertação de mestrado (Mestrado em Filosofia e História das Ciências) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.

MORIN, E.; LE MOIGNE, J-L. **A inteligência da complexidade**. Petrópolis: Ed. Petrópolis, 2000.

NAGY, M.. Carta de Jung a H. Haberlandt, 23 de abril de 1952. In: \_\_\_\_\_. **Questões filosóficas na psicologia**. Petrópolis: Vozes, s/d. p.174.

NÁSIO, J. D.. **Como trabalha um psicanalista?** Tradução Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

NELSON, R.D.. **The Emocional Nature of Global Consciousness**. Disponível em <[www.noosphere.princeton.edu/papers/pdf/GCP.emotions.pdf](http://www.noosphere.princeton.edu/papers/pdf/GCP.emotions.pdf)>. Acesso em 20 de mar. 2013.

PARSONS. **Sobre a reverie**. Disponível em: <PAULI, W.. **Writings on physics and philosophy**. Berlin: Springer–Verlag, 1994.

POINCARÉ, H. **O valor da ciência**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1995.

REICH R. L. Wilhelm Reich and Anna Freud: His expulsion from psychoanalysis. **International Forum of Psychoanalysis**. V.12, Issue 12-13, 2003. p. 109-117.

REICH, W.. (1923) Concerning the energy of drives. In. REICH, W.. **Earling Writings, vol. 1**. Tradução Philip Schmitz. New York: Farrar, Strauss & Giroux, 1975. p. 143-157.

\_\_\_\_\_. (1942). **A função do orgasmo: problemas econômico-sexuais da energia biológica**. Vol. I da descoberta do orgônio. Tradução Maria Gloria Novak. 9ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.

\_\_\_\_\_. (1933-1949) **Analisis del caracter**. Tradução Luis Fabricant. 3ª ed. Buenos Aires: Paidós, 1993.

\_\_\_\_\_. (1940-1947) **American Odissey: Letters and journals**. New York: Farrar, Straus and Giroux, 1999.

\_\_\_\_\_. (1947- 1951) **Selected writings**. New York: Farrar, Straus and Giroux, 1979.

\_\_\_\_\_. (1947- 1951) *The Oranur Experiment, First Report*. In: REICH, W.. **Selected Writings**. New York: Farrar, Straus and Giroux, 1979. p. 422-423.

\_\_\_\_\_. (1948) **The cancer biopathy**. New York: Farrar, Straus and Giroux, 1973.

\_\_\_\_\_. (1948-1957) **Where's the Truth? Letters and journals**. New York: Farrar, Straus and Giroux, 2012.

\_\_\_\_\_. (1949) **Ether, God and Devil - Cosmic Superimposition**. New York: Farrar, Straus and Giroux, 1973.

\_\_\_\_\_. **Orgonometry, vol. IV, n.1**. Maine: Orgone Institute Press, 1952.

\_\_\_\_\_. **Materialismo Dialéctico e Psicanálise**. Portugal: Editorial Presença, 1983.

RIVERA, J.. **Kurt Lewin: Field Theory As Human-Science: Contributions of Lewin's Berlin**. New York: Group Gardner Press, 1976.

SAMPAIO, L.S.C.. **Filosofia da Cultura - Brasil: luxo ou originalidade**. Rio de Janeiro: Ágora da Ilha, 2002.

SANDLER, P.C.. As origens da psicanálise na obra de Kant. In: SANDLER A **Apreensão da Realidade Psíquica**, v. III. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

\_\_\_\_\_. **Hegel e Klein: a tolerância de paradoxos**. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

SAYERS, S.. **Reality and Reason: Dialectic and the Theory of Knowledge**. Oxford: Basil Blackwell: 1985.

SEARLE, J.. **Mente, Linguagem e Sociedade**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SHANHMAN, S.; DURRANT, S.. **The siren and the sage: Knowledge and Wisdom in ancient Greece and China**. London: Cassel, 2000.

SHARAF, M.. **Fury on Earth**. New York: St. Martin's Press/Marek, 1993.

SHUSTERMAN, R. **Consciência Corporal**. São Paulo: Realizações, 2012.

SINGER, P.. **Hegel**. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

STRICK, J.E.. **The British spontaneous generation debates of 1860-1880: medicine, evolution and laboratory science in the Victorian context**. 1997. PhD. dissertation. Princeton University, 1997.

TAMBURRINO, G.. **Escutando com imagens**. São Paulo: Vetor, 2007.

TART, C.. **Parapsychology & transpersonal psychology: "Anomalies" to be explained away or spirit to manifest** <<http://www.paradigmsys.com/uploads/PA%20&%20TP.pdf?submit-read>>.

THOM, R.. O não dito da ciência. In: **Ciência e Tecnologia hoje**. São Paulo: Ensaio, 1994.

UESHIBA, K.. **The spirit of Aikido**. Tokyo: Kodansha International, 1984.

\_\_\_\_\_. **Aikido**. Tokyo: Aikido Hozansha Publishing, 1985.

VELIKOVSKY, I.. **The Revised Chronology**. Disponível em <[http://en.wikipedia.org/wiki/Immanuel\\_Velikovsky#The\\_Revised\\_Chronology](http://en.wikipedia.org/wiki/Immanuel_Velikovsky#The_Revised_Chronology)>. Acesso em 30 out. 2013.

WAYNE, H.. **The Story of a Marriage: The Letters of Branislav Malinowski and Elsie Masson. Vol II, 1920-35**. U.K.: Routledge, 1995.

WEBER, R.. **Diálogos com Sábios e Cientistas**. Tradução Gilson César Cardoso de Souza.  
São Paulo: Editora Cultrix, 1986